XENOFONTE

Ciropedia
A educação de Ciro

Tradução de
João Félix Pereira

Índice

Xenofonte
João Félix Pereira
CIROPEDIA

Xenofonte

“Nasceu em Atenas por volta de -428. Era de família abastada e conviveu com Sócrates até -401, quando se juntou aos mercenários gregos que combateram na Pérsia em favor de Ciro, o Jovem. Após a batalha de Cunaxa, os mercenários gregos tiveram de fugir e Xenofonte foi um dos líderes da bem sucedida retirada.

Lutou novamente contra os persas ao lado dos espartanos e tornou-se amigo do rei Agesilaus (-396). Acompanhou-o de volta à Grécia quando começou a Guerra de Corinto (-395/-387) e consta que ficou do lado de Esparta durante a batalha de Queronéia (-394), possivelmente sem participar dos combates.

Devido ao seu óbvio alinhamento com os interesses espartanos, na época contrários aos de Atenas, os atenienses exilaram-no e confiscaram seus bens. Esparta concedeu-lhe, então, a proxenia e uma propriedade na Élida, perto de Olímpia (-390). Durante os 20 anos seguintes, Xenofonte foi apenas um tranqüilo e abastado proprietário rural e escreveu grande parte de suas obras. Após a derrota dos espartanos em Leuctras (-371), porém, teve de abandonar a propriedade e se refugiar em Corinto.

Anos antes, com a reaproximação de Atenas e Esparta, seu exílio havia sido revogado, mas ele aparentemente não voltou mais à pátria. Seu filhos, no entanto, lutaram no exército ateniense e um deles, Grilo, morreu em Mantinéia (-362).

Sua última obra parece ter sido escrita em -355 ou poucos anos depois: é a última referência que temos sobre sua vida.

Obras sobreviventes: Todas as suas obras foram conservadas. A cronologia da maioria é pouco exata, porém todas devem ter sido escritas depois de -390, quando se retirou para sua propriedade na Élida. É costume dividí-las em três grupos:

Obras “quase” históricas: Anábase, Helênicas, A Educação de Ciro (-370), Agesilau (-360).

Obras socráticas: Memoráveis, Apologia de Sócrates, O Banquete, Econômico.

Obras “menores”: A Constituição dos Lacedemônios, O Comandante de Cavalaria, Hieron, Da Equitação, As Rendas (-355).

A Constituição de Atenas, atribuída a ele pelos antigos, não é de sua autoria; há também sérias dúvidas sobre a autenticidade do pequeno tratado Da Caça.

Características da obra

Xenofonte era um homem de ação e sua concepção de vida, tradicionalista, aristocrática e antidemocrática, seguia de perto as idéias espartanas. Como bom ateniense, porém, sentia necessidade de discutir, argumentar, ponderar, explicar as razões de seus pensamentos e atos. Nada tinha de filósofo, e seus escritos socráticos procuravam apenas defender a memória do amigo e transmitir seus ensinamentos.

As variadas experiências vividas por ele se refletem na diversidade de sua obra; a personalidade marcante do autor e suas idéias aparecem com nitidez em cada parágrafo. De certa forma, essa é a principal razão de sua deficiência como historiador: as narrativas contêm, principalmente, as lembranças e a visão pessoal de Xenofonte. A despeito disso, o relato dos eventos ocorridos entre -411 e -362 são inestimáveis para a reconstituição histórica da época.

Do ponto de vista literário, Xenofonte é um dos modelos mais perfeitos do dialeto ático. Suas narrativas podem parecer um pouco cansativas ao leitor moderno, porém seu estilo simples, elegante e correto é certamento um marco da literatura grega. Foi também um dos primeiros escritores gregos a escrever biografias (Agesilau)."

RIBEIRO JR., W.A. Xenofonte. Portal Graecia Antiqua, São Carlos. Disponível em http://greciantiga.org/his/his02c.asp. Data da consulta: 15.08.2006.

João Félix Pereira

“João Félix Pereira (1822-1891), formado em Medicina e Letras, freqüentou ainda os cursos de Engenharia Civil, Agronomia e Comércio. Abandonando o exercício da profissão de médico, que exerceu apenas durante um ano, dedicou a sua atividade ao ensino e à divulgação das matérias em áreas tão diversificadas como Medicina, História, Filologia, Economia, Agricultura, Ciências Naturais. Aproveitou o seu saber enciclopédico para escrever diversos compêndios e dicionários para uso de escolas de diferentes graus de ensino. Para além de tratados científicos, traduziu obras literárias do original, sendo de destacar a Ilíada e a Odisseia.

A extensa diversidade de documentos que integra a sua coleção [na Biblioteca Nacional-Portugal] é fundamentalmente composta de traduções e adaptações baseadas nos seus muitos conhecimentos de línguas (latim e grego clássicos, espanhol, francês, italiano, inglês, alemão, dinamarquês, sueco, russo, húngaro) e fichas destinadas à elaboração dos dicionários e almanaques de que foi, também, incansável colaborador.”

Fonte: http://acpc.bn.pt/colecoes_autores/n32_pereira_joao_felix.html

É dele uma das mais antigas traduções da Ilíada para o português (1891). Foi autor também de *Noções Elementares de Agricultura* (1871) e de *O Pecúlio dos Oradores* (1873) “em que apareciam coligidas e numeradas 5928 «frases portuguesas acomodadas a todos os géneros de discursos oratórios... por João Félix Pereira, médico, engenheiro civil, e agrónomo», como se lê no frontispício. Ramalho Ortigão dedicou-lhe uma ‘farpa’, datada de Janeiro de 1874. Albino Forjaz de Sampaio o apresenta como figura curiosíssima.

Acima está o que consegui sobre ele na web. É a João Félix Pereira e ao seu conhecimento do grego que devemos esta tradução de *Ciropedia*. Os homens passam, as obras ficam.

CIROPEDIA

Xenofonte

Tradução de João Félix Pereira

LIVRO I

Prólogo — Genealogia de Ciro — Exercícios de cada idade — Ocupação das crianças, dos púberes, dos homens feitos e dos velhos — Ciro parte para a Média com sua mãe — Jovialidade de Ciro — Mandane volta para a Pérsia, deixando seu filho na Média — Caçadas de Ciro — Primeiros feitos militares de Ciro nas fronteiras da Média — Ciro torna para a Pérsia — Ciro é eleito general do exército auxiliar na guerra entre os assírios e Ciaxares, sucessor de Astíages — Longo diálogo entre Ciro e Cambises, durante a marcha até chegar à Média.

Prólogo

Refletimos um dia no grande número de estados populares que sucumbem ao poder dos partidos, no grande número dos partidos, no grande número de monarquias e oligarquias que sucumbem ao poder de partidos democráticos, e também no grande número de reis, que, tendo usurpado o cetro, foram uns imediatamente privados dele, outros, enquanto o empunharam, foram sempre objeto de admiração por sua sabedoria e felicidade. Igualmente notámos que entre os particulares, uns tinham muitos domésticos, outros tinham poucos, e que estes mesmos lhes não obedeciam. Ocorreu-nos enfim, que os boieiros. os eguariços e todos os pastores podem com razão ser considerados como régulos dos animais que estão debaixo da sua guarda. Embebidos nestes pensamentos, observámos que mais prontamente obedecem os animais a seus pastores, do que os homens a seus chefes. Os animais caminham por onde os conduzem, pastam nos campos a que os levam, não entram naqueles de onde os desviam, e consentem que tirem deles todo o proveito. Não consta que jamais houvesse entre eles alguma sedição, ou para não seguir a voz de seus pastores, ou para não consentir que deles se utilizassem. Pelo contrário, a ninguém são mais inclinados, do que aos que os governam e que deles se aproveitam. E que fazem os homens? Esses contra ninguém mais facilmente se levantam, do que contra aquele em quem reconhecem pretensões de governá-los. Portanto, deduzimos destas reflexões que mais facilidade tem o homem em governar os animais do que os próprios homens.

Mas depois que nos recordámos que existiu um persa chamado Ciro, que soube conservar sujeitos ao seu domínio muitos homens, muitas cidades, muitas nações, fomos obrigados a mudar de sentimentos, e a pensar que não é impossível nem difícil governar os homens, uma vez que para isso haja suficiente capacidade. De feito, víamos que de bom grado se sujeitavam ao domínio de Ciro, povos que viviam afastados de seu reino, distâncias de muitos dias e meses, povos que nunca o tinham visto, e povos que nem mesmo esperanças podiam ter de vê-lo: contudo obedeciam-lhe todos prontamente. Grandíssima vantagem levou este príncipe a todos os outros, que, ou ocuparam o trono de seus antepassados, ou o adquiriram por conquista. Os reis da

Cítia, da Trácia, da Ilíria e de outras nações, apesar de seus numerosos súditos, nunca puderam alargar seus domínios, e contentavam-se com governar sua gente. Segundo se diz, ainda hoje há na Europa várias nações autônomas, governadas por príncipes independentes.

Sabendo que na Ásia havia nações autônomas, Ciro pôs-se em marcha com um pequeno exército de persas, dominou os medos e hircanos, que espontaneamente receberam o jugo, venceu a Síria, a Assíria, a Arábia, a Capadócia, ambas as Frígias, a Lídia, a Cária, a Fenícia, a Babilônia, a Bactriana, a Índia, a Cilícia, os sacas, paflagônios, megadinos, e outras muitas nações, que seria prolixo mencionar. Subjugou também as colônias gregas da Ásia, e, fazendo uma descida às regiões marítimas, meteu debaixo do seu império Chipre e o Egito. Todas estas nações falavam línguas diferentes entre si, e diferentes da do conquistador; e contudo penetrou Ciro tanto além com suas armas, e com o terror de seu nome, que a todos encheu de medo, nenhuma ousou sublevar-se. E de tal maneira soube captar o amor dos povos, que todos queriam viver sujeitos às suas leis. Finalmente, fez dependentes de seu império tão grande número de reinos, que é dificultoso percorrê-los, partindo da capital para qualquer dos pontos cardeais, para leste ou para oeste, para o norte ou para o sul. Indagaremos, pois, qual foi a origem deste varão extraordinário, qual sua índole, qual sua educação, que o fizeram tão superior na arte de governar. Narraremos o que dele ouvimos, e o que pudemos alcançar por investigação própria.

Genealogia de Ciro

Ciro era filho de Cambises, rei da Pérsia. Este Cambises era da geração dos Perseidas, que se gloriam de descender de Perseu. A mãe de Ciro chamava-se Mandane, era filha de Astíages, rei da Média. Ciro, cujo nome ainda hoje é celebrado pelos bárbaros, era de estatura elegantíssima, de um coração cheio de benevolência, e muito amante da sabedoria e da honra. Para ganhar aplausos, sofria os maiores trabalhos, e arrostava-se com os mais evidentes perigos. Tais foram suas qualidades morais e físicas, que a história nos transmitiu.

Exercícios de cada idade — Ocupação das crianças, dos púberes, dos homens feitos e dos velhos

Ciro foi educado segundo as leis da Pérsia, que todas tendem ao bem comum. Estas leis diferem das por que se regula a maior parte das nações. Na maioria das nações é por lei permitido aos pais darem a seus filhos o gênero de educação que lhes apraz, e chegados os filhos a certa idade, também é lícito a estes viverem independentes. Nestes países só é proibido o furto, o roubo, o entrar violentamente nas casas, os ultrajes injustos, o adultério, a desobediência aos magistrados, e outras

coisas tais. O que infringe algum destes artigos, é castigado. As leis dos persas não são assim, tratam de obviar a que logo desde a primeira idade os cidadãos sejam inclinados à dissolução e desonestidade. Eis como elas são dispostas:

Há uma praça chamada Eleutera, onde estão os tribunais e o palácio real. Nela não ficam os vendedores, que com suas vozes, inurbanidades, e ordinária azáfama, confundiriam a regularidade dos exercícios. Esta praça acha-se dividida em quatro repartições: a primeira é para as crianças, a segunda para os púberes, a terceira para os homens feitos, a quarta para os que já não têm idade de militar. Estes indivíduos são obrigados a ocupar suas respectivas classes: as crianças e os homens feitos, todos os dias, logo que amanhece; os velhos só têm obrigação de comparecer em dias marcados, nos outros dias vêm se lhes apraz; os púberes celibatários pernoitam armados em roda dos tribunais; os casados, só por aviso são obrigados a comparecer, ficando todavia mal vistos se fazem longas ausências.

Cada uma destas classes tem doze chefes (pois doze são também as tribos em que a Pérsia se divide). As crianças são governadas por chefes tirados da classe dos anciãos, sendo escolhidos os mais capazes de lhes dar uma educação fecunda. Os púberes são dirigidos por superiores da classe dos homens feitos, havendo cuidado de fazer seleção dos mais idôneos para o bom desempenho de tão importante ministério. Os homens feitos têm chefes da sua mesma classe, sendo escolhidos os mais aptos para sugerir a seus colegas o pundonoroso estímulo de cumprir as obrigações marcadas pelo supremo magistrado. Os velhos também têm um chefe da sua classe, que os contenha em seus deveres. Narraremos, agora, os exercícios de cada uma das idades, para que se veja claramente quão grande cuidado há na Pérsia em fazer bons cidadãos.

Os meninos, que freqüentam esta casa de instrução, aprendem a justiça, e dizem que andam cultivando esta virtude, assim como entre nós dizem que andam aprendendo as letras os meninos que principiam a cursar as escolas. Seus preceptores gastam a maior parte do dia em julgar as acusações, que entre eles como entre os homens, têm lugar, acusações de furto, violência, fraude, ultraje e outras desse gênero. Uma vez verificado que qualquer destes crimes foi cometido sem motivo justificável, uma pena é imposta ao delinqüente; e ao acusador, se provada a injustiça da sua acusação. Aliás castiga, e se castiga com severidade, um crime, o principal causador de ódios entre os homens, a ingratidão. De feito, o rigor da punição é certo, sabido que seja que qualquer deixa de ser grato, podendo sê-lo. Um ingrato é considerado como desprezador dos deuses, dos pais, da pátria, dos amigos. A perda da vergonha, que parece abrir caminho a todos os crimes, é íntima companheira da ingratidão.

Os meninos também aprendem a sobriedade, e nisto são excitados pelo exemplo dos mais velhos, a quem vêem em contínuo exercício desta virtude. Aprendem a obedecer a seus superiores, no que têm um estímulo fortíssimo, vendo os mais velhos obedecerem pontualmente a seus chefes. Aprendem a não ser escravos de suas necessidades estomacais, e para isto concorre poderosamente verem que os

mais velhos não saem antes de seus chefes, por causa de satisfazerem tais precisões; também para o mesmo fim concorre não comerem à mesa com suas mães, mas sim com seus mestres, e à hora pelos chefes determinada. De casa trazem o alimento, que consiste em pão, conduto que não passa de mastruço, e uma vasilha para ir ao rio buscar água quando têm sede. Afora tudo isto aprendem a manejar o arco e a seta. Tais são os exercícios das crianças até à idade de dezesseis a dezessete anos. Passam então para a classe dos púberes. Vejamos agora em que consiste o teor da vida destes.

Por espaço de dez anos depois de terem deixado a primeira classe, certo número pernoita, como fica dito, em roda dos tribunais, e isto com dois fins: guardar a cidade e exercitar a temperança. É esta a idade que demanda mais desvelada solicitude. Todo o dia estão prestes a executar as ordens dos magistrados, conducentes ao bem público; e mesmo, se é preciso, passam todos a noite em roda dos tribunais. Quando o rei vai à caça, o que faz amiudadas vezes em cada mês, leva consigo metade da guarda dos púberes; os quais devem ir munidos de arco, aljava, espada na bainha ou machado, escudo, e duas lanças, uma para arremessar, outra para ferir de perto quando for necessário. A caça é um verdadeiro simulacro da guerra; por isso os persas se aplicam publicamente a ela, e o rei, como na guerra, põe-se à testa dos caçadores, ele mesmo caça, e obriga a caçar à sua comitiva. Desta maneira adquirem o hábito de levantar-se de madrugada, de tolerar os frios e as calmas, e se predispõem para as grandes marchas. Quantas vezes é forçoso armar o arco, e despedir a seta, onde quer que o animal apareça? Quantas vezes é preciso que o caçador se encha de denodo, aparecendo um animal feroz? Porquanto umas vezes há de feri-lo, quando vier caminhando contra ele, outras vezes deve pôr-se a coberto de sua investida. Por conseqüência, o exercício da caça é igual ao da guerra em todas as suas partes.

Quando vão para a caça, levam consigo o jantar, que em tudo é semelhante ao dos meninos, sendo porém, como deve ser, mais abundante. Não jantam durante a caça; e se esta se demora, ou por livre vontade, ou porque a isso algum animal os obrigue, o jantar é reservado para a ceia, e no dia seguinte caçam até ao tempo da ceia, sendo estes dois dias contados por um só, porque em um só é consumido o alimento de dois. Desta forma se habituam a não estranhar, quando na guerra se virem obrigados ao mesmo. Os animais mortos na caça lhes servem de conduto; mas se não apanham nenhum animal, não têm mais que mastruço. Ora, se alguém se persuade de que eles comem e bebem sem apetite o mastruço e a água, lembre-se quão agradável é o pão, quando comido com fome, e a água, quando bebida com sede.

Os que ficam na cidade, entretêm-se nos mesmos exercícios da primeira classe, armar o arco, dardejar as setas; o que fazem disputando entre si. Têm também exercícios públicos, nos quais se propõem prêmios. Se se encontra uma tribo, composta de grande número de mancebos bem disciplinados, valorosíssimos e obedientíssimos, os cidadãos elogiam e honram não só seu atual chefe, mas também o

que os dirigiu na primeira classe. Os que ficam na cidade são igualmente empregados pelos magistrados em meter guardas, procurar facinorosos, perseguir ladrões, e em outras coisas que requerem força e agilidade. Estes são os exercícios dos púberes. Tendo assim passado dez anos, entram na classe dos homens feitos, onde passam vinte e cinco anos, como vamos dizer.

Primeiro que tudo, do mesmo modo que os púberes, eles estão prontos a receber as ordens dos magistrados, que os empregam nos serviços públicos que já demandam madureza de juízo, e ainda requerem forças corpóreas. Nas expedições militares não vão armados de arco e lança; mas usam armas curtas, uma loriga sobre o peito, um escudo na mão esquerda, tal qual põem na mão dos persas quando os pintam, e uma espada na mão direita. É desta classe que são tiradas todas as autoridades, exceto os mestres das crianças. Passados vinte e cinco anos nesta classe, têm os indivíduos dela mais de cinqüenta, e entram então na classe dos chamados velhos, e efetivamente o são.

Os velhos não militam fora da pátria, e ocupam-se aqui no julgamento das coisas públicas e particulares. Eles têm a faculdade de proferir sentenças de morte, e de eleger todos os magistrados. Se algum indivíduo da segunda e terceira classe infringe alguma lei, é acusado pelos chefes das tribos, ou por qualquer outra pessoa, os velhos tomam conhecimento do crime, e o expulsam. O réu passa coberto de opróbrio o resto de seus dias.

Para mais claramente fazer conhecer o regime governamental dos persas, voltarei ainda um pouco ao mesmo objeto, posto que com suma brevidade, dispensando-nos de larga difusão o que atrás fica dito. Há na Pérsia cento e vinte mil homens, nenhum dos quais é por lei excluído das honras e dignidades, sendo permitido a todos mandar seus filhos às escolas públicas de justiça. Acontece, porém, que os mandam somente aqueles pais que têm posses para sustentá-los nos estudos. Os que têm sido instruídos por mestres públicos nas matérias da primeira classe, podem passar à segunda; e se nesta preencherem todos os preceitos da lei, podem entrar na terceira, e serem admitidos às honras e dignidades, ficando excluídos delas os que não cursaram as duas primeiras classes. Os da terceira classe, que passaram uma vida irrepreensível, entram na classe dos anciãos. Assim é esta última classe constituída por homens sempre tirados de entre os bons.

Tal é o regime governamental com que os persas julgam formar ótimos cidadãos. Ainda hoje eles conservam hábitos que bem testemunham sua frugalidade no comer, e seus esforços na pronta digestão. Entre eles são atos indecorosos cuspir e assoar-se, deixar volatizar os gazes da economia, e até sair do lugar em que se está para urinar, ou para satisfazer qualquer outra necessidade análoga.

Estas as idéias gerais que tínhamos que apresentar a respeito dos persas. Agora narraremos os feitos de Ciro, cuja história empreendemos começando pela sua puerícia.

Ciro parte com sua mãe para a Média — Jovialidade de Ciro

Até à idade de doze anos ou pouco mais, Ciro foi educado segundo os costumes da Pérsia, levando sempre vantagem a seus coetâneos, assim na facilidade com que aprendia, como no tino e varonilidade de suas ações. Depois desta idade, Astíages, atraído pela fama da beleza e boas qualidades de seu neto, desejou vê-lo e mandou chamar sua filha, recomendando-lhe que o trouxesse em sua companhia. Mandane executou as ordens de seu pai. Apenas chegou, e conheceu que Astíages era seu avô, logo Ciro, como um menino naturalmente amigo de seus parentes, o abraçou, como se fora um antigo condiscípulo ou outra pessoa com quem há muito tempo tivesse relações de amizade; e vendo que trazia os olhos arrebicados, e uma cabeleira postiça, conforme o costume dos medos (os medos também usavam capas e vestidos de púrpura, colares e pulseiras em ambos os punhos: pelo contrário os persas em suas casas ainda hoje usam de extrema simplicidade tanto no traje como na comida) vendo-o, digo, assim enfeitado, fitou nele a vista, e disse: "— Minha mãe, quão gentil me parece o avô!" E perguntando-lhe ela qual lhe parecia mais gentil, se seu pai ou seu avô, respondeu: "Minha mãe, meu pai é o mais gentil dos persas, e de todos os medos que vi nas estradas e às portas, meu avô é certamente o mais gentil". Astíages o abraçou, vestiu-lhe uma brilhante capa, e o honrou e enfeitou com colares e braceletes. Quando saía do palácio, consigo levava sempre seu neto, montado, como ele também costumava, em um cavalo com freio de ouro. Ciro, que apesar de seus curtos anos era amante da elegância e da honra, folgava em vestir aquela capa, e sua alegria era desmarcada, quando dava lições de equitação. Na Pérsia é raro ver-se um cavalo, por ser difícil não só criar esta espécie de animais, mas também andar a cavalo, sendo montanhoso o território.

Um dia estavam para cear, Astíages, sua filha e Ciro. Astíages tinha mandado vir para a mesa condutos, molhos e iguarias de todas as qualidades, para que Ciro, comendo com muito prazer, sentisse menos as saudades da pátria.

— Avô — disse Ciro admirando tanta profusão — muito trabalho haveis de ter, se vos for preciso estender os braços para todos estes pratos, e saborear todas estas iguarias.

— Pois esta ceia — disse-lhe Astíages — não te parece melhor que as ceias da Pérsia?

— Não, avô — respondeu Ciro — o caminho por que nós satisfazemos a fome é mais simples e mais reto, sendo-nos bastante para isso pão e carne, enquanto que vós, para o mesmo objeto, vos encheis de fadiga, e, discorrendo por uma e outra parte, apenas chegais onde nós há muito chegámos.

— Mas meu filho — tornou Astíages — esse discorrer, a que aludes, não nos é

desagradável. Prova tu, e conhecerás quão saboroso é.

E dizendo-lhe Ciro ter notado que ele mesmo aborrecia os manjares, perguntou-lhe Astíages em que fundava sua conjetura.

— Tenho visto — respondeu ele — que não limpais a mão quando tocais no pão; e quando tocais em alguma destas iguarias, logo a limpais, como aborrecendo-vos tê-la untada com essas mesmas iguarias.

— Visto assim pensares — replicou Astíages — come, meu filho, somente carnes. Não quero que emagreças até voltares ao teu país.

Ao mesmo tempo lhe mandou trazer carnes de feras e de animais domésticos, tudo em grande abundância. Vendo Ciro tanta profusão, exclamou:

— Acaso me dais, avô, tão grande abundância de carnes, para que eu faça delas o que quiser?

Ouvindo uma resposta afirmativa, Ciro principiou a distribuí-las pelos criados de seu avô, acrescentando a cada um deles:

— A ti, porque prontamente me ensinas a andar a cavalo; a ti, porque me deste uma lança, a qual ainda conservo; a ti, porque serves bem meu avô; a ti, porque respeitas a minha mãe.

Desta forma foi continuando a distribuição; até que deu tudo. Astíages tomou então a palavra e disse para seu neto:

— Não dás nada ao meu copeiro Sacas, pessoa que eu tenho em particular estima?

Sacas era um homem gentil, e tinha a seu cargo conduzir ao aposento de Astíages as pessoas que precisavam falar-lhe, e proibir a entrada quando não julgava oportuna a ocasião. Então Ciro, como um menino que nada temia, perguntou arrebatadamente a seu avô por que tinha Sacas em tão grande estima, Astíages respondeu gracejando:

— Não reparas com que perfeição e airosidade ele nos copos derrama o vinho?

De feito, os copeiros dos reis da Média têm certa elegância no exercício de suas funções, lançam o vinho com asseio, e oferecem o copo segurando-o com três dedos somente, de maneira que os que hão de recebê-lo o podem pegar com facilidade.

— Avô — disse Ciro, — ordenai a Sacas que me entregue o copo, para que eu, lançando o vinho com igual perfeição, possa também captar vossa estima.

Astíages consentiu. Então Ciro pegou do copo, levou-o como tinha visto fazer a Sacas, e com ar sério e elegante o ofereceu e entregou a seu avô, tudo isto de maneira que excitou o riso de Astíages e Mandane. E rindo o mesmo Ciro, corre para o avô e entre seus abraços exclama:

— Ó Sacas, estás perdido; privar-te-ei de tuas dignidades. Em tudo serei melhor copeiro que tu, e não beberei o vinho.

Os copeiros dos reis, quando entregavam o copo, segundo o costume, tiravam com uma colher uma pequena porção de vinho, que lançavam na mão esquerda e sorviam. Era isto uma precaução, para que, no caso de terem deitado algum veneno, fossem os primeiros envenenados.

Astíages disse gracejando:

— Por que razão, ó Ciro, imitando Sacas em todas as coisas, só não sorveste o vinho?

— Porque temi — respondeu Ciro — que no copo houvesse veneno misturado. Quando vos banqueteáveis com vossos amigos no dia de vossos anos, eu claramente notei que ele tinha deitado veneno nos copos.

— E como percebeste isso? — perguntou Astíages.

— Percebi-o muito bem — respondeu ele. Todos vós estáveis perdidos de faculdades intelectuais e físicas. Vossas ações eram tão reais, que vós mesmos não consentiríeis que fossem praticadas por crianças. Todos ao mesmo tempo gritavam, não se entendendo uns aos outros. Cantavam ridiculamente e sem ouvirem aquele que cantava, afirmavam com juramento que era um ótimo cantor. Cada um de vós gabava sua força, e quando se levantavam para dançar, não só não dançavam com cadência, mas nem se podiam sustentar em posição vertical. Todos estavam esquecidos, vós de que éreis rei, os demais de que vós éreis seu rei. Foi então que eu, pela primeira vez, aprendi que em tais incurialidades consistia a igual liberdade de falar. Não estáveis calados um momento.

Perguntou-lhe Astíages se seu pai nunca se embriagava, e respondendo ele negativamente, tornou a perguntar-lhe como fazia.

— Satisfaz a sede, respondeu Ciro, e nada mais. Não tem lá um Sacas, como julgo, para lhe deitar o vinho.

Então Mandane tomou a palavra, e perguntou a seu filho por que tratava Sacas tão injuriosamente.

— Porque o aborreço — respondeu Ciro. — Muitas vezes, desejando eu ir ter com meu avô, este mau homem me impediu. Eu peço-vos, avô, que três dias me

deixeis ter poder sobre ele.

E perguntando-lhe Astíages que uso faria desse poder, Ciro continuou:

— Pondo-me, como ele, à porta, quando Sacas quisesse entrar para o jantar, dir-lhe-ia: — Ainda se não pode jantar, porque o avô está tratando de negócios importantes com algumas pessoas. Quando viesse para a ceia, dir-lhe-ia: — O avô está agora no banho. Quando viesse com fome, havia de lhe dizer: — O avô está agora com suas mulheres. Assim atormentá-lo-ia, como ele me atormenta, quando não consente que eu vá ao vosso aposento.

Com tais jovialidades de Ciro se passou o tempo da ceia. Nos demais dias, quando seu avô, ou seu tio, queriam alguma coisa, era dificultoso que alguém os servisse primeiro que ele. Tomava Ciro extremo prazer em servi-los no que podia.

Dispondo-se Mandane a voltar para seu marido, pediu-lhe Astíages que deixasse ficar Ciro. Mandane respondeu que em tudo desejava dar gosto a seu pai, mas que lhe custava muito deixar ficar seu filho contra a vontade dele. Então Astíages falou assim a seu neto:

— Meu filho, se ficares comigo, Sacas não há de obstar a que venhas a meu aposento, hás de ter nisso plena liberdade, e minha alegria será à proporção das vezes que vieres visitar-me. Servir-te-ás de meus cavalos e de tudo que te aprouver. Quando saíres, levarás uma comitiva da tua escolha. À mesa, usarás da frugalidade que quiseres. Dou-te os animais que atualmente estão em meu parque; e ajuntarei outros de várias espécies, que tu, logo que saibas andar a cavalo, perseguirás, lançarás por terra, armando o arco, e despedindo a seta, à maneira dos homens crescidos. Dar-te-ei outros meninos que te acompanhem em teus divertimentos. Enfim alcançarás de mim tudo o que me pedires.

Ditas estas palavras, a mãe perguntou a Ciro se queria ficar ou retirar-se. Ele, sem vacilar, respondeu imediatamente que queria ficar. E outra vez perguntando-lhe por que, respondeu:

— Lá na Pérsia, entre os meninos da minha idade sou eu o mais perito em lidar com o arco e setas, e todos como tal me reconhecem. Aqui, entre os mesmos, sou o mais ignorante na arte da equitação. Isto, minha mãe, sabei que me causa grande desprazer. E se aqui me deixardes, e eu aprender a andar a cavalo, quando for para a Pérsia parece-me que hei facilmente de exceder esses mesmos que se distinguem nos exercícios pedestres; e voltando à Média, sendo eu o melhor cavaleiro entre os bons cavaleiros, procurarei acompanhar o avô na guerra.

— Mas meu filho — tornou a mãe — como hás de aprender aqui a justiça, estando lá os mestres?

— Nos preceitos da justiça — respondeu Ciro — estou eu perfeitamente instruído.

— Como assim? — replicou Mandane.

— Meu mestre — instou Ciro — tão cônscio me julgava nos ditames dessa virtude, que chegou a fazer-me juiz de meus condiscípulos. Em certo julgamento eu levei pancadas, por não ter julgado com retidão. E foi este o caso: Um menino crescido, que tinha uma capa muito curta, tirou a outro menino menor a capa, que era muito comprida, deu-lhe a sua, e vestiu a dele. Sendo eu o juiz desta pendência, julguei que a ambos convinha ficar com a capa acomodada à sua altura. Por esta sentença castigou-me meu mestre, dizendo que, quando eu fosse juiz de uma causa que versasse em semelhante congruência, assim convinha praticar; mas cumprindo ajuizar quem era o dono da capa, só importava ter em vista determinar quem devia justamente possuí-la, se quem a tinha tirado à força, se quem a tinha feito ou comprado. Disse-me depois que era justo o que estava em conformidade com as leis, e que se reputava violência tudo que a elas se opunha. Ordenava, portanto, que o juiz proferisse a sentença à vista da lei. Assim, minha mãe, conheço perfeitamente os preceitos da justiça; e quando precise de alguma elucidação, aqui está o avô para ma dar.

— Mas olha, filho — redargüiu Mandane — nem todas as coisas que são justas na Média, o são igualmente na Pérsia. Teu avô fez-se senhor de toda a Média; na Pérsia reputa-se justo terem todos igual posse de direitos. Teu pai rege a cidade segundo os ditames das leis, e só recebe o que estas ordenam. A lei, não seus deleites, é quem regula seu governo. Toma conta, não sejas açoitado se tomares à Pérsia com máximas próprias, não de verdadeiro rei, mas de tirano, segundo as quais um só pode assumir todos os direitos.

— Minha mãe — replicou Ciro — vosso pai é capaz de me incutir o sentimento de possuir menos que os outros. Porventura não reparais como ele ensinou todos os persas a possuir menos que ele? Não tenhais medo, pois, que eu ou outro aprenda com ele a ser ambicioso.

Desta maneira discorria Ciro.

Mandane volta para a Pérsia, deixando seu filho na Média — Caçadas de Ciro

Finalmente a mãe partiu, Ciro ficou e aqui foi educado. Logo Ciro travou relações com os meninos de sua idade, de maneira que vivia entre eles familiarmente. Depressa captou a amizade dos pais, visitando estes e dando mostras da afeição que aos filhos consagrava; de modo que, se queriam algum bom despacho da parte do rei, ordenavam a seus filhos que pedissem a Ciro que o solicitasse. Ciro, como era

filantropo e amante da honra, não fazia outra coisa sem obter o que lhe pediam. Astíages não podia deixar de anuir às petições de Ciro. Tinha razões para isso. Durante uma doença de Astíages, Ciro não se retirava um instante de sua companhia, chorando incessantemente, e temendo muito sua morte. De noite, se Astíages chamava alguém, Ciro era o primeiro que ouvia, o primeiro que corria a servir o seu avô. Desta sorte ganhou radicalmente sua amizade.

Talvez alguém tache Ciro de nimiamente loquaz: mas devemos advertir que isto procedia de seus mesmos exercícios escolásticos; pois era por seu mestre obrigado não só a dar conta de seus estudos, mas também a ouvir os outros em suas contendas. Demais, como era muito amigo de aprender, fazia muitas vezes perguntas a seus condiscípulos, e às que eles lhe faziam, como era mui vivo de engenho, respondia rapidamente. Por estes motivos parecia falar demasiadamente. Mas assim como nos meninos que prematuramente têm ganhado certa estatura se descobrem todavia sinais infantis que acusam seus poucos anos, assim também a loquacidade de Ciro não era sinal de amor-próprio, mas candura e desejo de agradar a seus mestres. Assim antes queriam ouvi-lo falar muito do que vê-lo calado. Mas à medida que ia entrando na idade da puberdade, seus discursos eram mais breves, mais baixa sua voz. Encheu-se de tal timidez que na presença das pessoas mais velhas subia-lhe à face o rubor. Já não tinha aquela liberdade que induz a ter entrada em toda parte. Tornou-se, portanto, mais circunspecto, e nas conversações fez-se geralmente agradável. Nos diversos objetos sobre que os mancebos da mesma idade costumam muitas vezes disputar entre si, não escolhia aqueles em que sabia que levava vantagem, mas aqueles relativamente aos quais reconhecia sua própria inferioridade, asseverando sempre que venceria seus antagonistas. Não podendo ainda sustentar-se muito bem sobre o cavalo, ele era todavia o primeiro a montar, e mesmo montado entesava o arco e disparava a seta. Quando era vencido, ele principalmente ria da sua derrota. Como não recusava entrar segunda vez nos mesmos certames em que fora vencido, procurando então portar-se com mais destreza, depressa conseguiu igualar os da sua idade na arte de andar a cavalo, e por sua assiduidade não tardou a excedê-los. Em breve fez desaparecer da tapada os animais, perseguindo-os, ferindo-os e matando-os; de maneira que Astíages não podia já reuni-los. Ciro, conhecendo que Astíages, apesar do seu desejo, não podia dar-lhe animais para caçar, repetidas vezes lhe dizia:

— Meu avô, para que tendes trabalho em andar buscando animais para eu caçar? Se me deixardes ir à caça com o tio, quantos animais vir suporei que os criais todos para mim.

Mas Ciro, ainda que desejasse ardentemente ir à caça fora da tapada, não insistia com seu avô como costumava fazer na infância; visitava-o menos vezes; de maneira que naquilo mesmo em que ele antes censurava Sacas, por este lhe vedar a entrada, se havia tornado para si próprio um novo Sacas. Não ia ter com seu avô sem primeiro saber se era ocasião oportuna, e pedia muito a Sacas que o avisasse de quando a ocasião era efetivamente oportuna e quando não. Desta maneira Sacas,

assim como todos, o amava afetuosamente.

Notando Astíages que Ciro desejava ardentemente ir caçar fora da tapada, o deixou ir acompanhado de seu tio e de outros cavaleiros mais velhos, que o desviassem dos lugares perigosos e dos animais bravios. Ciro cuidadosamente perguntava a seus companheiros de que animais não devia aproximar-se, e quais podia perseguir com confiança. Os companheiros lhe diziam:

— Muitos caçadores, por se aproximarem de ursos, leões, javalis e onças, têm sido vítimas de sua ferocidade: mas são inofensivos os veados, as cabras, as ovelhas e asnos selvagens. Também há lugares tão perigosos que não requerem menos cautela que as mesmas feras. Muitos caçadores com os próprios cavalos têm sido abismados em precipícios.

Ciro prestava atenção a estas coisas; mas logo que viu pulando uma corça, esquecido de tudo que acabava de ouvir vai em seu seguimento, só olhando para o caminho que ela tomava: o cavalo, saltando, ajoelha, e pouco faltou para lançá-lo em terra. Ciro susteve-se com dificuldade, o cavalo levantou-se, e ele entrou na planície, disparou a seta e matou a corça, que era animal formoso e corpulento. Ciro ficou muito alegre. Os companheiros, caminhando para ele, o censuraram, representaram-lhe o perigo a que se tinha exposto e o ameaçaram de acusá-lo ao avô. Ciro, tendo-se apeado, conservava-se em pé, e ouvia com pesar esta repreensão. Nisto ouve um grito, monta a cavalo como fora de si, vem um javali correndo para ele, sai-lhe ao encontro, e com tanta destreza lhe arremessa a lança, que lhe acerta na fronte, e a presa é sua. O tio repreendeu sua temeridade; mas apesar de repreendido, Ciro pedia a concessão de oferecer a presa a seu avô.

— Mas se ele souber — disse o tio — que tu perseguiste uma fera, não é a ti só que há de increpar, mas a mim também, por ter consentido.

— Se for de sua vontade — disse Ciro — castigue-me, muito embora, depois de eu lhe oferecer a presa. Vós mesmo, se quiserdes, podeis castigar-me, conquanto que me concedais o que peço.

— Faze o que quiseres — disse-lhe afinal Ciaxares. Tu já pareces nosso rei.

Ciro mandou levar os dois animais, e os apresentou a seu avô, dizendo-lhe que para ele os tinha caçado. Não lhe mostrou as setas ensangüentadas, mas pô-las onde julgava que ele havia de vê-las.

Meu filho — disse Astíages — com satisfação recebo o que me ofereces; mas não tenho precisão destas coisas para que tu por minha causa te exponhas a perigos.

— Se não tendes precisão — replicou Ciro — deixa-me repartir estes animais por meus camaradas.

— Reparte — tornou Astíages — por quem quiseres, não só estes animais, mas tudo que for da tua vontade.

Ciro principiou a distribuição, dizendo:

— Camaradas, notai quão frivolamente nos entretínhamos, quando íamos à caça dos animais do parque. Era o mesmo que caçar animais que estivessem atados. Um espaço mui pequeno, animais fracos e cheios de lepra, uns coxos, outros estropiados. Nos montes e nos prados, que belos animais aí aparecem, tão corpulentos, tão nédios! As corças são como pássaros, saltam até às nuvens. Os javalis, como se diz dos homens valentes, acometem de perto: sua corpulência não deixa errar o golpe. A mim, mesmo mortos me parecem mais belos que vivos os que estão encerrados na tapada. Mas acaso permitirão vossos pais que vades a uma caçada?

— Por certo — responderam eles — se Astíages o ordenar.

— Mas quem há de ir falar a Astíages? — tornou Ciro.

— Quem melhor que tu — tornaram eles — o pode persuadir?

— Eu — instou Ciro — não sei que diferença sinto em mim. Não posso falar a meu avô nem olhar para ele como dantes. Receio mesmo, se assim for crescendo, tornar-me inteiramente covarde e imbecil. Quando eu era menor parecia muito falador.

A isto responderam eles:

— Não tens razão no que dizes, pois tu não podes fazer nada a nosso favor, e nós havemos de pedir a outro o que te compete pedir?

Ciro irritou-se com estas palavras, saiu em silêncio, exortando-se a ser animoso, e pensando como havia de falar a seu avô sem lhe causar desgosto, para obter sua permissão. Entrou e lhe falou nestes termos:

— Dizei-me, avô, se um escravo vos fugir, e vós o apanhardes, que lhe fareis?

— Que outra coisa lhe hei-de fazer? — respondeu ele. — Prendo-o e obrigo-o a trabalhar.

— E se voluntariamente vier apresentar-se — tornou Ciro, — que lhe haveis de fazer?

— Açoito-o — respondeu ele — para que não reincida no crime, e depois sirvo-me dele como antes.

— Então — tornou Ciro — disponde-vos para me irrogardes esse castigo. Tenho tenção de fugir, levando à caça meus camaradas.

— Avisaste a tempo — replicou Astíages — proíbo-te que saias daqui. Seria mui decente que eu, por causa de bocadinhos de carne, fizesse andar errante um filho de minha filha!

Ciro sujeitou-se a esta proibição e deixou-se ficar, mas triste, com aspecto carregado e em silêncio. Astíages, que notou sua grande tristeza, quis dar-lhe gosto e saiu a uma caçada. Congregou muitos infantes e cavaleiros, e também meninos, fez conduzir os animais para lugares onde era fácil o exercício da equitação, e houve uma grande caçada. Astíages estava presente com todo o aparato régio, e não consentia que alguém ferisse sem que Ciro estivesse farto de ferir. Esta exclusão não agradou a Ciro.

— Meu avô — disse ele — se quereis que eu cace com prazer, consenti que todos que me acompanham persigam e contendam cada um como puder.

Astíages dá seu consentimento e, tomando certa posição, dela observava os combatentes, que cheios de emulação perseguiam os animais e despediam as setas. Astíages notava com prazer os movimentos de Ciro, que cheio de alegria não se calava um momento, e, à maneira de um cão valente, gritava ao aproximar-se dos animais, e animava os companheiros, chamando-os pelos seus nomes. Também lhe era agradável ver seu neto, ora rindo-se de um, ora elogiando outro, tudo sem sombra de ciúme. Finalmente, tendo já muita caça, Astíages retirou-se. E foi tão grande o prazer que teve neste dia, que, sempre que tinha ocasião, voltava ao mesmo divertimento acompanhado de Ciro, levando grande número de caçadores e meninos, para que seu neto se divertisse mui jucundamente. Assim passava Ciro a maior parte do tempo, dando a todos ocasião de prazer e benefício, a ninguém de desgosto.

Primeiros feitos militares de Ciro nas fronteiras da Média

Era Ciro chegado aos quinze ou dezesseis anos. O filho do rei dos assírios, que estava para casar, desejou por este tempo ir a uma caçada, e ouvindo dizer que nas fronteiras que confinavam com a Média havia muita caça por causa da guerra não ter permitido as explorações dos caçadores, escolheu estes lugares. Trazia para segurança muitos cavaleiros e peltastas, que sacudissem os animais das brenhas para as planícies. Chegando ao pé dos castelos, aqui ceou, com tenção de caçar na manhã seguinte. Pela tarde chegou da cidade a guarda composta de cavaleiros e infantes, que vinha render a guarnição dos castelos. Parecendo ao príncipe possuir aqui um grande exército, que se compunha das duas guarnições e da gente que consigo tinha trazido, assentou que era muito acertado saquear o território da Média, pensando que isto seria uma ação de mais lustre do que uma partida de caça, e que por ela apanhariam animais em grande cópia. Rompe a manhã, levantado o príncipe, marcha à frente do exército, deixa nas fronteiras a infantaria, que era muita, caminha com a cavalaria para

os castelos da Média, e fica neste lugar com grande número dos melhores cavaleiros, para impedir que o presídio saísse contra os que fossem correndo de tribo em tribo, uns por uma parte, outros por outra, com ordem de apoderar-se de tudo que encontrassem e trazê-lo à sua presença.

Davam à execução esta ordem, quando Astíages foi noticiado de terem entrado inimigos em seu país. Logo ele com sua guarda acode às fronteiras, acompanhado de seu filho e dos cavaleiros que pôde ajuntar e a todos os outros deixava ordenado que acudissem. À vista dos soldados assírios postados em ordem de batalha, e da cavalaria em descanso, os medos fizeram alto. Ciro, que observava os preparativos bélicos, acode também, vestindo primeiro suas armas, persuadido que nunca as vestiria. Tão ardentemente esperava ocasião de fazer uso delas! Era uma armadura muito elegante, que seu avô lhe tinha mandado fazer muito apropriada ao corpo. Assim armado montou a cavalo, e pôs-se a caminho. Astíages, vendo-o, admirou-se, não podendo conjeturar quem o tivesse exortado a vir ter com ele. Disse-lhe contudo que se deixasse ficar. Ciro, tendo à vista grande número de cavaleiros, disse para Astíages:

— Avô, porventura são inimigos todos aqueles que estão imóveis sobre seus cavalos?

Astíages respondeu afirmativamente, e Ciro tornou a perguntar:

— E também aqueles que andam correndo?

— Também, — respondeu ele.

— Oh! pois gente que parece tão covarde e que vem tão mal montada, atreve-se a saquear os nossos territórios! É preciso que alguns de nós corram sobre eles.

— Mas filho, não vês quão numeroso é o esquadrão de cavalaria? Se marcharmos contra ele, seremos cortados. Ainda não temos bastante forças.

— Mas se vos deixardes aqui ficar — redargüiu Ciro — com as tropas que vêm chegando, esse esquadrão encher-se-á de terror, e não fará movimento algum; enquanto que, os que andam pilhando, largarão a presa, apenas virem correr sobre eles.

Estas reflexões não pareceram desarrazoadas a Astíages.

Astíages, admirado do seu bom juízo e penetração, ordena a seu filho que com uma manga de cavaleiros vá dar sobre os que levam as presas, e diz:

— Contra estes marcharei eu mesmo, se contra ti fizerem algum movimento: e desta sorte atrairei sobre mim sua atenção.

Ciaxares pôs-se em marcha à testa da melhor cavalaria. Ciro ouvindo isto,

rompe também a marcha e coloca-se na vanguarda. Ciaxares o segue e os outros igualmente. À sua aproximação, os que andavam saqueando largaram a presa e fugiram. Os que iam sob o comando de Ciro cortaram os fugitivos e feriam quantos lhes caíam nas mãos, sendo Ciro o primeiro a dar o exemplo. Os que escapavam, eram perseguidos até serem alguns deles aprisionados. Assim como um cão valente, mas falto de experiência, inconsideradamente se arremessa sobre o javali, também Ciro a nenhuma outra coisa atendia senão a ferir o que lhe caía nas mãos.

Os inimigos, observando o perigo de seus camaradas, fizeram avançar o esquadrão, esperando fazer cessar a perseguição. Ciro, sem desistir, chamava repleto de alegria, em altas vozes, por seu tio; continuou a perseguição, e pôs os inimigos em desatada fuga. Ciaxares o seguia, talvez com algum receio de ser repreendido por seu pai. Todos os outros seguiam seu exemplo, mais numerosos agora no alcance do que tinham sido na ocasião do combate.

Astíages, vendo que suas tropas perseguiam temerariamente, e que os inimigos apinhados corriam para elas em boa ordem, teve medo que alguma desgraça acontecesse a seu filho e a Ciro, se estes com soldados em má ordem se lançassem sobre tropas bem preparadas, e sem dilação se encaminhou para os inimigos. Estes, vendo que os medos entravam em movimento, enristaram lanças, entesaram arcos, e fizeram alto, esperando que eles fizessem o mesmo, quando chegassem a tiro de seta, como quase sempre costumavam. Até este tempo, quando estavam muito perto, arremetiam uns contra os outros, e muitas vezes até à boca da noite arrojavam seus dardos. Os assírios, logo que viram os seus correndo em fuga para o grosso do exército, perseguidos pelos soldados de Ciro, e já a tiro de seta a cavalaria comandada por Astíages, desviam-se e fogem; mas sendo perseguidos pelas forças reunidas dos medos, muitos ficaram prisioneiros. Os medos feriam tudo que apanhavam, homens ou cavalos; matavam os que caíam: e só cessou a perseguição quando chegaram à sua infantaria os assírios, receosos de alguma emboscada. Astíages voltou muito satisfeito com a vitória eqüestre, que acabava de ganhar, mas não sabendo o que havia de dizer a Ciro; porque se este devia ser elogiado, por ser o verdadeiro autor do bom êxito do combate, não podia deixar de ser censurado, pela temeridade com que nele se tinha havido.

Com efeito, retiraram-se as tropas para a cidade, e ele só se deixou ficar no campo de batalha; e montado a cavalo andou contemplando os mortos. Os enviados de Astíages com dificuldade o desviaram deste espetáculo, e o conduziram à sua presença; aqui Ciro deixou-se muito atrás deles, porque em seu avô notava sinais de pouca satisfação ao vê-lo.

Tal foi a vida de Ciro durante sua estada na Média. Por toda parte se falava de Ciro; em todas as conversações, em todas as cantigas entrava o nome de Ciro. Ciro, que ao princípio era o objeto das complacências de seu avô, tornou-se depois o alvo de suas admirações.

Ciro torna para a Pérsia

Cambises folgava com as notícias que tinha de seu filho, e informado de suas ações, já próprias de um homem, o mandou chamar, para acabar de se instruir nos costumes da Pérsia. Conta-se que, nesta ocasião, disse Ciro que queria partir, para não dar desgostos a seu pai e não incorrer na censura de seus compatriotas. Astíages, obrigado a dar seu consentimento, deu-lhe os cavalos que ele mesmo escolheu, e, feitos todos os necessários preparativos, o deixou partir. Astíages, além do afeto que lhe consagrava, nutria-se de grandes esperanças de que ele havia de ser o sustentáculo de seus amigos, o flagelo de seus adversários.

Todos acompanharam Ciro, meninos, mancebos, homens, velhos e o mesmo Astíages, tudo a cavalo; e dizem que nenhum voltou sem lhe correrem as lágrimas Ciro também se apartou debulhado todo em pranto, e por seus coetâneos distribuiu muitos presentes dos que Astíages lhe havia dado, e uma capa, que trazia vestida, doou a um deles, asseverando que o tinha em particular estima. Os que tinham sido brindados, entregaram os presentes a Astíages, que os tornou a mandar a Ciro. Ciro outra vez os enviou à Média, com estas palavras:

— Avô, se quereis que não volte à vossa corte cheio de opróbrio, consenti que cada um possua as dádivas com que os presenteei.

Astíages a tudo anuiu.

Ciro é eleito general do exército auxiliar na guerra entre os assírios e Ciaxares, sucessor de Astíages

Ciro, quando voltou à Pérsia, ainda passou um ano na classe das crianças. Seus companheiros, ao princípio, zombavam da sua vida efeminada, que ele na verdade tinha adquirido na Média; mas quando viram que se acomodava com o alimento e bebida de que eles usavam, e que, se em certos dias de festa havia algumas iguarias mais delicadas, longe de achar seu quinhão demasiadamente módico, pelo contrário ainda repartia com os outros; enfim, quando o reconheceram em tudo superior, olhavam para ele com admiração. Terminado este curso, passou à classe dos púberes, e ali se distinguiu por sua aplicação aos diversos exercícios, por sua paciência, pelo respeito aos anciãos e pela submissão aos magistrados.

Entretanto morreu Astíages. Ciaxares, seu filho, e irmão da mãe de Ciro, começou a reinar na Média. Ao mesmo tempo o rei da Assíria, depois de ter vencido a nação dos sírios, sujeitado o rei da Arábia, submetido os hircânios, invadido a Bactriana, persuadiu-se que facilmente subjugaria todos os povos circunvizinhos, se

enfraquecesse os medos, que lhe pareciam ser os mais poderosos. Enviou logo embaixadores aos príncipes e povos seus tributários, a Creso, rei da Lídia, ao rei da Capadócia, aos habitantes das duas Frígias, aos cários, paflagônios, índios e cilícios. Encarregou-os de espalharem más informações dos medos e persas, de representarem que estas duas nações, numerosas e opulentas, sendo amigas e unidas por casamentos recíprocos, era de temer que chegassem, se se lhes não fizesse oposição, a esmagar as outras, atacando-as sucessivamente. Todos se ligaram com ele, uns levados por estas considerações, outros seduzidos pelos presentes e pelo ouro do rei da Assíria, príncipe muito rico. Logo que Ciaxares, filho de Astíages, foi informado dos desígnios e preparativos da aliança, não se descuidou pela sua parte para se pôr em estado de defesa. Enviou aos persas, e ao rei Cambises, seu cunhado, um mensageiro com ordem expressa de falar a Ciro, e pedir-lhe que, se os persas dessem tropas aos medos, solicitasse o comando delas.

Ciro, depois de ter passado dez anos na classe dos púberes, entrou na dos homens feitos. Foi eleito pelos senadores general das tropas que deviam marchar para a Média, posto que ele aceitou. Permitiram-lhe que se associasse com duzentos homotimos, cada um dos quais teve a liberdade de agregar a si outros quatro cidadãos da mesma ordem, o que formou um número de mil. Demais, foi permitido a cada um dos mil homotimos, que escolhesse na classe inferior, dez peltastas, dez atiradores de funda e dez besteiros: o que fazia ao todo dez mil besteiros, dez mil peltastas e dez mil atiradores de funda, não contando os mil homotimos.

Tal era o exército confiado a Ciro. Logo que foi nomeado, seu primeiro sentimento foi para com os deuses. Fez sacrifícios debaixo de felizes auspícios, e tomou depois seus duzentos homotimos, que por seu turno escolheram quatro de seus iguais. Tendo todos reunidos, lhes dirigiu este discurso:

— "Meus amigos, não é só de hoje que vos conheço; eu vos escolhi por vos ter visto, desde a vossa infância, tão constantes em observar o que entre nós é havido por honesto, como fiéis em vos absterdes do que o não é. Vós ides saber por que motivos eu aceitei o comando, e por que eu vos ajunto aqui. Sei que nossos antepassados não nos eram inferiores, e que nenhuma virtude lhes era estranha; mas não vejo que vantagem tirassem disso eles ou a república. Entretanto parece-me que não se pratica a virtude senão para ter melhor sorte do que aqueles que a desprezam. Quem se priva de um prazer presente, não o faz com o sentido de não gozar dele jamais; pelo contrário, é a fim de preparar-se, mesmo por esta privação dos gozos mais vivos, para outro tempo. Quem aspira a brilhar na carreira da eloqüência, não tem por fim estar sempre a falar; espera que, adquirindo o dom de persuadir, será um dia útil à sociedade. O mesmo acontece àquele que se dedica às armas. Não é para combater sem descanso que se entrega a penosos exercícios; fia-se em que, tornando-se hábil guerreiro, ganhará glória, honras e prosperidade. Se entre estes homens se encontra algum, que depois de longos trabalhos envelhece sem ter sabido tirar algum lucro deles, compará-lo-ei ao lavrador, que, zeloso de sua profissão, semeia e planta com o

maior cuidado, e que depois, em lugar de colher seus grãos e apanhar seus frutos na estação própria, deixá-los-ia cair por terra; ou a um atleta que, depois de se ter laboriosamente exercitado, e estar em estado de merecer o prêmio, não entrasse na arena: parece-me que se poderia, sem injustiça, chamar-lhes loucos.

"Amigos, nunca nos aconteça tal desgraça: e já que a consciência nos diz que temos, desde a infância, adquirido o hábito da coragem e da virtude, vamos ter com o inimigo, que eu sei, pelo ter visto de perto, ser incapaz de nos resistir. Sabei que não se pode jamais aplicar o epíteto de bom guerreiro àquele que, apenas sabendo com destreza vibrar um arco, despedir uma seta, guiar um cavalo, desanima quando a guerra demanda maior atividade, não podendo suportar trabalhos que o oprimam: nem tampouco compete este epíteto àqueles que se deixam vencer do sono, quando todas as circunstâncias da guerra altamente pedem que esteja alerta. Neste mesmo caso estão os nossos adversários, que até ignoram o modo por que hão de comportar-se para com os aliados e para com os inimigos, e absolutamente desconhecem os preceitos ainda os mais triviais da importantíssima arte da guerra. Vós, pelo contrário, estais habituados a empregar a noite como eles empregam o dia, considerais os trabalhos como meios de tornar agradável a vida, e a fome é o vosso conduto: excedeis os leões no apetite com que bebeis água. Em vossas almas se acha enraizado o sentimento mais belo e mais proficiente na guerra, qual é o desejo de glória, que a tudo antepondes; porquanto, quem aspira à aquisição de glória, constitui-se rigorosamente na obrigação de sujeitar-se às mais incomportáveis fadigas, e de arrostar os mais iminentes perigos. Toda esta exposição é a mais exata expressão da idéia que concebo de vós; aliás iludia-me a mim mesmo; porque, se o resultado desta expedição não coincidir com o que me assegura vossa intrepidez, todo o dano recairá sobre mim. Porém minha experiência, a afeição que me consagrais, e a pouca disciplina dos inimigos, me asseguram que não serão frustradas minhas esperanças. Partamos portanto confiadamente, já que estamos longe de nos persuadirmos de que injustamente desejamos tomar posse do que não nos pertence. Agora os inimigos se aproximam, sendo eles os que romperam as hostilidades, e nossos aliados imploram nosso socorro. Que ação há pois mais justa do que rechaçar os adversários, e mais louvável do que auxiliar os amigos? Ainda tendes um motivo mais poderoso para estardes em plena confiança, saberdes que empreendi esta expedição não prescindindo dos votos às divindades, que são sempre o objeto por onde começo em todas as empresas, quer as grandes quer as pequenas. Que mais é preciso dizer? Ide escolher e reunir os soldados; depois dirigi vossa marcha para a Média. Eu primeiramente vou ter com meu pai, depois partirei, para que quanto antes me informe das circunstâncias dos inimigos, faça os preparativos que puder, e mui galhardamente pelejeis com o socorro da divindade."

Todos trataram de executar suas ordens.

Longo diálogo entre Ciro e Cambises, durante a

marcha até chegar à Média

Ciro chegou ao palácio, dirigiu suas adorações a Vesta, Júpiter e outras divindades tutelares, e foi juntar-se ao exército, na companhia de seu pai. Logo que saíram as portas do palácio, sentiram relâmpagos e trovões, como sinais precursores da boa fortuna da expedição. Animados por estes sinais, que eles julgavam ser do deus máximo, cujos prodígios são sempre claros, foram caminhando sem mais agouros.

Durante a marcha, Cambises fez a seu filho este arrazoado:

— Meu filho, que os deuses te acompanham propícios e benignos, claramente se vê nos sacrifícios e sinais celestes. Isto mesmo tu deves conhecer, porque já de propósito eu te instruí em todas estas coisas, para que não precisasses de recorrer a outros intérpretes para saber os desígnios das divindades; mais, para que vendo e ouvindo os prodígios, penetrasses esses desígnios sem recorrer aos adivinhos, que, se quiserem, te podem enganar, prognosticando coisas diversas das que os deuses anunciam. Também para que, sucedendo não teres adivinho, não ficasses perplexo à vista dos prodígios. Enfim, para que instruído da vontade dos deuses por meio da arte dos agouros, desempenhes teu dever para com eles.

— Meu pai — disse Ciro — para que as divindades queiram sempre dar-nos conselhos salutares, eu empregarei, quanto estiver em mim, todo o cuidado de aproveitar-me de vossos preceitos. Lembra-me de vos ouvir dizer que quem dirige suas preces aos deuses, como também aos homens, mais facilmente ganha os efeitos de sua benevolência suplicando no tempo da prosperidade, do que adulando na adversidade. Também dizeis que para com os amigos devia haver o mesmo comportamento.

— Procedendo assim, meu filho, confiadamente apresentas tuas súplicas perante os deuses, e esperas ser ouvido, porque tua consciência te está dizendo que nunca os desprezaste.

— Meu pai, estou possuído do sentimento de que os deuses me são propícios.

— Lembras-te ainda, meu filho, daquela doutrina em que ambos concordávamos, isto é, que as concessões dos deuses são mais facilmente obtidas pelo sábio do que pelo ignorante; que o homem laborioso tira mais resultado de seu trabalho do que o negligente; que o cuidadoso vive com mais seguridade que o desacautelado, e que sem sermos pontuais na prática dos nossos deveres não devemos ir implorar sua proteção?

— É verdade — respondeu Ciro — lembra-me muito bem, e com tal doutrina jamais eu deixaria de concordar. Igualmente vos ouvia dizer repetidas vezes que não é justo que um ignorante na arte de equitação peça aos deuses uma vitória eqüestre, que

o que não sabe vibrar um arco peça para vencer neste objeto o que nele se instruiu; para salvar um navio, o que não sabe a arte de marear; para colher bom trigo, sem ter semeado; para que o livre dos perigos da guerra, o que não toma as necessárias precauções. Acrescentáveis que tais súplicas eram contrárias às leis divinas, e que tais suplicantes não deviam ser ouvidos pelos deuses, assim como também os homens não deferem a petições ilegais.

— Esquecias-te, meu filho — tornou Cambises — daquilo sobre que um dia eu e tu raciocinávamos, isto é, que devia ser tido na conta de homem abalizado aquele que com procedimento virtuoso provia abundantemente sua família das coisas necessárias à vida; e que se tal homem, por assim comportar-se, se fazia credor dos maiores elogios, devia ser objeto da maior admiração aquele que, governando os outros homens, lhes fornecesse cópia de todo o necessário, e os contivesse no círculo de suas obrigações?

— Lembro-me muito bem. Eu tinha a mesma opinião, que saber governar bem era uma virtude muito recomendável; e ainda hoje penso do mesmo modo, quando contemplo com madureza a arte de governar. Mas quando lanço a vista e considero os outros povos, seus chefes, seu atrevimento de voltar as armas contra nós, parece-me vergonhoso temer tal gente, e recusar cometê-la. Todos eles, principiando pelos nossos aliados, estão persuadidos que os reis devem diferir dos súditos, em comer mais suntuosamente, possuir maiores riquezas, dormir mais e trabalhar menos. Eu, pelo contrário, estou na persuasão de que a diferença de um chefe de estado a respeito de seus súditos está não nas comodidades da vida, mas em sua vigilância e amor do trabalho.

— Mas, filho, há certas dificuldades que dependem não dos homens, mas da mesma natureza das coisas, e que com custo se vencem. Por exemplo, tu sabes que, se faltarem os víveres ao exército, teu mando sobre ele cedo acabará.

— Ciaxares prometeu fornecer vitualhas a todas as tropas que daqui forem.

— Tu vais confiado no dinheiro de Ciaxares?

— Vou.

— E sabes o estado de suas finanças?

— Não.

— Então depositas tua confiança em uma coisa de que não tens verdadeiro conhecimento? Não sabes que tens de prover a muitas precisões, e que agora mesmo és compelido a fazer muitas e diversas despesas?

— Bem sei disso.

— Ora, se faltar dinheiro a Ciaxares, ou se ele não quiser cumprir a palavra que te deu, que acontecerá a teu exército? Por certo que não há de passar bem.

— Mas se vós conheceis, meu pai, algum meio que esteja ao meu alcance para remediar tais necessidades, declarai-o enquanto estamos em terras aliadas.

— Perguntas, filho, se tens algum meio ao teu alcance? Pois ao alcance de quem há de estar a maneira de municionar um exército, senão do que tem as rédeas do comando? Tu levas da Pérsia um exército de infantaria tão valoroso que não o trocaras por outro muito maior. Com ele juntar-se-á a cavalaria dos medos, a melhor que se conhece. Qual das nações circunvizinhas deixará de obedecer-vos, querendo atrair vossa afeição, e receando alguma calamidade? Em tuas públicas conferências com Ciaxares tem sempre em vista o municiamento do exército. Mesmo para exercício dos soldados é bom empregá-los na aquisição das munições. E lembra-te principalmente deste meu conselho: que não é quando urge a necessidade que deves entender nas provisões; mas enquanto tiveres abundância de mantimentos, vai-te sempre prevenindo para o tempo de escassez. Serás mais facilmente atendido em teus pedidos se conhecerem que estás bem aprovisionado, e teus soldados não terão razão de se queixarem. Além disto serás mais respeitado, tuas tropas obedecer-te-ão de melhor vontade, ou tu queiras destruir algum inimigo, ou favorecer algum aliado; sabe que teus discursos terão maior grau de confiança quando puderes mostrar que tens forças bastantes para fazer bem e mal.

Ciro replicou:

— Não só, meu pai, tem sólido fundamento o que acabais de dizer-me, mas também é certo que os soldados não têm que agradecer-me o soldo que hão de receber; e como sabem as condições com que Ciaxares os chama em seu auxílio, tudo o que receberem além do que foi estipulado será havido por eles como galardão de seus serviços; e será mui grande seu reconhecimento. Um general que tem às suas ordens um exército com que pode retribuir os favores de seus amigos, tentar tirar vingança de seus inimigos, e não cura de aprovisioná-lo, pensai vós que é digno de menor vitupério do que um lavrador que tendo terras e trabalhadores com que as amanhe, as deixa ficar de pousio? De mim podeis conservar o sentimento de que nunca hei-de ser negligente no aprovisionamento do exército, quer em territórios aliados, quer em inimigos.

— Lembras-te, meu filho, das outras coisas que nos parecia de grave importância não perder de vista?

Ciro respondeu neste teor:

— Muito bem me recordo. Um dia em que eu vos fui pedir dinheiro para pagar ao mestre, que dizia ter-me instruído na ciência de general, vós mo destes, e comigo tivestes este diálogo: — “Teu mestre deu-te alguma lição de economia doméstica, visto

que os soldados em um exército não têm menos necessidade do que os domésticos em sua casa? — Não. — Deu-te alguma lição acerca do modo de conservar a saúde e o vigor dos soldados, pedindo isto a atenção do general tanto como a estratégia propriamente dita? — Não. — Ensinou-te a maneira de adestrar os soldados nos exercícios bélicos? — Não. — Ensinou-te a infundir coragem às tropas, sendo a coragem o que constitui a principal diferença dos exércitos? — Não. — Fez-te algum discurso a respeito do método de conter os soldados nos limites da obediência? — Não. — Então em que te instruiu teu mestre, para dizer que te ensinou a ciência de um general? — Ensinou-me a tática militar. — Olá, a tática militar! De que utilidade será a tática militar, sem provisões, sem saúde, sem saber as invenções da arte na guerra, sem obediência dos soldados! A tática é um pequeno ramo da ciência de um general. — Podeis vós — perguntei eu — ensinar-me todas essas coisas? — Vai ter com pessoas instruídas nestas matérias, e sobre cada uma delas escuta seus discursos." Nós tivemos este diálogo e depois deste tempo freqüentei pessoas que tinham fama de versadas em tais doutrinas. Enquanto a mantimentos, estou persuadido que há de ser bastante o que Ciaxares nos fornecer. Enquanto à saúde, ouvindo eu e vendo que não só nas cidades, onde se quer lograr boa saúde, se escolhem médicos, mas também que os generais costumam levar médicos em suas expedições para curar os soldados, assim eu, logo que subi a esta dignidade, tratei deste objeto, e creio, meu pai, que trago comigo pessoas mui peritas na medicina.

A isto redargüiu Cambises:

— Meu filho, os médicos são como os que remendam vestidos, porque só curam depois que as doenças têm estabelecido sua sede no corpo humano; mas preveni-las é o que mais te deve importar, merecendo grande cuidado não adoecerem os soldados.

— Mas como hei-de chegar a esse resultado, meu pai?

— Quando te for preciso demorar-te por algum tempo no mesmo lugar, deves escolher um acampamento salubre, no que acertarás havendo cuidado, porque os homens costumam sempre falar acerca da salubridade e insalubridade dos lugares. O corpo e a cor dos naturais são testemunhas claros da qualidade da terra. E não é bastante examinar a salubridade da terra, é preciso que ponhas todo o cuidado em tua saúde.

— Por Júpiter, eu não encho muito o estômago, o que é anti-higiênico, e ponho toda a diligência em digerir bem os alimentos. Assim parece-me que minha saúde se conservará, e minhas forças aumentarão.

— Essa mesma diligência deves pôr acerca dos que são confiados ao teu comando.

— Mas para os exercícios do corpo, sobejará tempo aos soldados?

— Sobeja e deve sobejar. É preciso que um exército bem preparado esteja em contínuos exercícios, ou danificando os inimigos, ou procurando as próprias vantagens. Difícil coisa é sustentar um só homem na ociosidade, mais difícil uma família inteira, dificílima um exército. Um exército tem sempre grande número de bocas, e principiando a guerra com poucos mantimentos, consome abundantemente o que podem tomar aos contrários.

— Segundo me parece, vós quereis dizer que tanto vale um general ocioso como um lavrador negligente.

— Eu estou convencido que um general vigilante estará sempre provido (se algum deus se não opuser) das necessárias vitualhas, e saberá manter a saúde de seus soldados.

— Pelo que toca aos exercícios bélicos, que devem ser objeto da meditação de um general, se este instituir jogos e propuser prêmios aos vencedores, conseguirá que suas tropas estejam bem exercitadas para os marciais labores.

— Belo pensamento, meu filho, procedendo assim podes ter a certeza de ver tuas tropas cumprindo suas obrigações com a regularidade de um coro de música.

— Para inspirar coragem à soldadesca, nada me parece mais consentâneo do que nutri-la de boas esperanças.

— Porém, meu filho, isso é semelhante ao caso de um caçador que chama sempre suas cadelas com a mesma voz que costuma empregar quando vê o animal. Ao princípio acodem as cadelas prontamente à chamada; mas se muitas vezes repete o engano, já por fim não acodem, embora seja certa a presa. Eis o que acontece a respeito de esperanças. Se um homem enganar outro muitas vezes com ligeiras esperanças, ao fim, ainda que fale verdade, não é acreditado. Importa não falar afirmativamente senão do que é de plena infalibilidade; se bem que outros, praticando o contrário, possam acertar. Cumpre conservar acreditada a exortação para as ocasiões de grande perigo.

— Por Júpiter, tuas reflexões me parecem exatas. Meu pai, eu não me considero incapaz de manter os soldados na obediência. Desde a infância vós me doutrinastes neste objeto, obrigando-me a ser-vos obediente, e entregando-me depois à direção de mestres que também exigiam que eu lhes obedecesse. Quando entrei na classe dos púberes, nosso chefe rigorosamente exigia nossa obediência. O objeto principal de quase todas as leis me parece ser conseguir esses dois pontos: mandar e obedecer. Por conseqüência, pensando sobre elas, em todas vejo esta principal exortação para conter os homens na obediência, isto é, recompensar a obediência com louvores e honras, punir a desobediência com opróbrios e outros castigos.

— Para conseguir uma obediência forçada, esse é certamente o caminho, meu

filho. Porém mais breve é o caminho de conseguir uma obediência voluntária, que é muito mais vantajosa. Os homens obedecem com a melhor vontade àquele que reputam mais sábio, e por isso capaz de lhes promover seus interesses. Hás de saber que é isto o que geralmente acontece, com especialidade nos doentes, que prontamente chamam o médico para lhes ordenar o que hão de fazer; nos navegantes, que prontamente seguem as ordens do piloto; nos caminhantes, que jamais desamparam seu guia. Pelo contrário, quando pensam que sua obediência traz após si alguma calamidade, nem castigos nem prêmios são capazes de movê-los. Ninguém quer receber prêmios que hão de ser origem de males.

— Vós dizeis, meu pai, que nenhum meio há mais eficaz para gerar nos homens a obediência do que parecer mais sábio do que eles em seu conceito.

— É verdade.

— Mas como é possível conseguir em brevíssimo tempo a reputação de sábio?

— Consegue-se com facilidade, sendo-o efetivamente. Se refletires em cada um destes pontos, conhecerás a veracidade de minhas asserções. Se tu, sem os necessários conhecimentos, quiseres parecer hábil agrícola, hábil cavaleiro, hábil médico, hábil flautista, hábil, enfim, em qualquer arte, imagina a quantos ardis tens de recorrer. A fim de adquirir fama de sábio, embora tu persuadisses a muitos que apregoassem tua fingida sabedoria, e possuísses bons instrumentos de cada uma das artes; ainda que se ao princípio produzisses a ilusão, logo depois a prática de teu fingimento te cobriria de vitupérios, e poria patente tua impostura.

— Mas como é possível obter instrução do que deve ser vantajoso?

— Meu filho, assim como tu aprendeste a tática militar, também podes aprender tudo que é acessível à compreensão humana. No que excede a compreensão e providência humanas, podes ser mais sábio que os outros, interrogando os deuses por meio da arte divinatória, e executando o que reputares mais acertado. É próprio do homem sábio curar do que é útil. Para captar a afeição dos subordinados (objeto da maior relevância) pratica-se o mesmo que para atrair a amizade dos amigos. Importa dar mostras claras de beneficência. É verdade, meu filho, que é difícil estar sempre a fazer benefícios; mas ao menos sê seu companheiro na alegria da prosperidade, na dor da adversidade, no desejo de acudir a seus males, no temor de serem enganados, no cuidado de prevenir os enganos. Durante as operações militares deve o general, à vista de suas tropas, expor-se às calmas e aos frios, e suportar os trabalhos, se for preciso. Tudo isto concorre para captar o afeto dos soldados.

— Quereis dizer, meu pai, que o general há de ser mais sofredor que os soldados.

— É verdade: mas não percas o ânimo. Os mesmos trabalhos não

impressionam do mesmo modo o corpo do general e do soldado raso. As fadigas do general são suavizadas pela glória que delas lhe provém, e pela convicção de que seus feitos não ficam no esquecimento.

— Meu pai, quando as tropas estiverem providas de mantimentos, gozarem de boa saúde, puderem suportar as fadigas, estiverem exercitadas nos artifícios da guerra, ambicionarem mostrar-se valorosas, acharem mais suave a obediência, nestes casos não é prudente guiá-las sem perda de tempo contra os inimigos?

— Certamente, uma vez que se julgue vantajoso. No caso contrário, quanto maior confiança tiver no meu valor e no de meus soldados, tanto maior cautela terei: e isto pela razão de que deve haver maior cuidado na segurança dos objetos de maior valia.

— Mas como é possível levar vantagem aos inimigos?

— Por Júpiter, essa questão é importante, e não de fácil solução. Deves saber que o general que quiser levar vantagem a seus adversários, há de ser insidioso, dissimulado, enganador, malicioso, ladrão, salteador, e em tudo isto ser superior aos contrários.

— Olá, por Hércules, em que homem é preciso que eu me converta!

— É preciso que sejas um homem muito justo e observador das leis.

— Então para que me ensináveis o contrário na infância e na adolescência?

— Por Júpiter, e ainda hoje te ensino o mesmo para com os amigos e cidadãos. Mas para prejudicar os inimigos, não te lembras que aprendeste muitas maldades?

— Não, meu pai.

— Então, para que aprendíeis a manejar o arco e despedir a seta, a apanhar javalis com redes e fossos, a apanhar com laços os veados, a procurar sempre uma posição vantajosa para atacar os leões, os ursos e as onças? Não vês que todos estes exercícios são maldades, enganos, fraudes, desejos de melhor posição?

— É verdade: mas tudo isso era com os animais: porque, para ser rigorosamente castigado, bastava parecer que tinha vontade de enganar algum homem.

— Isto era assim, meu filho, porque eu não consentia que dirigisses as setas contra os homens; ensinava a dirigi-las a um alvo, não para maltratar os amigos, mas para no caso de guerra poderes acertar nos inimigos. Com os homens nunca vos ensinei a usar de enganos, nem a buscar vantagens: com as feras sim, para aprenderes a não ofender os amigos, e no caso de guerra não vos faltar o exercício destas coisas.

— Mas se é preciso, meu pai, saber fazer bem e mal aos homens, ambas estas coisas convinha aprender.

— Olha, meu filho, dizem que, no tempo de nossos avós, houve um mestre que dava lições de justiça como tu julgas que deve ser. Ensinava ele a não mentir e a mentir; a não enganar e a enganar; a não caluniar e a caluniar; a não promover os próprios interesses em prejuízo de outrem e a promovê-los. Distinguia, porém, quais destas coisas deviam praticar-se para com os amigos e quais para com os inimigos. Ainda avançava mais, ensinando que era justo enganar e roubar os amigos, quando o bem destes o reclamasse. Obrigava seus discípulos a exercitar-se uns com outros nestes misteres, assim como dizem que usam na luta os gregos, os quais ensinam a enganar. Há todavia alguns naturalmente tão propensos aos enganos, às fraudes, e talvez tão interesseiros, que não se abstêm de fomentar seus interesses mesmo à custa de seus amigos. Então uma lei, que ainda hoje guardamos, ordenou que simplesmente se ensinasse aos meninos como fazemos a respeito dos escravos, a falar verdade, a não enganar, a não roubar, a não promover seus interesses em prejuízo de outrem; e isto sob pena de serem castigados. Educavam-nos nestes hábitos para virem a ser cidadãos mais pacatos. Chegados à tua idade, já parecia seguro ensinar-lhes as leis da guerra; porque educados em ter respeito uns aos outros, não se receava que se fizessem cidadãos intratáveis.

— Por Júpiter, já que me instruíste tarde nesses meios de levar vantagem aos outros, não vos abstenhais, meu pai, de me ensinar como, sobre os inimigos, eu hei-de alcançar esta vantagem.

— Espreita, meu filho, quanto estiver ao teu alcance, a ocasião de apanhar os inimigos desordenados, achando-se teus soldados em ordem de batalha, desarmados estando armados os teus, dormindo e os teus alerta, à tua vista e sem te verem, em uma posição desvantajosa e tu em um lugar seguro.

— Como é possível, meu pai, que um general consiga apanhar os inimigos assim desprevenidos?

— Filho, é forçoso que estas desprevenções muitas vezes tenham lugar, não só no exército contrário, mas também no teu. Os soldados de ambos os exércitos têm de comer, têm de dormir, têm de pela manhã afastar-se do arraial, e quase todos ao mesmo tempo, para satisfazer suas naturais precisões, têm finalmente de marchar pelas estradas, tais quais elas são. Reflete em cada uma destas coisas, e da tua parte está resguardar-te quando te vires mais fraco, acometer quando te parecer fácil a vitória.

— Porventura só nessas circunstâncias é possível levar vantagem aos inimigos, ou em algumas outras?

— Em outras, meu filho, e mais vantajosas: pois naquelas ocasiões o inimigo

toma sempre as necessárias cautelas. Mas o general versado na estratégia incute ao inimigo certo grau de confiança, e o apanha descuidado, deixa-se perseguir e o põe em desordem, atrai o inimigo a posições desvantajosas e o acomete. Importa que tu, desejoso de saber todos estes estratagemas, não empregues só os que te ensinarem: tu mesmo deves inventá-los. Os músicos também não usam só das peças que lhes foram ensinadas, inventam outras; e se eles recebem aplausos por suas brilhantes invenções, muito mais aplaudido há de ser o general que descobrir novos ardis, com que mais facilmente possa surpreender os inimigos. Mesmo empregando tu os artifícios que excogitavas para apanhar os pequenos animais, pensas que não podes alcançar grandes vantagens sobre os inimigos? No pino do inverno tu te levantavas ainda de noite, e partias para a caça. Antes de se moverem as aves, já teus laços estavam armados, e de tal maneira que o terreno parecia não ter sido mexido. Tinhas ensinado algumas aves, que te eram úteis para enganar as outras; e tu, posto em lugar de onde sem seres visto vias o que se passava, tinhas o cuidado de te lançares sobre a presa antes que fugisse. Para as lebres, como elas pastam na escuridão e fogem da luz, criavas cadelas, que pelo faro as iam achar, e para que não fugissem, tinhas outras destinadas a segui-las. Se assim mesmo escapavam, notavas por onde era seu trânsito, e qual seu couto, estendias as redes de tal maneira que dificultosamente as vissem, e nelas caíam as lebres que vinham em precipitada fuga. Para evitar que fugissem das redes, punhas guardas, que corriam logo sobre elas. Davas ordem aos guardas para que em silêncio se conservassem emboscados, e tu ias gritando atrás da lebre; assim a aterravas de sorte que incautamente era apanhada. Ora, como te disse, se usares de tais argúcias contra os adversários, duvido que um só possa escapar ao teu ferro. Quando for preciso combater em uma planície, armados os exércitos, e à vista um do outro, é então que as preparações prévias têm útil emprego, quero dizer, quando os corpos de soldados estiverem bem exercitados, seu ânimo bem estimulado, a arte militar bem sabida. Também deves ter em vista este princípio: que aqueles de quem exigires obediência hão de exigir que tu cuides em seus interesses. Tua atenção jamais deve estar ociosa, pensando de noite no que hás de entreter teus soldados durante o dia, de dia cogitando qual seja o melhor entretenimento para durante a noite. Para que hei-de falar-te acerca do modo de formar o exército para entrar em ação? De dirigir a marcha de dia ou de noite, por estradas estreitas ou largas, íngremes ou planas? De acampar, de postar sentinelas noturnas ou diurnas, de avançar contra o inimigo ou retirar, de invadir uma cidade, aproximar-se das muralhas ou desviar-se, de atravessar bosques e rios, de acautelar-se contra a cavalaria, seteiros e archeiros; de resistir aos inimigos, qualquer que seja a forma que leve teu exército, e qualquer que seja o lado por onde eles te ataquem; de descobrir os planos dos inimigos, e de ocultar-lhes os teus? Toda a minha ciência a este respeito freqüentes vezes a tens ouvido. Demais, tu tens tirado proveitoso partido das lições de mestres peritos. Cumpre, portanto, empregar os meios que te parecerem mais adequados. Também te quero dar alguns preceitos, meu filho, sobre esta importante doutrina. Sem precederem sacrifícios e agouros, nunca te arrisques a ti e ao teu exército. Pois deves saber que os homens, ignorando o que mais lhes aproveita, agem fundados em conjetura. Por exemplo: Muitos povos, aconselhados por homens havidos por consumados políticos,

têm declarado guerra a seus inimigos e têm sido destruídos; muitos elevaram grande número de particulares, e até de cidades, e os mesmos agraciados têm causado sua ruína; muitos, querendo ter em lugar de escravos pessoas a quem deviam dar entrada em sua amizade, e isto por meio de recíprocos benefícios, foram castigados por solicitações destas mesmas pessoas; muitos, não satisfeitos com a parte que lhes tocou, pretenderam apossar-se de toda a herança, e esta ambição lhes fez perder o próprio quinhão; muitos, finalmente, senhores de grandes riquezas, por isso mesmo pereceram. É, portanto, certo que as ações inspiradas por uma escolha prudente, não são mais prudentes que as filhas do acaso. Porém, meu filho, os deuses imortais, que conhecem o pretérito, o presente e o futuro, aconselham os homens a que são propícios, e lhes indicam o que devem fazer. Não é para admirar que não aconselhem a todos, pois não são obrigados a curar dos que eles não querem patrocinar.

LIVRO II

Cambises volta para a Pérsia — Diálogo entre Ciro e Ciaxares — Discurso de Ciro aos persas para a mudança das armas — Com a notícia da aproximação dos inimigos, Ciro anima seu exército por diferentes meios — Extenso diálogo entre Ciro e seus capitães — Discussão concernente aos prêmios com que deviam ser recompensados os serviços — Exercícios militares à imitação de batalhas campais — Ciaxares e Ciro dão audiência aos embaixadores da Índia — Determina-se uma expedição contra a Armênia — Ciaxares e Ciro partem para a Armênia sob o pretexto de uma caçada.

Cambises volta para a Pérsia — Diálogo entre Ciro e Ciaxares — Discurso de Ciro aos persas para a mudança das armas

Assim foram discorrendo até chegar às fronteiras da Pérsia; e notando que uma águia, ave de bom agouro, os precedia, fizeram votos aos deuses e heróis tutelares da Pérsia, para que na saída de seu território lhes fossem favoráveis e benignos, e atravessaram as fronteiras. Seus votos dirigiram-se então às divindades tutelares da Média, para que lhes dessem favorável e benigna recepção. Depois disto abraçaram-se, como era costume; Cambises tornou para a Pérsia, Ciro internou-se na Média, e chegou ao palácio de Ciaxares.

Abraçaram-se segundo o costume, e logo Ciaxares perguntou a Ciro que forças trazia.

— Eu trago — respondeu Ciro — trinta mil soldados, que já serviram aqui mercenariamente. Também vem certo número de homotimos, que nunca saíram da pátria.

— Qual é esse número?

— Seu número, se o ouvirdes, não vos há de agradar: mas deveis saber que, apesar de ser pequeno, facilmente regem os persas, não obstante seu grande número. Tendes precisão deles, ou o terror pânico se apoderou de vós? Não chegam os inimigos?

— Chegam sim, e em grande multidão.

— Como sabeis isso?

— Grande número de medos, vindos da Assíria, referem todos o mesmo, pouco variando as circunstâncias.

— Vamos pelejar contra eles.

— Assim é preciso.

— Mas ainda me não dissestes quais são suas forças e as vossas. Informados disto, pensaremos sobre o modo de mais vantajosamente dirigir as operações militares.

— Ouve: Creso, rei da Lídia, traz, segundo se diz, dez mil cavalos e mais de quarenta mil peltastas e arqueiros; Artamas, rei da grande Frígia, oito mil cavalos e não menos de quarenta mil lanceiros e peltastas; Aribeu, rei da Capadócia, seis mil cavaleiros e não menos de trinta mil arqueiros e peltastas; Maragdo da Arábia, dez mil cavaleiros, cem carros e considerável número de fundeiros. A respeito dos gregos asiáticos, não se sabe se trazem algum socorro. Enquanto aos que habitam a Frígia do Helesponto, diz-se que acompanham Gabeu, que nas planícies do rio Caistro tem seis mil cavaleiros e dez mil peltastas. Os cários, os cilícios, os paflagônios, que foram chamados, diz-se que não vêm. O rei assírio, que governa Babilônia e o restante da Assíria, parece-me que não contará menos de vinte mil cavaleiros, considerável número de infantes, e sei com certeza que vem com duzentos carros. Tal é o costume deste rei, quando invade nossas fronteiras.

— Por essa vossa conta temos que resistir a um exército de sessenta mil cavalos, e mais de duzentos mil peltastas e arqueiros. E quais são vossas forças?

— Mais de dez mil cavaleiros medos e uns sessenta mil peltastas e arqueiros nacionais. O país vizinho de Armênia fornecerá quatro mil cavaleiros e vinte mil infantes.

— Dessa maneira nossa cavalaria não iguala a terça parte da dos inimigos, a infantaria é quase metade.

— Pois que, julgas que são poucos os persas que vêm debaixo de teu comando?

— Se temos, ou não, necessidade de mais gente, havemos de discutir. Dizei-me agora qual é a maneira de combater de nossos inimigos.

— Todos têm quase o mesmo modo de pelejar. Nós e eles combatemos com arco e seta.

— Sendo essas suas armas, é preciso combater de longe.

— É verdade.

— E a vitória será da hoste mais numerosa, porque muitos ferirão e matarão um pequeno número com mais facilidade do que um pequeno número a muitos.

Em tal caso, que melhor medida podemos tomar do que mandar uma embaixada aos persas, a representar que os danosos efeitos desta guerra, no caso de mau êxito, também hão de chegar à Pérsia, e a pedir um auxílio maior?

— Ainda que venham todos os persas, nunca seremos superiores em número aos inimigos.

— Pois vê que melhor expediente se há de tomar.

— Em teu lugar, eu quanto antes mandaria fabricar para todo o exército, que está a chegar da Pérsia, armas iguais às que trazem os chamados homotimos; que vem a ser, uma loriga para o peito, um escudo para o braço esquerdo, uma espada ou machado para a mão direita. Se assim fizerdes, por-nos-eis em estado de, com toda a segurança, combater de perto com os adversários, que anteporão a fuga à resistência. Se alguns resistirem, nós os bateremos, vós e a cavalaria ireis sobre os fugitivos tão velozmente, que eles nem continuar a fuga, nem retroceder possam.

Ciaxares aprovou este arrazoado, não se lembrou de solicitar mais socorros, e entendeu na fabricação das mencionadas armas. Estavam quase prontas, quando chegou da Pérsia o exército auxiliar. Ciro reuniu os homotimos, e lhes falou neste teor:

— Amigos, vendo-vos assim armados e dispostos a pelejar e sabendo que vossos soldados só trazem armas para combater de muito longe, receei que vos sucedesse alguma desgraça, sendo poucos e batalhando sós. Vossas tropas gozam de boa saúde, fornecer-se-lhes-ão armas iguais às nossas. Da vossa parte está o incutir-lhes coragem. É obrigação de um general ser valoroso e diligenciar que o sejam seus soldados.

Os homotimos folgaram de ouvir este discurso, persuadidos que assim teriam maior número de companheiros no combate: e um deles, tomando a palavra, falou nestes termos:

— Talvez cause admiração, aconselhar eu a Ciro, que em nosso lugar fale ele, quando aos nossos soldados forem entregues as armas. Estou certo que um orador que tem grande poder para fazer bem e mal, insinua-se maravilhosamente no espírito de seus ouvintes. Suas dádivas, ainda que inferiores às que forem feitas por pessoas de igual hierarquia, são sempre tidas em maior estimação. Os persas folgarão muito mais com as exortações de Ciro do que com as nossas. Sabendo que esta dignidade de homotimos, a que são exaltados, é obra do filho do rei e seu general, tê-la-ão por mais sólida do que se pensarem que é obra nossa. Da nossa parte não há de haver míngua de cuidado, para de todas as maneiras aguçar seu ânimo. É utilidade nossa que eles se portem com valentia.

Ciro chamou todos os soldados persas e recitou este discurso:

— Persas, que nascestes e vos criastes no mesmo país que nós, e cujos corpos não são menos vigorosos, preciso é que vossas almas não sejam inferiores. Se na pátria não gozáveis das mesmas regalias que nós, não era porque vosso mérito estivesse em esquecimento, mas porque vossa posição na sociedade vos obrigava a curar dos meios de vossa subsistência. Destes meios é a mim que agora cumpre tratar com auxílio dos deuses. Agora, posto que de certo modo deveis reconhecer vossa inferioridade, tendes licença para usar das mesmas armas, arrostar os mesmos perigos, e no caso de triunfo exigir os mesmos prêmios, Até agora vossas armas, assim como as nossas, eram arco e seta; e se em seu manejo éreis menos destros que nós, não causara admiração, visto não terdes tanto vagar. Mas com estas armas, que aqui vedes, não seremos superiores. Cada um terá uma saia de malha adaptada ao peito, um escudo no braço esquerdo, como costumamos trazer, na mão direita uma espada ou machado, para ferir o inimigo sem receio de falhar o golpe. Por conseqüência, em que diferis de nós, a não ser no valor, o qual contudo não deveis mostrar em menor grau? Pois que mais razão temos nós do que vós para desejar a vitória, que tantos bens traz após si? Porventura releva mais a nós que a vós curar da vitória, que dá aos vencedores todos os tesouros dos vencidos? Finalmente, tendes ouvido o meu discurso. Olhai para as armas. Recebam-nas os que quiserem; vão ter com seus taxiarcas, para que os alistem na mesma companhia que nós. Os que quiserem ficar na classe de soldados mercenários, conservem as armas próprias desta classe.

Ciro acabou de falar. Os persas, persuadidos que justamente viveriam para sempre na miséria se não quisessem anuir ao convite do seu general, todos se alistaram e receberam as armas.

Com a notícia da aproximação dos inimigos, Ciro anima seu exército por diferentes meios

Enquanto não chegavam os inimigos, que já se dizia virem marchando, Ciro tentava fortificar os corpos de seus soldados por meio de exercício, ensinava-lhes a tática e infundia-lhes coragem. Primeiro que tudo, recebeu de Ciaxares servidores para o exército, e lhes ordenou que fornecessem o necessário a cada soldado. Depois disto, só permitiu às suas tropas exercícios concernentes à guerra, persuadido que para chegar a ser distinto em qualquer arte, é preciso não desviar para outra parte a atenção. Assim lhes proibiu o uso do arco e seta, só consentindo o exercício da espada, escudo e loriga. Desta arte soube dispô-los ou a batalhar de perto com o adversário, ou a confessar que são aliados indignos. Ora, tal confissão é ignominiosa, porque sabem que para nenhuma outra coisa são assalariados senão para batalhar a favor de quem recebem o soldo.

Afora isto, como sabia que os homens preferem sempre os exercícios em que se dá emulação, propôs às suas tropas aqueles que reputava serem-lhes vantajosos.

Ao soldado raso recomendava a obediência a seus superiores, atividade, valor prudente, perícia nos trabalhos bélicos, elegância nas armas, e em tudo isto o desejo de louvor. Ao pentadarca recomendava que fosse tal qual um soldado intrépido, e que igual intrepidez fizesse por haver na quincúria a seu mando confiada. O mesmo recomendava ao decadarca acerca de sua decúria, ao logago a respeito de sua coorte, e da mesma sorte ao taxiarca. Igual recomendação fazia a cada um dos outros chefes, para que seu comportamento irrepreensível servisse de exemplo aos oficiais subalternos, e estes por seu turno contivessem seus subordinados nos limites de suas obrigações.

Aos taxiarcas que melhor adestrassem suas companhias, prometia premiá-los com a dignidade de quiliarca; do mesmo modo aos decadarcas, pentadarcas e soldados, que se distinguissem, com os postos de logago, de decadarca e pentadarca. Desta maneira os chefes viam executadas suas ordens, e todos folgavam com a esperança das recompensas. Ciro ainda os nutria com maiores esperanças, prometendo maiores galardões no caso de grande sucesso. Também em geral propunha prêmios às companhias, coortes, decúrias, quincúrias, que mais se singularizassem na pontual obediência a seus superiores. Eram estes prêmios os que mais quadravam à índole da soldadesca. Tais eram as propostas de Ciro, e a matéria dos exercícios militares.

Entendeu na construção de tantas barracas de campanha quantos eram os taxiarcas, dando-lhes suficiente tamanho para cada companhia. Cada companhia tinha cem homens. Esta forma de habitações comuns para cada companhia lhe parecia vantajosa; porque nutridos todos de igual alimento, nenhum soldado podia alegar por pretexto seu pior sustento, por na ocasião da batalha ter-se havido com covardia, ter-se mostrado inferior a seus camaradas. Também lhe parecia vantajosa, por assim adquirirem os soldados conhecimento uns dos outros; conhecimento que gera o respeito. Na presença de pessoas desconhecidas, o homem, como na escuridão, mais facilmente é arrastado à prática de ações censuráveis. Outra vantagem era conseguir a boa ordem das companhias, que por esta maneira estavam ordenadas como na ocasião de marcha. O mesmo se pode dizer a respeito das coortes, decúrias e quincúrias. Esta boa ordem lhe parecia conveniente para evitar a confusão, e, no caso dela, tomarem rapidamente seus postos; isto com a mesma facilidade com que um artista junta várias peças de pedra e madeira, espalhadas por diferentes partes, se tem perfeito conhecimento dos lugares a que compete cada uma delas. Era finalmente outra vantagem o desejo de se conservarem unidos, porque notava que os animais criados juntamente sentiam grande saudade no caso de separação. Tinha Ciro todo o cuidado em que seus soldados, sem estarem cobertos de suor, não jantassem nem ceassem. Para isto ou os levava à caça ou excogitava certos jogos violentos, ou os mesmos trabalhos precisos dirigia de maneira que produzissem o desejado efeito. Julgava isto vantajoso para acharem a comida mais saborosa, para tornar o corpo mais vigoroso e para fazer o cansaço mais suportável. Também lhe parecia que desta maneira os soldados seriam mais tratáveis uns para com os outros como os cavalos empregados

nos mesmos trabalhos. De feito, nas pelejas sobressai sempre o valor dos soldados que se consideram bem exercitados.

Ciro mandou fazer para si um pavilhão onde coubessem à vontade os que ele fosse servido de admitir à sua mesa. Quase sempre convidava taxiarcas, não desdenhando, contudo, algumas vezes convidar logagos, decadarcas, pentadarcas e soldados, e até mesmo uma quincúria, uma decúria, uma coorte, ou uma companhia inteira. Este honroso convite tinha lugar quando via que se comportavam à medida de seus desejos. A ele e aos convidados as mesmas iguarias eram apresentadas, e a mesma atenção tinha com os servidores do exército. Esta classe de gente não lhe parecia digna de menos honra do que os arautos e embaixadores. Entendia que eles deviam ser fiéis, versados nas matérias da milícia, perspicazes, ativos, velozes, diligentes e animosos; e que além de deverem possuir todas as partes que constituem um homem valoroso, cumpria que estivessem na persuasão de que eram obrigados a executar sem a menor relutância as ordens do general.

Extenso diálogo entre Ciro e seus capitães

Ciro mostrava-se mui solícito em entreter os convidados com agradáveis conversações e exortações salutares. Houve um dia este diálogo, a que Ciro deu princípio desta maneira:

— Porventura julgais que nos são inferiores os homens que não foram educados como nós? Ou eles não diferirão de nós, quer nas assembléias, quer no campo de batalha?

— Qual poderá ser — respondeu Histaspes — seu comportamento no campo de batalha, ainda eu não posso dizer; nas assembléias confesso que são eles importunos. Não há muito tempo que Ciaxares enviou peças de carne e três ou mais porções tocaram a cada um de nós. O cozinheiro, fazendo a distribuição circularmente, principiou por mim a primeira roda; quando foi a segunda, eu lhe ordenei que principiasse pelo último e invertesse a ordem da distribuição. A este tempo um soldado, que estava no meio, disse gritando: — É injustiça nunca principiar pelos que estão no meio. — Eu, não querendo que houvesse motivo de queixa, chamei-o para junto de mim, e ele obedeceu com toda a formalidade militar. Chegou nossa vez, e como já os outros tinham tirado, só vinham as menores porções. Então ele, todo enfadado, disse consigo: — É coisa da fortuna ter eu vindo para este lugar. Eu disse-lhe: — Não vos aflijais; vai já começar a terceira roda, e tirareis a maior porção. Chega o cozinheiro, tiro eu primeiro, ele em segundo lugar, e seguindo-se o terceiro, pareceu o bocado deste maior que o seu; rejeitou o que tinha tirado para tirar outro: mas o cozinheiro pensando que ele não queria mais, continuou a distribuição antes que ele tirasse outro bocado. Ficou tão raivado com este caso, que, tendo já comido a porção que antes tomara, cheio de confusão e de cólera entornou o molho que ainda lhe restava. O logago, que estava próximo, presenciando isto, batia as palmas, e não se fartava de rir.

Eu, que também não podia conter o riso, dissimulava tossindo. Ora, aqui tendes, Ciro, o procedimento de um dos nossos soldados.

Todos riram como era natural, ao ouvirem esta narração. Depois um taxiarca tomou a palavra e falou assim:

— Ó Ciro, parece que Histaspes deu com um homem importuno. Eu, depois que nos destes as necessárias instruções, e despedistes as companhias para nós as disciplinarmos segundo vossas mesmas instruções, principiei a exercitar uma coorte. Coloquei o logago em primeiro lugar, atrás dele um soldado mancebo, e depois os outros nos lugares que me pareceram convenientes. Eu postei-me à frente olhando para a coorte, e, quando julguei a propósito, mandei avançar. Então o soldado mancebo passa adiante do logago e marcha na vanguarda. — Que fazeis? disse-lhe eu. —Vou avançando, como mandastes. — Minha ordem era para todos avançarem e não somente vós. Então ele voltou-se para seus camaradas e disse: — Não ouvis dizer que marchem todos? — Todos passaram adiante do logago, e marchavam para o lugar que eu ocupava. O logago chama-os a seus postos, e eles clamam irritados: — A quem se há de obedecer? Um manda avançar, outro não consente. — Eu, que desde o princípio levara isto com paciência, tornei a formá-los, e disse que nenhum começasse a marchar sem ver marchar o que estava adiante, e que sua atenção toda devia estar em segui-lo. A este tempo veio ter comigo um mensageiro, que partia para a Pérsia, e me pedia uma carta, que eu escrevera para minha família. Eu, como o logago sabia onde ela estava, ordenei-lhe que fosse depressa buscá-la. Ele foi logo correndo; aquele soldado, de que há pouco falei, o seguiu com loriga e espada, toda a coorte o seguiu e veio com a carta. Tão estritamente minha coorte guarda vossas ordens. Os outros, como era natural, riram vendo vir a carta escoltada.

— Ó Júpiter e mais deuses — exclamou Ciro, — que camaradas nós temos, que tão reconhecedores são, que com uma pequena refeição se pode conciliar sua amizade, e tão obedientes alguns que executam as ordens antes que lhes sejam intimadas. E não sei que se possam desejar melhores soldados.

Ciro ria-se, e ao mesmo tempo elogiava assim os soldados. Um taxiarca, chamado Aglaitadas, homem de compleição austera, que acidentalmente se achava na barraca, fez esta pergunta:

— Pensais, Ciro, que é verdade o que dizem estes homens?

— Que necessidade têm eles de mentir?

— Para fazer rir, e por isso jactanciosos inventam contos desta ordem.

— Mais devagar, nada de aplicar-lhes a denominação de jactanciosos, denominação aplicável aos que se ufanam de mais ricos ou mais valentes do que são, e prometem fazer mais do que podem, e tudo isto com o fito do interesse. Aos que

procuram divertir seus colegas sem interesse particular, sem dano de ninguém, por que se lhes não há de aplicar com mais justiça o epíteto de urbanos e facetos, do que o de jactanciosos?

Destarte Ciro defendia os que tinham com suas narrações divertido a assembléia. O que havia narrado a jocosa história da carta, apostrofou assim Aglaitadas:

— Sabendo vós que só queremos causar-vos júbilo, e não prejudicar-vos, assim mesmo nos tratais com tanta severidade; que vigorosos vitupérios não nos irrogaríeis, se tentássemos fazer-vos chorar, à maneira daqueles que de propósito fazem composições fúnebres em versos ou prosa para desafiar as lágrimas.

— Minhas vituperações são justas — disse Agitadas — e minha opinião é que quem provoca o riso aos amigos, comete uma ação mais criminosa do que o que lhes provoca as lágrimas. Se raciocinardes retamente, conhecereis que falo verdade. Não é sem fazer chorar seus filhos, que os pais lhes comunicam os ditames da prudência; não é sem fazer chorar seus discípulos, que os mestres lhes dão a útil instrução. As leis também fazem chorar os cidadãos, obrigando-os a ser justos. E poderíeis vós dizer que os que movem o riso fazem os homens vigorosos ou os fazem mais aptos para a administração particular ou pública?

— Vós, Aglaitadas, — disse então Histaspes — se quiserdes seguir meu conselho, com os inimigos tentareis de boa vontade fazer distribuição do choro, que julgais de tanto preço; e conosco que somos amigos repartireis com liberalidade o riso, que tanto desprezais. Hás de ter grande provisão dele em depósito, visto que o não consumis com os vossos amigos nem com vossos hóspedes. Portanto nenhum pretexto vale para no-lo não liberalizar.

— Vós quereis — disse Aglaitadas — tirar de mim matéria para vosso divertimento?

— Por Júpiter — respondeu o logago — isso era uma loucura. De vós mais fácil é tirar uma faísca de fogo, do que um ar de riso.

A este tempo todos os que conheciam o gênio de Aglaitadas riram, e o mesmo Aglaitadas não pôde deixar de sorrir.

— Injusto logago — disse então Ciro — corrompeis este homem tão sério, fazendo-o rir, sendo ele inimigo do riso.

Assim acabou esta cena. Então, Crisantas tomou a palavra e disse:

— Ó Ciro e vós todos que vos achais presentes, estou persuadido que nossos soldados não têm todos o mesmo valor; mas no caso de bom sucesso, todos hão de

querer igual galardão. Ora, nada julgo mais injusto do que serem o forte e o fraco igualmente galardoados.

— Camaradas, a este respeito o melhor é ouvir o voto do exército; o qual decidirá, se, no caso de vitória, releva conferir a todos iguais galardões, ou serem estes segundo o valor de cada um.

— Mas para que haveis — disse Crisantas — de consultar o exército, e não prescrever logo como se há de fazer? Pois não tendes já instituído jogos e proposto prêmios?

— Aqui não se dá o mesmo caso — respondeu Ciro — o fruto desta expedição, obtido pelo trabalho dos soldados, será, segundo me parece, por eles considerado como coisa que lhes pertence. Enquanto a promoções posso fazê-las sem que eles me tachem de injusto, porque reconhecem em mim o direito de governá-los, atenta minha hierarquia.

— Pensais — disse Crisantas — que o exército reunido decide que as honras e dádivas sejam distribuídas segundo o mérito de cada um?

— Assim me parece — respondeu Ciro — não só porque da vossa parte haveis de aprovar a utilidade desta medida, mas também porque eles hão de envergonhar-se de se opor a que tenham maior galardão os soldados que tiverem feito mais relevantes serviços ao Estado. E penso que até os mais fracos hão de aplaudir esta medida em prol dos mais valorosos.

Era mormente por causa dos homotimos que Ciro queria fazer passar esta lei. Estava persuadido que eles se fariam mais valorosos se soubessem que a recompensa havia de emparelhar com seus atos de valor. E agora lhe parecia a ocasião de colher os votos, enquanto os homotimos estavam receosos de serem remunerados com os mesmos prêmios que a multidão. Todos, que estavam na barraca, eram de opinião que o objeto fosse submetido a discussão, e diziam que seria aprovado por todos que tinham consciência de seu valor. Então um taxiarca disse com certo ar de riso:

— Eu conheço um soldado raso que opinará pela desigualdade de distribuição.

Logo um perguntou quem era.

— É um camarada meu que sempre quer ter maior quinhão que os mais.

Logo outro perguntou:

— Também quer ter maior parte no trabalho?

— Isso não. Fui apanhado em mentira. Com toda a complacência ele concede que os outros tenham maior parte nos trabalhos.

Então Ciro recitou este discurso:

— Amigos, para ter um exército vigoroso e obediente, entendo que soldados tais como esse devem ser reformados; porque a generalidade dos soldados sendo tal que vão para onde os conduzem, homens virtuosos conduzi-los-ão à virtude, homens viciosos ao vício, os quais muitas vezes alcançam maior séqüito que os virtuosos. O vício, caminhando por uma estrada cheia de delícias, facilmente persuade a segui-lo; a virtude, indo por lugares escarpados, tem grande dificuldade em atrair os homens, especialmente quando outros os convidam para uma estrada de fácil trânsito, em tudo suave. Ora, os que são viciosos unicamente por covardia e indolência, eu os comparo aos zangãos, que prejudicam seus companheiros na repartição de víveres: mas os que além de serem indolentes reclamam com despejo maior recompensa, dão terrível exemplo a seus camaradas. E como muitas vezes estes homens viciosos ganham certa influência entre os outros, com todo o empenho é preciso bani-los do corpo do exército. Não cureis de preencher as companhias com cidadãos; de todas as nações alistai os mais robustos, que mais honra vos dêem; assim como fazeis a respeito dos cavalos, desprezando os do reino, e escolhendo os melhores. Quero provar com exemplos a utilidade desta doutrina. Como pode correr com velocidade um carro puxado por cavalos vagarosos? Como pode reinar a justiça em um exército, sendo injustos os soldados? Como é possível ser uma casa bem administrada, se forem maus os domésticos? Quão menor dano recebe, não os tendo, do que tendo domésticos injustos que a perturbam? Amigos, deveis saber que aproveita a expulsão dos soldados viciosos, não só por se ficar livre deles, mas os que ainda restarem com algum vício tratarão de expurgar-se; e os virtuosos, vendo os viciosos cobertos de opróbrio, continuarão a cultivar a virtude com muito maior ardor.

Ciro pôs termo ao seu discurso, que mereceu a aprovação de todo o auditório.

Ciro entrou de novo a gracejar. Tendo notado que um logago fizera sentar junto de si um homem de longas barbas e de mui feio semblante, chamou-o pelo seu nome e lhe disse:

— É por sua gentileza que vós, Sambaulas, à maneira dos gregos, trazeis em vossa companhia este mancebo, que se sentou ao vosso lado?

— É verdade, folgo muito com sua presença e convivência.

Ao ouvirem estas palavras todos olharam para o tal mancebo, e vendo sua extrema fealdade puseram-se a rir.

— Ó Sambaulas — disse um deles — que serviço vos prestou este homem para captar a vossa afeição?

— Eu vo-lo digo, camaradas. Â minha chamada, ou fosse de dia ou de noite, nunca este homem alegou o menor pretexto, e sempre a passos acelerados me

obedecia. Intimadas minhas ordens, nunca vi que ele as executasse sem suar. Demais, com exemplos e não com palavras fez que os doze se conformassem com ele em obedecer com a mesma pontualidade.

— Oh, tendo ele tão grandes qualidades — disse um dos circunstantes — não o beijais, como se faz entre parentes?

— Não — acudiu o feio — ele não gosta de trabalhos penosos. Se ele me beijasse, isso faria as vezes de todos os exercícios.

Desta maneira se entretinham em assuntos sérios e jocosos. Finalmente feitas as terceiras libações, e invocados os deuses, dissolveu-se a assembléia e cada um se recolheu ao seu leito.

Discussão concernente aos prêmios com que deviam ser recompensados os serviços

No dia seguinte, Ciro reuniu seus soldados e lhes falou assim:

— Amigos, está a chegar o dia da batalha, os adversários vêm-se aproximando. Se ficarmos vitoriosos, cairão em nosso poder as pessoas e os tesouros de nossos inimigos; se formos vencidos (também nos devemos lembrar disso) tudo que possuímos irá parar às mãos dos inimigos. Portanto é preciso saber que quando os combatentes estão persuadidos que não poderão obter o triunfo sem que cada um ponha de sua parte todos os esforços, o triunfo é infalível; porque, em tal caso, tudo que é necessário fazer-se tem pronta execução. Pelo contrário, se cada um dos soldados pensar que pode entregar-se ao descanso, porque os outros suprirão suas faltas, sabei que todos eles experimentarão todos os males reunidos. Os deuses têm estatuído que os que carecem de estímulos para agir com valor sejam mandados por outros. Portanto levante-se algum de vós e declare que meios julga mais favoráveis para animar os soldados à pratica de ações valorosas, se conferindo os prêmios aos que maiores perigos arrostarem, se premiando a todos sem distinção.

Levantou-se o homotimo Crisantas, homem de fraca estatura e pouca gentileza, mas de consumada prudência, e assim falou:

— Estou na persuasão, ó Ciro, de que discutis esta matéria, não porque pensais que os maus e bons devam ser igualmente recompensados, mas para experimentar se haverá alguém que sinta que sem praticar nenhuma ação meritória, deve ter parte nos bens obtidos pelo valor dos outros. Eu não tenho pés velozes nem mãos robustas; por isso, a ser julgado por minhas ações corpóreas, não poderei ser o primeiro, nem o segundo, e parece-me que nem o milésimo e talvez nem o décimo milésimo. Mas estou bem certo que, se os mais vagarosos se houverem com coragem, também eu terei a parte que por justiça me pertencer; porém, se os covardes nada fizerem, e agirem sem

coragem os que têm forças e valor, receio ter quinhão diverso dos que a vitória costuma dar, e quinhão mais avultado do que eu quereria.

Acabado o discurso de Crisantas, levantou-se Feraulas, com cuja familiaridade Ciro se aprazia, apesar de sua baixa estirpe. Sua presença era grave e indicava grande coragem. Feraulas falou assim:

— Ó Ciro e mais persas, que presentes vos achais, agora penso eu que todos nós somos igualmente concitados a porfiar pelo prêmio, que há de adjudicar-se aos feitos de valor. O mesmo alimento é para todos, todos têm entrada nas mesmas assembléias, a todos são propostas as mesmas recompensas, a obrigação de obedecer aos superiores a todos é prescrita, e noto que Ciro condecora a pontual obediência. Mostrar denodo no campo da batalha não é caracter que convenha a um e a outro não, em todos é reputado do maior mérito. Agora se nos apresenta um modo de pelejar em que todos os homens são versados naturalmente, assim como também os animais têm cada um sua maneira de combater, ensinada pela natureza. Assim o boi fere com o chavelho, o cavalo com as patas, o cão com a boca, o javali com as presas. Todos eles sabem evitar os golpes, e isto sem ter freqüentado um só mestre. Por isso desde a infância eu sabia aparar os golpes de que era ameaçado, e na falta de outra coisa em que os aparasse, estendia os braços e impedia os golpes quanto me era possível. Ninguém me ensinava isto: pois até era castigado quando o fazia. Sendo eu ainda criança, onde quer que visse uma espada, lançava mão dela, sabia por onde a havia de segurar, ensinado só pela natureza, como vos digo. Esta e outras coisas fazia eu sem permissão de meus pais, mas compelido pela força do instinto. Se estava em lugar retirado, tudo a que eu podia chegar era vítima dos golpes de minha espada; e isto, além de me ser natural, como o andar e correr, era objeto de prazer. Ora, já que temos armas para cujo uso se requer mais ânimo que arte, por que não havemos de entrar com vontade em emulação com os homotimos? Os prêmios de valor são iguais, e todavia não é igual a fortuna que vamos expor ao perigo: eles expõem uma vida cheia de honras, que são o maior prazer do humano existir; nós só expomos uma vida obscura, cheia de trabalhos, dificílima de levar. O que em mim principalmente gera maior emulação, é que Ciro há de ser o juiz, Ciro que não julga com inveja, Ciro, atrevo-me a jurá-lo, que não estima menos os soldados valentes do que a si próprio, e que tem mais satisfação em repartir com eles seus bens do que em desfrutá-los ele próprio. Eu bem sei que os homotimos se ufanam de ter aprendido a suportar a fome, a sede, o frio; ignoram que também isso nos foi ensinado pela mais hábil mestra, qual é a necessidade. É verdade que eles também trazem armas; porém tem-se aplicado toda a indústria a serem mui leves. A nós, obrigados a andar e a correr com grande peso de armas, já estas nos parecem antes asas do que cargas. Enfim, declaro, Ciro, que hei-de exigir uma recompensa que esteja em harmonia com os serviços que prestar. A vós, companheiros, exorto-vos a entrar na lide com os homotimos, que estão empenhados em contender conosco.

Acabando Feraulas de falar, levantaram-se muitos para apoiar os discursos de

ambos os oradores; e foi assentado que os galardões se conferissem segundo o mérito de cada um, e Ciro fosse juiz. Assim terminou este negócio.

Exercícios militares à imitação de batalhas campais

Passado algum tempo, Ciro convidou para uma ceia um taxiarca com toda a sua companhia. Tinha ele visto que este taxiarca dividira sua gente em dois grupos, e os postara em ordem de batalha um de cada lado. A toda a companhia deu lorigas e escudos: a um dos grupos forneceu canas grossas, a outros disse que apanhassem torrões e atirassem. Estando tudo pronto, deu sinal para começar a briga. Então os que despediam torrões, com eles iam acertar nas lorigas, escudos, coxas e pernas de seus antagonistas: mas ao aproximarem-se uns dos outros, o grupo armado de canas feria as coxas, as mãos, as pernas dos contrários, e também o dorso e as orelhas dos que se abaixavam para apanhar torrões: e por fim os iam perseguindo com grande hilaridade e dando fortes gargalhadas. Os soldados perseguidos por seu turno se armavam de canas e faziam o que lhes acabavam de fazer. Ciro folgava muito, notando a indústria do taxiarca, e a obediência dos soldados, advertindo que estes exercícios adestravam e divertiam os soldados, e também que ficavam vencedores os que vinham armados como os persas. Convidou-os para a ceia, e, vendo uns com as pernas outros com as mãos ligadas, perguntou o que lhes tinha acontecido. Responderam que tinham sido feridos com torrões. Tornou a perguntar se quando estavam perto ou longe de seus adversários. Responderam que quando estavam longe, e que ao aproximarem-se, tudo era divertimento. Os que tinham sido feridos com canas, clamavam que para eles não fora divertimento, e ao mesmo tempo mostravam as feridas, uns nas mãos, outros no pescoço, alguns no rosto. Então, como era natural, puseram-se a rir uns dos outros. No dia seguinte viu-se o campo cheio de soldados entregues ao mesmo exercício; e se entregaram todos a ele, sempre que não havia objeto mais sério em que cuidar.

Um dia viu que um taxiarca vinha da parte do rio para o jantar com sua companhia, toda formada em uma coluna, e, quando julgou a propósito, ordenou que a segunda, terceira e quarta coortes avançassem, e que cada um dos logagos dividisse em duas partes sua coorte, de modo que os decadarcas vinham a ficar na primeira linha. Ordenou depois que tornassem a dividir suas coortes, de maneira que também os pentadarcas vinham a ocupar a primeira linha. Chegando à porta da tenda, mandou que fossem entrando nesta ordem, a primeira coorte, a segunda, a terceira e quarta, e na mesma ordem os fez apresentar à mesa. Ciro, penhorado da paciência, disciplina e zelo do taxiarca, o convidou para a ceia com toda a sua companhia. Então outro taxiarca, que ali se achava, disse para Ciro:

— Não convidais também a minha companhia? Ela tem os mesmos exercícios antes da ceia, e acabada esta, o oficial da última coorte sai em primeiro lugar, de maneira que os soldados da retaguarda vão agora ocupando a vanguarda. Segue-se a

segunda coorte, depois a terceira, depois a quarta. Destarte aprendem a fazer uma retirada em ordem. Quando saímos a passeio, se marchamos para o oriente, coloco-me eu à frente, e segue-me a primeira coorte, depois a segunda, terceira e quarta, as decúrias e quincúrias; se vamos para o ocidente, são os últimos soldados que marcham à frente. Apesar desta inversão, que me põe na retaguarda, todos me obedecem igualmente; e acostumam-se assim a marchar em todos os postos, com a mesma obediência.

— Ordenais sempre essas evoluções? — perguntou Ciro.

— Todas as vezes que vamos cear.

— Eu vos convido, pois, visto que exercitais os soldados antes e depois da ceia, de dia e de noite; com o exercício lhes aumentais as forças do corpo, com a disciplina as da alma. E tendo vós feito evoluções duplas, é também justo que tenhais um banquete duplo.

— Mas não há de ser no mesmo dia, só no caso que nos deis estômago duplo.

Tal fim teve esta reunião. No dia seguinte e no imediato, Ciro convidou esta companhia, como tinha prometido; e as outras, aspirando a igual honra, trataram de imitá-la.

Ciaxares e Ciro dão audiência aos embaixadores da Índia — Determina-se uma expedição contra a Armênia

Um dia que Ciro passava revista às suas tropas, chegou um mensageiro de Ciaxares, que lhe dava notícias da vinda de uma embaixada da Índia, e lhe ordenava que voltasse quanto antes.

— Por ordem de Ciaxares — disse o mensageiro — trago-vos aqui um riquíssimo fato. Ele quer que vos apresenteis aos embaixadores luzidissimamente vestido, para que eles notem como vós lhes apareceis.

Ciro ordenou ao primeiro taxiarca que se postasse a frente, formando a companhia em uma só coluna, e colocando-se à direita. Depois mandou ao mesmo que intimasse esta ordem à segunda, e desta maneira fosse passando por todas elas. Assim se executou prontamente. Em pouco tempo o exército apresentava trezentos de frente, que era o número dos taxiarcas, e cem de fundo. Formado assim o exército, postou-se à frente e principiou a marchar aceleradamente. E advertido que pela rua que deitava para o palácio não cabiam trezentos homens de frente, mandou que as primeiras dez companhias o seguissem, atrás destas fossem as dez imediatas, e assim

sucessivamente. Despediu dois ajudantes para a boca da rua, a fim de anunciar o que deviam fazer no caso que o ignorassem. Chega às portas de Ciaxares, e manda que o primeiro taxiarca forme sua companhia com doze de fundo, e coloque à frente os dodecarcas junto do palácio. Esta ordem passou às outras companhias e foi executada. Ciro entrou no palácio, e todo vestido à persa, apresentou-se a Ciaxares. Este, assim que o viu, folgou de sua prontidão, pelo contrário da simplicidade de seu vestuário e disse-lhe:

— Porventura quereis aparecer dessa maneira aos índios? Eu desejava que vos apresentásseis primorosamente vestido. Era honra para mim verem eles um sobrinho meu com toda a magnificência.

Ao que Ciro replicou:

— Porventura se me apresentasse vestido de púrpura, adornado de braceletes e colares, mas não prontamente, honrava-vos mais do que obedecendo-vos com tanta prontidão e com um exército tão numeroso e tão bem disciplinado, ornado eu e meus soldados com os enfeites do suor e da diligência?

Ciaxares, vendo a solidez destas reflexões, mandou entrar os índios. Estes disseram:

— Somos enviados pelo rei da Índia, que manda saber qual é a causa da guerra entre os medos e os assírios. Ouvida a vossa resposta, partiremos para a Assíria, para nos informarmos do mesmo. Também vimos encarregados de declarar a ambos que nosso soberano seguirá a parcialidade do ofendido.

— Nós — respondeu Ciaxares — não ofendemos o rei da Assíria. Ide, e ouvi o que ele diz.

Ciro perguntou se lhe era lícito fazer uma advertência, e com permissão de Ciaxares, falou assim:

— Dizei ao rei dos índios (no caso que mereça a aprovação de Ciaxares) que nós o elegemos para juiz de nossa contenda, se o assírio declarar que foi por nós ofendido.

Acabada a audiência, ausentaram-se os embaixadores. Saíram os índios, e Ciro falou assim:

— Ciaxares, quando saí da pátria, não trouxe comigo muito dinheiro, e só me resta uma pequeníssima parte. Gastei-o com os soldados. Talvez o que digo vos espante, fornecendo vós seu sustento; mas notai que o consumi em honras e liberalidades com os soldados de merecimento somente. Estou persuadido que todos que quiserem ter bons companheiros em seus trabalhos, consegui-lo-ão melhor com

exortações e benefícios do que obrigando e maltratando. Do mesmo modo, o general, para ter soldados animosos, há de captar sua afeição com bons modos e liberalidades. O general deve procurar que os soldados lhe sejam afetos, não invejem sua próspera fortuna nem o desamparem na adversa. Pensando assim, vejo que preciso de dinheiro; mas, neste caso, sendo tão grandes vossas despesas, não tem lugar recorrer só a vós. Consideremos nós ambos o objeto de maneira que vós não venhais a sentir a míngua de dinheiro; pois bem sei. que, estando providos vossos cofres, também não sentirei sua falta, especialmente sendo para fins que revertam em proveito vosso. Há pouco vos ouvi dizer que o rei da Armênia começou a tratar-vos com desprezo, quando teve notícia que os inimigos marchavam contra nós; que não enviou tropas nem pagou o tributo que devia.

— É verdade, mas eu não sei se é melhor partir contra ele e obrigá-lo a satisfazer o tributo, se deixá-lo por enquanto, para não dar lugar a que ele vá aliar-se com os outros inimigos.

— Seus territórios estão abertos?

— Não são muito fortificados. Há porém montanhas onde pode pôr-se em segurança a si e seus tesouros, salvo no caso de um apertado bloqueio, como outrora fizera meu pai.

— Se me quiserdes enviar com suficiente número de cavaleiros, cuido que com o socorro dos deuses hei-de conseguir que ele vos mande tropas e vos pague o tributo; e até espero que há de tornar-se mais nosso amigo do que agora é.

— Estou convencido que ele mais depressa há de ceder a vós do que a mim. Tenho ouvido dizer que alguns de seus filhos foram vossos companheiros na caça e por isso é provável que vão ter convosco; e ficando estes em vosso poder, as coisas correrão à medida de nossos desejos.

— Parece-vos que devemos ocultar este projeto?

— Sim, para os apanhar desprevenidos.

— Ouvi, pois, se quereis saber minha opinião. Muitas vezes tenho caçado nas fronteiras que separam vosso reino do da Armênia, e já tenho levado alguma cavalaria vossa.

— O mesmo podeis agora fazer sem produzir desconfiança aos inimigos; mas se levardes mais tropas do que costumais, infalivelmente suspeitarão.

— Mas que belo pretexto até para os nossos! Anunciar-se-á que eu projeto uma grande caçada, e publicamente pedirei parte de vossa cavalaria.

— Dizeis muito bem. Eu só vos darei um pequeno número de cavalos,

declarando que tenciono ir aos castelos que demoram do lado da Assíria; e na verdade eu quero ir fortificá-los o mais que for possível. Mas quando partirdes com vossas tropas e tiverdes caçado dois dias, enviar-vos-ei suficiente número de cavalos e infantes, com que vós logo vos poreis em marcha. Eu, com as restantes forças, postar-me-ei perto, para me apresentar quando for preciso.

Logo Ciaxares reuniu sua cavalaria e infantaria, e mandou adiante para os castelos carros de víveres. Ciro fez sacrifícios pela boa jornada e mandou pedir a Ciaxares os cavaleiros mais jovens; mas não obstante a vontade de muitos, só um pequeno número lhe foi concedido.

Ciaxares e Ciro partem para a Armênia sob o pretexto de uma caçada

Já Ciaxares ia avançando para os mencionados castelos com suas forças de pé e de cavalo, quando Ciro, depois de sacrificar aos deuses pela felicidade da expedição da Armênia, partiu, como se fora uma caçada. Pouco tinha marchado quando uma lebre ia fugindo, e uma águia que ia voando com bom agouro, baixou sobre ela, arrebatou-a nos ares, e sobre um outeiro devorou a presa. Ciro folgou com este prodígio, adorou Júpiter, e disse para quem estava presente:

— A caçada será feliz, se Deus quiser.

Chegando às fronteiras, deu princípio à caçada, como costumava. O grosso da infantaria e cavalaria foi adiante bater a caça, enquanto que gente escolhida topava com os animais que iam fugindo, perseguia-os, e assim apanhava muitos javalis, veados, cabras monteses e asnos bravios. Desta última espécie de animais ainda hoje há muitos nestes lugares. Concluída a caçada, aproximaram-se das fronteiras da Armênia e cearam. No dia seguinte tornaram a caçar, chegando aos montes que desejavam, e cearam, terminada a caçada. Advertido que o exército de Ciaxares vinha chegando, lhe enviou um mensageiro, solicitando que ceassem na distância de duas parasangas. Pensava que assim surpreenderia o inimigo. Também pedia ao chefe viesse juntar-se com ele tanto que a ceia terminasse. Depois da ceia convocou os taxiarcas, e presentes que eles foram, lhes falou assim:

— Amigos, o rei da Armênia era antes aliado e tributário de Ciaxares; agora, como vê que os assírios nos fazem guerra, não quer fornecer tropas nem pagar o tributo. É ele que havemos de caçar, e eu vou dizer como devemos agir. Vós, Crisantas, depois de algum repouso, marchai com metade do exército persa, e ide ocupar as montanhas para onde dizem que o rei costuma fugir quando se vê em perigo. Dar-te-ei guias. Dizem que aquelas montanhas são mui silvosas, de maneira que não podem observar vossos movimentos. Todavia despedi adiante do exército alguns soldados velozes, que no trajo e número possam ser tidos por ladrões, os quais, se

encontrarem alguns armênios, apanharão os que puderem, evitando assim que eles vão dar parte a seus compatriotas, e os que não puderem aprisionar, afugentá-los-ão aterrados, de sorte que, não podendo eles ver o grosso do exército, só tomarão medidas relativas a ladrões. Eis o papel que tendes de representar. Eu, apenas clarear o dia, pondo-me à frente de metade da infantaria e de toda a cavalaria, marcharei pela planície para o palácio do rei. Se se opuser, necessário é combater: se se retirar, é preciso persegui-lo; se fugir para as montanhas, pertence-vos não deixar escapar um só armênio. É uma verdadeira caçada; nós batemos o campo, vós armais as redes. Lembrai-vos que, antes de agitar a caça, é necessário impedir todas as passagens, e que os caçadores que as ocuparem devem estar escondidos para os animais não retrocederem.

— Crisantas, não façais agora o que algumas vezes fazíeis pela paixão que vos dominava pela caça. Muitas vezes passastes toda a noite sem pregar olho. É preciso dar algum repouso aos soldados, para que possam resistir ao sono. Vós também sem guias costumáveis andar divagando por cima das montanhas, e correr sobre os animais para onde quer que eles fugissem. Agora não entreis em lugar de difícil trânsito, ordenai a vossos guias que vos conduzam pelo caminho mais fácil, no caso que não haja outro muitíssimo mais curto. Para um exército o mais curto é o mais suave. Não corrais, como costumais, por cima dos montes, adotai marcha moderada. Também é bom que alguns soldados mais fortes e velozes algumas vezes façam alto; os quais, passado que for o exército, acelerem o passo e animem os outros a segui-los.

Acabado este discurso, Crisantas, ufano com a missão de que Ciro acabava de onerá-lo, recebeu os guias, deu as ordens necessárias aos que haviam de partir com ele e entregou-se ao repouso. E depois que dormiu algum tempo, marchou para as montanhas.

Ao alvorecer, Ciro enviou ao rei da Armênia um arauto com esta ordem:

— Ciro vos ordena que quanto antes lhe forneçais tropas, e vades pagar-lhe o tributo. Se vos perguntar onde eu estou, dizei-lhe a verdade, que nas fronteiras. Se vos perguntar se marcho pessoalmente, dizei-lhe também a verdade, que não sabeis. Se vos perguntar quais são nossas forças, dizei-lhe que mande convosco alguém para se informar.

Ciro houve por mais humano prevenir assim o rei da Armênia. E dispostas o melhor possível suas tropas para marchar e para combater, se necessário fosse, começou a marcha. Deu ordem aos soldados para que a ninguém maltratassem, e quando encontrassem algum armênio, lhes infundissem confiança, e os exortassem a vir ao seu acampamento vender comestíveis e bebidas.

LIVRO III

Prisão do rei da Armênia e de toda a sua família — Seu julgamento — O rei da Armênia declara-se aliado de Ciro — Ciro e Tigranes, filho do rei da Armênia, fazem uma expedição contra os caldeus — O rei da Armênia vem ter com Ciro — Fundação de um castelo — Paz com os caldeus — Ciro parte da Armênia para a Média — Depois de várias disposições Ciro entra na Assíria — Batalha entre os medos e os assírios — Os medos ficam vitoriosos.

Prisão do rei da Armênia e de toda a sua família — Seu julgamento — O rei da Armênia declara-se aliado de Ciro

Ciro ia marchando. O rei da Armênia, assim que ouviu da boca do arauto a ultimação de Ciro, refletiu em seu injusto comportamento, não pagando o tributo nem enviando tropas, ficou aterrado: e subia de ponto seu terror quando considerava que em breve se saberia que ele principiava a pôr seu palácio em estado de defesa. Nesta situação congrega suas tropas e envia para as montanhas Sabaris, seu filho mais moço, suas filhas, sua mulher, sua nora e as alfaias de mais preço. Despediu exploradores, que espreitassem os movimentos de Ciro, e entretanto alistava os armênios, que se achavam presentes: mas eis que vêm dizer-lhe que Ciro estava próximo. Longe de pensar em vir a braços, retira-se; o que vendo os armênios, retiram-se também para suas casas para pôr seus bens em segurança. Ciro, vendo-os espalhados pela planície, publicou que os que se deixassem ficar não seriam tratados como inimigos, e pelo contrário os que fugissem. Muitos se deixaram ficar; outros foram seguindo o rei. Os que acompanhavam as mulheres, topando com a divisão de Crisantas, que ocupava a montanha, gritaram, e deitando a fugir, caíram em grande número no poder dos adversários. Não escaparam o filho do rei, as mulheres, as filhas e todas as riquezas que levavam. Com esta notícia, não sabendo o rei dar-se a conselho, fugiu para um outeiro. Então Ciro cercou o outeiro, mandou dizer a Crisantas que deixasse um presídio no monte, e viesse unir-se com ele.

Entretanto que o exército se congregava, Ciro enviou um arauto ao rei da Armênia com ordem de lhe perguntar assim: — “Porventura quereis combater com a fome e sede, deixando-vos estar aí, ou desceis para combater conosco?” Respondendo ele que nem uma nem outra coisa queria, Ciro tornou a mandar-lhe perguntar:

— Para que estais aí posto e não desceis para a planície?

— Porque não sei o que hei-de fazer.

— Não deveis vacilar; podeis descer para se vos fazer justiça.

— E quem é o juiz?

— Está claro que aquele a quem Deus concedeu um poder absoluto sobre vós.

Então o rei, forçado pela necessidade, desceu à planície, e Ciro o meteu a ele é toda a sua comitiva no meio do exército, que já estava todo reunido.

A este tempo chegava de uma viagem Tigranes, filho mais velho do rei, que na caça já fora companheiro de Ciro. Informado do que tinha acontecido, imediatamente foi ter com Ciro, e vendo seu pai, mãe, irmãos, esposa, todos cativos, não pôde, como era natural, conter as lágrimas. Ciro, sem outra demonstração de afeto, lhe diz;

— Vindes em boa ocasião para assistirdes ao julgamento de vosso pai.

E logo convocou os cativos persas e medos, e também os armênios mais distintos, e sem mandar retirar as mulheres que estavam em seus carros, consentiu que todos o ouvissem. Estando tudo pronto, Ciro falou assim:

— Primeiro que tudo, aconselho-vos a falar verdade em todo este processo, para que não cometais o maior dos delitos: bem sabeis que a mentira é o maior dos obstáculos para obter perdão. Vossos filhos, estas mulheres e os armênios que presentes estão, conhecem vosso comportamento. Se vos ouvirem mentir, eles mesmos pensarão que pronunciais contra vós a mais severa sentença, se chego a descobrir a verdade.

— Perguntai, e eu responderei a verdade, aconteça o que acontecer.

— Dizei, pois. Algum tempo fizestes guerra a Astíages, meu avô materno, e aos medos?

— Sim, fiz.

— E vencido por ele não pactuastes pagar-lhe um tributo, fornecer-lhe tropas, quando vo-las exigisse, e não ter lugares fortificados?

— Assim é.

— E agora por que não pagais o tributo e nem forneceis tropas, e fortificais lugares?

— Impeliu-me a isso o amor da liberdade, que eu desejava restaurar, e legar a meus filhos.

— De feito, é honroso para o homem o desejo de pelejar com o fim de não vir a cair na escravidão; mas depois de vencido e escravizado, dizei-me como procederíeis com ele, no caso que se revoltasse contra seus senhores; honrá-lo-íeis como a um

homem assisado, ou castigá-lo-íeis por injusto, se o colhêsseis às mãos?

— Castigava-o. Não consentis que eu minta.

— Respondei claramente a estas perguntas. Se um general vosso cometesse um crime, deixá-lo-íeis gozar de suas honras, ou substitui-lo-íeis por outro?

— Substituía-o.

— Se tivesse muitas riquezas, consentiríeis que ele as desfrutasse, ou reduzi-lo-íeis à pobreza?

— Tirava-lhe tudo que ele possuísse.

— E se viésseis a saber que ele tinha correspondências com os inimigos?

— Condenava-o à morte. Não é pois melhor morrer falando a verdade do que convencido de mentiroso?

A estas palavras seu filho arrancou da cabeça a tiara e rasgou a roupa. As mulheres feriam-se e levantavam grande alarido, como se já seu pai estivesse morto e elas todas perdidas.

Ciro mandou impor silêncio, e continuou a falar:

— Ó armênio, escorado nessas vossas bases de justiça, aconselhai-me o que devo fazer.

O rei calou-se, duvidoso, se aconselharia a Ciro que proferisse contra ele sentença de morte, ou se retratasse o que tinha dito. Então, Tigranes interrogou Ciro:

— Visto que meu pai está vacilante, concedeis que a seu respeito vos dê um conselho salutar?

Ciro, recordando-se que, quando fora seu companheiro na caça, Tigranes costumava trazer consigo um sofista a quem admirava, desejou por isso ouvi-lo, e imediatamente lhe disse que expusesse o que entendia.

— Eu — disse Tigranes — aconselho-vos a imitar meu pai, se aprovais seus feitos e seus projetos; e não imitá-lo, se vos parece que ele procedeu erradamente.

— Na prática da justiça de maneira nenhuma hei-de imitar um criminoso.

— Assim deve ser.

— Portanto, segundo vosso mesmo discurso, vosso pai deve ser castigado, se é

justo castigar um criminoso.

— Mas vós, Ciro, quereis que as punições redundem em vosso proveito ou em vossa desvantagem?

— Neste último caso punia-me a mim mesmo.

— Pois vós fazeis a vós mesmo um grande dano, se entregardes à morte gente que está sob vosso poder, quando vos releva muito sua conservação.

— Que grande importância pode ter a conservação de homens injustos!

— Sim, no caso que ainda venham a ser justos. Sem justiça, tenho para mim que todas as outras virtudes são sem preço. Ora, se não for justo, que proveito poderá vir de um homem forte, animoso, perito na arte eqüestre, rico, poderoso? Pelo contrário, sendo justo, todo amigo é útil, todo servo é bom.

— Quereis, pois, dizer, que em um só dia vosso pai, de injusto que era, se fará justo?

— É verdade.

— Vós cuidais que a justiça é uma paixão de alma, como a tristeza, e não uma virtude que se aprende. Mas para ser justo é preciso ser prudente, e um homem imprudente não pode de repente fazer-se justo.

— Ora, ainda não vistes, Ciro, um homem combater imprudentemente com outro mais forte, ficar vencido, e desde então não cometer outra imprudência igual? Não tendes visto, que de duas cidades em luta, a que fica vencida obedece logo à outra?

— Mas que detrimento experimentou vosso pai, para vós assegurardes que ele se fará justo?

— Pensar que, buscando a liberdade, caiu na escravidão; não conseguir bom resultado de seus desígnios, quer secretos, quer manifestos; tê-lo vós enganado com a facilidade com que se engana um cego, um surdo ou um louco; ver que vós lhe ocultáveis vossos projetos, de maneira que nos lugares que ele tinha por mais seguros, aí mesmo o encerrastes, antes que ele percebesse. Enfim, contemplar que vós o excedestes em velocidade, de maneira que chegastes com um numeroso exército primeiro que ele reunisse as tropas que tinha em seu país.

— Esse detrimento, o conhecer a superioridade dos outros, parece-vos ser bastante para fazer os homens justos?

— Parece-me mais eficaz do que uma derrota em batalha campal. Um contendor que é vencido à viva força, depois de restaurar seu vigor, torna a entrar na arena; uma

cidade subjugada procura cobrar sua liberdade com o auxílio de seus aliados; pelo contrário, o homem que conhece a superioridade de outro, obedece-lhe sem violência.

— Vós pareceis não crer que os homens insolentes, os ladrões, os fraudulentos, os injustos, conhecem os que não têm os seus vícios. Não sabeis que vosso pai cometeu uma fraude, violando os pactos que fizera conosco, e não ignorando que nós sempre guardámos os que fizemos com Astíages?

— Eu também não digo que seja bastante o somente conhecer a superioridade dos outros, sem a circunstância de receber algum castigo, como está acontecendo a meu pai.

— A vosso pai ainda não aconteceu mal nenhum, e por isso sei que deve temer os últimos reveses.

— Pensais vós que alguma coisa oprime mais o homem do que o grande medo? Ignorais que o que é ferido pelo ferro, o que se julga ser o maior dos tormentos, quer outra vez entrar na luta? Pelo contrário os homens não podem olhar para aqueles que temem, ainda que estes lhes falem com termos afetuosos.

— Pensais, pois, que o medo do castigo confrange mais que o próprio castigo?

— Vós bem sabeis que eu digo a verdade. Conheceis quão grande mágoa se apodera do ânimo dos que temem ser expatriados, ser vencidos no combate, dos que temem o naufrágio, os ferros da escravidão: eles não podem comer nem dormir. Ora, os fugitivos, os que já estão vencidos, os já escravos, comem e dormem com mais satisfação que os homens felizes. Com exemplos mostra-se ainda mais claramente o grande peso que faz na alma o temor. Alguns delinqüentes, sendo presos, e temendo a morte, morrem de medo, uns precipitando-se, outros estrangulando-se, outros degolando-se. Assim, de todos os males nenhum mais que o temor acabrunha a alma: e tal é a paixão que aflige agora meu pai, que teme sua escravidão, a minha, a de sua esposa e de seus filhos.

— Assim o creio; mas é certo que o homem arrogante na prosperidade, submisso na adversidade, se cobra sua primeira fortuna, se ensoberbece, e outra vez exercita suas travessuras.

— Nossas culpas vos dão motivo para desconfiardes de nós; mas está da vossa parte fundar castelos, segurar-vos dos lugares fortes, e lançar mão de outros penhores de nossa lealdade. Não ouvireis por isso nossas queixas, porque nos lembramos que fomos a causa de vos haverdes assim. Se derdes a administração da Armênia a algum homem probo, e não mostrardes depositar nele toda a confiança, olhai, não lhe façais ao mesmo tempo o benefício, e atraiais sobre vós sua inimizade. E se com o intuito de evitar esta inimizade, lhe não impuserdes condições, para se não tornar insolente, olhai não vos venha a ser preciso empregar meios mais eficazes do que empregastes

conosco, para reduzi-lo a seus deveres.

— Com grande dificuldade me serviria de pessoas que obedecessem com constrangimento; aquelas, porém, que eu visse desempenhar seus cargos com verdadeiro afeto para comigo, nessas eu desculparia mais facilmente os defeitos do que nas que, aborrecendo-me, obedecessem todavia com pontualidade, mas forçadamente.

— Mas quem poderá em tempo algum dedicar-vos uma amizade mais estreita do que nós agora?

— Aqueles que nunca se portaram hostilmente comigo, no caso que eu queira beneficiá-los, como pedis que eu vos beneficie.

— Mas, Ciro, podeis porventura ser mais liberal para com alguém do que para com meu pai? Por deixardes viver um homem que nunca vos ofendeu, cuidais que este vos há de agradecer? Se lhe não tirar d es os filhos e a esposa, pensais que por isso vos há de ser mais grato do que aquele que conhece que com justiça lhe podem ser tirados? Quem sentirá mais do que nós, não possuirmos o reino da Armênia? E é claro que quem mais o sentir, mais grato será, vindo a possuí-lo. Quando partirdes, se quiserdes deixar a Armênia em sossego, refleti, se podereis consegui-lo melhor, introduzindo um novo governo, do que deixando persistir o antigo. Se quiserdes levar daqui um grande exército, quem será mais apto para escolher os soldados do que aquele que muitas vezes tem militado à sua frente? Se quiserdes dinheiro, quem poderá aprontá-lo com mais facilidade do que aquele que dirige os negócios do Estado? Ó, bom Ciro, olhai que para deitar-nos a perder, não causeis a vós mesmo maior detrimento do que meu pai poderia causar-vos.

Aqui Tigranes pôs termo ao seu arrazoado.

Ciro folgou muito de o ouvir, porque estava vendo realizar-se tudo que prometera a Ciaxares, Lembrava-se de ter dito que contava fazer do rei da Armênia um aliado mais fiel de que fora dantes. Em conseqüência disto novamente interrogou o rei de Armênia, desta forma:

— No caso que eu me conforme com as instâncias de vosso filho, dizei-me que tropas e que dinheiro me fornecereis para a guerra.

— Nada vos posso dizer de mais singelo, nem de mais justo, do que declarar-vos quais são minhas forças e meus cabedais, para tirardes o que for de vossa vontade.

— Explicai-vos, pois.

— Minhas forças são oito mil cavaleiros e quarenta mil infantes; enquanto a

cabedais, incluindo os tesouros que meu pai deixou, andam avaliados, em prata, por mais de três mil talentos.

— De vossas tropas, visto estardes em guerra com vossos vizinhos caldeus, fornecer-me-eis metade; de vossos cabedais, em vez de cinqüenta talentos, que pagáveis a Ciaxares, solvereis o duplo por terdes faltado ao pagamento. A mim emprestar-me-eis cem, os quais eu prometo, ajudando-me as divindades, satisfazer-vos, ou com mais eminentes serviços, ou com o mesmo dinheiro, se puder. Se o não fizer, é porque não posso, e não serei tachado de falto de fidelidade no pacto.

— Não me faleis assim, que desanimais minha confiança. Pensai que tudo que me deixardes não é menos vosso do que o que levardes.

— Assim será. Por quanto quereis remir, vossa esposa?

— Por quanto puder.

— E vossos filhos?

— Também por quanto puder.

— Prometeis o duplo de vossas posses. E vós, Tigranes, por quanto comprais a liberdade de vossa esposa?

Tigranes era casado de pouco tempo, e a amava sobremaneira: respondeu que até com a vida compraria sua liberdade; ao que Ciro redargüiu:

— Levai vossa esposa. Eu nunca a reputei escrava, por isso que vós nunca abandonastes nossa parcialidade. Vós, rei da Armênia, recebei também vossa esposa e vossos filhos em resgate, para que saibam que eu não vo-los entrego como escravos. Agora vamos cear, e depois da ceia cada una de vós pode ir para onde quiser.

Acabada a ceia, Ciro perguntou:

— Tigranes, que é feito daquele homem que vos acompanhava na caça, e a quem vós muito admiráveis?

— Ah! Pois não o condenou à morte meu pai?

— Por que delito?

— Corromper-me era o delito que meu pai lhe assacava. Mas era ele tão inculpado, que antes de expirar, me chamou e disse-me: "— Tigranes, não vos escandalizeis contra vosso pai por me condenar à morte, o que ele faz é por ignorância, não por maldade; e eu reputo involuntários os erros cometidos por

ignorância.”

— Coitado! — exclamou Ciro.

— Ó Ciro, — acudiu o rei — o que mata um adúltero não leva em vista fazer mais circunspecta sua mulher, mas é porque rouba a afeição que só a ele é devida. Foi também por ciúme que eu condenei esse homem, a quem me parecia que meu filho respeitava mais do que a mim.

— Vossa falta — tornou Ciro — é, pelos deuses, uma conseqüência da fragilidade humana. Tigranes, perdoai a vosso pai.

Concluído este diálogo, e assim reconciliados, subiram a seus carros, e se retiraram contentes. Chegando ao palácio, um gabava a sabedoria de Ciro, outro seu valor, qual sua brandura, qual sua beleza e estatura. A este tempo Tigranes perguntou a sua esposa Armênia se lhe parecera gentil a pessoa de Ciro.

— Eu não olhei para ele — respondeu Armênia.

— Então para quem olhastes?

— Para aquele que disse que compraria com a sua vida a minha liberdade.

Terminado este colóquio, entregaram-se ao repouso.

No dia seguinte o rei da Armênia enviou presentes a Ciro e a todo o exército. Passou ordem que os armênios que haviam de partir para a Pérsia se apresentassem em três dias, e enviou a Ciro a quantia dupla do dinheiro que este lhe pedira. Ciro recebeu a quantia que tinha exigido e tornou a remeter-lhe o resto. Ciro perguntou-lhe quem ia por chefe do exército armênio, se seu filho, se ele próprio.

— Irá quem vós determinardes — disse o rei.

— Eu, — disse o filho — nunca vos deixarei, Ciro, ainda que vá acompanhando a bagagem.

Ciro riu-se e exclamou:

— Quanto dais, Tigranes, a quem disser à vossa esposa que vós sois bagageiro?

— Não é preciso dizer-lho: ela há de acompanhar-me, e estará presente a todas as minhas ações.

— É tempo de fazer os preparativos.

— Ficai certo que nos apresentaremos com tudo que meu pai nos fornecer.

Então os soldados foram recebidos em aposentos e se entregaram ao sono.

Ciro e Tigranes, filho do rei da Armênia, fazem uma expedição contra os caldeus

Acompanhado de Tigranes, dos mais distintos cavaleiros medos e de alguns amigos seus, Ciro foi explorar o país, para escolher uma posição para a fundação de um castelo, e, chegando a um alto, perguntou a Tigranes quais eram os montes de onde os caldeus baixavam para fazer correrias na Armênia. Tigranes lhos indicou, e Ciro lhe perguntou se estavam desertos.

— Não — disse Tigranes — os caldeus sempre ali têm espias, que dão sinal do que observam.

— E que fazem eles quando são avisados pelos espias?

— Correm em sua defesa.

Ciro, depois de observar que grande parte do terreno estava erma e inculta, regressou a seu acampamento: os soldados cearam e se recolheram. No seguinte dia apareceu Tigranes acompanhado de quatro mil cavaleiros, dez mil arqueiros e igual número de peltastas.

Enquanto as tropas se iam reunindo, Ciro fazia sacrifícios aos deuses; e como estes se mostrassem favoráveis, convocou os capitães persas e medos, e lhes falou assim:

— As montanhas que daqui avistamos são dos caldeus. Se nos assenhorearmos delas, e fundarmos em seu cume um castelo, seremos respeitados por armênios e caldeus. As divindades mostram-se propícias. A presteza deve sobretudo acompanhar nossa coragem. Se nos anteciparmos aos inimigos em nossa marcha, ou havemos de ocupar o alto do monte sem descarregar um só golpe, ou teremos que entrar em ação com um pequeno número de adversários, e esses fracos. Nenhuma empresa será mais fácil e menos arriscada do que esta, havendo ânimo e agilidade. Correi, portanto, às armas. Os medos marchem pela esquerda, metade dos armênios pela direita, outra metade na vanguarda; e os cavaleiros, marchando na retaguarda, animem e apressem a marcha, não consentindo delongas.

Ditas estas palavras, Ciro formou o exército e postou-se à sua frente. Apenas observaram a rapidez de sua marcha, os caldeus deram sinal, e gritando uns para os outros, se começaram a reunir.

— Persas — exclamou Ciro — os inimigos advertem que nos apressemos. Se ganharmos primeiro que eles o alto do monte, debalde empenharão seus esforços.

Os caldeus usam de um escudo e duas lanças cada um. Diz-se que é a nação mais belicosa daquelas partes, e por seu valor e pobreza costumam assalariar-se nas expedições estrangeiras. Seu território, por ser montanhoso, é pouco abastado.

Como as tropas de Ciro se fossem aproximando do alto da montanha, Tigranes disse para Ciro:

— Sabeis que breve nos será preciso pelejar, porque os armênios não sustentam o ímpeto dos caldeus?

Ciro respondeu que bem sabia, e exortou os persas a prepararem-se para perseguir os inimigos, quando os armênios, fugindo por dissimulo, os trouxessem para perto. Marcham adiante os armênios, e os caldeus, ao verem-nos aproximar-se precipitam-se sobre eles com grande vozeria, como costumavam. Os armênios não aguardam o choque, os caldeus lhes vão nas espáduas, e vêm as outras forças correndo sobre eles com a espada em punho. Os caldeus que continuaram o alcance morreram; dos demais, uns fugiram, outros ficaram prisioneiros.

Senhores das montanhas os aliados, descobriam as habitações dos caldeus, e observavam que das casas mais próximas os moradores fugiam. Reunidas todas as tropas, cearam. Acabada a ceia, Ciro, que havia notado ser forte e bem provido de água o lugar onde estavam vigias dos caldeus, entendeu logo em construir ali mesmo um castelo. Pediu a Tigranes para mandar dizer a seu pai que viesse ter com ele com todos os carpinteiros e pedreiros que houvesse. Partiu o mensageiro, e entretanto deu começo à obra com os operários que consigo tinha.

A este tempo trouxeram à presença de Ciro os prisioneiros atados, alguns deles feridos. Ciro mandou desatá-los, chamou os médicos para curar os feridos, e lhes falou assim:

— Eu não vim com propósito de vos perder ou de vos fazer guerra: meu fim é firmar a paz entre os armênios e caldeus. Antes de me fazer senhor da montanha, sei que não vos importava a paz; porque fazíeis incursões nos campos dos armênios, estando em segurança os vossos. Agora, porém, reparai em vossa situação. Eu vos dou a liberdade, e vos envio para a vossa pátria, a fim de consultardes com vossos compatriotas se quereis guerra ou paz. No primeiro caso não volteis sem armas, se tendes juízo; no segundo vinde desarmados, e eu tomarei a peito pôr em segurança vossas coisas.

Os caldeus, depois de muitos louvores e agradecimentos, puseram-se a caminho.

O rei da Armênia vem ter com Ciro — Fundação de um castelo — Paz com os caldeus — Ciro parte da Armênia para a Média

Apenas noticiado do aviso de Ciro e do fim para que o solicitava, o rei da Armênia partiu com a maior velocidade, acompanhado de carpinteiros e munido dos materiais que lhe pareciam necessários. Logo que avistou Ciro, lhe falou neste teor:

— Quão pouco podemos nós conhecer o futuro, e a quão grandes empresas nos abalançamos! Eu, querendo recobrar a liberdade, caí, na escravidão, e quando me considerava perdido, achei-me mais afortunado que nunca. Enquanto aos caldeus, que não cessavam de inquietar-me, eu agora os vejo na situação que desejava. E deveis saber que para rechaçá-los destes montes, eu daria uma quantia mais avultada do que a que recebestes de mim. Pelo que toca aos serviços, que prometestes fazer-me, eles estão por esta via prestados. Mas nosso reconhecimento sobe de ponto, de maneira que por mais que façamos, nunca poderemos pagar-vos vosso extraordinário benefício.

Assim falou o rei da Armênia.

Os caldeus voltaram pedindo paz. Ciro perguntou-lhes:

— Caldeus, se preferis a paz, não é porque esperais viver mais seguros do que em guerra, visto sermos senhores dos montes?

— É verdade.

— E se da paz tirardes ainda outras vantagens?

— Muito mais nos lisonjearemos.

— Se sois pobres, porventura não é por causa da esterilidade do terreno?

— Assim é.

— Quereis gozar da liberdade de cultivar campos na Armênia, pagando rendas como os armênios?

— Sim, contanto que se nos não faça alguma injustiça.

— E vós, rei da Armênia, quereis que vossos campos incultos sejam roteados, pagando os cultivadores as costumadas rendas?

— Isso muito estimo eu, para aumentar meus rendimentos.

— Vós, caldeus, permitis que os armênios apascentem seus gados em vossas montanhas abundantes de pastagens, pagando eles o que for razoável?

— Sim, esse é o meio de fazer grandes lucros sem trabalho.

— E vós, rei da Armênia, quereis aproveitar-vos destas pastagens dos caldeus, se, pagando-lhes uma pequena quantia, tirardes avultadíssimos interesses?

— De muito boa vontade, contanto que não haja nisso perigo.

— Que perigo pode haver, tendo vós os montes fortificados?

— Dessa maneira, sim.

— Por Júpiter — replicaram os caldeus — nesse caso não podemos nós com seguridade cultivar nem os campos armênios nem os nossos.

— E se os montes estiverem fortificados para vos proteger?

— Então tudo vai bem.

— Mas não irá bem para nós — redargüiu o rei da Armênia — se outra vez os caldeus se fizerem senhores dos montes, mormente estando estes fortificados.

— Eu digo como hei-de fazer — tornou Ciro — a nenhum de vós cometerei a guarda da montanha, porei nela guarnição minha. No caso de ultraje, seguirei o partido do ultrajado.

Ao ouvir estas palavras, ambos aplaudiram, e disseram que só assim a paz teria estabilidade. Depois disto deram demonstrações recíprocas de lealdade, e convencionaram que os dois povos seriam independentes um do outro, e haveria reciprocidade nos casamentos, na cultura das terras, nas pastagens, no caso de invasão. Feito este convênio, que ainda hoje tem vigor, ambos os povos cooperaram energicamente para a edificação do castelo.

Assomando a tarde, Ciro convidou para sua mesa armênios e caldeus, os quais já tratava como amigos. Durante a ceia disse um dos caldeus:

— Estas medidas são desejáveis para a maior parte de nossa nação; mas não para aqueles que, acostumados a viver de pilhagem e no exercício da guerra, não sabem, nem podem cultivar a terra. Por esta razão eles costumam assalariar-se umas vezes nos exércitos do rei da Índia, que possui grandes riquezas, outras vezes nos de Astíages.

— E por que não vêm eles também — perguntou Ciro — assalariar-se em meu exército? Dar-lhes-ei maior soldo que outro qualquer poderá dar-lhes.

Convieram nisso e afirmaram que grande número havia de querer. Eis o pacto que fizeram. Tendo Ciro ouvido que os caldeus faziam constantes carreiras para a Índia, e lembrado de que o rei destas partes havia expedido arautos para examinar os motivos da guerra, e que depois partiram para a Assíria com o mesmo intuito, determinou informar o rei índio do que tinha feito. Em tal pressuposto, recitou este discurso:

— Ó vós armênios e vós caldeus, dizei-me: no caso que eu mande algum embaixador ao rei da Índia, querereis também enviar da vossa parte alguns, que o guiem, e ao mesmo tempo cooperem com ele para o bom êxito da embaixada? Eu queria possuir mais grossos cabedais, para pagar generosamente as tropas, e premiar honrosamente os soldados distintos. Esta a razão que me impele ao desejo de possuir consideráveis tesouros. Eu, porém, gosto de poupar os vossos haveres, porque vos contemplo como amigos; mas do rei da Índia receberei de boa vontade o que ele quiser dar. O meu embaixador, apresentando-se a ele, falar-lhe-á nestes termos: — "Sou embaixador de Ciro, que me manda a vossa presença para vos expor sua falta de dinheiro, estando ele à espera de outro exército da Pérsia. (Na verdade o espero.) Se lhe enviardes a soma que estiver ao vosso alcance, ele, se Deus o ajudar na empresa, fará com que não vos arrependais de vossa liberalidade." Assim falará da minha parte. Aos vossos enviados dai as instruções que julgardes a propósito. Se o rei índio for liberal conosco, viveremos com mais abundância, se não, como nenhum favor lhe ficamos a dever, poderemos proceder como pedirem nossos interesses.

Assim falou Ciro, esperando que os enviados armênios e caldeus dissessem dele o que desejava que por toda parte se propagasse. Dispostas assim as coisas, desfez-se o ajuntamento e foram repousar.

No seguinte dia Ciro despachou seu embaixador. O rei da Armênia e os caldeus fizeram partir em sua companhia as pessoas mais hábeis para esta negociação. Concluído o castelo, e provido de boa guarnição e de todo o necessário, entregou o governo dele a um medo, que lhe parecia mais da afeição de Ciaxares, e pôs-se em marcha, seguido de seu exército armênio e de quatro mil caldeus mais valentes. Descendo aos lugares habitados, todos saíam de suas casas, homens e mulheres, com o que possuíam de mais precioso; e vinham oferecê-lo a Ciro, por lhes ter dado paz. O rei armênio não levava a mal esta demonstração de homenagem rendida a Ciro, sabendo que com isto ele se deleitava. A mesma rainha com as princesas suas filhas e com seu filho mais novo lhe saiu ao encontro, e entre outras dádivas lhe ofereceu o ouro que Ciro não tinha querido antes aceitar.

— Não penseis — disse Ciro — que eu quero ser pago dos benefícios que faço. Voltai para o vosso palácio com esse dinheiro, e não consenti que vosso marido o enterre. Com ele fazei uma lustrosa equipagem de guerra para vosso filho: o resto empregai-o de maneira que passeis com vosso marido, filhos e filhas, uma vida honrosa, esplêndida e jucunda. À terra é bastante que se entregue o corpo depois de morto.

Ditas estas palavras, foi Ciro continuando seu caminho, seguido do rei armênio e de todos os outros, que o aclamavam por seu benfeitor, e o acompanharam até às fronteiras. O rei, como a paz imperava em seus Estados, lhe forneceu um exército mais numeroso. Desta maneira Ciro se ausentou da Armênia, rico com os tesouros que trazia, e mais rico com os de que podia dispor, quando tivesse precisão.

Depois de várias disposições Ciro entra na Assíria

No seguinte dia Ciro enviou o exército e os tesouros a Ciaxares, que estava próximo, como prometera. Ciro divertia-se em caçar com Tigranes e com os persas mais distintos, onde quer que topava caça. Chegado que foi à Média, distribuiu dinheiro pelos taxiarcas, quanto lhe pareceu suficiente para poderem premiar seus subordinados. Estava persuadido que se cada companhia se fizesse elogiável por seu comportamento, todo o exército o seria. Se via alguma coisa que pudesse servir de decoração ao exército, fazia por obtê-la e com ela honrava os mais dignos, convencido de que as decorações do exército revertiam em honra do general. Quando fez a distribuição, falou assim na presença dos taxiarcas, dos logagos e dos outros a quem era feita:

— Amigos, agora temos razão para nos deixarmos dominar pela alegria, visto vivermos na abastança e podermos premiar as pessoas beneméritas. Mas não risquemos da memória, que procedimento foi o nosso, que nos granjeou estas prosperidades. Lembremo-nos que foram nossas vigílias, nossas fadigas, nossa agilidade, e o nunca ceder aos contrários; e reflitamos que os grandes prazeres e grandes venturas só se alcançam com a obediência, tolerância, trabalhos e riscos.

Refletindo que os corpos dos soldados estavam assaz vigorosos para suportar os trabalhos bélicos, a coragem assaz fortalecida para desprezar o inimigo, o manejo das armas bem sabido, a obediência aos superiores bem reconhecida, Ciro desejava meter ombros a alguma empresa, persuadido de que o temporizar transtorna muitas vezes os mais bem delineados planos. Demais, observava que a emulação demasiadamente forte nos exercícios militares podia converter-se em inveja. Por estas razões queria ele invadir quanto antes o território inimigo, certo de que os perigos comuns geram a afeição entre os soldados, que não olham com inveja para as armas mais elegantes, nem para seu desejo de glória, pelo contrário louvam-nos e abraçam-nos, só atendendo a que eles trabalham para o bem geral. Entendeu pôr em armas o exército, e formá-lo o melhor que pudesse, em ordem de batalha, e então convocou os miriarcas, quiliarcas, taxiarcas e logagos. Estes oficiais não entravam no número do exército. Quando iam receber ordens do general, ou fazer-lhe alguma participação, o exército não ficava sem chefe; era entretanto comandado pelos dodecadarcas e exadarcas.

Reunidos os ditos oficiais, Ciro foi passeando com eles, mostrando-lhes as boas disposições do exército, e indicando-lhes as forças que esperava de cada um dos aliados. Depois que lhes incutiu o desejo de tentar alguma empresa, ordenou que fossem expor a seus subordinados o que de sua boca tinham ouvido e diligenciassem acender neles a vontade e o ânimo de correr contra o inimigo, e também lhes ordenou que pela manhã aparecessem às portas do palácio de Ciaxares. Estas ordens foram prontamente executadas. Ao alvorecer do seguinte dia, achando-se no lugar determinado, Ciro entrou com eles no palácio e falou a Ciaxares neste teor:

— Sei que o que vou dizer já em outro tempo foi aprovado não menos por vós do que por nós; mas talvez vos pejeis falar na partida das tropas, sofrendo mal fornecer-lhes os mantimentos. Mas visto que guardais silêncio, falarei por nós e por vós. Estando nós prontos para romper as hostilidades, todos somos de parecer que, para bater o inimigo, não esperemos que ele entre em nossas terras, mas que quanto antes invadamos as suas. Durante a estada das tropas em nossas terras, havemos de danificá-las, mesmo contra vontade; pelo contrário, entrando nas dos inimigos, do melhor grado as devastaremos. Aqui tendes de fazer grandes despesas com a nossa sustentação, lá tiraremos o sustento de seus mesmos territórios. Se lá o perigo fosse maior do que aqui, claro é que devíamos escolher o lugar mais seguro. Advirtamos, porém, que os inimigos são os mesmos, ou os esperemos aqui, ou os vamos acometer em seus domínios; nós os mesmos somos, ou aguardemos sua invasão, ou os vamos buscar em suas próprias mansões. Nossas tropas encher-se-ão de coragem, vendo que de boa vontade vamos arrostar com os inimigos; e estes encher-se-ão de temor, ao ouvirem que, longe de ficarmos em casa cheios de susto, aguardando que venham assolar nosso país, vamos contrastar seu poder, apenas sentimos suas operações, e assolamos os territórios deles. Ora, se conseguirmos disseminar o terror entre os adversários e a confiança entre os nossos, que vantagem não será a nossa, e quão menor o perigo em comparação do inimigo? Meu tio, vós e todos, concordam em que o êxito de uma batalha está mais vinculado ao ânimo do que às forças físicas.

— Ciro e vós outros, persas, não imagineis que eu vos forneça de mau grado os mantimentos. Enquanto ao entrar nas terras da Assíria, esse foi sempre o partido que eu julguei mais vantajoso.

— Atenta a uniformidade de pareceres — tornou Ciro — preparemo-nos; e se os deuses aprovarem nossos desígnios, marchemos sem interpor dilação.

Ciro ordenou aos soldados que se preparassem, e fazendo sacrifícios a Júpiter soberano e às outras deidades, para que o protegessem, e invocando também o favor dos heróis da Média, obteve felizes presságios; e reunido ao exército nas fronteiras, notou que as aves agoureiras voavam com bons auspícios, e entrou no terreno da Assíria. Entrando nele, propiciou a Terra com libações e com sacrifícios, aplacou os deuses e heróis assírios. Feitas estas coisas, tornou a sacrificar a Júpiter pátrio, não desprezando nenhum dos outros deuses que ocorreram à sua memória.

Batalha entre os medos e os assírios — Os medos ficam vitoriosos

Dispostas assim as coisas, a infantaria marchou adiante, e acampou a pequena distância. A cavalaria fazia incursões, e colhia muitos e variados despojos. Levantaram depois o acampamento, e, providos de todo o necessário, devastavam os campos e esperavam os inimigos; e como se divulgasse que eles estavam a menos de dez dias de marcha, Ciro disse a Ciaxares:

— É tempo de acometer os inimigos, e não dar a eles nem aos nossos o menor indício de temor. Cumpre que eles se persuadam que não combatemos a nosso pesar.

Como também esta fosse a opinião de Ciaxares, o exército principiou a marchar em ordem de batalha. Ceavam ainda com luz do sol, de noite não acendiam fogo nos arraiais, e adiante deles acendiam fogueiras, para que, sem serem vistos, pudessem ver, se alguns inimigos os assaltavam. Com o fim de enganar os adversários, muitas vezes as acendiam atrás do acampamento, e desta forma, pensando que estavam adiante, os espias vinham cair em poder das guardas avançadas.

Já próximos os dois exércitos contrários, os assírios e seus aliados circunvalaram seu acampamento, como ainda hoje os bárbaros costumam fazer, o que lhes é fácil por sua numerosa multidão. Sabem eles que de noite confusa e dificultosamente pode mover-se a cavalaria, principalmente a sua. É trabalhoso estar a desatar os cavalos presos às manjedouras, enfreá-los, arreá-los e armar-se o cavaleiro e depois de tudo isto é inteiramente impossível cavalgar pelo campo. Tais são os motivos que induzem estes e os outros bárbaros a fortificar-se em seus arraiais e pensam que assim estão em segurança, e que podem a seu talante esquivar o conflito.

Achando-se os dois exércitos na distância de uma parasanga, os assírios acamparam em um lugar circunvalado e descoberto, e Ciro em um lugar escuso, atrás de umas aldeias e outeiros, persuadido de que os movimentos bélicos inesperados são os que mais intimidam os inimigos. Esta noite, postadas as guardas de ambos os exércitos, entregaram-se ao sono. No dia imediato o rei da Assíria, Creso e outros capitães, conservavam as tropas em seus alojamentos. Ciro e Ciaxares postaram as suas em ordem de batalha, para receber os inimigos no caso que avançassem. Notando, porém, que não saíam dos arraiais, nem pelejavam naquele dia, Ciaxares chamou Ciro e todos os oficiais, e lhes disse:

— Amigos, eu penso que formados como estamos, devemos marchar para os entrincheiramentos dos adversários, dando assim mostras de querermos entrar em ação. Se não saírem a repelir-nos, os nossos soldados encher-se-ão de confiança, e eles de temor, ao verem o desassombro dos nossos.

Ciro respondeu:

— Por todos os deuses, ó Ciaxares, não façamos isso. Os inimigos, vendo-se sem receio de perigo, não se amedrontarão com a nossa marcha, e quando retrocedermos sem nada fazer, verão um exército inferior ao seu, olharão para ele com desprezo, e amanhã vêm atacar-nos com ânimo mais decidido. Pelo contrário, sabendo eles que estamos aqui, sem nos terem visto, não seremos objeto de seu desprezo, seremos sim objeto de seus cuidados e de seus discursos. Deixai-os sair de seu acampamento, e então ao mesmo tempo mostremo-nos, acometamo-los, e aproveitemo-nos da oportunidade.

Aprovada esta maneira de raciocinar, cearam, postaram-se as guardas avançadas, acenderam-se as fogueiras e entregaram-se ao sono.

No outro dia pela manhã, Ciro com uma coroa na cabeça, acompanhado dos homotimos também coroados como lhes fora prescrito, celebrou um sacrifício, ao qual pôs termo com este discurso:

— Amigos, os deuses, segundo me parece e os adivinhos asseguram, nos prometem a vitória. Envergonhar-me-ia de vos indigitar em tal caso vossos deveres. Sei que os conheceis tão bem como eu, sendo eles constante objeto de vossas meditações, de sorte que estais no caso de poder ensinar os outros. Mas talvez não tenhais ainda meditado no que vou dizer, e portanto escutai-me. Aos soldados que há pouco militam debaixo de nossas bandeiras, e aos quais pretendemos fazer adquirir o valor dos soldados mais antigos, releva fazer-lhes conhecer quais as vistas de Ciaxares em nos sustentar, qual o fim de nossos exercícios, qual o de nossas exortações, e isto para que de bom grado entrem em emulação conosco. Lembrai-lhes depois, que este é o dia em que seu mérito vai ser posto a uma prova rigorosa. Não é para admirar que homens tarde instruídos careçam das advertências de outrem. Para quem as faz, além de ser lisonjeiro, é demonstração clara de seu consumado valor criar homens valorosos. Quem se satisfaz com o valor próprio e não cura do dos outros, só é valoroso em metade. Não sou eu quem lhes há de falar; a vós, que mais de perto os tratais, confio esta missão, para que eles vos sejam aderentes. Sabei que o aparecer-lhes com resolução é o meio de fazê-los também resolutos, com exemplos e não com palavras. Enfim, sem da cabeça tirar a coroa ide jantar, e, feitas as libações, tornai a vossos postos.

Retirando-se os homotimos, Ciro convocou os cerra-filas, e disse:

— Persas, ora aqui estais no lugar dos homotimos, e também estimados, vós, que, além da prudência da idade, tendes o valor dos mais intrépidos; e por isso ocupais um lugar não menos honroso que o dos oficiais da frente. Colocados no último lugar, com vossas exortações aumentais a coragem dos soldados valentes, e não consentis nas fraquezas dos covardes. Se aos outros importa a vitória, vossa idade e o peso de vossa armadura vo-la devem fazer estimar principalmente. Se os oficiais da frente vos exortarem com suas vozes a segui-los, obedecei; mas para em nada lhes dar vantagem, exortai-vos também a marchar velozes contra os inimigos. Enfim, ide jantar,

e de coroa na cabeça voltai aos respectivos postos.

Enquanto Ciro se ocupava nestes misteres, os assírios, que já haviam jantado, saíram de seus arraiais respirando coragem, e se formaram em batalha. O rei, que os vinha comandando sobre um carro, recitou perante eles este discurso:

— Assírios, agora é a ocasião de dar provas do vosso denodo; é agora a ocasião de lutar pelas vossas vidas, pela terra que vos deu o berço, pelos lares em que vos criastes, por vossas mulheres e filhos, por tudo que no mundo tendes de mais caro. Se fordes vitoriosos, tudo isto ficará, como antes, em vosso poder; se fordes vencidos, tudo passará às mãos dos inimigos. Se desejais a vitória, é preciso que pelejeis impávidos. Fatuidade é querer a vitória e fugir do inimigo, apresentando-lhe o corpo sem olhos, sem armas, sem mãos. Fatuidade é fugir quem estima a vida, sabendo que os vencedores a conservam, e que fugindo se encontra mais facilmente a morte do que resistindo. Fatuidade é desejar tesouros e deixar-se vencer. Pois, quem ignora que os vencedores conservam seus haveres, e recebem os dos vencidos, e que estes perdem tudo que possuem, até a liberdade?

Entretanto recebeu Ciro da parte de Ciaxares mensageiros, que lhe disseram:

— É tempo de marchar contra os inimigos, que em pequeno número saíram das fortificações, e irão engrossando, enquanto marcharemos. Não aguardemos que avultem mais que os nossos, partamos contra eles enquanto julgamos fácil sua derrota.

— Ciaxares — respondeu Ciro — ainda que destruamos metade de seu exército, não se terão por vencidos, e dirão que com medo de seu grande número só atacamos uma pequena parte. Ser-nos-á preciso entrar em nova ação, onde talvez tomem mais cautelosas providências do que tomam agora, que se deixam acometer em o número que nos apraz.

Os mensageiros voltaram com esta resposta.

A este tempo chegou o persa Crisantas e outros homotimos com alguns desertores. Ciro os interrogou, como era natural, no que dizia respeito aos contrários. Disseram que eles saíam do acampamento, que o rei os formava em batalha e fazia mui enérgicas exortações, segundo afirmava quem o ouvira falar.

— Ciro — disse Crisantas — se também exortardes vossas tropas, não lhes infundireis porventura nova coragem?

— Crisantas, não vos causem abalo as exortações do assírio. Um discurso, por mais elegante que seja, não pode no mesmo dia dar valor a quem o não tem; fazer bons arqueiros, bons lanceiros, bons cavaleiros, sem previamente saber manejar um arco, uma seta, um cavalo; dar novo vigor aos corpos para o trabalho sem exercício preliminar.

— Mas é já bastante concitar-lhes o ânimo.

— Porventura é possível que um discurso no mesmo dia em que é pronunciado, encha de pundonor o espírito dos ouvintes, os afaste da estrada do vício, os induza a arrostar por amor da glória os trabalhos e os perigos, e imprima este sentimento de maneira que eles prefiram morrer com as armas na mão a evitar a morte por meio da fuga? Não. Para que estes sentimentos andem gravados profundamente no coração humano, importa primeiro que tudo, fazer leis que assegurem aos valorosos uma existência honrosa e livre, aos covardes uma vida abjeta e cheia de misérias. Depois é preciso haver mestres, que com palavras e exemplos lhes façam ver que o valor e a glória são a origem das maiores prosperidades, a covardia e o opróbrio o germe da mais dura adversidade. Cumpre estar embebido nestas idéias para poder triunfar do temor dos inimigos. Se no mesmo ato de correr contra os inimigos, para entrar na luta, nesta ocasião em que muitos se esquecem do que aprenderam, pudesse um orador criar de repente soldados intrépidos, muito fácil seria aprender e ensinar a maior das virtudes. Enquanto a mim, nem sequer confiaria naqueles que se exercitaram debaixo das nossas vistas, se com vossos exemplos lhes não désseis a necessária instrução, e os não advertísseis de suas faltas. Eu, Crisantas, admirar-me-ia tanto de que um discurso elegante desse valor a um homem destituído desta virtude, como se uma peça de música bem cantada tivesse a força de fazer músico um homem ignorante desta arte.

Enquanto assim discorria, Ciaxares expediu outro enviado a Ciro, dizendo que era desacertado estar temporizando, e não atacar o inimigo.

— Saiba Ciaxares — respondeu Ciro — que eles ainda não saíram dos seus alojamentos em número suficiente. Anuncia-lhe isto de maneira que todos ouçam. Contudo, em obséquio à sua vontade, vou pôr o exército em movimento.

Expedido o enviado, Ciro invocou a proteção dos deuses, e postou-se à frente do exército. Os soldados marchavam em ordem, porque tinham sido ensinados a guardar seus postos; com coragem, pela emulação que entre eles se dava, pela robustez de seus corpos, e pela presença de seus oficiais: a prudência os fazia marchar alegres. Lembravam-se eles de ter aprendido que é muito seguro e fácil combater de perto com os inimigos, mormente arqueiros, acontistas e cavaleiros.

Não tendo ainda chegado a tiro de seta, Ciro anunciou a senha, que eram estas palavras: “Júpiter auxiliar e condutor” e tendo ela corrido por todo o exército, principiou a cantar um hino em louvor dos Dióscoros, e todos religiosamente entoaram em alta voz. Acabado o hino, os homotimos marchavam alegres, olhando uns para os outros, chamando pelos nomes os que iam a seu lado e atrás e repetindo continuamente estas palavras:

— Vamos, amigos, vamos, camaradas intrépidos.

Os que eram assim exortados, clamavam a seus exortadores que os conduzissem com velocidade. Desta maneira viam-se reinar no exército de Ciro a coragem, o amor da glória, o vigor, a confiança, o ardor em mutuamente se exortarem, a prudência, a obediência, qualidades estas capazes de neutralizar todos os projetos dos inimigos.

Ao irem-se aproximando os persas, os assírios, que, andando em carros na vanguarda, costumavam travar a luta, subiram a seus carros e se foram chegando para o grosso do exército. Os arqueiros, acontistas e fundeiros, deram de muito longe uma descarga; os persas continuaram a avançar, e Ciro exclamou:

— Bravos camaradas, é agora a ocasião de dar provas de vosso denodo, e exortar os outros com tais exemplos.

A estas palavras, alguns, cheios de coragem e ansiando entrar na briga, deitaram a correr, e todo o exército os seguiu. Ciro, esquecendo-se de ir a passo, ia à frente, correndo e clamando:

— Quem me segue? Quem é o valoroso, que primeiro lançará em terra um adversário?

Estas palavras foram correndo de boca em boca, de maneira que todos diziam:

— Quem me segue? Quem é o valoroso?

E assim corriam para os inimigos. Estes, sem o esperar, fugiram para seus entrincheiramentos, a cuja entrada se atropelavam. Os persas, que vinham em seu alcance, fizeram grande matança, assim nestes como nos cavalos e homens que com seus carros haviam enchido o fosso com a precipitação da fuga. A cavalaria dos medos atacou a dos inimigos, pô-la em fuga, perseguiu-a, e lhe fez grande estrago de homens e cavalos. Os assírios que se achavam postados sobre a crista do fosso, à vista deste terrível espetáculo fugiram cheios de medo.

As mulheres, ao contemplarem a fuga já dentro dos arraiais, corriam, gritando horrorizadas, umas com os filhos nos braços, outras ferindo-se, rasgando os vestidos, e implorando aos que encontravam que não as abandonassem, que defendessem seus filhos, a elas e a si. A este tempo, o rei com suas tropas de mais confiança batalhava pessoalmente sobre os lugares mais eminentes à entrada do acampamento, e animava os outros. Vendo o que se passava, Ciro, receoso de ser suplantado pela multidão dos inimigos se tentasse forçar a entrada, ordenou que os seus se desviassem do alcance das setas. Então se viu a boa instrução dos homotimos na pontualidade com que obedeceram e com que fizeram executar as ordens do general. Já fora do alcance das setas, cada um ocupou o lugar que lhe competia, com mais ordem que um coro de músicos.

LIVRO IV

Fuga dos assírios — Ciaxares e Ciro discutem se devem ou não persegui-los — As tropas todas acompanham Ciro, deixando Ciaxares quase só — Rebelião dos hircânios, que pertenciam ao exército dos assírios — Derrota dos assírios — Projeto de um corpo de cavalaria persa — Resolução de Ciro a respeito dos inimigos vencidos. As tropas de Ciro passam a noite no acampamento — Ciaxares irritado manda retirar os medos — Ciro lhe envia uma carta e pede um exército à Pérsia — Distribuição dos despojos dos inimigos — História de Gobrias.

Fuga dos assírios — Ciaxares e Ciro discutem se devem ou não persegui-los

Ciro ali esteve durante algum tempo com seu exército para mostrar que estava pronto a combater, se algum assírio saísse dos alojamentos; mas como ninguém se aventurasse a tal, foi estabelecer seus acampamentos na distância que lhe pareceu a propósito. Postadas as sentinelas, e expedidos exploradores, Ciro convocou os soldados, colocou-se no meio deles, e recitou este discurso:

— Persas, de todo o meu coração, como penso que todos vós também fazeis, agradeço como sempre aos deuses a vitória que acaba de dar-nos sem o menor detrimento. Desde já vos elogio a todos, porque todos tivestes parte na vitória. Quando eu tiver a notícia circunstanciada do comportamento de cada um de vós em particular, não faltarei a elogiar-vos e premiar-vos, segundo vosso mérito. Do taxiarca Crisantas, como pelejava ao pé de mim, não preciso de informações. Eu o vi pelejar, como creio que todos vós igualmente pelejáveis. Quando eu mandei retirar, chamei-o pelo seu nome, e ele, que nesta conjuntura ia a ferir um inimigo, suspendeu o golpe, para mais pontual ser sua obediência. Retirou-se e intimou os outros com tanta diligência, que pôs sua companhia fora do alcance das setas antes que os adversários percebessem a retirada, entesassem os arcos e despedissem as setas. Assim a obediência salvou do perigo a ele e aos seus. A respeito dos que vejo feridos, hei-de examinar em que ocasião o foram, e então direi o conceito que deles faço. A Crisantas, varão belicoso, prudente, bom oficial e bom soldado, dou o título de quiliarca, e não me esquecerei dele quando Deus nos conceder nova vitória. A vós todos quero fazer uma advertência. Pensai incessantemente no que vistes durante esta ação, para poderdes ajuizar se o valor, se a fuga, se o desejo de combater, se a relutância de entrar na luta, salva mais facilmente a vida; e que prazer traz consigo a vitória. Vossa experiência, e a lembrança dos acontecimentos recentes, vos constituíram juizes idôneos, e estimularam vossa coragem. Agora, ceai como homens valorosos, prudentes e afetuosos aos deuses, fazei libações, e entoai um hino, sempre prontos a executar as ordens que vos forem dadas.

Recitado este discurso, Ciro montou a cavalo e foi ter com Ciaxares. Depois que

ambos folgaram, como era natural, Ciro perguntou se precisava de alguma coisa, e tornou ao exército.

Cearam as tropas de Ciro, e, postadas as sentinelas como convinha, repousaram. Os assírios, com a morte do seu rei e de quase todos os melhores soldados, perderam o ânimo, e de noite fugiram muitos do acampamento. Creso e os outros aliados, vendo isto, também desanimaram. As circunstâncias eram terríveis. Este desalento se aumentava, vendo eles os principais oficiais do exército como alienados. Assim durante a noite fugiram.

Ao despontar da aurora, apareceu deserto o arraial dos inimigos, e logo Ciro fez entrar nele suas tropas. Tinham deixado grande número de ovelhas, de bois e de carros cheios de muitas coisas úteis. Depois entraram as tropas de Ciaxares e ali jantaram. Acabado o jantar, Ciro convocou os taxiarcas, e lhes falou assim:

— Quantos e quão grandes bens, que os deuses nos oferecem, nos escapam. Estais vendo que os inimigos, dominados de medo, fugiram. Ora se eles fogem de seus entrincheiramentos, como se atreverão a medir conosco suas armas em campina rasa? Se antes de experimentar nosso valor não ousaram resistir, como hão de resistir agora vencidos e derrotados, morta no campo a melhor soldadesca?

— Sendo tão evidente — redargüiu um dos ouvintes — nossa superioridade, por que não vamos, quanto antes, no alcance dos inimigos?

— Porque não temos cavalaria. Os melhores soldados, que mais empenho teríamos em aprisionar ou matar, vão montados em cavalos. Podemos pô-los em fuga com o auxílio dos deuses; mas dar-lhes alcance, não nos é possível.

Perguntaram-lhe por que não participava isso a Ciaxares.

— Acompanhem-me todos — respondeu ele — para que veja Ciaxares que todos sois do mesmo parecer.

Todos o seguiram, e alegaram as razões que lhes pareceram mais adequadas a seu fim.

Ciaxares, ou cioso de serem os persas os primeiros a propor esta medida, ou quiçá por julgar acertado não expor-se a novos riscos (Ciaxares e muitos medos estavam então folgando) falou nestes termos:

— Sei, pelo ter visto e ouvido, que vós, persas, sois de todos os homens os que se entregam com mais moderação às delícias. Mas ainda é preciso havê-la maior nos grandes gozos. E que maiores deleites podem desfrutar os homens do que os que se vinculam à nossa presente felicidade? Se gozarmos deles com moderação, poderemos ser venturosos até à velhice; mas se formos imoderados, entregues a prazeres

consecutivos, olhai não vos aconteça como aos navegantes que, deslumbrados por suas venturas, vão navegando até se perderem, ou como a muitos vencedores, que desejosos de segunda vitória, perdem o fruto da que primeiro obtiveram. Se os inimigos que vão fugindo fossem em menor número que o nosso exército, talvez lhes pudéssemos dar alcance com seguridade. Mas refleti que a vitória foi obtida sobre um pequeno número somente. Os outros não entraram em ação. Ora, se os não obrigarmos a pelejar, desconhecendo as nossas e as suas forças, ir-se-ão retirando por ignorância e covardia. Se, porém, conhecerem que é maior o perigo da fuga do que o da resistência, olhai não os façamos valorosos a seu despeito. Deveis estar certos que vosso desejo em arrebatar-lhes suas mulheres e filhos não é mais vivo que o deles em salvá-los. Adverti que um bando de javalis, posto que numeroso, ao ser descoberto, foge com seus filhos, e se o caçador apanha um destes, ainda que ali esteja um só javali, este volta-se contra o caçador. Encerrados em seu acampamento, os adversários permitiram que lhes batêssemos as forças que nos aprouve. Mas se os acometermos em um espaçoso campo, e eles aprenderem a dividir-se em brigadas, atacando uma de frente, duas pelos flancos, e uma pela retaguarda, olhai não nos faltem olhos e braços para lhes resistir. Finalmente, vendo eu os medos folgando, não quero expô-los a novos perigos.

Ciro tomou a palavra e disse:

— Não quero que obrigueis alguém a acompanhar-me; mas concedei-o a quem quiser. Talvez que voltemos carregados de despojos, que vos alegrem e a vossos amigos. Nós não vamos perseguir o grosso do exército inimigo; e como havíamos de alcançá-lo? Mas se encontrarmos algumas forças destacadas, ou deixadas atrás, essas traremos à vossa presença. Lembrai-vos que a vosso pedido viemos de mui longe auxiliar-vos; e por isso é justo que tornemos à pátria com algum galardão, e não confiemos só em vossos tesouros.

— Se algum quiser seguir-vos, agradecer-vos-ei.

— Mandai conosco alguma pessoa de confiança, que intime essa vossa determinação.

— Escolhei-a.

Por acaso estava presente um medo, que dissera ser parente de Ciro, e logo Ciro disse:

— Este me agrada.

— Vá esse contigo; e vós, medo, anunciai que quem quiser pode acompanhar Ciro.

Saindo ambos, Ciro disse ao medo:

— É agora que vós me haveis de declarar se faláveis verdade quando dizíeis que folgáveis com minha presença.

— Se dizeis isso, nunca vos deixarei.

— Porventura falareis aos outros com essa resolução?

— Eu assim o juro, até conseguir que vós também folgueis com a minha presença.

O medo desempenhou zelosamente o cargo de que o incumbira Ciaxares, e acrescentava que nunca deixaria um príncipe que vinculava com o valor a formosura de geração divina.

As tropas todas acompanham Ciro, deixando Ciaxares quase só — Rebelião dos hircânios, que pertenciam ao exército dos assírios

Entretanto chegaram, como por favor divino, embaixadores da Hircânia, nação vizinha da Assíria, pouco populosa, e por isso a ela sujeita. Os hircânios eram naquele tempo bons cavaleiros, e ainda hoje o são: por isso os assírios se serviam deles como os lacedemônios dos cirites, não os poupando nos trabalhos e nos perigos. Postavam na retaguarda cerca de mil destes cavaleiros hircânios, para experimentarem o primeiro choque no caso de acometimento por essa parte. Marchando em último lugar, os hircânios eram também os últimos na condução de seus carros e domésticos. Os hircânios, à maneira da maior parte das nações da Ásia, vão à guerra com sua família, e assim foram nesta expedição. Considerando agora que violências experimentavam da parte dos assírios, que seu rei jazia morto, que o exército estava vencido e cheio de terror e que os aliados se retiravam desanimados, entenderam em aproveitar o ensejo para a revolta, se Ciro, confederando-se com eles, quisesse ir atacar os assírios. Com este intuito enviaram embaixadores a Ciro, cujo nome adquirira celebridade nesta guerra.

Os enviados expuseram a justiça de sua antipatia contra os assírios, e se lhe ofereceram como aliados e guias, se quisesse ir contra seus opressores. Expuseram o estado em que se achavam os inimigos, para incitá-lo a armar quanto antes uma expedição.

— Parece-vos — lhes perguntou Ciro — que ainda poderemos alcançá-los antes de chegarem às suas fortalezas? Temos por infortúnio haverem eles escapado.

Falava assim para que o tivessem em grande conta.

— Amanhã, — responderam eles — se logo pela manhã principiarmos a marchar com velocidade, alcançá-los-emos. Sua marcha é lenta por causa da multidão de soldados e carros. E como toda a noite precedente estiveram alerta, pouco têm avançado.

— Que penhor nos dais da verdade de vossa palavra?

— Se marchamos, logo à noite vos enviamos reféns. E vós empenhai perante os deuses vossa palavra, e dai-nos a destra, para levarmos a nossos compatriotas este sinal de vossa fidelidade.

Ciro jurou que se eles desempenhassem o que prometiam, seriam tratados como amigos fiéis, e não tidos em menor consideração do que os persas e os medos. De feito, ainda hoje os hircânios gozam de grande confiança, e são exaltados aos cargos públicos do mesmo modo que os persas e medos.

Tanto que cearam, mandou sair suas tropas ainda com luz do sol, e ordenou aos hircânios que esperassem para irem com ele. Todos os persas saíram e também Tigranes com seu exército. Os medos vinham reunir-se em grande número, uns porque em sua puerícia foram amigos de Giro; outros porque ficaram penhorados de suas maneiras, quando com ele caçaram; estes porque queriam mostrar-se obrigados de quanto ele lhes extinguira o temor; aqueles porque, notando suas boas qualidades, esperavam que ele viesse a ser um homem feliz, grande e poderoso; quais, porque desejavam retribuir-lhe alguns favores que lhes fizera durante sua educação na Média (por sua filantropia ele obtivera de seu avô mercês para muitos); quais, porque, correndo a fama que os hircânios iam conduzi-los à vitória, desejavam partilhar a presa. Desta forma quase todos os medos acompanhavam Ciro, exceto os oficiais da casa de Ciaxares e seus subordinados. Todos os outros partiam alegres, animosos, como quem ia por livre vontade e movido de gratidão. Logo que saíram, Ciro dirigiu-se aos medos, e depois de os elogiar, implorou a proteção dos deuses e pediu que lhe dessem meios de poder recompensar o denodo de seus soldados. Afinal ordenou que a infantaria marchasse à frente, seguida da cavalaria, e que quando o exército fizesse alto, lhe enviassem alguns cavaleiros, para receber as instruções necessárias.

Tomadas estas medidas, Ciro mandou avançar os hircânios, os quais lhe perguntaram se não esperava pelos reféns para penhores de sua fidelidade.

— Em nossa coragem e em nossos braços — respondeu Ciro — temos esses penhores. Nós estamos dispostos a beneficiar-vos, se falardes a verdade, e, se nos enganardes, cremos que longe de depender de vós, decidiremos de vossa sorte, se os deuses quiserem. Hircânios, visto que dizeis que vossos compatriotas ocupam a retaguarda, ao avistá-los, anunciai para os pouparmos.

Os hircânios avançaram, admirados da longanimidade de Ciro, sem temor dos assírios, dos lídios e dos outros aliados; mas desgostosos de que Ciro fizesse pequeno

cabedal da aliança com eles.

Iam marchando. De noite Ciro e o exército viram no céu uma luz brilhante, que lhes causou um medo religioso, e aguçou o ânimo contra os inimigos. Como marchavam a passos acelerados, ao romper da alva achavam-se perto dos hircânios. Os embaixadores, apenas os conheceram, disseram para Ciro:

— São estes os nossos compatriotas. Nós os conhecemos pelo lugar que ocupam, e pelas muitas fogueiras.

Ciro despachou um dos embaixadores, que os intimasse a virem juntar-se com ele com a destra levantada, se quisessem ser seus aliados. Também com o embaixador enviou alguns persas, para avisar os hircânios de que seriam tratados segundo o seu comportamento. Enquanto Ciro observava o que faziam os hircânios, mandou fazer alto. Os principais medos e Tigranes foram ter com Ciro, e lhe pediram instruções.

— Este exército que está próximo — lhes disse Ciro — é dos hircânios. Um dos embaixadores da Hircânia e alguns persas foram dizer-lhes que se quisessem ser nossos aliados, viessem ter conosco com a destra levantada. Se eles assim fizerem, recebei-os também com vossas destras e enchei-os de confiança, mas se eles tomarem as armas, ou tentarem fugir, olhai não vos escape um só.

Os hircânios, ouvindo a embaixada cheios de alegria, montaram a cavalo e vieram apresentar-se com as mãos levantadas, como fora determinado. Os medos e persas os receberam do mesmo modo, e os animaram.

— Hircânios — disse Ciro — confiamos em vós, e esperamos também merecer a vossa confiança. Em primeiro lugar dizei-me a que distância estão os chefes dos inimigos e o grosso do exército.

Responderam que a pouco menos de uma parasanga.

Ciro recitou este discurso:

— Persas, medos, e vós, hircânios, a quem eu tenho já na conta de aliados e parciais, cumpre saber que nas circunstâncias em que nos achamos a covardia acarretará sobre nós as maiores desgraças. Os inimigos conhecem bem as razões que aqui nos trazem. Se os atacarmos com vigor e audácia, vê-los-eis como escravos fugitivos descobertos, uns pedindo perdão, outros evadindo-se, outros sem saber deliberar. Só depois de vencidos nos verão, jamais pensando que nós os agredíssemos, e serão apanhados quando nem sequer estiverem formados em ordem de batalha. Se daqui em diante quisermos cear, dormir e viver com tranqüilidade, não demos lugar a que eles tomem medidas preventivas, e a que saibam que gente somos. Vejam eles só escudos, espadas, machados e golpes. Vós, hircânios, marchai na

vanguarda, para que com vossas armas nos ocultemos quanto tempo for possível. Quando me aproximar dos contrários, fique comigo uma companhia de cavaleiros de cada nação, para que, ficando eu no acampamento, me sirvam se for necessário. Vós, capitães e soldados encanecidos no manejo das armas, mostrai vossa prudência, atacando em esquadrões cerrados, para não serdes repelidos pelas densas fileiras dos inimigos. Deixai ir em seu alcance os mais moços, para semear entre eles a morte. Escape o menor número possível. Se obtivermos uma vitória completa, cumpre abstermo-nos de saque. O que não se abstém, já não é homem, é um bagageiro, que qualquer tem a liberdade de tratar como escravo. Nada há mais lucrativo do que a vitória: o vencedor recebe a posse de tudo, homens, mulheres, tesouros, todo o território dos inimigos. Tende em vista o conservá-la somente. O mesmo ladrão vem ao poder do vencedor. Acabada a perseguição, recolhei-vos ao acampamento ainda com luz; de noite não se recolhe ninguém.

Aqui pôs termo a seu discurso e despediu os taxiarcas com ordem de denunciar estas coisas aos seus decadarcas, que postados à frente podiam ouvi-los. Ordenou também que os decadarcas as anunciassem às decúrias. Dadas estas providências, os hircânios marcharam adiante, Ciro no centro com os persas, e a cavalaria nos flancos.

Derrota dos assírios

Ao amanhecer, notaram os assírios sua situação. Uns pasmaram pelo que viam, outros já conheciam o perigo, estes o anunciavam, aqueles gritavam às armas, quais voltavam os cavalos, quais entrouxavam o fato, aqui tiravam as armas de cima das bestas de carga, acolá armavam-se, em outra parte montavam nos cavalos, estes lhes metiam o freio, aqueles punham as mulheres sobre as cargas, quais tomavam os objetos de mais preço, quais eram apanhados quando os estavam enterrando, a maior parte fugia. Imagine-se tudo o mais que eles fariam, exceto defender-se. Morriam sem descarregar um golpe.

Creso, rei da Lídia, como era verão, de noite enviou adiante em carros suas mulheres, para que pela fresca a viagem fosse mais cômoda. Creso as seguia com a cavalaria. Dizem que fizera o mesmo o rei da Frígia, situada nas margens do Helesponto. Estes reis, assim que souberam dos fugitivos o que se passava, principiaram também a fugir com a maior celeridade. Os reis da Capadócia e Arábia, como ainda estavam próximos, resistindo inermes, morreram às mãos dos hircânios. Quem experimentou maior perda foram os assírios e árabes, os quais, achando-se em suas terras, não apressavam sua fuga. Os medos e hircânios assim perseguiam vitoriosos. Ciro ordenou aos cavaleiros que com ele tinham ficado que rodeassem o acampamento, e matassem os que daí saíssem armados. Aos que não saíssem mandava, sob pena capital, que trouxessem as armas atadas e deixassem os cavalos junto das tendas. Os cavaleiros executaram a ordem de Ciro. As armas foram trazidas para um lugar marcado, e lhes foi posto fogo. Notou Ciro que suas tropas estavam

desprovidas de vitualhas, e que sem elas não era possível tentar nenhuma empresa de momento. Curando dos meios de obtê-las com brevidade e abundância, ocorreu-lhe que todos os exércitos forçosamente tinham pessoas encarregadas do cuidado das tendas e das munições de boca. E persuadido que desta gente seria a maior parte da que acabavam de aprisionar, porque tinha o cuidado das bagagens, publicou que se apresentassem todos os provisioneiros, e no caso que faltasse algum, comparecesse o mais velho da tenda, ameaçando com penas rigorosas o que desobedecesse. Eles, vendo que os senhores obedeciam, pontualmente obedeceram também. Presentes os provisioneiros, Ciro ordenou que se sentassem os que tinham víveres para mais de dois meses; e, vendo seu número, mandou também sentar os que tinham para um mês; e quase todos se sentaram. Informado assim da porção de víveres que havia, disse:

— Se quereis afugentar os males e obter nossa afeição, preparai em vossas tendas para os senhores e servos o duplo das rações diárias, e tudo o mais que possa lisonjear o apetite; porque apenas chegarem nossas tropas vitoriosas, quererão que se lhes forneçam víveres com abundância. Sabei que vos é conveniente recebê-los de modo que não tenham de que se queixar.

As ordens de Ciro foram prontamente executadas. Ciro convocou os taxiarcas e recitou perante eles esta oração:

— Amigos, bem sabemos que agora nos podíamos entregar aos prazeres da mesa primeiro que nossos aliados, que estão ausentes; mas parece-me que isto não nos aproveitaria mais, nem nos daria maiores forças, como mostrando-nos solícitos a seu respeito, e fazendo por granjear sua afeição. Se nossos aliados que agora vão perseguindo, debelando e matando inimigos, souberem que os desprezamos, buscando deleites antes de sermos informados de sua sorte, cobrir-nos-emos de opróbrio, e nossas forças diminuirão com sua revolta. O cuidado que tivermos com os que suportam os trabalhos e arrostam os perigos, será para nós mais lauto banquete, digo, do que tratarmos logo de lisonjear nosso apetite. Pensai que mesmo no caso que os aliados não sejam credores de respeito, importa-nos muito evitar a imoderação na comida e bebida. Nossos planos não estão ainda de todo executados, e agora requerem grande vigilância. Os prisioneiros, que apanhámos no acampamento, sendo em número mais avultado que os nossos soldados, e estando soltos, importa guardá-los, para termos quem nos prepare os mantimentos. Nossa cavalaria acha-se ausente, e estamos com cuidado onde ela esteja, e se ficará conosco, quando voltar. Portanto, amigos, parece-me que devemos ser parcos, para que não se apodere de nós o sono, e não nos desampare a razão. Enquanto às muitas riquezas que existem no acampamento, não ignoro que, suposto que elas também pertençam a nossos aliados, podíamos tomar a parte que nos aprouvesse: mas parece-me mais proficiente que nos mostremos justos para com eles, para que sua amizade para conosco suba de ponto. Meu voto é que demos aos medos, aos hircânios e a Tigranes, a concessão de repartir os despojos. Se a nossa parte for menos avultada, isto mesmo é proveitoso, para que de melhor vontade fiquem conosco. O resultado de nossa avidez de riquezas seria dar-

nos uma posse efêmera; entretanto que, se desprezando-as, nos fizermos senhores dos territórios que as produzem, adquiriremos uma posse constante. Em nossa pátria exercitávamo-nos em reprimir a intemperança e o imoderado amor do lucro, para combatermos estas inclinações em ocasião oportuna: e que melhor oportunidade que a atual poderá oferecer-se para mostrar o fruto de nossos exercícios?

— Seria o maior dos absurdos, ó Ciro — disse o homotimo Histaspes em apoio deste discurso — suportarmos muitas vezes a fome para apanharmos um animal de pouca valia, e quando se trata da aquisição de uma felicidade completa, deixarmo-nos soçobrar por dificuldades a que só covardes cedem, mas que superam valorosos.

Todos aplaudiram e Ciro tornou a tomar a palavra e disse:

— Atenta a unanimidade de nossas opiniões, mandai percorrer o acampamento por cinco soldados dos mais capazes de cada coorte, para louvarem os que virem entretidos em preparar as rações, como senhores repreenderem acremente os que estiverem ociosos.

Esta ordem foi executada.

Projeto de um corpo de cavalaria persa

Entretanto vinham chegando os medos, uns com carros aprisionados cheios de provisões, que haviam partido adiante, outros com carros em que vinham mulheres muito formosas, esposas e concubinas. Ainda hoje todos os asiáticos costumam levar à guerra o que têm de maior valor, dizendo que à vista dos objetos que mais estimam pelejam mais denodadamente para defendê-los. Talvez seja esta a razão.

Notava Ciro que as ações que os medos e hircânios acabavam de perpetrar e os brasões que por isso obtinham, era um desar para a fama dele e de seus soldados, que entretanto haviam permanecido ociosos. Os aliados mostraram a Ciro a presa e voltaram a continuar a perseguição, dizendo que esta ordem tinham recebido dos seus chefes. Ciro, mordendo-se, ordenou, todavia, que se colocassem por ordem os despojes, e tornando a convocar os taxiarcas, colocou-os onde seu discurso pudesse ser ouvido e principiou assim:

— Amigos, parece-me que todos nós sabemos que se nos pertencessem estes despojos, todos os persas ficariam ricos, e especialmente nós, que o havemos merecido por nossos serviços: mas não vejo como possamos jamais consegui-lo, sendo nós insuficientes sem um corpo de cavalaria nacional. Nossas armas servem para afugentar os inimigos, combatendo de perto; mas postos eles em fuga, como sem cavalos havemos de aprisionar e matar cavaleiros, arqueiros, peltastas e acontistas! Porventura recearão estes hostilizar-nos, sabendo que têm tanto que temer de nós, como de árvores, que se não movem? E sendo isto assim, está claro que os

cavaleiros, nossos aliados, julgarão ter tanto direito, ou talvez mais do que nós, sobre os despojos. Tal é a nossa crítica situação. Ora, se organizarmos uma cavalaria não inferior à deles, não é bem claro que obteremos sobre os inimigos as mesmas vantagens, que agora não podemos obter sem o auxílio dos aliados, e que estes serão menos vangloriados? Quando pudermos tentar todas as empresas, que nos importará que eles nos auxiliem ou não? Creio que ninguém negará as vantagens de uma cavalaria nacional. Talvez encontreis dificuldades em sua criação: mas vamos ver o que temos e o que nos falta. No acampamento dos inimigos ficaram muitos cavalos, freios, e os mais jaezes necessários. O armamento dos cavaleiros temo-lo nós, saias de malha para cobrir o corpo, e lanças para arremessar e para conservar na mão. Que mais nos falta? Homens? É de que menos precisamos: ninguém nos servirá melhor que os nossos. Alguém se lembrará de alegar nossa imperícia na arte de equitação; mas nenhum dos que nela é perito a sabia antes de a aprender. Alguém dirá ainda que a aprenderam desde crianças; mas porventura as crianças são mais perspicazes que os homens, para aprender o que se lhes diz e mostra? E quais depois de aprenderem, terão mais vigor para trabalhar, as crianças ou os homens? Nós temos para isso mais vagar que as crianças e os outros homens. Não temos que aprender, como as crianças, a armar um arco, e dardejar uma seta; porque já o sabemos. Não temos, como os outros homens, de nos ocuparmos da cultura de terras, de exercitar ofícios, e de desempenhar outras obrigações domésticas. Todo o nosso tempo é destinado aos misteres da guerra. A arte de equitação não é como os outros exercícios guerreiros, que são úteis, sim, mas trabalhosos. Em uma marcha, quanto mais suave é ir a cavalo do que a pé! Em uma ocasião crítica, quanto não é lisonjeiro poder com presteza acudir a um amigo, e em um alcance poder com celeridade apanhar um homem ou um animal! Quanto não é cômodo trazer o animal carregado das armas de que há de servir-se e tê-las sempre à mão! Alguém poderá recear que, se for preciso entrar em ação antes de bem versado na dita arte, se torne mau infante e mau cavaleiro. Esta ilusão é fácil de desvanecer. Temos a liberdade de combater a pé, quando quisermos. Por sabermos manejar um cavalo, não nos esqueceremos dos exercícios pedestres.

Ao terminar Ciro este discurso, Crisantas, aprovando, tomou a palavra e disse:

— Com tanto fervor desejo aprender a arte de equitação, que imagino que se chego a ser cavaleiro, serei um homem com asas. Agora, quando corro atrás de um homem, fico satisfeito passando adiante dele só com a cabeça; e se vejo ir correndo um animal, lisonjeio-me de poder armar o arco e despedir a seta antes dele estar muito afastado. Sendo cavaleiro, poderei matar um inimigo a qualquer distância que o aviste; e perseguindo os animais, poderei alcançá-los e feri-los, ou atirar-lhes como a um alvo; porque se dois animais são velozes na carreira, quando se aproximam, ficam um a respeito do outro como sem movimento. Dentre todos os animais, eu desejaria imitar os hipocentauros, se é verdade que existiram com inteligência para raciocinar, com as mãos para agir, com a velocidade e força de cavalo, de maneira que alcançavam quem lhes fugia e derrubavam quem lhes resistia. Todas estas qualidades reunirei em mim, andando a cavalo: com a inteligência raciocinarei sobre todas as coisas, nas mãos

trarei armas, com o cavalo irei no alcance dos contrários, com a força do bruto derribá-los-ei. Demais, não formarei, como acontece aos hipocentauros, um só corpo com o cavalo, o que é mais vantajoso. Eu creio que os hipocentauros não gozam de muitas comodidades inventadas pelos homens, nem de outras muitas particulares aos cavalos. Eu, se aprender a equitação, montado farei o mesmo que faziam os hipocentauros, desmontado cearei, vestir-me-ei, dormirei como os outros homens; de maneira que serei um hipocentauro que se pode decompor e recompor. Mas terei ainda uma vantagem sobre este animal, que vê só com dois olhos, e ouve só com dois ouvidos; enquanto eu me servirei de quatro olhos e quatro ouvidos. De feito dizem que o cavalo vê e ouve muitas coisas antes do cavaleiro e adverte este. Portanto inscrevei-me na lista dos que desejam aprender a arte da equitação.

— E a nós também — exclamaram todos os outros.

— Atento o voto comum, — instou Ciro — por que não havemos de publicar uma lei em virtude da qual fique coberto de opróbrio o cavaleiro que for encontrado a pé, seja grande ou pequeno o espaço a andar, para assim virmos a ser havidos por hipocentauros?

Todos aplaudiram a proposta. E desde aquele tempo até hoje permanece este costume na Pérsia, de sorte que nenhum persa de distinção aparece voluntariamente a pé. Eis os assuntos que se ventilaram nesse congresso.

Resolução de Ciro a respeito dos inimigos vencidos — As tropas de Ciro passam a noite no acampamento

Já passava do meio-dia quando chegaram os cavaleiros medos e hircânios com prisioneiros e cavalos. Eles não mataram os inimigos que tinham entregado as armas. A primeira coisa que Ciro lhes perguntou foi se todos se tinham salvado. Respondendo eles afirmativamente, lhes perguntou o que tinham feito. Fizeram a resenha de suas ações, magnificando cada uma delas. Ciro os ouvia com júbilo, e elogiava dizendo:

— Claramente mostrais que vos portastes com denodo; pois agora me pareceis maiores, mais gentis, e mais altivos do que antes.

Ciro continuou, perguntando que espaço haviam percorrido, e se o país era habitado. Responderam que tinham andado grande espaço, e que o país, além de ser todo habitado, estava cheio de ovelhas, cabras, bois, cavalos, trigo e outras coisas úteis.

— Duas coisas não devemos perder de vista — disse Ciro — sermos senhores dos que possuem estes bens, e ficarem eles habitando seu país. Um território habitado

é de muito valor, e abandonado de seus habitantes, também privado fica de produções úteis. Enquanto aos inimigos, fizestes bem em matar os que ousaram resistir (eficacíssimo meio para conservar a vitória), e aprisionar os que entregaram as armas. Muito útil será dar a estes a liberdade; primeiro, porque nem nos será preciso guardá-los, nem sustentá-los (não sendo nosso intento matá-los a fome); em segundo lugar, soltando-os, avultará o número de nossos cativos; ora se nos assenhorearmos deste território, todos os seus habitadores cairão em nosso poder; e vendo em liberdade seus compatriotas, preferirão ficar e obedecer, a tentar a sorte dos combates. Eu penso assim: se alguém conhece algum plano mais vantajoso, pode expô-lo.

Aprovado este discurso, Ciro chamou os prisioneiros e lhes disse:

— Deveis a vida à vossa submissão. Se continuardes a agir assim, nunca vos acontecerá mal nenhum; a única diferença constituirá em serdes governados por novos chefes. Habitareis as mesmas casas, cultivareis o mesmo terreno, vivereis com as mesmas mulheres, tereis domínio sobre vossos filhos, tudo como agora. Nem conosco, nem com alguma outra nação entrareis em guerra. Se alguma vos ofender, seremos nós os vossos defensores. Para que não aconteça que alguém vos incite à guerra, trazei-nos vossas armas: os que as trouxerem, terão paz e tudo mais que lhes prometemos, sem fraude; aos que assim não fizerem, lhes levaremos guerra. Os que se nos entregarem de boa mente, para nos servirem com suas ações e conselhos, serão por nós tratados como benfeitores e amigos, e não como escravos. Gravai isto em vossa memória, e ide anunciá-lo a vossos compatriotas. Se alguns se opuserem à nossa vontade, guiai-nos contra eles, para que nós os mandemos a eles e não eles a nós.

Aqui terminou a oração. Os prisioneiros, com todas as demonstrações de respeito, disseram que cumpririam suas ordens.

Os prisioneiros partiram.

— Medos e hircânios — disse Ciro — ê tempo de cearmos todos; as coisas necessárias estão arranjadas o melhor que nos foi possível. Ide e mandai-nos metade do pão que foi preparado; bastante para todos nós. Não mandeis condimento nem coisa alguma de beber, porque temos disso abundância. Vós, hircânios, guiai-os às tendas, os chefes às maiores (vós as conheceis) e as outras distribuí-as como julgardes a propósito. Depois ceai onde quiserdes. Em vossas tendas tudo está preparado como nestas. Sabei uns e outros, que de noite nós guardaremos o exterior do acampamento, e vós tende cuidado só do interior e não largueis as armas, porque os prisioneiros que estão nas tendas não são ainda nossos amigos.

Os medos e armênios, como tudo estivesse pronto, lavaram-se, mudaram de vestidos, e principiaram a cear. Aos cavalos também não faltou que comer. Mandaram aos persas metade do pão sem conduto nem vinho, persuadidos que tinham abundância disto, como Ciro lhes dissera. Ciro, no que tinha dito, queria significar que a

fome lhes serviria de conduto, a água do rio de bebida. Havendo ceado os persas, tanto que escureceu, Ciro expediu muitas quincúrias e decúrias, com ordem de se emboscarem em roda do acampamento, para impedir que alguém entrasse, e prender os que fugissem com algum esbulho, como de fato aconteceu. Muitos que iam fugindo, foram presos, e Ciro os mandou degolar; e repartiu o furto pelos que o tinham interceptado. Daqui em diante era difícil ver-se alguém sair de noite dos arraiais. Os persas assim passaram a noite. Os medos beberam, comeram, tocaram, e se entregaram a tudo que dava alegria. Eles tinham achado no campo muitas coisas em que se podiam entreter os que quisessem velar toda a noite.

Ciaxares irritado manda retirar os medos — Ciro lhe envia uma carta e pede um exército à Pérsia

Na mesma noite em que Ciro se separara de Ciaxares, este, alegre com a vitória, embriagou-se com seus cortesãos. Julgava ele que, excetuando um pequeno número, os outros medos se achavam no arraial, porque ouvia grande ruído. Eram os escravos medos, que, havendo tomado ao exército assírio vinho e outras muitas coisas de comer e beber, na ausência de seus senhores bebiam imoderadamente e faziam grande algazarra. Ao amanhecer, ninguém aparecia à porta de Ciaxares, exceto os que com ele haviam ceado. Ciaxares, ouvindo dizer que o acampamento estava vazio de cavaleiros medos, foi verificar, e vendo que assim era, bramou de raiva contra Ciro e contra os medos, pelo terem deixado só, e logo, como era homem violento e de pouco tino, ordenou a um medo que estava presente que com alguns cavaleiros fosse quanto antes ao exército de Ciro, e dissesse assim: "Nunca pensei, ó Ciro, que vossa imprudência vos arrastasse a tratar-me tão levianamente e que vós, medos, me deixásseis só. Agora, Ciro venha se quiser, mas vós quanto antes apresentai-vos".

— Senhor, — disse o enviado — como hei-de eu encontrá-los?

— Como encontrou Ciro aqueles contra quem havia partido?

— Ouço dizer que lhes serviram de guias alguns desertores hircânios.

Ouvindo isto, Ciaxares se exasperou muito mais contra Ciro, pôr lhe não ter dado parte disto; e com mais ardência querendo enfraquecer o exército, mandou chamar os medos, ameaçando a estes, e ameaçando o enviado, se não desempenhasse a missão com energia. O enviado partiu com cem cavaleiros, arrependido de não ter acompanhado Ciro. Chegando a uma encruzilhada, tomaram uma estrada por onde se perderam e só chegaram ao acampamento de Ciro depois de encontrar alguns assírios fugitivos, aos quais obrigaram a guiá-los, tendo avistado as fogueiras. Era pela meia-noite. As sentinelas não os deixaram entrar antes de amanhecer. Ao romper do dia, Ciro chamou os magos, e lhes ordenou que tirassem dos despojos os objetos que se deviam oferecer aos deuses pela vitória. Enquanto se

ocupavam nisto, Ciro convocou os homotimos e disse:

— Amigos, Deus nos liberaliza grandes tesouros; mas nós somos em pequeno número para poder conservá-los. Se não guardarmos os que adquirimos, outra vez irão parar a mãos alheias; se lhes pomos guardas, ficamos sem forças. Por conseqüência, é minha opinião que um de vós vá, quanto antes, à Pérsia, dê conta do que por aqui se passa e faça logo vir um exército, se os persas desejam possuir o senhorio e as produções da Ásia. Vós, que sois o mais velho, parti. Exponde o que eu acabo de dizer, e acrescentai que eu me incumbo da sustentação das tropas que vierem. Estais vendo os tesouros que possuímos, não oculteis nada. A meu pai perguntai que parte deles devo mandar para oferecer aos deuses e aos magistrados, que parte devo mandar para o Estado. Recomendai que enviem também oficiais, que tomem conta no que aqui se passa, e outros para organizar um conselho. Preparai-vos, e levai convosco uma coorte.

Ciro chamou depois os medos, e ao mesmo tempo apareceu o enviado de Ciaxares; e na presença de todos falou da ira de seu tio contra Ciro, e das ameaças dirigidas aos medos, e disse por fim que ele mandava retirar os medos, ainda que Ciro quisesse ficar. Ouvindo o enviado, os medos ficaram silenciosos, não achando fundamento para desobedecer ao seu rei; e, antolhando-se-lhes a crueldade dele, temiam a realização das ameaças, se lhe obedecessem. Ciro tomou a palavra e disse:

— Enviado de Ciaxares, e vós medos, não me espanto que vosso rei, vendo muitos inimigos e ignorando nossa situação, tema que nós e ele periguemos. Quando souber que muitos inimigos jazem sem vida, e os demais foram afugentados, acabará seu temor e conhecerá que não foi desamparado por seus amigos, quando estes andavam destruindo seus inimigos. Que motivo pode ele ter para queixar-se de nós, cujas empresas são todas em utilidade sua, e não executadas por deliberação nossa? Eu obtive dele permissão para partir convosco, e vós nem sequer lho pedistes, como quem desejava separar-se dele; viestes cedendo ao convite que ele fez a quem quisesse acompanhar-me. Eu sei que a notícia da vitória há de extinguir sua ira e temor. Vós, enviado de Ciaxares, ide repousar, porque haveis de estar cansado. Nós, os persas, visto que esperamos que os inimigos ou venham combater ou prestar obediência, formemo-nos em ordem de batalha o melhor possível; porque assim será preenchido o objeto de nossos desejos. E vós, chefe dos hircânios, ordenai a vossos capitães que chamem às armas os soldados.

Cumprida esta ordem, o hircânio tornou a apresentar-se a Ciro, que lhe disse:

— Lisonjeio-me com vossa amizade e perspicácia, partes que são agora muito vantajosas; porque se os assírios são meus inimigos, para vós são eles muito mais infestos. Assim curemos de que nenhum dos nossos aliados se separe de nós, e não percamos ocasião de buscar novas alianças. Ouvistes o enviado de Ciaxares, que chama sua cavalaria. Se ela se retirar, que havemos de fazer somente com a infantaria? Convém, pois, que eu e vós ponhamos em prática os meios necessários

para que o próprio enviado queira ficar conosco. Procurai uma tenda, onde ele tenha as maiores comodidades: eu dar-lhe-ei um emprego que o faça preferir ficar em nossa companhia. Falai-lhe também das grandes riquezas que todos os aliados esperam, se a fortuna patrocinar nossos projetos. Desempenhai esta incumbência, e voltai.

Enquanto o hircânio tratava de recolher o enviado medo, apresentou-se já preparado a Ciro o mensageiro que devia partir para a Pérsia. Ciro lhe recomendou que expusesse aos persas o que antes lhe tinha dito, e entregasse uma carta a Ciaxares.

— Eu quero, — continuou Ciro — ler-vos o seu conteúdo, para poderdes responder às perguntas que ele vos fizer.

“Não vos deixámos só, Ciaxares. Ninguém tem razão de se queixar de ser desamparado por seus amigos quando estes lhe andam destruindo os inimigos. A nenhum perigo vos expusemos, por nos havermos afastado. Pelo contrário quanto mais nos alongarmos, maior é a seguridade em que vos colocamos. Não são os que se assentam ao pé de seus amigos os que lhes dão essa seguridade, mas sim os que andam ao longe afugentando os inimigos. Já que me censurais, pensai no meu comportamento para convosco e no vosso para comigo. Eu trouxe-vos tropas auxiliares, e se não foram quanto pedíeis, foram quantas pude congregar. Vós, enquanto estáveis em terras amigas, fornecestes-me quantas reclamei, e agora, que estou em territórios inimigos, chamais, não os soldados somente que tenham vontade de se retirar, mas todos sem exceção. Tencionava eu agradecer a todos vós; mas agora me constrangeis a esquecer-me de vós, e a mostrar todo o meu reconhecimento para com os que me acompanharam. Contudo não quero assemelhar-me convosco. Mandei vir da Pérsia um exército, e recomendei que antes de partir possais dispor dele à vossa vontade. Posto que de menos idade, quero dar-vos alguns conselhos. Não reclameis as dádivas, que tendes feito, para que o reconhecimento não ceda o lugar à inimizade; quando quiserdes pronta obediência de alguém, não o chameis com ameaças; não ameaceis a muitos, dizendo que estais só, para não indicardes a maneira de vos desprezarem. Enfim, nós iremos a vossos pés, tanto que pusermos termo às empresas a que metemos ombros, vantajosas igualmente para vós e para nós. Adeus.”

— Este é o conteúdo da carta. Entregai-a a Ciaxares — continuou Ciro — e se ele vos fizer algumas perguntas, regulai vossas respostas pelo que ouvistes ler.

Deu a carta ao mensageiro e o despediu, recomendando-lhe que fosse depressa, pois que ele mensageiro bem sabia quanto importava voltar com celeridade.

Distribuição dos despojos dos inimigos — História de Gobrias

Já Ciro via armados todos os hircânios, armênios e persas, quando chegaram alguns moradores vizinhos com cavalos e armas. Ciro mandou que pusessem as lanças, onde já antes outras tinham sido postas, e que as queimassem, exceto as de que tivessem necessidade os encarregados disto. Quanto aos cavalos, ordenou que os que os tinham trazido os ficassem guardando até segunda ordem. Depois disto chamou os chefes dos hircânios e dos medos, e lhes falou assim:

— Amigos e aliados, não vos admireis que eu vos reúna freqüentes vezes. Como é nova nossa atual situação, muitas coisas estão ainda em desordem, o que necessariamente há de causar incômodo, enquanto não tomar tudo um andamento regular. Sendo muitos os despojos e os cativos, e não sabendo nós que parte da presa nos pertence, nem os cativos que senhor hão de ter, são poucos os que cumprem seus deveres, vacilando a maior parte no que deve fazer. Para evitar este inconveniente, fazei a distribuição da presa. Os que estão alojados em barracas bem providas de mantimentos, de vinho, de criadagem, de leitos, de vestidos, e de tudo o mais que é preciso para se viver comodamente em uma barraca de campanha, não necessitam de mais nada senão que se lhes faça saber que tomem conta de suas barracas como de propriedade sua. Aos que se acharem alojados em barracas mal providas, dai-lhes o que lhes falta. Sei que hão de sobrar ainda muitas coisas, porque os inimigos tinham muito mais do que precisamos para o nosso exército. Os tesoureiros do rei assírio e de outros reis vieram ter comigo, e me disseram que eles possuíam ouro amoedado, proveniente de tributos. Notificai-lhes por um pregoeiro que vo-lo tragam, onde quer que estejais acampados, e com penas que amedrontem os que não cederem. Havendo à mão esse ouro, reparti-o pelos infantes e cavaleiros, recebendo estes o duplo daqueles, para poderdes comprar o de que necessitardes. Anuncie-se também mercado franco no acampamento, para que os vivandeiros e mercadores venham vender com segurança seus objetos, e exportar outros, fazendo-se assim freqüentado o acampamento.

Esta proclamação foi logo feita.

— Mas como — perguntaram os medos e hircânios — havemos de fazer a distribuição na vossa ausência e dos vossos?

— Porventura pensais que é preciso assistirmos todos a todos os atos; que não é bastante que eu em qualquer ocasião advogue vossa causa e vós a nossa? Aquilo seria implicarmo-nos em maior número de negócios e colher menor utilidade. Notai: nós vos guardamos a presa e vós a julgastes bem guardada; agora fazei vós a distribuição, que nós a julgaremos bem feita, e entretanto nos ocuparemos relativamente ao bem comum. Vede quantos cavalos temos, e quantos nos vêm chegando: se ninguém os montar, longe de nos serem úteis, causar-nos-ão incômodo com seu tratamento; mas se os dermos a cavaleiros, livrar-nos-emos deste trabalho, e aumentaremos nossas forças. Se tendes a quem dar os cavalos, e em cuja companhia vos seja mais agradável expor-vos aos riscos da guerra, dai-os a eles, muito embora, e se preferis nossa companhia, presenteai-nos com eles. Quando sem nós vos ides abarbar com os

contrários, muito tememos vos aconteça algum desastre, e muito tememos o desar de não correr os mesmos perigos. Se tivermos cavalos, seguir-vos-emos por toda parte, e conforme julgardes mais proficiente, assim lutaremos a pé ou a cavalo, sempre com o mesmo ardor.

— Não temos — responderam eles — a quem dar os cavalos; mas ainda que tivéssemos, querendo-os vós, ninguém vos seria preferido. Recebei-os, e disponde deles a vosso talante.

— Eu os recebo, e oxalá que venhamos a ser bons cavaleiros. O resto da presa dividi-a em comum. Ponde primeiro de parte o que os magos tirarem para os deuses, e escolhei para Ciaxares o que vos parecer mais de seu gosto.

— É preciso — disseram eles rindo-se — escolher para ele mulheres formosas.

— Sejam mulheres formosas e o mais que vos parecer. Hircânios, ponde da vossa parte todo o cuidado em que estes medos, que hão seguido voluntários minhas bandeiras, não tenham motivo de queixa; e vós, medos, respeitai os hircânios, vossos primeiros aliados, para que se felicitem de nossa amizade. Contai também com o enviado de Ciaxares e seus companheiros e exortai-o a ficar conosco, para com mais individuação poder informar Ciaxares do estado das coisas. Para os meus persas será bastante o que vos sobrar depois de bem providos, porque fomos educados rusticamente e não com delicadezas. De feito, excitaríamos o riso, se nos vissem com algum objeto precioso, como havemos de excitar quando montarmos a cavalo e cairmos em terra.

Principiaram a entender na repartição da presa, rindo-se da nova cavalaria. Ciro ordenou aos taxiarcas que recebessem os cavalos, os arreios, os moços da estrebaria, e fazendo partes iguais os distribuíssem à sorte por todas as companhias. Depois mandou publicar que se houvesse no exército dos assírios, dos sírios, ou dos árabes, algum escravo trazido à força da Média, da Pérsia, da Bactriana, da Cária, da Cilícia, da Grécia, ou de qualquer outra parte, se apresentasse. Logo concorreu grande número a esta voz. Ciro escolheu as armas que lhes dava e que ele entenderia em sua sustentação. Logo os conduziu aos taxiarcas, a quem recomendou que lhes fornecessem escudos e espadas ligeiras, para poderem acompanhar a cavalaria e os provessem de uma porção de víveres igual à dos persas; e que eles, taxiarcas, nunca apeassem. Ele, Ciro, deu o exemplo, e ordenou que elegessem entre os homotimos outros chefes que em seu lugar comandassem os da mesma classe que ficaram sem cavalo.

Entrementes chegou a cavalo um velho assírio chamado Gobrias, seguido de criados também a cavalo e todos armados. Os oficiais, encarregados de receber as armas dos que se apresentavam, lhes ordenaram que entregassem as lanças para queimá-las, como já haviam feito a outras. Gobrias disse que primeiro queria ver Ciro. Os oficiais deixaram ali os criados de Gobrias, e levaram este à presença de Ciro.

Gobrias, assim que o viu, falou nestes termos:

— Sou assírio de nação. Possuo um forte castelo, tenho o domínio de largo território, e fornecia cem cavalos ao rei da Assíria, que era o meu mais íntimo amigo. Mas como este bom homem morreu às vossas mãos, e lhe sucedeu seu filho, meu implacável inimigo, eu venho suplicante prostrar-me a vossos pés. Eu me entrego como vosso servo e como vosso aliado; peço-vos que vingueis minhas injúrias, e vos adoto por meu filho, porque não tenho nenhum filho varão. Tinha um filho único, belo e virtuoso, objeto da minha afeição, glória e ventura. O rei defunto, pai do que hoje é rei, mandou chamá-lo para lhe dar a mão de sua filha. Eu, extasiado de ver meu filho casado com uma princesa, o fiz logo partir. Um dia o tirano que atualmente reina, o convidou a uma caçada, e como se presumia por melhor cavaleiro que ele, o deixou caçar com toda a liberdade. Meu filho pensava estar com um amigo. Apareceu um urso, e perseguindo-o ambos, o príncipe, despedindo a seta, errou o tiro (oxalá que assim não acontecesse) e meu filho, arremessando a sua, lançou em terra o animal. O príncipe, incitado de inveja, reprimiu-a contudo. Aparece um leão, e outra vez o príncipe erra o golpe (o que não é para admirar) e meu filho o lança em terra, exclamando: "— De dois golpes sucessivos matei duas feras". Então o cunhado, sem conter os ímpetos de inveja, arranca uma lança das mãos de um dos companheiros e enterrando-a no peito de meu único filho lhe tirou a vida. Desgraçado de mim, que em vez de um noivo levei um cadáver e já tão velho sepultei um filho dileto, que apenas era entrado na puberdade. O assassino, como tendo perdido um inimigo, nunca se mostrou arrependido, nem tributou nenhuma honra à sua memória, para expiação de seu delito. Seu pai, penalizado de minha desventura, se comiserou de mim. Se ele ainda vivera, eu não viria a vossos pés queixar-me; porque entre nós se deram muitas demonstrações de recíproca amizade. Mas para com o homicida de meu filho, que acaba de subir ao trono, nunca poderei mostrar-me com a menor sombra de afeição, nem ele me pode ter na conta de amigo. Ele bem sabe quais são os meus sentimentos para com ele, quão alegre eu vivia antes da morte de meu filho e quão penosa levo agora minha velhice no meio da solidão e da dor. Se me receberdes debaixo de vossa proteção, e me derdes esperanças de vingar os manes de meu caro filho, sentir-me-ei remoçar, viverei honrado, e morrerei contente.

— Se essas vossas falas — respondeu Ciro — são a exata expressão de vossos sentimentos, ouço vossos rogos, e prometo punir o assassino com o auxílio dos deuses. Dizei-me: se além disto vos deixarmos a posse de vosso castelo, do território, das armas e da autoridade que antes tínheis, que serviços nos prestareis?

— O castelo passará a vosso domínio quando quiserdes; pagar-vos-ei os tributos que antes pagava ao rei assírio; em tempo de guerra acompanhar-vos-ei com as minhas forças. Eu tenho uma filha querida, já casadoura, cuja mão eu destinava para o atual rei, mas ela me veio pedir chorando que a não entregasse ao matador de seu irmão; e eu neste parecer estou. Eu a ponho em vosso poder. Tratai-a com a afeição que eu vos consagro.

— Com estas condições, eu vos dou minha destra, e recebo a vossa para sinal de verdade. Sejam testemunhas os deuses.

Feito isto, Ciro disse-lhe que podia retirar-se com as armas, e lhe perguntou a que distância ficava o castelo, onde tencionava ir.

— Se partirdes amanhã pela manhã, ao outro dia estareis conosco.

Gobrias deixou um guia e retirou-se.

Chegaram os medos, depois de entregarem aos magos o que estes haviam separado para os deuses. Escolheram para Ciro uma barraca mui esplêndida, uma mulher de Susa havida pela mais formosa de toda a Ásia, e duas mulheres versadíssimas na música. O que acharam de mais precioso depois disto, escolheram para Ciaxares; e se muniram de outras coisas de que precisavam, para não sofrer míngua durante a campanha. De tudo havia grande abundância. Os hircânios tomaram também aquilo de que necessitavam; e o enviado de Ciaxares teve igual parte. Entregaram a Ciro as restantes barracas para uso dos persas. Quanto ao dinheiro, assentou-se que depois de arrecadado todo, fosse repartido, e assim se fez.

Feito isto, Ciro mandou guardar as coisas escolhidas para Ciaxares por pessoas que ele sabia lhe serem muito familiares.

— As coisas que me derdes — continuou ele, — de boa vontade as recebo; mas se algum tiver precisão, poderá dispor delas.

— Ciro — disse um medo amante da música — ontem à tarde muito prazer tive em ouvir uma das músicas que vos couberam em partilha. Se me derdes uma delas, ser-me-á mais gostoso viver na campanha do que em casa.

— Eu vo-la entrego, e fico mais agradecido dando-a do que recebendo-a. Tanto anelo comprazer convosco.

O medo tomou posse da música, muito satisfeito.

LIVRO V

Ciro confia a Araspas a guarda de Panteia — Os medos estão resolvidos a não deixar a companhia de Ciro — Ciro vai visitar o castelo de Gobrias — Ciro trata de saber quais são os aliados do rei assírio que tinham motivos para se queixar deste — Ciro transpõe os territórios de Gobrias e ganha a aliança de Gadatas — Gadatas dispõe-se a defender os lugares fortes contra os assírios — Ciro marcha em socorro de Gadatas — Traição malograda de um dos oficiais de Gadatas — Derrota dos cadúsios — Pacto entre os reis beligerantes a favor dos lavradores — Gadatas e Ciro partem juntos, e chegam às fronteiras da Média — Ciaxares vem ter com Ciro, para deliberarem a respeito da continuação da guerra.

Ciro confia a Araspas a guarda de Pantela

Ciro chamou o medo Araspas. Este medo tinha sido seu companheiro desde a infância, e fora aquele a quem dera a capa, ao retirar-se da corte de Astíages para a Pérsia. Ciro confiou-lhe a guarda da tenda e da mulher, que era esposa de Abradatas, rei da Susiana. Quando foi tomado o acampamento dos assírios, seu marido tinha ido na qualidade de embaixador pedir auxílio ao monarca da Bactriana. Fora escolhido para esta missão por causa dos direitos de hospitalidade, que entre ambos havia. Ciro ordenou a Araspas que a guardasse até que seu marido a reclamasse.

— Ciro — perguntou Araspas — vistes a mulher que cometeis à minha guarda?

— Não.

— Pois eu tive ocasião de vê-la, quando a escolhemos para vós. Ao entrarmos em seu pavilhão, não a conhecemos à primeira vista. Estava sentada no chão, rodeada de todas as suas criadas e vestida como estas. Querendo saber quem era a senhora, olhámos para todas, depressa a distinguimos de todas as outras, posto que estivesse sentada, coberta com um véu, e com os olhos pregados no chão. Mandamo-la levantar, e levantando-se ao mesmo tempo todas as criadas, então se deu a conhecer por sua estatura, robustez, honestidade e beleza, posto que estivesse em trajos simples. As lágrimas lhe corriam até aos pés, molhando os vestidos. Então lhe disse o mais velho dentre nós: — “Não desanimeis. Sabemos que vosso marido é um varão gentil e honrado: mas aquele a quem vos destinamos, não lhe dá vantagem em gentileza, honra e dignidade. Sim, segundo nossa opinião, se alguém há digno de ser admirado, Ciro, a quem pertencereis de ora em diante, está nesse caso.” Ao ouvir estas palavras, ela rasgou o véu no meio de clamores, no que a acompanhavam suas criadas. Então lhe pude ver a maior parte do rosto, o pescoço e as mãos. Sempre vos digo, Ciro, que eu e todos que a viram, pensamos que não haveria em toda a Ásia beleza igual. Deveis ir vê-la.

— O que me dizeis da sua rara formosura, apaga em mim o desejo de a ver.

— Por quê?

— Porque, se eu, não tendo vagar para isso, me resolvesse a ir vê-la, movido somente pelo que me contais de sua beleza, receio que esta me provocasse a ir outra vez visitá-la, e que depois, desprezando os negócios de minha obrigação, me entretivesse constantemente na contemplação de sua formosura.

— Ciro, vós pensais que a formosura é capaz de violentar alguém a transpor os limites de seus deveres? Se assim fora, todos nós seríamos igualmente violentados. Vede como o fogo queima igualmente a todos: porque isso é de sua natureza. Enquanto a mulheres formosas, uns se deixam possuir de amor por elas, outros não; nem todas agradam a todos: cada um ama livremente a quem quer. O irmão não ama a irmã, nem o pai a filha, as quais todavia têm quem as ame. Afora isto, o temor das leis tem força de reprimir o amor. Se uma lei prescrevesse que não tivesse fome quem não comesse, nem sede quem não bebesse, não houvesse frio de inverno, nem calor de verão, tal lei seria inexeqüível, porque tais sensações são naturais. O amor é livre: o homem escolhe esta ou aquela mulher para objeto de seu amor.

— Se o amor é livre, qual a razão por que o homem não pode, quando quer, desistir de amar? Tenho visto muitos amantes vertendo lágrimas de dor, e como escravos, rendidos ao objeto de seu amor, pessoas que antes reputavam a escravidão o maior mal. Eu os tenho visto liberalizar muitas coisas que não poderiam dispensar, e desejosos de se livrarem desta paixão como de uma doença, não o poderem fazer; pelo contrário, ligados por ela com tão viva força, como se fora com uma cadeia de ferro. Debalde os amantes se rendem como escravos ao objeto amado, e todavia não tentam esquivar tais males, antes curam de que esse objeto lhes não escape.

— É verdade, assim procedem, o que demonstra sua fragilidade. São tão miseráveis que chegam a desejar a morte, e, tendo mil maneiras de o fazer, não o executam. Gente desta, tentando roubar, não sabe vencer sua tentação, e feito o roubo, vós sois o primeiro a acusá-la e sem perdão castigá-la, porque não tinha necessidade de furtar. O mesmo se pode dizer da formosura: ela não obriga a amar, nem a ter desejos do que se não deve desejar. São os homens de pouco porte, que, não sabendo subjugar seus desejos, atribuem depois a culpa ao amor: pelo contrário, o homem forte e honrado, apetecendo ouro, bons cavalos e mulheres formosas, sabe prescindir destas coisas tão facilmente, que lhes toca injustamente. Eu vi a princesa de que falamos, e apesar de sua formosura, aqui me tendes a cavalo junto de vós, e sempre pronto a cumprir meus deveres.

— Talvez vos afastásseis mais depressa do que é necessário para que o amor colha o homem em seus laços. Ainda que o fogo não queime apenas se toca, nem a madeira imediatamente se inflame, eu não quero tocar o fogo nem olhar para a formosura. Araspas, eu vos aconselho a não apascentar na formosura por longo tempo a vista; porque se para o fogo queimar é preciso tocar-lhe, a formosura fere com os raios do amor a quem para ela de longe olha.

— Não vos assusteis, meu Ciro. Ainda que eu estivesse continuamente na presença da princesa, nunca seria induzido à prática de ações repreensíveis.

— Dizeis bem. Tomai conta dela, como vos ordenei: talvez que ainda nos venha a ser bem útil.

Concluído este diálogo, separam-se um do outro. O jovem Araspas notava a extraordinária formosura da princesa e sua honestidade, observava a gratidão com que ela lhe retribuía os serviços que ele lhe fazia, mandando-o servir por suas escravas, tendo-lhe preparadas todas as coisas necessárias quando ele entrava na tenda, e tratando dele com todo o cuidado, se estava doente. Este concurso de motivos ocasionou, o que não é para espantar, que o amor tomasse posse do coração de Araspas.

Os medos estão resolvidos a não deixar a companhia de Ciro

Querendo que os medos e os outros aliados ficassem com ele voluntariamente, Ciro convocou os oficiais todos e lhes falou neste teor:

— Medos e vós todos, que presentes vos achais, bem sei que não foi por causa de dinheiro, nem por servir a Ciaxares, que partistes comigo: a vontade de mostrar-me vosso afeto e honrar-me vos empenhou a fazer uma marcha noturna, e a correr os mesmos perigos que nós. Vossos serviços, a não querer eu cometer uma injustiça, serão recompensados. Ao presente não me acho em estado de o fazer e não me envergonho de assim o declarar; aliás julgar-se-ia que minhas promessas se encaminhavam a infundir-vos a vontade de não vos retirardes. Direi mais para minha justificação. Posto que obedeçais ao mandado de Ciaxares, retirando-vos, sempre meu comportamento será digno de vossos louvores, se a fortuna me favorecer. Eu não estou resolvido a retirar-me. Nunca serei traidor à lealdade que jurei aos hircânios; e enquanto a Gobrias, que nos oferece seu castelo, territórios e tropas, farei com que se não arrependa de ter buscado minha amizade. Mais que tudo, temos os deuses, que claramente nos prodigalizam seus favores, e envergonho-me de desprezá-los e partir. Eis a minha resolução. Fazei vós o que entenderdes; mas dai-me vosso parecer.

O medo, que em outro tempo dissera ser parente de Ciro, tomou a palavra e disse:

— Ó rei (epíteto é este que me parece tão naturalmente competir-vos, como à chefe das abelhas em uma colmeia, as quais de boa vontade lhe obedecem. Se fica na colmeia, nenhuma sai, se sai, todas a acompanham. Tão suave lhes é serem por ela governadas): dos mesmos sentimentos estão possuídos estes homens para convosco. Quando da Média partistes para a Pérsia, que medo moço ou velho procurou pretexto

para não vos acompanhar, até que Astíages nos mandou voltar? Quando depois viestes da Pérsia em nosso auxílio, vimos que todos os vossos amigos se alistavam de boa vontade sob vossas bandeiras: e agora nesta expedição todos os medos vos acompanharam espontaneamente. Pensamos que vossa presença nos infunde coragem no território inimigo, e sem vós temeremos até voltar à pátria. Os outros declarem seus intentos; eu, e os que estão debaixo do meu comando, não nos separaremos de vós, cuja presença e benefícios nos dão tolerância nos trabalhos.

— Ó Ciro — disse Tigranes — não vos espanteis que eu guarde este silêncio. Estou aqui, não para entrar em discussões, mas para executar vossas ordens. Medos, se vos retirásseis, eu atribuiria vosso proceder à inspiração de algum gênio maligno, que não quer vossa felicidade. Quem, não destituído de juízo, voltará as costas aos inimigos que vão fugindo, e recusa receber-lhes as armas, as pessoas e os bens, que eles oferecem? Mormente tendo nós um general, que mais se apraz (invoco o testemunho dos deuses) em nos beneficiar do que em locupletar-se.

— Ciro — exclamaram todos os medos — vós nos trouxestes da pátria, à pátria nos reconduzireis quando vos parecer conveniente.

— Grande Júpiter — disse Ciro — peço-vos que meus benefícios excedam a deferência com que estes me tratam.

Mandou então que se pusessem sentinelas para segurança, que os persas distribuíssem as tendas, as melhores aos cavaleiros, as outras aos infantes, que fossem levados à companhia dos persas os víveres preparados, e os cavalos já pensados, de maneira que só aos persas ficava o cuidado do que era atinente à guerra. Assim passaram os dias.

Ciro vai visitar o castelo de Gobrias

No dia seguinte pela manhã, partiram para o castelo de Gobrias, Ciro e cerca de dois mil persas a cavalo, seguidos de outros tantos armados de escudos e espadas. O resto do exército marchava em forma. Ciro ordenou que cada um anunciasse a seus subordinados que seria castigado todo aquele que fosse encontrado fora da retaguarda, ou da vanguarda, ou dos flancos do exército.

Pela tarde do dia imediato, chegaram ao castelo de Gobrias e viram que por sua fortaleza seria capaz de repelir completamente qualquer invasão. Por fora das muralhas andavam grandes manadas de bois e rebanhos de ovelhas. Gobrias mandou dizer a Ciro que desse uma volta em roda dos muros, para observar se havia algum lugar acessível, e enviasse dentro do castelo algumas pessoas de confiança, que lhe participassem o que vissem. De feito, querendo examinar se o castelo era por algum lado acessível ou se Gobrias lhe mentira, Ciro deu a volta e notou que era tão forte que o acesso seria impossível. Os que tinham ido ter com Gobrias, vieram dizer que havia

no castelo tantas provisões que, segundo lhes parecia, na idade de um homem não padeceriam míngua os que habitavam dentro dele. Esta notícia causava a Ciro certa impressão. Gobrias veio ter com ele com todos que havia no castelo, uns trazendo vinho, outros farinha, outros bois, porcos, ovelhas e cabras, para dar uma lauta ceia ao exército de Ciro. Distribuíram isto às pessoas a quem competia tal mister, e prepararam a ceia.

Saíram todos do castelo, e Gobrias pediu a Ciro que entrasse com a cautela que lhe parecesse necessária. Ciro mandou adiante alguns exploradores com um corpo de tropas e em seguida entrou: e conservando as portas abertas, chamou todos os seus amigos e capitães.

Logo que entraram, Gobrias apresentou a Ciro taças de ouro, jarros, armas, alfaias de todas as espécies, grande porção de daricos, e todas as preciosidades. Afinal apresentou sua filha, que além de sua extraordinária beleza era de majestosa estatura: vinha vestida de luto por causa da morte de seu irmão.

— Ciro — disse Gobrias — de todas estas coisas vos faço doação. Disponde de minha filha a vosso bel prazer. Só vos rogamos, eu como já vos roguei, que vingueis os manes de meu filho; ela agora vos roga que vingueis os manes de seu irmão.

— Em outra ocasião vos prometi — tornou Ciro — vingar-vos com todas as minhas forças, se me não enganásseis. Agora que vejo vossa verdade, devo cumprir a promessa, a qual, com o auxílio divino, faço também à vossa filha. Recebo vossos presentes, mas para dá-los a esta, e a quem for seu esposo. Para mim só reservarei um, o qual não trocarei por todas as riquezas de Babilônia e de todo o mundo.

Cheio de admiração, e suspeitando que Ciro iludia sua filha, Gobrias lhe perguntou que presente era esse de que falava.

— Eu sei — respondeu Ciro — que há muitos homens infestos contra o perjúrio, contra a injustiça e contra a mentira, mas como ninguém lhes confia riquezas consideráveis, o poder real, castelos fortificados, filhos queridos, morrem sem ostentar suas qualidades louváveis. Enquanto a mim, metendo-me vós de posse de um castelo fortificado, de variados tesouros, de vossas tropas, e de vossa amável filha, patenteastes ao mundo que não sou perjuro para com os hóspedes, nem injusto por causa do dinheiro, nem quebrantador de pactos. Tal é o presente a que me refiro, do qual jamais me esquecerei enquanto possuir sentimentos de justiça e for por eles elogiado. Da minha parte buscarei galardoar-vos com todas as venturas. Não tenhais receio que falte à vossa filha um esposo digno dela. Tenho muitos amigos, e bons, dos quais algum desposará vossa filha; não posso dizer se tão rico ou mais do que ela. Sabei, porém, que alguns deles, não é incitados pelo dote que lhes derdes que vos hão de respeitar mais. Eles invejam minha sorte, e pedem aos deuses que os deixem provar que não são menos leais do que eu para com seus amigos, nem dão vantagem aos seus inimigos, quando os deuses os não desfavorecem. Preferem a virtude e a boa

educação a todos os vossos tesouros, reunidos aos dos sírios a assírios. É desta qualidade de gente que vedes aqui sentada.

— Pelas divindades — disse Gobrias sorrindo-se — mostrai-me, Ciro, esses homens, para vos pedir um para meu genro.

— Não é preciso mostrar-vos: vinde conosco, e podereis até indigitá-los a outrem.

Ditas estas palavras, Ciro travou-lhe da destra, levantou-se, e não cedendo às suas instâncias para que ceasse dentro do castelo, saiu com toda a comitiva e foi cear ao seu acampamento e com ele Gobrias. Ciro, deitado sobre um monte de ervas, disse para Gobrias:

— Contai-me cá: tendes maior número de camas do que cada um de nós?

— Por Júpiter, vós tendes mais tapetes e mais camas do que nós, e uma habitação mais larga, vós que tendes por habitação toda a vastidão da terra e todo o céu. Desta forma vossos leitos são tantos quantos lugares há na superfície da terra; vossas tapeçarias não são feitas das lãs que as ovelhas produzem, mas são os mesmos arbustos e ervas, que nascem nos montes e nos campos.

Gobrias, que pela primeira vez ceava com os persas, vendo a simplicidade de suas comidas, notava que os seus comiam com mais apetite. De feito, um persa, criado nas escolas públicas, à vista das iguarias não mostra sofreguidão, nem com os olhos nem com as mãos, e seu espírito jaz no mesmo sossego, como se não estivera à mesa. Assim como os cavaleiros, ao mesmo tempo que vão cavalgando, podem, sem perturbação, ver, ouvir e dizer o que for necessário, também à mesa entendem os persas deve haver prudência e moderação, e o deixar-se vencer pelo apetite das iguarias é próprio dos cães e das feras.

Também Gobrias observava as divertidas perguntas, que uns a outros faziam, seus recíprocos gracejos, e outros entretenimentos, tudo sem a menor sombra de injúria, de indecência ou de escândalo; mas o que sobretudo lhe parecia elogiável, era que tinham igual porção todos que se expunham aos mesmos riscos, e que o mais esplêndido banquete tinha lugar para eles quando adestravam o melhor possível seus aliados nos exercícios guerreiros. Gobrias levantou-se para se retirar ao seu castelo, e disse a Ciro:

— Não me admiro que possuindo nós maior porção de taças, de vestidos e de ouro, sejamos contudo inferiores a vós. Nós curamos de amontoar riquezas; vós de vos fazerdes mais valorosos.

— Gobrias — disse Ciro — aparecei pela manhã com a cavalaria armada, para que vejamos vossas forças, e nos conduzais por vossos territórios, a fim de

examinarmos que lugares havemos de ter por amigos e quais por inimigos. Ditas estas palavras, despediram-se.

Ciro trata de saber quais eram os aliados do rei assírio que tinham motivos para se queixar deste

Ao romper da manhã, compareceu Gobrias com a cavalaria, e partiu na frente do exército. Ciro, como general experto, não atendia somente a marcha, ia ao mesmo tempo refletindo como diminuiria as forças dos inimigos, aumentando as suas. Com estas vistas, chamou Tigranes e Gobrias, os quais lhe pareciam capazes de dar as necessárias instruções, e lhes disse assim:

— Penso que consultando acerca da guerra com amigos tão fiéis como vós, não poderei errar. Vosso empenho em que o rei assírio seja vencido, deve ser ainda maior do que o meu. Enquanto a mim, se a empresa for mal sucedida, acharei talvez novo arbítrio; pelo contrário, tudo que vos pertence, passará a mãos alheias. O rei não me faz guerra porque me tenha ódio, mas porque lhe faz sombra nosso poder. Vós, porém, sois por ele odiado, porque julga que o ofendestes.

— Adotai vossos planos — responderam ambos — cuja boa disposição reconhecemos. Nós estamos muito desejosos de ver o êxito da empresa.

— Dizei-me, é só contra vós que o rei da Assíria se mostra infesto, ou sabeis de alguma outra nação que também lhe seja contrária?

— Por Júpiter — respondeu Gobrias — os cadúsios, nação vasta e aguerrida, são acérrimos inimigos seus; assim como também os sacas, nossos vizinhos, que hão provado os impulsos de sua tirania; porque ele tem tentado subjugá-los como no-lo pretendeu fazer.

— E julgais que estas duas nações se bandearão conosco de boa vontade?

— Por certo, se pudessem aliar-se conosco.

— Pois quem o impede?

— Os assírios, cujo território agora vamos pisando.

— E vós, Gobrias, não me falastes contra a grande insolência deste mancebo, que hoje ocupa o trono da Assíria?

— Dessa insolência eu mesmo fui vítima.

— Mas porventura vós somente experimentastes os efeitos de sua prepotência ou alguns outros mais?

— Há muitos outros: mas só vos falarei do filho de um homem muito mais poderoso, para não estar a falar quantos têm dele recebido insultos. Este mancebo, companheiro do príncipe, como meu filho, bebendo uma ocasião em sua companhia, foi por ele surpreendido e maltratado. Dizia o malvado que ele havia solicitado sua amásia; mas era opinião mais geral que o fora porque esta louvara a beleza do mancebo e augurara a dita de quem o tivesse por marido. Agora, por morte de seu pai, sucedeu-o no governo de seus Estados.

— Porventura este mancebo não nos verá com gosto, se pensar que o vamos vingar?

— Por certo, mas é dificultoso ir ter com ele.

— Por quê?

— Por ser preciso passar além de Babilônia.

— Que tem isso de dificultoso?

— Porque desta cidade sairão mais tropas do que as vossas. Sabei que se agora os assírios nos trazem menos armas e menos cavalos do que ao princípio, é porque têm observado a pequenez de nosso exército, e este rumor se tem largamente propalado. Parece-me, pois, mais profícuo, marchar com cautela.

— Dizeis bem, Gobrias, fazendo ver que devemos marchar com grande segurança; mas nenhuma marcha será para nós mais segura do que irmos direto à Babilônia, se nesta cidade estão as principais forças dos inimigos. Dizeis que estes são numerosos, e eu acrescento que serão formidáveis, se tiverem confiança na multidão. Se não nos virem, e julgarem que é por medo que lhes não aparecemos, o terror que os domina cederá o lugar à confiança, que será tanto maior quanto mais nos demorarmos em aparecer-lhes. Se desde já demandarmos os adversários, acharemos uns chorando a falta dos que morreram às nossas mãos, outros ligando as feridas que lhes fizemos, todos em geral lembrando-se do valor do nosso exército, da fuga em que os pusemos, dos males que lhes causámos. É inabalável a coragem de um exército numeroso, dotado de confiança: mas se começa a lavrar em seu seio o medo, que é tanto maior quanto mais numeroso é o exército, e sobe de ponto com as notícias adversas, com os acontecimentos funestos, com a tristeza e consternação pintadas nos semblantes, neste estado não é fácil extingui-lo com exortações, nem incutir denodo aos soldados para combater, ou para fazer uma retirada airosa. E quanto mais enérgicas forem as exortações, mais evidente lhes parecerá o perigo. Consideremos a matéria à sua verdadeira luz. Se o êxito das batalhas se aferisse pelo número dos pelejadores, devíeis temer, nós devíamos conhecer o perigo, mas se as vitórias estão

ligadas à coragem dos combatentes, animai-vos, que entre os nossos se encontrará maior porção de soldados decididos do que entre os contrários.

Para que aumente vossa confiança, refleti que os inimigos são agora muito menos do que quando foram por nós desbaratados, e muito menos ainda do que quando os fizemos fugir: pelo contrário, os nossos estão mais animosos com a ebriedade da vitória, mais numerosos com vossa junção. Não tenhais os vossos, por modéstia, em pouca conta, depois que se uniram aos nossos. Gobrias, em um exército vitorioso, até os bagageiros marcham com ardor. Portanto, agora podemos ser vistos dos adversários, e nunca lhes pareceremos mais terríveis do que indo ter com eles. Este é o meu parecer, e guiai-nos contra os inimigos.

Ciro transpõe os territórios de Gobrias e ganha a aliança de Gadatas

Depois de quatro dias de marcha, chegaram às fronteiras dos Estados de Gobrias, e entrando no país inimigo, Ciro mandou postar em ordem de batalha a infantaria, e aquela parte da cavalaria que julgou a propósito. O resto mandou correr o campo, com ordem de matar todos os inimigos que encontrassem armados, e trazer-lhe os outros com o gado que pudessem apanhar. A mesma ordem passou aos cavaleiros persas, muitos dos quais voltaram queixando-se de suas quedas. A presa foi considerável. À vista do esbulho, Ciro convocou os chefes dos medos, dos hircânios, e os homotimos, e lhes disse:

— Amigos, Gobrias nos acolheu a todos com a mais benigna recepção. Se dos despojos tirarmos, segundo o costume, a parte destinada para os deuses, e o que for suficiente para o exército, e dermos o restante a Gobrias, será isto uma demonstração manifesta de que antojamos exceder em benefícios aqueles que nos beneficiam.

Pronunciadas estas palavras, foram gerais a aprovação e os aplausos.

— Isso — exclamou um dos ouvintes — é digno de todo o beneplácito. Gobrias, que nos tinha por uns miseráveis, por não andarmos carregados de daricos, nem bebermos por taças de ouro, ficará sabendo que também sem ouro se pode ser liberal.

— Ide — continuou Ciro — entregar aos magos a parte destinada aos deuses, tirai a que for suficiente para o exército, chamai Gobrias e dai-lhe o resto.

Assim se fez.

Depois disto marchou para Babilônia com o exército em ordem de batalha; e notando que os assírios lhe não saíam ao encontro, Ciro despachou Gobrias a dizer ao rei, que se quisesse vir pelejar em defesa de seu país, ele o esperava; se não, era forçoso que se submetesse aos vencedores.

Gobrias foi até onde podia chegar sem risco, e intimou o rei assírio, o qual despediu um enviado com esta resposta:

— Gobrias, vosso senhor vos manda dizer que não está arrependido de ter dado a morte a vosso filho; mas sim de vos não ter feito o mesmo. Se quereis pelejar, vinde daqui a trinta dias: agora estamos ocupados em preparativos.

— Oxalá que — respondeu Gobrias — esse arrependimento nunca vos desampare; pois é certo que ele vos dilacera o coração, depois que se apoderou de vós.

Gobrias veio dar parte do resultado de sua comissão, Ciro retirou-se com o exército e disse a Gobrias:

— Não me tínheis dito que o príncipe maltratado pelo rei assírio se nos agregaria?

— Essa certeza tenho, porque neste objeto muitas vezes falámos sinceramente um com o outro.

— Visto isso, ide ter com ele, e primeiro examinai quais são suas idéias. Se virdes que ele quer ser nosso amigo, tomai conta em ocultar-lhe nossa amizade. Na guerra não se pode beneficiar melhor os amigos do que parecendo inimigo; assim como não se pode melhor hostilizar os inimigos do que parecendo amigo.

— Sim, Gadatas comprará por bom preço o gosto de hostilizar o rei da Assíria. Agora trata-se de saber como o projeto será posto em prática.

— Dizei-me, Gobrias, o governador daquele castelo das fronteiras, lá para a parte dos hircânios e dos sacas, o qual vós dizeis fora edificado para contê-los, e para servir de baluarte ao país, receberá nele Gadatas, se este se aproximar com seu exército?

— Por certo, se for insuspeito.

— Não haverá a menor sombra disso, indo eu atacar seus castelos como quem quer tomá-los, e rechaçando-me ele com todas as suas forças. Tomarei posse de alguma de suas fortalezas; e ele aprisionará alguns dos nossos, mormente alguns dos arautos enviados aos povos que vós dizeis adversos ao rei. Os prisioneiros dirão que se encaminhavam para o exército a buscar escadas para o castelo. Gadatas, usando de dissimulação, irá dar parte de nossos desígnios ao governador.

— Dessa maneira estou persuadido que não só o receberá no castelo, mas insistirá que fique em sua companhia até que vos afasteis.

— Entrando ele no castelo, poderá entregar-no-lo.

— A entrega do castelo é certa, dispondo ele as coisas dentro, e invadindo vós por fora animosamente.

— Ide pois ter com ele, dai-lhe as necessárias instruções nesta matéria, e voltai sem delonga. Nada lhe podereis dizer de mais terminante em abono de nossa boa fé, do que falando do tratamento que de nós tendes recebido.

Gobrias partiu. Gadatas folgou com sua visita, e em tudo conveio.

Noticiado por Gobrias da fausta execução que se esperava do plano, Ciro foi no dia seguinte invadir o castelo indicado por Gadatas, e apesar da resistência deste, o tomou. Dos arautos enviados a diferentes partes, Gadatas deixou fugir uns, para guiarem as tropas e conduzirem as escadas e apanhou outros, que interrogou na presença de muitas testemunhas. Informado de sua missão, Gadatas entendeu logo em preparar-se e de noite pôs-se a caminho, para avisar o governador. Este dá-lhe crédito, recebe-o como auxiliar, e ambos curam da defesa do castelo; mas ao aproximar-se Ciro, Gadatas toma posse do castelo, ajudado pelos prisioneiros persas.

Gadatas dispôs as coisas do interior do castelo, e veio ter com Ciro, a quem disse adorando-o, segundo o costume:

— Alegrai-vos, Ciro.

— Assim faço, não só porque com o favor dos deuses mo ordenais, mas também porque me pondes nessa obrigação. Eu tenho a peito deixar os meus aliados pacíficos possuidores deste castelo. Se o assírio vos privou da faculdade de ter geração, não vos privou da de obter amigos. Pelo ato que acabais de praticar, conciliastes nossa amizade, a qual vos será de maior utilidade do que se tivésseis filhos e netos.

Informado do que se acabava de passar, o chefe hircânio corre para Ciro, trava-lhe da destra e exclama:

— Ciro, grande amparo dos amigos, em grande reconhecimento me pondes para com os deuses, por me terem dado vossa amizade.

— Ide tomar posse desse castelo, que agora vos obriga a testemunhar-me vossa afeição. Disponde nele as coisas de modo que esta conquista seja da maior vantagem para vosso país, para os outros aliados, e sobretudo para Gadatas, que a fez e no-la entregou.

— Não é mais adequado, quando chegarem os cadúsios, os sacas e os meus compatriotas, chamarmos Gadatas, e consultarmos todos os interessados nesta conquista de que modo se poderão dela tirar as maiores vantagens?

Ciro aprovou a proposta, e decidiu-se que em comum se guardasse o castelo,

para lhes servir de baluarte contra os assírios. Esta deliberação encheu de muito maior coragem os cadúsios, sacas e hircânios. Os cadúsios forneceram vinte mil peltastas e quatro mil cavaleiros; os sacas dez mil arqueiros de pé e dois mil cavalos; os hircânios a infantaria que puderam e preencheram o número de dois mil cavalos. Até este tempo deixavam em seu país a maior parte da cavalaria, por causa da má vontade que os cadúsios e sacas tinham aos hircânios. Enquanto Ciro entendia na segurança de sua nova conquista, muitos assírios, que habitavam por aquelas paragens, lhe vinham trazer armas e cavalos, já com medo de seus próprios vizinhos.

Gadatas dispõe-se a defender os lugares fortes contra os assírios — Ciro marcha em socorro de Gadatas

Gadatas vai ter com Ciro, e diz-lhe:

— Tive notícia que o rei da Assíria, enraivecido pelos sucessos que tiveram lugar no castelo, se prepara para fazer uma invasão em meus Estados. Se me concedeis, eu tentarei defender os lugares fortes: o mais pouco importa,

— Se agora daqui partirdes, quando chegareis à vossa casa?

— Ao terceiro dia cearei nela.

— A este tempo já o assírio estará invadindo vossas terras.

— Sem dúvida. Ele se há de apressar tanto mais, quanto mais distante vos vir.

— E em quantos dias chegarei eu lá com o exército?

— Como ele é muito numeroso, não serão precisos menos de seis ou sete dias.

— Parti sem interpor dilação: eu marcharei como puder.

Gadatas partiu, Ciro convocou todos os chefes dos aliados, muitos dos quais pareciam respirar coragem, e lhes falou neste teor:

— Aliados, Gadatas, sem receber de nós nenhum benefício, prestou-nos eminentes serviços. Sabe-se agora que o rei da Assíria invade seus Estados para castigar as ofensas que julga ter recebido, e por se persuadir que se ficarem impunes os que conosco se bandeiam, e se os aliados forem por nós maltratados, em pouco tempo se verá inteiramente desamparado. Agora, amigos, parece-me honroso e justo dar provas de gratidão aos serviços do benemérito Gadatas, prestando-lhe socorros; o que, segundo me parece, redundará em vantagem nossa. Se fizermos ver que diligenciamos vencer com hostilidade os que nos hostilizam e com benefícios os que

nos beneficiam, é natural que muitos quererão ser nossos amigos, e ninguém desejará ter-nos por inimigos. Se não dermos auxílio a Gadatas, pelos deuses, com que razão convenceremos a outrem para seguir nossa parcialidade? Como ousaremos preconizar nosso comportamento? Como poderá algum de nós pôr os olhos em Gadatas, se, sendo nós tantos, nos deixamos vencer em benefícios por um só homem, e tal como ele.

Foi unânime a aprovação. Ciro continuou:

— Visto ser esta também a vossa opinião, marchem na frente, com as bestas de carga e os carros, os soldados mais aptos para este mister, comandados por Gobrias, que conhece os caminhos e tem necessária capacidade. Nós marcharemos com os mais robustos cavaleiros, levando víveres para três dias. Quanto mais leves formos, com tanto mais prazer jantaremos, cearemos e dormiremos nos dias seguintes. Marcharemos nesta ordem. Vós, Crisantas, ide na vanguarda com os soldados armados de loriga; e como a estrada é larga e plana, podem ir na frente todos os taxiarcas, formando cada um sua companhia em uma coluna. Assim cerrados marcharemos com mais velocidade e segurança. Mando que vão à frente os couraceiros, que são a tropa mais pesada; porque assim marcham com facilidade os soldados armados à ligeira; e é por isso que, se de noite estes marcham na vanguarda, se acontece desviarem-se, não admira espalhar-se o exército. Após estes marche Artabazo com os peltastas e arqueiros persas; o medo Andamias com a infantaria meda; Embatas com a infantaria armênia; Artuchas com os hircânios; Tambradas com a infantaria dos sacas; Datamas com os cadúsios. Todos estes comandantes ponham os taxiarcas na frente, os peltastas à direita, os arqueiros à esquerda. Esta disposição facilitará as evoluções. Seguir-se-ão os bagageiros, cujos chefes farão com que tudo fique preparado antes de se deitarem, e pela manhã compareçam com as bagagens no lugar marcado e marchem em boa ordem. Depois das bagagens, o persa Madatas comande a cavalaria pérsica, indo na frente os ecatontarcas, formando estes, como os infantes, suas companhias em uma só coluna. Siga-se o medo Rambacas com sua cavalaria; vós, Tigranes, com a vossa; e os outros hiparcas com as forças que trouxeram. Sigam-se os sacas, e fechem a marcha os cadúsios, que foram os últimos que vieram; e vós, Alceuna, que os comandais, não consenti ninguém atrás deles. Todos os comandantes e soldados prudentes marchem em silêncio. De noite é mais por meio dos ouvidos que dos olhos, que é preciso sentir e agir. As desordens são mais nocivas e mais difíceis de se aplacar de noite que de dia. Por essa razão é mister guardar silêncio, e ocupar cada um seu posto. Quando de noite for preciso levantar campo, multipliquem-se as sentinelas, e sejam rendidas a miúdo, para que uma comprida vigília lhes não embarace a marcha. Chegada a hora de marchar, dê-se sinal com uma trombeta. Em suma, ide preparar-vos para vos encaminhardes à Babilônia. Os primeiros exortem os que vão na sua retaguarda a segui-los de perto.

Concluído este arrazoado, voltaram às suas tendas, e no caminho falaram da grande memória de Ciro, que tendo tantas ordens que dar, chamava a todos por seu

nome. Ciro havia-se exercitado nisto, porque estranhava que os artistas mecânicos soubessem os nomes dos instrumentos de seu ofício, os médicos soubessem os nomes dos instrumentos da sua arte, e de todos os remédios que administram, e que um general seja tão ignorante que não saiba os nomes de seus oficiais, dos quais se há de servir como de instrumentos para atacar, para defender, para animar e para aterrar.

Quando Ciro queria honrar alguém, parecia-lhe adequado chamá-lo por seu nome. Parecia-lhe que os militares, que se julgavam conhecidos do general, punham todo o empenho em desempenhar feitos de coragem no campo da batalha, e não inquinar-se com ações de covardia. Parecia-lhe incoerente imitar certos senhores, que em suas casas dão ordens indeterminadamente:

— Vão buscar água, cortem lenha.

A uma ordem tão vaga, olham os criados uns para os outros, nenhum a executa, todos ficam culpados, nenhum se julga tal, nenhum teme o castigo, porque a todos é comum a culpa. Assim pensando, Ciro nomeava sempre aquele a quem intimava suas ordens.

Os soldados cearam, postaram-se sentinelas, prepararam-se as bagagens, e dormiram. Era pelo meio da noite quando soou a trombeta. Ciro disse a Crisantas que se conservasse à frente do exército, e saiu com seus ajudantes. Em curto espaço se apresentou Crisantas com os couraceiros e Ciro, dando-lhe guias, o mandou marchar vagarosamente, até segunda ordem, porque não estavam ainda todas as tropas em movimento. Ciro, conservando-se no mesmo lugar, ordenava os soldados à proporção que vinham chegando, e fazia apressar os mais remissos.

Posto em marcha todo o exército, Ciro expediu para Crisantas alguns cavaleiros, para lhe dizer que já tudo estava em movimento e que acelerasse o passo. Ciro foi caminhando a cavalo para a vanguarda, e em silêncio observava as companhias. Se via os soldados em boa ordem, e marchando calados, chegava-se a eles, perguntava-lhes os nomes e os elogiava; se via confusão, indagava a causa e entendia em remediá-la. Falta fazer menção de uma cautela de Ciro nas marchas noturnas. Fazia partir adiante do exército um pequeno número de velozes exploradores, que pudessem ser vistos de Crisantas, e este ser visto por eles, para dar parte do que ouvissem ou descobrissem. Um oficial, que os dirigia, tinha a seu cargo anunciar o que julgasse a propósito, não importunando com vãs notícias. Assim marcharam essa noite.

Ao alvorecer, Ciro deixou com a infantaria dos cadúsios, que ia em último lugar, a cavalaria da mesma nação, para defendê-la, e mandou marchar para diante a restante cavalaria; porque, estando adiante os inimigos, queria achar-se em estado de combater, se lhe saíssem ao encontro, ou persegui-los, se fugissem. Com este intuito tinha sempre esquadrões à sua disposição, uns para mandar em perseguição dos adversários, outros para ficarem debaixo de suas ordens. Nunca mandava toda a cavalaria. Desta maneira ia Giro conduzindo o exército, não ocupando um lugar fixo,

cavalgando por uma e por outra parte, e dando providências.

Traição malograda de um dos oficiais de Gadatas

Um dos principais oficiais da cavalaria de Gadatas, refletindo que seria galardoado com tudo que Gadatas possuía, se causasse a destruição do rebelde, enviou ao rei um mensageiro, criatura de sua confidencia, para lhe dizer que, se viesse com o exército assírio às terras de Gadatas, armando uma emboscada, aprisionaria o rebelde e seus soldados.

Declarava-lhe quais eram as forças de Gadatas, advertindo que Ciro o não acompanhava e por onde este marchava. Dizia-lhe que se pudesse, voltaria à pátria depois de dar a morte ao rebelde, se não, passaria ao menos o resto de seus dias no serviço do rei. Para captar maior crédito, pelo mesmo mensageiro mandava dizer à família que entregasse ao rei o castelo que possuía nos territórios de Gadatas, e tudo que dentro havia. O mensageiro a cavalo em breve se apresenta ao rei, e desempenha sua comissão. O rei logo tomou posse do castelo, e em muitos lugares foi pôr de emboscada muita cavalaria e carros. Ao aproximar-se, Gadatas despediu adiante alguns exploradores. O rei, assim que os viu, mandou que dois ou três carros e um pequeno número de cavaleiros deitassem a fugir, como gente aterrada por serem poucos. Os exploradores, vendo isto, foram-lhes ao alcance, e deram sinal a Gadatas, que iludido foi também perseguindo com todo o ardor. Os assírios, parecendo-lhe certa a presa, saem da emboscada: os soldados de Gadatas fogem, os assírios perseguem-nos. O traidor dá um golpe não mortal no ombro de Gadatas e vai reunir-se aos assírios: é reconhecido, pica esporas ao cavalo e ajuda o rei na perseguição. Os cavaleiros pior montados são apanhados pelos mais velozes, e todas as tropas de Gadatas, com as forças estancadas pela marcha, estavam a pique de ceder, quando avistaram o exército de Ciro.

A vista deste exército foi para eles tão jucunda, como para o navegante a vista do porto depois da tormenta. Ciro, ao princípio, ficou surpreendido, mas vendo o que era, e que os adversários se dirigiam para ele, avançou com o exército em ordem de batalha. Os adversários fogem, Ciro manda no alcance o corpo de tropas destinado para estas ocasiões, e ele mesmo o segue, como julgava conveniente. Muitos carros foram apanhados, uns, por terem caído os condutores, ou ao voltar ou em outras circunstâncias; outros sendo interceptados pelos cavaleiros. Morreram muitos assírios, inclusive o que ferira Gadatas. Da infantaria que sitiava a fortaleza de Gadatas, uns meteram-se no castelo, que se rebelara contra Gadatas, outros recolheram-se em uma grande cidade pertencente ao rei, onde este mesmo se recolheu com os carros e a cavalaria.

Depois disto entrou Ciro nas terras de Gadatas, e, cometendo o cuidado dos

feridos às pessoas competentes, foi saber como Gadatas estava da ferida. Gadatas, que já a tinha ligada, lhe saiu ao encontro. Vendo-o, Ciro alegrou-se e disse:

— Eu vinha saber como estáveis.

— Pelos deuses — respondeu Gadatas — eu venho de novo contemplar o semblante de quem tem uma alma tão grande, que, sem necessidade de mim, sem me ter feito nenhuma promessa, nem ter em particular recebido de mim nenhum favor, só por lhe parecer que sou útil a seus amigos, me acaba de prestar tão capital auxílio, que sem ele seria vítima infalível da morte. Pelos deuses, se eu tivesse um filho, por certo que este não me seria mais afeto do que vós. Conheço diversos filhos, e sobretudo o atual rei da Assíria, que deu a seu pai mais desgostos do que vos poderá dar.

— Gadatas — redargüiu Ciro — admirais minha pessoa e omitis o que é mais de admirar.

— Que é?

— É que tantos persas, tantos medos, tantos hircânios, todos os armênios, sacas e cadúsios, que estavam presentes, se esmeraram em vosso livramento.

— Ó Júpiter e mais deuses, sede liberais para com estas nações, mormente para com o príncipe que as tem feito tão generosas. E para que hospedemos lautamente esta gente que elogiais, recebei os presentes que vos ofereço segundo minhas possibilidades.

Logo mandou trazer grande porção de mantimentos para dedicar aos deuses e banquetear o exército de um modo condigno de suas proezas e vitórias.

Derrota dos cadúsios — Pacto entre os reis beligerantes a favor dos lavradores

O comandante dos cadúsios, que ocupava a retaguarda, não tendo tido parte na perseguição, quis perpetrar alguma ação de nome, e sem o comunicar a Ciro, fez uma correria para o lado de Babilônia. Espalhada a cavalaria, o rei assírio saiu do castelo, onde se recolhera, à frente de seu exército excelentemente formado em ordem de batalha; e vendo que eram só os cadúsios, dá sobre eles, mata o comandante e outros muitos, aprisiona muitos cavaleiros, e recupera a presa que levavam. O rei foi perseguindo até onde lhe pareceu não haver risco, e retrocedeu. Os primeiros cadúsios que escaparam apareceram pela tarde no acampamento. Informado do acontecimento, Ciro lhes foi sair ao encontro, e à medida que vinham chegando os feridos, os recebia, e enviava a Gadatas, para que tratasse deles: recolhia os outros na mesma tenda, e ele mesmo, auxiliado dos homotimos persas, curava de que se lhes fornecesse o necessário. Nestas ocasiões as almas sensíveis gostam de cooperar com seu trabalho.

Ciro mostrava-se consternado; e ceando os outros à hora competente, ele, acompanhado de seus ajudantes e dos médicos, não queria deixar nenhum sem ser tratado e por si próprio observava, e se não podia fazer, mandava gente sua. Depois, entregaram-se ao repouso.

Ao romper da aurora, anunciou por um pregoeiro que se congregassem os outros chefes e todos os cadúsios e lhes falou nestes termos:

— Aliados, a espécie humana está sujeita às desgraças que acabam de suceder. Não é para admirar que os homens errem; mas convém tirar partido destes erros. Aprendamos a nunca nos separarmos do grosso do exército com forças inferiores às dos inimigos. Não quero dizer que jamais se empreenda nenhuma tentativa com forças ainda menores que as do comandante cadúsio; mas deve-se fazer participante o general-chefe que pode dar socorro. Apesar destas cautelas, pode a tentativa ser mal sucedida; mas lá está o general, que, iludindo os inimigos, pode fazer com que não ataquem, atraindo-lhes a atenção, e pôr os amigos em segurança. Assim, apesar de distantes, acham-se ligados com o grosso do exército. Sem fazer esta participação, o comandante que sai com seus soldados expõe-se aos mesmos perigos como se estivesse só. Os inimigos, se os deuses favorecerem nossas vistas, não tardarão a experimentar os efeitos de nossa vingança. Apenas tiverdes jantado, eu vos levarei ao lugar onde fostes desbaratados e simultaneamente sepultaremos os mortos e faremos ver aos inimigos que o campo em que se coroaram com o triunfo, está então ocupado por tropas mais corajosas, para que não achem prazer na vista do lugar onde mataram nossos aliados. Se eles não saírem contra nós, incendiaremos as aldeias, assolaremos as terras, para que se não lisonjeiem à vista do que nos fizeram, mas se aflijam de seus próprios males. Vós outros ide jantar, e vós cadúsios, ide, conforme o vosso costume, eleger primeiramente um chefe, que, com o auxílio dos deuses e nosso, satisfaça vossas precisões; e apenas acabardes de jantar, enviai-o à minha presença.

Assim se fez.

Ciro fez sair o exército, confirmou o posto ao comandante escolhido pelos cadúsios, e lhe ordenou que se conservasse junto dele com as tropas, para animá-las se pudesse. Assim foram marchando. Chegando ao lugar marcado, enterraram os mortos, talaram o campo, e voltaram com esbulho ao território de Gadatas.

Ocorrendo a Ciro que seus novos aliados, habitantes das cercanias de Babilônia, seriam vexados depois de sua partida, mandou dizer assim ao rei pelos prisioneiros assírios e por um embaixador:

— Estou pronto a não inquietar vossos lavradores, se também vos obrigardes a não inquietar os que pertencem a senhores que se bandearam conosco. Se proibirdes que eles cultivem seus campos, vossa proibição se estenderá a pequeno número, por serem pequenos os territórios deles; ao passo que eu vos permitiria a cultura de

espaçosos campos. No caso de guerra a colheita dos frutos pertence ao mais forte; e em paz pertencerá a vós. Se algum dos meus se levantar contra vós, ou dos vossos contra mim, nós ambos o castigaremos.

Com estas instruções partiu o embaixador.

Informados desta embaixada, os assírios diligenciaram persuadir ao rei que aceitasse as propostas, e diminuísse quanto possível os funestos efeitos da guerra. O rei, ou persuadido pelos seus, ou de moto próprio, assim praticou. Convencionou-se que houvesse paz com os lavradores, guerra com a gente armada. Assim se executou, enquanto cultivados; mas Ciro determinou a seus aliados que pusessem debaixo de sua proteção seus campos de pastagem, e consentiu que devastassem os dos inimigos, para se tornarem menos penosos os trabalhos da guerra aos aliados. Na verdade, evitar a pilhagem não livra do perigo, e os trabalhos guerreiros tornam-se mais suaves, vivendo à custa dos adversários.

Gadatas e Ciro partem juntos, e chegam às fronteiras da Média

Estando Ciro já pronto para partir, Gadatas lhe trouxe muitos e mui variados presentes, que bem mostravam a grandeza de sua casa, inclusive muitos cavalos, que tirara a seus cavaleiros, de quem desconfiava depois da emboscada.

— Ciro — lhe disse ele — tudo isto vos trago, para de tudo dispordes à vossa vontade; e tudo o mais que possuo, a vós pertence. Não tenho nem terei nenhum filho que herde minha casa; comigo acabar-se-ão minha geração e meu nome.

Ciro respondeu:

— Os cavalos aceito eu, porque entendo que é fazer-vos um serviço, dando-os a cavaleiros mais afetos à nossa causa do que os que até agora os tinham. Eu, como há muito o desejo, levarei a cavalaria pérsica ao número de dez mil cavaleiros. Enquanto às demais coisas, guardai-as até que me vejais em estado de vos não ceder em liberalidade. Correr-me-ia de vergonha se vós me presenteásseis a mim mais generosamente do que eu a vós.

— Creio em vós — redargüiu Gadatas — pois conheço vossa lhaneza: mas vede se estou no caso de poder guardar estas coisas. Enquanto o rei assírio nos tratava como amigos, nada havia de mais agradável do que os lares paternos. A proximidade da espaçosa Babilônia nos obtinha as vantagens de uma grande cidade; e as desvantagens evitávamos nós, recolhendo-nos em nossas mansões. Agora que somos seus inimigos, logo que vos ausentardes, eu e toda a nossa casa seremos por ele insidiados, e passaremos uma vida triste, tendo por vizinhos inimigos mais poderosos que nós. Talvez me pergunteis por que não fiz estas observações antes da minha

rebelião. Ó Giro, insultado e cheio de cólera não olhava para minha segurança; minha alma jazia penetrada de impaciência por vingar-se dos deuses e dos homens, cruel não para quem o ofende, mas para aquele em quem reconhece superioridade. Assim os aliados deste réprobo são homens mais réprobos que ele. Se descobrir alguém que lhe faça sombra, podeis contar, Ciro, que esse não tereis vós que combater, porque suas maquinações perderão: e com tais aliados ser-lhe-á fácil também perder-me.

Ciro julgou atendíveis as razões de Gadatas e disse-lhe:

— Gadatas, não fortificastes os castelos, para poderdes estar em segurança quando a ele fôsseis? Não sois nosso companheiro na expedição? Se o céu nos proteger, como até agora, é o rei quem vos há de temer, e não vós ao rei. Vinde comigo, e acompanhem-vos aquelas pessoas cuja presença e convivência vos apraz. Mui prestadia me tem sido vossa aliança: da minha parte farei por ser grato.

Gadatas ao ouvir estas vozes, respirou um pouco, e disse assim:

— Terei tempo para fazer meus preparativos antes de partir? Tenho vontade de levar comigo minha mãe.

— Sim, eu me deterei até que me aviseis que estais pronto.

Gadatas, de acordo com Ciro, presidiou os castelos, que havia fortificado, e enfardou tudo que era necessário para o estabelecimento de uma grande casa, e mandou disporem-se para partir muitas pessoas de sua confiança e outras muitas de quem desconfiava, cometendo a estas últimas o cuidado de conduzirem suas mulheres e irmãs para assim irem apensionadas. Desta forma Gadatas partiu na companhia de Ciro, a quem ia indigitando as estradas, os lugares providos de água, de pastos e víveres.

Ao avistar a cidade de Babilônia, Ciro pensou que a estrada por onde marchava ia direita às muralhas, e, chamando Gobrias e Gadatas, lhes perguntou se havia outra estrada que não passasse tão perto das muralhas.

— Senhor — respondeu Gobrias — há outras muitas estradas; mas eu julgava que vós agora queríeis passar o mais perto possível de Babilônia, para mostrar quão numeroso e bem armado está vosso exército. Quando vosso exército era menos numeroso, vos acercastes dos muros, e vossas poucas forças foram observadas; agora, posto que o rei tenha feito, como vos mandou dizer, preparativos para romper as hostilidades, tenho por certo que, ao ver vossas tropas, dará por frustrados todos esses preparativos.

— Meu Gobrias — instou Ciro — parece-me que estais admirado de que eu com forças diminutas me acercasse dos muros de Babilônia, e agora com multiplicadas forças queira passar desviado deles. Não seja isto objeto de admiração. Diferente é

dirigir um exército contra o inimigo de passar à vista dele. Um general prudente, quando marcha contra o inimigo, coloca-o de maneira que possa manobrar expeditamente e à segurança pospõe a velocidade. Para passar à vista do inimigo, é preciso estender os carros e as mais bagagens, e cobrir tudo com gente armada, de sorte que o inimigo não veja nada descoberto. Esta disposição obriga necessariamente a enfraquecer o exército. Portanto, se os adversários, saindo duma praça, atacarem o exército assim disposto, por qualquer parte que ataquem terão certa a vitória; porque um exército tão prolongado não pode ser socorrido senão depois de longo intervalo, enquanto que os inimigos outra vez se recolhem. Se desfilarmos à vista de Babilônia, só na distância que for preciso para que os contrários nos avistem, indo nosso exército assim disposto, ficarão amedrontados à vista de tão grande número, tomando tudo por combatentes. Se nos vierem invadir, como os avistamos de longe, não nos apanharão desprevenidos; mas eles nem tal empreenderão, quando lhes for preciso apartar-se muito das muralhas,, salvo no caso em que se julguem superiores em forças, por temerem a retirada.

Todos que se achavam presentes apoiaram o discurso de Ciro, e Gobrias pôs em execução suas ordens. Tendo já o exército passado à vista da cidade, Ciro fortificava sempre a retaguarda. Continuaram a marchar por alguns dias, e chegaram às fronteiras dos sírios e medos, onde tivera princípio e expedição. De três castelos, que aqui havia, o mais fraco foi entrado à força; os outros dois se submeteram, aterrados pelo nome de Ciro e persuadidos pelas insinuações de Gadatas.

Ciaxares vem ter com Ciro, para deliberarem a respeito da continuação da guerra

Concluída esta empresa, Ciro despachou para Ciaxares um enviado, que lhe devia falar assim:

— Vinde ao exército, para deliberarmos sobre o destino que se há de dar aos castelos que foram subjugados e para, à vista do estado do exército, consultarmos sobre ulteriores empresas. Se mandardes que eu vá assentar o acampamento junto de vós, vossas ordens de boa vontade guardarei.

O enviado partiu. Ciro ordenou a Gadatas que ornasse com a maior magnificência o pavilhão do rei da Assíria, escolhido pelos medos para Ciaxares, trouxesse para o competente aposento dele as mulheres e com elas as músicas que foram escolhidas para Ciaxares. Assim se executou.

O enviado desempenhou sua comissão. Ciaxares notou que era mais vantajoso que o exército acampasse na fronteira; porque o socorro que Ciro mandara pedir era chegado, de quarenta mil arqueiros e peltastas; e vendo que danificavam muito o território da Média, longe de admitir novas tropas, desejava desfazer-se daquelas. O

general dos persas perguntara, como dizia a carta, se precisava daquele reforço, e, respondendo Ciaxares negativamente no mesmo dia, ouvindo dizer que Ciro se achava perto, foi encontrá-lo com seu exército.

No dia seguinte partiu com os cavaleiros medos que ainda lhe restavam. Ciro assim que percebeu que ele se aproximava, lhe foi sair ao encontro com os cavaleiros persas, que eram já em grande número, com todos os medos, armênios e hircânios, e os outros aliados, bem montados e bem armados. Desta forma mostrava suas forças a Ciaxares. Ciaxares, ao avistar o grande e lustroso acompanhamento de Ciro, e olhando para a sua equipagem, e essa pouco luzida, teve isto por desonra, e ficou sensibilizado. Ciro apeou, e ia beijar a seu tio, segundo o costume; mas Ciaxares, que também se desmontara, voltou o rosto, e longe de receber o ósculo, debulhou-se em lágrimas.

Ciro ordenou aos seus que fossem repousar, e, tomando Ciaxares pela destra, o conduziu para debaixo de uma palmeira, que havia fora da estrada, e mandando estender uma alcatifa da Média, o fez sentar: sentou-se ele ao seu lado, e lhe fez esta pergunta:

— Meu tio, dizei-me, pelos deuses, por que vos agastais contra mim? Que vistes, que tanto vos enojou?

— Ciro — respondeu Ciaxares — descendente, quanto pode alcançar a memória humana, de antigos reis, sendo rei meu pai e eu mesmo rei, me vejo com um acompanhamento vil e indigno, e vejo-vos acompanhado de súditos meus e outras tropas, ostentando todas as pompas da majestade. Este ultraje, recebido que fosse dos inimigos, seria penoso, quanto mais, por Júpiter, recebido de quem não era de esperar. Antes ser sepultado dez mil vezes debaixo da terra, do que ver-me neste estado de humilhação, sendo o alvo dos desprezes e ludibrio. Eu bem sei que não só vos mostrais superior a mim; mas até meus escravos, que me vêm encontrar, mostram-se mais dispostos a maltratar-me do que a receber de mim mau tratamento.

Assim dizia, e as lágrimas lhe corriam em fio: os olhos de Ciro também pareciam arrasados de pranto; mas reprimindo-se um pouco, nestes termos falou:

— Vossas expressões, Ciaxares, não se fundamentam na verdade e na razão, se vos persuadis que minha presença induz os medos a faltar-vos ao respeito. Eu não me admiro de vossa cólera e vossos receios. Sobre se vosso agastamento contra eles é justo ou injusto, nada direi; porque não ignoro que sofreríeis mal, ouvir-me justificá-los. Só avançarei que um chefe que se irrita contra todos os seus subordinados, comete um grande erro; e se a muitos intimida, muitos inimigos faz; e irritando-se contra todos, a todos sugere a idéia de formar algum conluio contra ele. Sabei que não vos mandei tropas sem mim, por temer que vossa cólera nos ocasionasse a todos algum desgosto, o que se evitará com minha presença. Enquanto a vos julgardes ultrajado por mim, muito a mal levo, que, trabalhando eu afanosamente por ser útil aos amigos, me exprobres que eu procedo de um modo contrário a estes princípios. Mas

não nos acusemos a esmo; se é possível, vejamos clarissimamente qual é o ultraje de que me criminais; e eu vos faço uma proposta muito justa entre amigos: se se provar que eu vos prejudiquei, declarar-me-ei culpado; e se tal se não provar, nem ao menos o intento, não confessareis vós que não fostes por mim ultrajado?

— É forçoso confessá-lo.

— E se se provar que eu empenhei sempre todas as minhas forças em vosso serviço, não serei digno antes de louvor que de censura?

— Isso é justo.

— Vamos a considerar cada uma das minhas ações, para assim vermos exatamente o que nelas há de bom e de mau. Comecemos, se vos parece suficiente, no tempo em que me foi conferido o generalato. Ao serdes noticiado que enxames de inimigos iam invadir vossos domínios, enviastes uma embaixada à Pérsia pedindo socorro, e a mim em particular mandastes pedir que solicitasse o comando das tropas. Porventura não cedi a vossas instâncias, não me apresentei com um exército tão valente e tão numeroso quanto me foi possível?

— É verdade.

— Ora dizei-me, considerais esta maneira de agir como um ultraje ou como um serviço?

— Naturalmente como um serviço.

— Aproximaram-se os contrários, foi preciso combater. Acaso observastes que eu fugisse às fadigas ou evitasse os perigos?

— Não, por Júpiter, não.

— É nossa a vitória, fogem os inimigos, convido-vos a reunirmos as forças para no alcance lhes darmos o último golpe, e a colhermos em comum os frutos da vitória. Porventura tendes que repreender neste comportamento algumas vistas de interesse particular?

Ciaxares ficou silencioso.

Ciro continuou:

— Visto que antes quereis ficar calado do que responder a isto, dizei se pensais que cometi um ultraje quando, não vos parecendo segura a perseguição, eu não quis que vos expusésseis ao perigo, e me contentei em vos mandar pedir alguns dos vossos cavaleiros? Se isto é ultraje, mormente sendo eu vosso antigo aliado, provai-mo.

Como Ciaxares ficasse ainda calado, Ciro replicou:

— Se ainda a esta pergunta não quereis responder, dizei-me ao menos se vos ultrajei quando, respondendo-me vós que não queríeis expor a risco os medos, que àquele tempo se entregavam à alegria, e não quis desafiar vossa cólera, vos pedi uma coisa muito fácil, a vós, de conceder, aos medos, de executar: pedi que deixásseis acompanharem-me os que quisessem. Apesar de vossa concessão, eu nada conseguiria sem força persuasiva. Fui ter com eles, convenci certo número e com eles parti com licença vossa. Se reputais isto crime, crime cometem todos que de vós recebem alguma dádiva. Partimos alfim. Desta época em diante bem conhecidos são nossos feitos. Não foi tomado o acampamento dos inimigos? Não morreram muitos dos que vinham invadir vossos territórios? Dos que sobreviveram, não ficaram muitos sem armas, muitos sem cavalos? Os tesouros dos que vinham antes pilhar vossas terras, os vedes agora nas mãos dos vossos aliados, que os levam, uns para vós, outros para si. Mas a principal ação é, como vedes, haverem-se alargado vossos domínios, e diminuído os dos adversários; as fortalezas destes virem para vosso poder, assim como as de que os sírios se haviam apoderado. Ora, não sei para que hei-de perguntar se estas ações são para vós boas ou más. Todavia não ponho dúvida em ouvir dizer o que pensais a respeito delas.

Ciro pôs termo ao seu arrazoado, e Ciaxares principiou assim:

— Ninguém poderá estigmatizar com o ferrete de maus os serviços que me prestastes, mas deveis saber que quanto mais eminentes parecem, mais me oprimem. Eu antes quereria com minhas forças alargar vossos domínios, do que ver os meus alargados por vós. Se esta ação vos enche de honra, a mim me cobre de ignomínia. Ser-me-ia mais jucundo oferecer-vos tesouros do que receber de vossas mãos os que me ofereceis; porque com aquilo com que me enriqueceis, eu sinto empobrecer-me; ser-me-ia menos doloroso ver meus súditos queixarem-se um pouco de vós, do que vê-los agora recebendo de vossas mãos grandes bens. Se esta maneira de raciocinar vos não parece lógica, ponde o caso em vós. Se alguém, afagando as cadelas, que têm crias para guarda de vossa casa, se fizer mais conhecido delas do que vós sois, porventura folgareis com este procedimento? Se este exemplo é pouco frisante, eis aqui outro: se alguém soubesse ganhar a afeição de vossos domésticos de sorte que eles lhe fossem mais afetos do que a vós, porventura agradecer-lhe-íeis este serviço? Outro exemplo tirado do que os homens mais estimam, e em que julgam ter uma posse mais positiva: se alguém acariciar vossa mulher de maneira que esta lhe seja mais inclinada do que a vós, porventura folgareis com este comportamento? Eu penso que nunca vos sentiríeis mais ultrajado. Enfim, vou apresentar-vos um caso idêntico. Se alguém captasse o amor de vossos persas, a ponto de antes quererem segui-lo do que a vós, porventura tê-los-íeis por amigo? Eu cuido que serieis contra ele mais infesto do que se tivesse morto muitos dos vossos. Mais. Se algum vosso amigo, dizendo-lhe vós por cortesia que tire o que quiser de vossos bens, tirar quanto puder, locupletando-se com o que é vosso, e deixando-vos apenas com uma fortuna medíocre, porventura não

reputareis tal amigo digno de repreensão? Ciro, se vosso procedimento para comigo não é este, é ao menos muito semelhante. Dizeis vós, e é verdade, que declarando eu que podíeis levar convosco os que quisessem acompanhar-vos, partistes com todas as minhas tropas e me deixastes só: e agora me trazeis o esbulho que apanhastes com elas, com as quais também fizestes avançar minhas fronteiras. Ora eu, sem ter parte nestas empresas, pareço uma mulher, recebendo presentes dos estrangeiros e dos meus súditos. Vós tendes praticado ações de homem; eu pareço indigno de comandar. Ciro, estas coisas pensais que são serviços relevantes? Se vós me estimásseis, teríeis evitado fazer a menor brecha em minha honra e dignidade. Que me importa que tenham estendido minhas fronteiras, se isto é à custa de minha honra? Eu não tenho governado os medos, por ser efetivamente superior a eles, mas porque eles pensam que lhes somos em tudo inferiores.

Ia Ciaxares continuar a falar, quando Ciro o interrompeu, dizendo:

— Pelos deuses imortais, meu tio, se alguma ação pratiquei de vosso agrado, concedei-me a graça que vou pedir-vos: cessai de invectivar contra mim. Depois de terdes experimentado quais sejam meus sentimentos para convosco, se virdes que eles tendem a promover vossos interesses, abracemo-nos mutuamente e confessai que vos prestei serviços: se achardes o contrário, censurai-me então.

— Dizeis bem; assim farei.

— Permitis que vos oscule?

— Se for vossa vontade.

— Não voltais o rosto, como há pouco fizestes?

— Não.

E oscularam-se.

Presenciando este ato, os medos, persas e os outros (que inquietamente esperavam o êxito desta altercação) deram demonstrações de alegria. Ciaxares e Ciro montaram a cavalo e partiram na frente; os medos seguiram Ciaxares, como Ciro lhes indicara; os persas seguiram Ciro; os outros foram na retaguarda.

Depois que chegaram ao acampamento e recolheram Ciaxares no pavilhão que lhe fora destinado, mandaram preparar para ele o necessário; e os medos, aproveitando-se do tempo que decorreu antes da ceia, lhe trouxeram presentes, alguns por deliberação própria e a maior parte por sugestão de Ciro: um lhe oferecia um belo copeiro, outro um bom cozinheiro, este um padeiro, aquele um músico, qual lhe ofertava do que lhe coubera da presa. Já arrependido, Ciaxares reconheceu que Ciro não desviara os medos de seus deveres para com ele, e que os medos não o respeitavam

menos que antes.

Chegada a hora da ceia, Ciaxares, que via Ciro depois de longa ausência, convidou-o para cear com ele.

— Dispensai-me de aceitar o convite — respondeu Ciro — não vedes que todos estes que estão presentes foram chamados por nós? Não é justo que aos meus deleites sacrifique o cuidado que deles devo ter. Quando os soldados conhecem que o general os trata com desprezo, os valentes tornam-se covardes, os covardes fazem-se insolentes. Vós ides já cear, porque tendes feito uma longa jornada. Dai mostras de afeição aos que vos forem aderentes e convidai-os para a ceia, a fim de que tenham confiança em vós. Eu vou cuidar do que disse. Amanhã pela manhã comparecerão à vossa porta todos os oficiais para deliberarmos sobre o que se deve fazer daqui em diante. Vós haveis de propor se se deve continuar a guerra ou licenciar as tropas.

Enquanto ceava Ciaxares, Ciro convocou seus amigos, em quem reconhecia maior aptidão para deliberar e agir, e lhes falou neste teor:

— Amigos, os deuses ouviram nossas primeiras súplicas. É nosso todo o terreno que havemos percorrido, os contrários estão diminuídos, os nossos soldados estão aumentados em número e valor. Se nossos aliados quiserem ficar conosco, poderemos perpetrar ainda grandes feitos, já à força das armas, já com a força de persuasão. Vós não tendes menos interesse do que eu em que a maior parte dos aliados se não separe de nós. Assim como em uma batalha o que faz prisioneiros é havido pelo mais intrépido, também o que arrasta maior número ao seu parecer é reputado o mais idôneo no agir e falar. Não é preciso empregar as regras de retórica nos discursos feitos a cada um em particular; mas falai de maneira que os atos de vossos ouvintes sejam o documento da persuasão. Preenchei esta missão. Eu vou tratar de fornecer mantimentos aos soldados, para depois se assentar se se deve ou não continuar a guerra.

LIVRO VI

É decidida a continuação da guerra — Preparações guerreiras — Araspas, Panteia e Abradatas — Embaixada da Índia — Desalento do exército de Ciro — Discurso de Ciro — Ciro avança à frente do exército — Preparativos para a batalha — Amizade de Panteia para com seu marido — Ciro anima as tropas.

É decidida a continuação da guerra

Passado assim o dia, cearam, e se entregaram ao repouso. No dia seguinte apareceram todos os aliados às portas de Ciaxares, que, enquanto se vestia, estava ouvindo o muito ruído, que fora faziam. Entretanto os amigos de Ciro lhe mandavam pedir que se conservasse nestas regiões. Cadúsios, hircânios, Gobrias e os sacas lhe vieram fazer a mesma súplica. Com o mesmo fim se apresentou Gadatas da parte de Histaspes. Então Ciro, que sabia que muito temia Gadatas, que ele licenciasse o exército, lhe disse sorrindo:

— É claro que foi Histaspes quem vos inspirou a idéia de virdes fazer-me essa súplica.

Gadatas levantou as mãos ao céu, jurou que não, e continuou dizendo:

— Mas eu sei que se vos retirardes minha fortuna está perdida. Por isso interroguei Histaspes acerca de vossa resolução.

— Segundo parece — respondeu Ciro — referi-me inadequadamente a Histaspes.

— Assim é — acudiu Histaspes — eu, pelo contrário, dizia a Gadatas que vós não podíeis persistir neste lugar porque vosso pai vos chamava.

— Que dizeis, Histaspes? — tornou Ciro — atrevei-vos a asseverar o que tenho tenção de fazer?

— Não — respondeu Histaspes — mas eu vejo-vos dominado do desejo de vos mostrardes aos persas, e de fazerdes a vosso pai a resenha de vossas proezas.

— Vós — instou Ciro — não desejais também voltar aos pátrios lares?

— Não — respondeu Histaspes — não voltarei à pátria sem submeter ao domínio de Gadatas o Império da Assíria.

Enquanto assim se entretinham com tom de seriedade, apareceu Ciaxares

magnificamente vestido, e sentou-se sobre seu trono; e reunidos todos que deviam assistir ao conselho, houve silêncio, e Ciaxares falou assim:

— Aliados, visto que me acho presente, e sou mais velho que Ciro, compete-me tomar primeiramente a palavra: creio que o principal objeto de discussão é se se deve continuar a guerra, ou despedir o exército. Emita cada um seu parecer.

O príncipe da Hircânia foi o primeiro a levantar-se e disse:

— Parecem-me desnecessárias todas as discussões quando os próprios sucessos estão indigitando o caminho que se deve seguir. Todos nós sabemos que reunidos hostilizamos os adversários sem grande prejuízo nosso; e que separados nós uns dos outros, eles nos faziam o mal que queriam.

— Que havemos de dizer — representou o chefe dos cadúsios — a respeito de partirmos separadamente para as nossas pátrias, nós, que mesmo com as armas na mão não podemos sem risco afastar-nos de vós; nós que como sabeis, tivemos de sentir as funestas conseqüências de um bem pouco prolongado afastamento?

Depois tomou a palavra Artabazo, aquele que em outro tempo dissera ser parente de Ciro:

— A minha opinião, Ciaxares, difere muito da dos oradores que me precederam. Dizem estes que é mister ficar aqui para continuar a guerra; mas eu declaro que era lá na pátria que nós estávamos em guerra. Quantas vezes atormentado e pronto a acudir não corria eu em defesa de nossas herdades roubadas, e de nossos castelos ameaçados? E tudo isto fazia eu à minha custa. Agora ocupo as fortalezas dos inimigos, já os não temo, como e bebo a expensas suas. Concluo, pois, que esta sociedade em que vivemos não deve dissolver-se, visto que nos achamos aqui em um interminável festim, enquanto que em nossa terra vivíamos continuamente em guerra.

— Ó aliados — disse Gobrias — até agora não tenho senão que elogiar a fidelidade de Ciro, que exatamente tem cumprido suas promessas. Mas se ele se retira destas regiões, o rei da Assíria respirará, e além de ficar impune das injúrias que fez a vós e a mim, outra vez me infligirá o castigo de eu ter entrado em vossa aliança.

Então tomou Ciro a palavra e falou assim:

— Intrépidos companheiros, bem presente tenho que o licenciamento do exército é capaz de enervar a nossa parcialidade, e vigorar a dos inimigos. Os que foram despojados de suas armas em breve fabricarão outras; e outros cavalos obterão os que perderam os seus; e os inimigos mortos serão substituídos pela mocidade que vai crescendo. Desta maneira não é para admirar que eles dentro em pouco nos incomodem de novo. E por que razão aconselhei eu a Ciaxares que pusesse em discussão se se devia ou não despedir as tropas? Porque receio o futuro; porque

antevejo que no estado em que estamos não podemos resistir os inimigos que vêm marchando contra nós. O inverno está a chegar, e se nós temos onde nos abriguemos, disso carecem os soldados, os serventes e os cavalos. Enquanto a víveres, por onde transitamos nós os colhemos, e onde não chegaram as nossas armas o inimigo temeroso os recolheu nas fortalezas. Desta forma estão eles de posse das vitualhas, e nós não temos onde procurá-las. Portanto, quem tão valente e robusto pode cheio de fome e de frio encarar os adversários? Se apesar destas razões, persistimos em continuar a guerra, eu digo que mais vale despedir voluntariamente as tropas, do que sermos violentados a isso pelo aperto das circunstâncias. Para continuar a guerra, cumpre tomar aos inimigos e levantar por nossa conta o maior número de praças que for possível. Assim terão maior cópia de víveres os que souberem colhê-los e guardá-los; e vexados serão os que não tiverem lugares fortificados. A nossa atual situação é como a dos navegantes no meio do oceano, os quais, por mais que naveguem, tanto senhorio têm sobre o que lhes falta percorrer. Senhores de praças fortes, nós ficamos de posse pacífica do território inimigo. Se alguém dentre vós receia ser destacado para guarnecer as praças, que demoram longe do solo pátrio, desterre de seu peito tal temor; porque nós, que estamos separados de nossos lares, nos incumbiremos dessas guarnições. Vós possuis e cultivais os terrenos das fronteiras da Assíria. Se nós conseguirmos conservar as praças lá na presença dos contrários, vós, que estais longe, vivereis em paz profunda, porque eles, segundo creio, não hão de deixar o perigo próximo para vos vir atacar.

Acabado este discurso, todos, inclusive Ciaxares, se levantaram para dizer que estavam prontos a abraçar os conselhos do orador.

Preparações guerreiras

Gadatas e Gobrias afirmaram logo que com licença dos aliados edificariam cada um seu castelo, para benefício de todos. Vendo tão grande uniformidade de opiniões, Ciro continuou a oração:

— Se subscreveis ao meu alvitre, é mister, quanto antes, entender na construção de máquinas para bater as muralhas dos inimigos, e assalariar arquitetos para a ereção dos castelos.

Depois disto, Ciaxares, Gadatas, Gobrias, Tigranes, e o próprio Ciro, prometeram que se empenhariam cada um deles na construção de uma máquina. Tomadas estas medidas, tratou-se de procurar arquitetos, de arranjar materiais de construção; e a intendência das obras foi confiada a homens tidos como capazes de tal administração. Antevendo a demora destes trabalhos, foi acampar em um lugar que reputava muito sadio, e acessível aos transportes dos objetos necessários, e mandou fortificar os pontos mais fracos, para aqui se poder estar em segurança, mesmo quando andasse longe o grosso do exército. Demais, informado pelos que conheciam aqueles territórios dos sítios mais cômodos para os soldados, ele por aqui os conduzia,

para lhes fornecer vitualhas em abundância, para os tornar mais sadios e robustos com o exercício, e para não perderem o hábito de ocupar seus respectivos postos durante as marchas.

No meio destes preparativos, desertores e prisioneiros babilônicos afirmaram que o rei da Assíria partira para a Lídia com grande porção de talentos de ouro e prata, muitas alfaias e outras riquezas. Geralmente se conjetura vá que ele, cheio de medo, ia depositar seus tesouros em lugar seguro; mas Ciro, convencido de que ia suscitar contra ele novos inimigos, preparou-se animosamente para novos conflitos. Completou a cavalaria persa com cavalos dos prisioneiros e com os que os aliados lhe ofereciam. Ciro tudo aceitava, fosse uma boa armadura ou um bom cavalo.

Também preparou carros dos que tinham tomado aos inimigos e de outros; mas aboliu o método dos antigos troianos e dos modernos cireneus. De outros não usaram até esse tempo os medos, os assírios, os árabes, todos os asiáticos. Notou Ciro que os soldados mais valentes, andando sobre os carros, apenas empregados nos arremesses, nada conservavam para obter os troféus da vitória. Trezentos carros ocupavam trezentos combatentes, mil e duzentos cavalos, e trezentos aurigas, sempre pessoas de confiança, e que nenhum dano causavam aos adversários. Abolido este uso de carros, Ciro inventou outros mais acomodados para a guerra, com rodas fortes para não quebrarem facilmente, e com longos eixos para não inclinar e cair. O lugar em que o auriga se sentava era de grossa madeira, a modo de uma torre, que lhe não passava dos cotovelos, para poder governar os cavalos. Não falando nos olhos, trazia o auriga o corpo todo coberto com a armadura. Foices de ferro de dois côvados de comprimento guarneciam os eixos pela parte de fora das rodas e pela parte de dentro, para ferir os inimigos que atacassem os carros. Desta espécie de carros, invenção de Ciro, ainda hoje se usa nos domínios do rei. Ciro também tinha grande número de camelos, uns fornecidos por seus aliados, outros tomados aos contrários. Assim se dava execução aos preparativos guerreiros.

Desejoso de enviar um espia à Lídia, para saber em que se ocupava o assírio, julgou que mui idôneo para esta missão era Araspas, que guardava a bela cativa.

Araspas, Panteia e Abradatas

Vou contar o que tinha acontecido a Araspas. Penetrado de amor por aquela mulher, viu-se constrangido a solicitá-la para lhe dar uma demonstração de seus sentimentos. Ela rejeitou tais solicitações, conservou-se leal ao seu marido, a quem muito amava, posto que estivesse ausente, e não se queixou a Ciro, receando semear a discórdia entre amigos. Pensando que não devia desistir da empresa, Araspas a ameaçou, fazendo-lhe entender que empregaria a violência, se não quisesse ceder a suas instâncias. Então a mulher não oculta mais nada, e envia um eunuco a Ciro, para lhe declarar tudo. Ciro, ao ouvir a narração do eunuco, não pôde conter o riso, porque Araspas lhe afirmara ser mais forte que o amor, e logo expediu Artabazo com o

eunuco, para lhe dizer que não violentasse uma mulher de tal categoria, mas que lhe não proibia os meios de convencê-la. Chegando junto de Araspas, Artabazo o insultou, chamou-lhe ímpio, injusto e incontinente, e disse que aquela mulher era um depósito sagrado. Araspas derramou lágrimas de dor, cobriu-se de vergonha, e cheio de medo receava que Ciro o mandasse punir. Sabendo disto, Ciro mandou chamá-lo à sua presença, e a sós lhe disse:

— Araspas, vejo-vos cheio de medo e coberto de vergonha. Fechai o coração a vossos sentimentos. Tenho ouvido dizer que os próprios deuses, e os homens havidos por mais sensatos, não têm podido eximir-se ao império do amor: eu mesmo não tenho fortaleza para me mostrar indiferente na presença das belas. Mas a mim me deveis reputar autor dos vossos infortúnios, por vos ter encerrado com um invencível inimigo.

— Vós sois sempre o mesmo — disse Araspas — brando e clemente para com as fragilidades humanas, enquanto os outros homens não cessam de apoquentar-me. Depois que se espalhou o rumor de minha infelicidade, meus inimigos exultam de prazer, meus amigos me aconselham que fuja daqui, para evitar que castigueis meu grande delito.

Ciro tornou:

— Sabeis, pois, Araspas, que a favor desse mesmo rumor podeis ser-me muito prestadio, e fazer aos aliados um serviço relevante.

— Oxalá — replicou Araspas — que eu ainda vos possa ser uma vez útil.

Ciro continuou:

— Se quereis passar para o campo dos inimigos, fingindo que fugis de mim, creio que eles vos acreditarão.

— Por Júpiter — instou Araspas — meus amigos espalharão que tal é o motivo que tenho para ir unir-me aos contrários.

Ciro prosseguiu:

— Vós voltareis instruído das resoluções dos adversários; pois eu estou persuadido que eles vos darão parte de todas as suas deliberações e intentes, por ser tal a confiança que vos hão de prestar, que não ocultarão uma só coisa das que desejamos saber.

— Eu vou pôr-me a caminho — disse Araspas — sendo um grande penhor de minha fidelidade para com os inimigos, o fugir na ocasião em que devia experimentar os efeitos de vossa ira.

Ciro foi continuando:

— E podeis suportar a ausência da gentil Panteia?

— Eu tenho — respondeu ele — duas almas, evidentemente. Tal é a filosofia que agora me ensinou aquele injusto mestre, o amor. Pois uma só alma não podia ser boa e má ao mesmo tempo, nem podia ao mesmo tempo amar o honesto e o torpe, nem querer e não querer uma coisa no mesmo momento. Mas, claro é que temos duas almas: quando a boa impera, são honestas as inclinações; quando a má, são desonestas; e agora que minha alma boa obteve vossa amizade, tem ela um domínio absoluto.

Ciro foi por diante:

— Se estais resoluto a partir para o campo dos inimigos, comportai-vos como vou dizer-vos, para melhor captardes a confiança dos contrários. Participai-lhes o que por aqui se passa, mas de maneira que essa participação só sirva para estorvar a execução de seus projetos, o que conseguireis se disserdes que nos preparamos para invadir seus territórios. O medo de ver arruinados seus bens não os deixarão congregar-se. Deixai-vos por lá estar quanto tempo puderdes. Dai-nos parte dos movimentos dos adversários, quando muito próximos andarem de nós. Mesmo lhe podeis aconselhar que formem o exército em batalha, quando julgardes melhor ocasião. Na volta informar-nos-eis a tal respeito; mas eles guardarão a mesma forma, por temerem a súbita confusão ocasionada por qualquer mudança.

Araspas partiu na companhia de criados muito fiéis, tendo dito a algumas pessoas como pensava desempenhar a sua missão.

Assim que foi informada da partida de Araspas, Panteia enviou a Ciro um mensageiro, que nestes termos lhe falou:

— Não vos cause desprazer a retirada de Araspas para o campo dos inimigos. Com licença vossa eu mandarei chamar meu marido, que aqui se apresentará com todas as forças que puder congregar; e prometo-vos que nele achareis um amigo muito mais fiel que Araspas. O pai do atual rei era amigo de meu esposo, mas seu filho tentou dividir-nos. Portanto eu sei que meu marido, conhecendo sua petulância, de boamente abandonará suas bandeiras para vir alistar-se debaixo das de um capitão como vós sois.

Obtida a concessão, Panteia expediu o mensageiro. Abradatas, logo que conheceu os sinais de sua esposa, e soube tudo mais que havia, de boa vontade partiu com dois mil cavalos para o acampamento de Ciro; e apenas chegou ao lugar por onde andavam os exploradores dos persas, mandou dizer quem era. Ciro imediatamente o fez conduzir ao aposento de sua mulher. Logo que se avistaram, os dois cônjuges se abraçaram, como era natural em um caso tão inesperado. Depois dos primeiros abraços, Panteia falou a seu marido dos bons costumes e temperança de Ciro, e da caridade com que a havia tratado.

— Que hei-de eu fazer — exclamou Abradatas — para dar provas de nosso reconhecimento para com Ciro?

— Que haveis vós de fazer — respondeu Panteia — senão mostrar-vos para com ele dominado dos mesmos sentimentos que ele mostrou para convosco?

Depois foi Abradatas ter com Ciro, e assim que o viu, pegou-lhe da destra, e disse:

— Para pagar-vos, Ciro, os benefícios que nos tendes feito, eu não posso mais do que oferecer-me como vosso amigo, vosso servo e vosso aliado, e ser auxiliador acérrimo em todos os vossos trabalhos.

— Aceito os vossos oferecimentos — respondeu Ciro. Hoje concedo-vos que vades cear com vossa mulher: mas daqui em diante é mister que estejais na minha companhia com vossos amigos e com os meus.

Passado algum tempo, vendo Ciro empenhado no preparativo dos carros falcatos e dos cavalos e cavaleiros armados de lorigas, Abradatas quis fornecer-lhe cem carros tirados de sua cavalaria, semelhantes aos dos persas, e ele se preparou para comandá-los, montado em um carro de quatro temões puxado por oito cavalos. De suas jóias mandou Panteia fazer para ele uma couraça, um capacete e um braçal, tudo de ouro; e mandou ajaezar os cavalos com arreios de bronze. Nestas coisas Abradatas se entretinha. Ciro, vendo o carro de quatro temões, pensou que se poderia construir um com oito temões, puxado por oito juntas de bois, para conduzir certas máquinas em forma de torres, de altura de dezoito pés incluindo as rodas. Estava ele persuadido que estas máquinas, situadas por detrás dos combatentes, seriam para estes grande auxílio, e grande dano para os inimigos. Nelas tinha mandado fazer parapeitos e ameias: cada uma era guarnecida por vinte homens. Pronto tudo que dizia respeito às torres, Ciro ensaiou e viu que oito juntas puxavam mais facilmente por uma torre com vinte homens, do que uma só junta por um carro de bagagens, cujo peso ordinário é de vinte e cinco talentos. Estas torres, apesar de feitas de madeira da grossura da dos teatros trágicos, contendo vinte homens e armas, davam a cada junta uma carga menor de quinze talentos. Notando de quão fácil transporte eram estas máquinas, determinou que fizessem parte de seu exército, pensando que procurar as vantagens na guerra era buscar a salvação e a felicidade, além de ser uma coisa justa.

Embaixada da Índia — Desalento do exército de Ciro

Por este tempo chegaram com dinheiro embaixadores da Índia com esta mensagem da parte de seu rei:

— Ciro, eu folgo em que me comuniqueis vossas necessidades. Quero contrair

convosco relações de hospitalidade. Aí vos envio uma soma de dinheiro; se mais precisardes, participai-mo. Meus embaixadores têm ordem para obedecer a vossos mandados.

— Eu vos ordeno, pois, — respondeu Ciro — que alguns de vós fiquem aqui guardando este dinheiro, e vivam com as maiores comodidades; e que três passem para o campo dos inimigos, fingindo propor-lhes aliança com o vosso rei; mas para observardes o que por lá se diz e faz, e anunciá-lo a mim e ao rei da Índia. Se idoneamente desempenhardes esta comissão, meu reconhecimento para convosco será ainda maior do que o que vos devo pelos tesouros que me trazeis. Os meus exploradores, que por lá andam vestidos com o trajo de escravos, não podem ver e anunciar senão o que é de todos sabido. Porém homens de vossa qualidade poderão até penetrar em seus segredos.

Os índios com gosto escutaram Ciro, que benignamente os agasalhou; e, no dia seguinte partiram, prometendo voltar breve, com todas as informações que pudessem colher dos inimigos.

Ciro tinha disposto para a guerra todas as coisas magnificamente, como homem de altos projetos. Não contente em executar o que os aliados tinham decidido, Ciro semeava a emulação entre os amigos, de maneira que cada um queria apresentar-se o mais bem armado, o mais hábil cavaleiro, o mais destro seteiro, o mais distinto arqueiro, e o mais sofredor do trabalho. Conseguia este fim, levando-os à caça, e condecorando os que mais se assinalavam. Quando via que os capitães se esmeravam em melhorar a disciplina de seus soldados, os animava com prêmios e louvores. Quando fazia algum sacrifício, instituía jogos dos exercícios da guerra, e conferia grandes prêmios aos vencedores. Desta forma imperava entre as tropas a alegria. Ciro tinha tudo pronto para renovar as hostilidades, exceto as máquinas. Os cavaleiros persas chegavam já a dez mil: os carros falcatos, fornecidos por Ciro, preenchiam o número de cem: os que o súsio Abradatas tentou fazer semelhantes aos de Ciro, chegavam também a cem; a cem chegavam igualmente os carros medos, aos quais Ciro aconselhara Ciaxares que mudasse a antiga forma de carros troianos e líbicos. Em cada camelo montavam dois arqueiros. Desta sorte, os soldados pela maior parte já se julgavam vitoriosos, e tinham em pouca conta o poder dos inimigos.

Tais eram os sentimentos que dominavam as tropas quando chegaram os índios que Ciro tinha enviado ao campo dos inimigos, e disseram:

— Creso foi nomeado general-chefe dos exércitos, e assentou-se entre os reis aliados que cada um viria com todas as suas forças, e com somas avultadas, para alistar quantos soldados pudessem, e para dadivar quem julgassem a propósito. Já estão assalariadas numerosas coortes de trácios armados de longas espadas; já vêm navegando cento e vinte mil egípcios, armados de escudos que lhes chegam aos pés, de compridas lanças e de espadas; já também sobre o mar vem um exército de cíprios. Já compareceram todos os cilícios, os habitantes de ambas as Frígias, os licaônios, os

paflagônios, os árabes e os fenícios; os assírios vêm sob o comando do rei de Babilônia: os jônios, os eólios e quase todos os gregos da Ásia, foram obrigados a acompanhar Creso. Creso mandou contrair aliança com Lacedemônia. O ponto de reunião é junto do rio Pactolo, e daqui hão de marchar para Tibarra; e anunciou-se que concorressem a este lugar os que tivessem víveres para vender.

Estas notícias eram confirmadas pelos prisioneiros. Ciro curava de aprisionar alguns inimigos, para receber tais informações, e enviava vários espias em trajo de escravos, que se inculcavam por desertores. Aquelas notícias puseram em inquietação o exército de Ciro. Já os soldados andavam mais silenciosos do que costumavam; a alegria emigrou do coração de muitos: reuniam-se em magotes, faziam perguntas e conjeturas. Percebendo que o medo ia se difundindo entre a soldadesca, Ciro convocou os chefes do exército e todos aqueles cujo descoroçoamento podia ser tão funesto como útil o entusiasmo; e passou ordem aos guardas para não vedarem a entrada a qualquer soldado que quisesse ouvir o discurso. Reunidos os capitães, Ciro falou assim:

— Aliados, eu vos convoquei por notar o temor que vos incutiram as notícias que chegaram dos inimigos. Causa-me espanto que vos amedronteis por se dizer que os adversários se estão congregando; e não vos animeis, vendo que somos agora muito mais numerosos, e possuidores, graças à providência, de maiores recursos do que quando os debelamos. Deuses! Em que estado ficaria vossa coragem se agora chegasse a notícia de que um exército como o nosso marchava contra vós. Ouviríeis dizer: — "As tropas que já uma vez nos venceram, de novo avançam, animadas com a primeira vitória; o exército, que derrotou os nossos arqueiros e seteiros, de novo avança muito mais numeroso; sua infantaria destroçou então os nossos peões, agora a cavalaria vem destroçar os nossos cavaleiros; e não é com arcos nem setas, mas com robustíssimas lanças, que eles pelejam: os carros, que agora trazem, não são feitos para facilmente fugir como antes; os cavalos, que por eles puxam, vêm cobertos de saia de malha; os aurigas, sentados sobre torres de madeira, trazem sobre a cabeça um capacete, e uma loriga cobrindo a parte do corpo que fica acima da torre. Os eixos dos carros são guarnecidos de foices de ferro, para poderem imediatamente cortar as fileiras dos contrários. Demais, trazem camelos com gente armada em cima, dos quais basta um para espantar cem cavalos. Enfim, com as torres favorecem os seus, e com os tiros que delas fazem, não vos deixam combater em raso campo". — Ora se dissessem isto a respeito dos inimigos, que faríeis, vós que estais tão penetrados de pavor só por ouvir dizer que Creso foi nomeado general, Creso, que se mostrou tanto mais covarde que os sírios, que estes fugiram depois de vencidos, e Creso, presenciando esta derrota, fugiu em vez de acudir aos aliados? Além disso, temos a notícia de que os contrários não se reputam capazes de nos resistir; assalariaram estrangeiros, persuadidos que defenderiam sua causa mais valorosamente do que eles próprios. Mas, finalmente, os que julgarem esperançosa a situação dos adversários e desesperada a nossa, podem ir engrossar seus batalhões; porque sua ausência ser-nos-á mais proveitosa do que sua presença.

Ciro acabou de falar e o persa Crisantas principiou:

— Ó Ciro, não vos admireis que alguns de nós ficassem tristes com aquelas notícias; mas olhai que não era por temor, mas por certa inquietação. Assim como ninguém pode ficar satisfeito, quando, indo com vontade de jantar, souber que é obrigado a fazer alguma coisa antes; assim também nós, já pensando que estávamos a lançar a mão sobre as riquezas dos inimigos, assim ao ouvirmos que ainda nos faltava fazer alguma coisa antes, ficamos tristes, não por medo que de nós se apoderasse, mas pelo desejo que tínhamos de que essa coisa se tivesse já feito. Mas visto que temos de combater não só na Síria, onde há muito trigo, gado, palmeiras carregadas de fruto, mas também na Lídia, abundante de vinhos, figos e azeite, e banhada pelo mar, que lhe traz mais riquezas do que se tem visto, não nos inquietamos, mas cheios de confiança desejamos ir quanto antes apossar-nos dessa fortuna dos lídios.

Assim falou Crisantas, e todos os aliados aplaudiram seu discurso.

Discurso de Ciro

— Bravos — continuou Ciro — meu parecer é que vamos desde já contra os inimigos, para chegarmos primeiro, se pudermos, ao lugar onde eles têm suas provisões: quanto mais presteza pusermos em nossa marcha, mais certeza teremos em os apanharmos desprevenidos. Se alguém conhece um meio mais seguro e mais fácil, exponha-o.

Muitos afirmaram que era conveniente partir contra os adversários; não houve oposição, e então Ciro recitou o seguinte discurso:

— Aliados; nossas almas, nossos corpos, nossas armas, estão prontas, graças aos céus, para entrar em ação; e agora é preciso aprontar as vitualhas para nós e para as cavalgaduras, para uma marcha de vinte dias pelo menos; porque penso que havemos de andar mais de quinze dias sem encontrar onde colhê-las, por já terem sido colhidas por nós e pelos inimigos. É necessário prover-nos de bastante pão, porque sem ele não é possível combater nem viver. Enquanto a vinho, leve cada um somente o que for suficiente para nos irmos habituando a beber água; pois tendo nós que atravessar um terreno quase estéril de vinhas, por grande que fosse a provisão que fizéssemos daquele licor, seria sempre diminuta. Mas para não sermos incomodados pela privação súbita de vinho, convém fazer o que vos vou dizer. Comecemos já a beber alguma água sobre a comida. Esta mudança não será muito sensível. Os que se nutrem de farinha, costumam diluí-la em água: tudo o que se coze é preparado com grande quantidade de água. Beberemos uma pequena porção de vinho depois de cada refeição, e não passaremos mal. Esta mesma porção irá sendo progressivamente diminuída, até chegarmos a beber somente água. Todas as compleições suportarão sem prejuízo esta mudança gradual. Isto nos é ensinado pela própria divindade, quando do inverno nos conduz paulatinamente ao pino do verão, e do verão ao pino do inverno.

Sejamos seus imitadores na consecução deste fim.

Não transportemos leitos para neles dormirmos, transportemos o seu peso em víveres, porque a abundância destes nunca é inútil, e na falta de leitos não tendes que recear noites incômodas: e se assim acontecer, fazei recair a culpa sobre mim. Andar bem vestido aproveita sempre na saúde e na doença. Devemos fazer provisão de condimentos e acres e salgados, porque desafiam o apetite e conservam-se mais facilmente. Quando chegarmos aos lugares onde haja trigo, importa provermo-nos de moinhos portáteis para triturá-lo, por serem estes os mais leves de todos os instrumentos para fazer pão. Não nos esqueçamos de levar medicamentos, porque pouco carregam e são de considerável proveito, quando preciso. Também devo falar de correames, porque por meio deles suspendem os homens e os cavalos o que sobre si trazem: gastados ou quebrados, não havendo com que substituí-los, é mister ficar ocioso. Os que aprenderam a polir lanças é bem que tragam o instrumento próprio, e também uma lima, porque quem aguça a lança, aguça ao mesmo tempo a coragem; pois é vergonha dar provas de covardia, tendo açacalado o ferro da lança. Convém transportar boa porção de madeira para carros e carretas. Quando há muito que fazer, é forçoso que alguma coisa falte. Além dos materiais é preciso levar os instrumentos mais necessários; porque não há operários por toda parte, e um pequeno número deles não basta para os trabalhos de cada dia. Cada carreta levará um sacho e um enxadão, cada besta de carga uma enxada e uma foice. Estes instrumentos são úteis a cada um em particular, e muitas vezes têm utilidade geral.

Vós, capitães dos soldados pesadamente armados, examinai se eles têm os víveres de que precisam: não deixemos de curar do que é necessário; isso seria não cuidar de nós mesmos. Vós, chefes de bagagens, examinai se as cargas estão dispostas como eu mandei; e obrigai a pontualmente executar minhas ordens. Vós, comandantes dos gastadores, que tendes o catálogo dos seteiros, arqueiros e fundeiros, por mim reformados, deveis obrigar nesta expedição os seteiros a usar de um machado próprio para cortar madeira, os arqueiros de um sacho, os fundeiros de um enxadão. Todos estes marcharão adiante das bagagens, divididos em turmas, para, quando convier preparar a estrada, entrardes logo em ação, e para eu saber que lugar ocupais quando quiser de vós algum serviço. Levareis também no exército operários, que trabalhem em bronze, carpinteiros de carros e sapateiros, todos na idade de pegar em armas, e com os respectivos instrumentos, a fim de não se padecer falta do que pertence àqueles ofícios. Estes constituirão um corpo separado, e marcar-se-lhes-á um lugar onde poderão trabalhar para quem lhes quiser pagar seus artefatos. Se alguns vendedores quiserem acompanhar o exército, hão de conservar seus víveres durante os dias acima mencionados. Se algum for encontrado a vender, tudo lhe será confiscado; mas decorridos aqueles dias, podem vender como quiser. O que levar maior cópia de mantimentos será pelos aliados e por mim premiado e honrado. Se algum deles carecer de fundos para fazer suas compras, traga consigo pessoas que o conheçam e me afiancem que parte com o exército; eu o ajudarei como puder. Eis o que eu tinha que dizer. Se algum de vós considera que outras coisas possamos fazer

também úteis, advirta-me. Ide pois preparar-vos, enquanto eu vou oferecer um sacrifício pela nossa partida; e terminadas estas cerimônias avisarei. É necessário que cada um dos soldados, provido de tudo que ordenei, compareça junto de seus oficiais, no lugar marcado; e vós, oficiais, formai vossas companhias e comparecei junto a mim para ocupardes vossos postos.

Ciro avança à frente do exército — Preparativos para a batalha

Concluído este discurso, os ouvintes foram preparar-se para a partida e o orador foi celebrar o sacrifício, terminado o qual pôs-se à testa do exército e principiou a marcha. No primeiro dia o exército acampou a pequena distância para poderem regressar, se tivesse havido algum esquecimento ou fosse ainda preciso proverem-se de alguma coisa necessária. Ciaxares ficou com a terça parte dos medos, para não deixar desamparados os seus Estados. Ciro continuou a marcha com a maior celeridade. Caminhava na frente a cavalaria, precedida dos exploradores, que eram enviados pelos lugares mais próprios para executar sua missão. Atrás dos cavaleiros ia a bagagem, que nas planícies formava muitas colunas com as carretas e bestas de carga. Seguia-se a infantaria, de modo que se algum bagageiro se deixava atrás, os oficiais o faziam andar para diante, para não impedir a marcha. Nas estradas estreitas as bagagens iam entre os soldados de armadura pesada, de sorte que sempre era possível ocorrer a qualquer dificuldade.

As diferentes companhias caminhavam quase sempre ao lado de suas bagagens, porque assim fora ordenado, exceto quando houvesse obstáculo. Cada bagageiro levava um sinal fornecido pelo respectivo taxiarca, sinal conhecido por todos da sua companhia. Desta feição marchavam todos reunidos, cada um tendo cuidado de não deixar atrás seus camaradas; por isso não se viam obrigados a procurarem-se uns aos outros, tudo ia em segurança, e os soldados eram depressa providos do que necessitavam.

Entretanto os exploradores julgavam perceber na planície homens colhendo ferragens e lenha, viam algumas cavalgaduras já indo carregadas, outras pastando, e lá mais ao longe pareciam levantarem-se nuvens de fumo e poeira. Daqui deduziram que o exército dos inimigos andava perto, e enviaram um mensageiro a Ciro com estas notícias. Ciro mandou-lhes dizer que continuassem suas observações no mesmo lugar, e lhe participassem o que houvesse de novo. Depois destacou para a planície uma companhia de cavalos com ordem de fazer alguns prisioneiros, os quais dariam mais amplas informações.

Enquanto se punham em execução as ordens de Ciro, este mandou fazer alto, para dar lugar a que os soldados se munissem do que lhes fosse preciso, antes de se aproximar do inimigo. Ordenou que primeiro jantassem e depois se conservassem em

armas, prontos a receber suas ordens. Depois que jantaram, ele convocou os chefes da cavalaria, da infantaria, dos carros, das máquinas, das bagagens e das carretas. Enquanto estes se congregavam, os que tinham ido à planície, chegaram com alguns prisioneiros, que, interrogados por Ciro, disseram ter caminhado para cá das guardas avançadas, a fim de colher lenha e ferragens, porque a presença de tão numeroso exército havia produzido escassez de tudo. Ciro perguntou-lhes:

— A que distância está o exército?

Eles responderam:

— Duas parasangas.

— Fala-se por lá muito de nós?

— Por Júpiter, muito, dizia-se que já vínheis perto.

— E por isso andavam contentes?

Ciro fazia esta pergunta por causa dos que estavam presentes. Os prisioneiros responderam a ela:

— Não, por Júpiter, pelo contrário, andam muito tristes.

— Que fazem eles agora?

— Formam-se em ordem de batalha: ontem e antes de ontem não têm feito outra coisa.

— Quem é que dá as ordens?

— É Creso, que anda acompanhado de um grego, e de um medo que diz ter desertado de vosso campo.

— Grande Júpiter — exclama Ciro — oxalá que eu possa colher esse homem às mãos, como desejo.

Ciro mandou retirar os prisioneiros, e quando se voltava para os capitães que estavam presentes, chegou uma mensagem do chefe dos exploradores, anunciando que aparecia na planície uma grande companhia de cavalos.

— Nós conjeturamos — acrescentava o mensageiro — que vêm observar o nosso exército, porque adiante marcham com velocidade trinta cavaleiros, talvez para tomarem os nossos postos. Nós somos apenas dez.

Ciro mandou a alguns dos cavaleiros, que costumava trazer consigo, que fossem

animosamente emboscar-se junto daqueles lugares.

— Quando os nossos dez — acrescentou ele — abandonarem seu posto, acometei os que correrem a ocupá-lo. E para que essa grande companhia de cavalo vos não infunda terror, Histaspes, ide contra ela com mil cavalos; mas não leveis a perseguição por lugares desconhecidos, tratai da conservação daquele posto e retirai-vos. Se algum contrário correr para vós com a destra levantada, acolhei-o com benignidade.

Histaspes foi armar-se e partiu como lhe fora ordenado. Ainda não tinha chegado ao lugar de seu destino, quando encontrou com sua comitiva aquele Araspas, que havia sido expedido como explorador, o guardador da mulher súsia. Assim que o viu, Ciro levantou-se, saiu-lhe ao encontro e pegou-lhe da destra. Os que estavam presentes, não sabendo nada de sua secreta missão, ficaram espantados, até que Ciro lhes disse:

— Amigos, eis aqui um homem digno dos maiores encômios. Agora já todos podem saber os motivos de seu procedimento. Não foi nenhuma ação infame, que o compeliu a partir, nem foi por temor de minha cólera; mas foi por mim enviado para se informar do estado dos inimigos, e no-lo vir comunicar depois. Bem me lembro, Araspas, das promessas que vos fiz, e com o auxílio de todos que vedes presentes, cumpri-las-ei. É justo que todos vós pagueis um tributo de honra à longanimidade deste varão. Em benefício nosso ele se expôs a perigos, e carregou com acusações.

Ditas estas palavras, todos abraçaram Araspas e lhe deram a destra.

— Basta! — diz Ciro — Contai-nos agora, Araspas, o que nos interessa saber, respeitando em tudo a verdade. Não diminuí as forças dos inimigos, porque vale mais, que reputando-as grandes, as achemos pequenas, do que inversamente.

Araspas respondeu:

— Eu curei de colher as mais exatas informações: consegui até andar postando os inimigos em ordem de batalha.

— Sabeis, pois, qual é seu número e qual sua ordem de peleja.

— Sim, e até sei de que modo eles têm tenção de travar a luta.

— Dizei-me primeiro qual é sumariamente seu número.

— À exceção dos egípcios, todos, infantaria e cavalaria, estão formados a trinta de fundo e ocupam um terreno de quarenta estádios. Eu tive todo o cuidado de instruir-me desta última circunstância.

— Então os egípcios como estão formados?

— Seus miriarcas os formaram de maneira que cada miríade tem cem de frente e cem de lado. Dizem ser uso pátrio. Foi bem contra sua vontade que Creso consentiu nisto, porque ele queria que seu exército apresentasse maior frente que o vosso.

— Mas para quê?

— Está claro, para vos poderem cercar por todos os lados.

— Vejam lá não venham eles a ser cercados em vez de cercadores. Temos ouvido o que nos convinha saber. Agora vou expor o que deveis fazer. Logo que daqui sairdes, ide examinar o que diz respeito a vossos cavalos e a vossas armas; porque muitas vezes, por falta de uma coisa bem pequena, se torna inútil um homem, um cavalo, ou um carro. Amanhã pela manhã, enquanto eu estiver celebrando o sacrifício, comei, e dai de comer aos cavalos, para que, quando for tempo de entrar em ação, não estejamos em jejum. Depois disto, Araspas, colocai-vos na ala direita, como até agora tendes feito, e vós, miriarcas, conservai também os vossos postos. Na ocasião da batalha já não é tempo de mudar as parelhas de um carro. Anunciai aos taxiarcas e logagos, que ponham seus soldados a dois de fundo.

Cada logago comandava vinte e quatro soldados. Então disse um dos miriarcas:

— Ciro, parece-vos que com tão pouco fundo poderemos fazer face a tão espessos esquadrões?

Ciro respondeu nestes termos:

— Pois vós pensais que esquadrões tão densos que não possam chegar com as armas aos contrários, causam a estes alguns danos, ou são de algum proveito para os aliados? Eu quisera que os egípcios se formassem antes a dez mil de fundo do que a cem; porque assim teríamos que combater com mui pequeno número de adversários. Dando aos meus soldados a forma que tenho determinado, creio que todos entrarão em ação e poderão auxiliar-se mutuamente. Atrás dos soldados armados de couraça porei os acontistas, e atrás destes os arqueiros. Pois quem cometerá o erro de pôr à frente soldados que confessam sua incapacidade para sustentar de perto o peso de uma batalha? Mas já o podem fazer, sendo colocados atrás das tropas armadas de loriga. Uns lançando arremessos, outros despedindo setas por cima da primeira linha, incomodam o inimigo. Todo o mal que se faz aos adversários está na razão direta do alívio causado aos aliados. Na última linha porei o chamado corpo de reserva. Assim como nenhuma utilidade tem um edifício sem fortes alicerces e sem teto, também para pouco serve um exército cujas primeiras e últimas fileiras não forem compostas de soldados intrépidos. Ide pois ocupar os postos por mim determinados. Vós, chefes dos peltastas, colocai na primeira linha os vossos soldados; vós, que comandais os arqueiros, postai-vos logo em seguida; e vós, que governais o corpo de reserva, postado na última linha, ordenai a vossos subalternos que observem os movimentos dos soldados, animando os valorosos, ameaçando os covardes, e matando os

desertores. Aos que vão na vanguarda pertence inspirar com palavras e exemplos confiança aos que vão atrás; e a vós, que ides na retaguarda, compete incutir aos covardes maior terror que o inimigo. Estas são as minhas ordens. Vós, Abradatas, que dirigis as máquinas, fazei com que as parelhas que conduzem as torres sigam de mui perto o exército. Vós, Daucho, comandante das bagagens, marchai contudo atrás das torres, e ordenai a vossos subalternos que castiguem rigorosamente os que avançarem fora de tempo, ou se deixarem atrás. Vós, Carducho, chefe dos carros em que vão as mulheres, colocai-vos depois das bagagens. Tudo isto assim seguido dará ao exército a aparência de muito numeroso, facilitará os meios de armar insídias aos inimigos, e se estes nos quiserem cercar, ver-se-ão constrangidos a fazer muito maior círculo: e está claro que quanto mais terreno ocuparem, mais fracos ficarão. Fazei o que vos ordeno. Vós, Artabazo e Artagersas, cada um à frente de seus mil infantes, marchai logo atrás dos carros. Vós Farnucho e Asiadates, cada um com seus mil cavalos, não vos ponhais entre o exército, mas atrás das carretas separadamente: e depois vinde ter conosco, assim como os outros oficiais. É mister que estejais preparados como se fôsseis os primeiros que devêsseis entrar na luta. Vós, comandante dos soldados que montam os camelos, marchai também atrás das carretas, e executai os mandados de Artagersas. Vós, chefes dos carros, deitai sortes, para se determinar qual de vós há de ir na vanguarda, com seus cem carros: os outros dois chefes guarnecerão os flancos, um pela direita, outro pela esquerda.

Tal foi a forma que Ciro deu ao exército.

Abradatas, rei dos súsios, disse:

— Ciro, com vosso consentimento eu irei postar-me com minha companhia no lugar que fique mesmo defronte do exército contrário.

Ciro admirou sua coragem, e dando-lhe a destra, perguntou aos outros persas, chefes dos carros, se condescendiam com a proposta de Abradatas: e como eles respondessem que lhes não estava bem, deitou sortes, e Abradatas teve o que desejava, ficando encarregado de fazer frente aos soldados egípcios. Então os oficiais se retiraram, fizeram os seus preparativos, comeram, puseram sentinelas e deitaram-se.

Amizade de Panteia para com seu marido — Ciro anima as tropas

Ao outro dia pela manhã, enquanto Ciro sacrificava, os soldados, depois de comerem e fazerem libações, se armaram com lindas túnicas, belas couraças e elegantes capacetes. Nas testas e peitos dos cavalos puseram ornatos, também nas pernas dos da cavalaria, e nas ilhargas dos ocupantes dos carros. Assim as cores do bronze e púrpura faziam brilhar todo o exército. O carro de quatro temões, puxado por

oito cavalos, que pertencia a Abradatas, estava esplendidamente enfeitado. Quando Abradatas ia para vestir a couraça de linho, à maneira de seu país, Panteia lhe apresentou um capacete, uns braçais e um bracelete, tudo de ouro, uma capa talar de púrpura com franjas, e um penacho cor de jacinto. Tinha ela feito todas estas coisas sem dar parte a seu marido, servindo-lhe de molde os fatos ordinários dele. Abradatas, admirado, perguntou-lhe se se tinha desfeito de suas alfaias para fazer aquela armadura.

— Não — respondeu Panteia — ficou-me a mais rica; porque se aos outros parecerdes o que a mim pareceis, para mim sereis a mais preciosa das alfaias.

Ao mesmo tempo que proferia estas palavras, lhe vestia a armadura, e as lágrimas lhe corriam pelas faces, apesar da diligência que fazia para contê-las.

Abradatas, já antes digno de admiração por sua bela estatura, agora, com a nova armadura, ainda parecia muito mais elegante, e mostrava todas as aparências de homem livre, como se naturalmente o fosse. Tomou as rédeas das mãos do auriga, e ia já a subir ao carro, quando Panteia mandou retirar os circunstantes, e disse:

— Abradatas, se no mundo têm existido mulheres que estimem mais seus maridos do que a si próprias, creio que vós sabeis que eu sou uma delas: nem será mister demonstrá-lo, pois minhas ações têm mais força probativa do que longos discursos. Mas sem embargo desta adesão, que bem reconheceis em mim para convosco, juro pela minha amizade e pela vossa, que antes quero acompanhar-vos ao sepulcro, morrendo vós coberto de glória, do que viver convosco, cobertos ambos nós de opróbrio. Tanto nos devemos empenhar na prática de ações que nos honrem! Grandes obrigações devemos a Ciro, que, sendo eu sua cativa e escolhida para ele, nem quis usar de mim como escrava, nem como livre com um nome ignominioso: guardou-me para vós, como se eu fosse mulher de um irmão seu. Além disto, quando Araspas, o meu guarda, se retirou, eu prometi a Ciro que se me desse licença de vos enviar um mensageiro, acharia em vós um amigo mais fiel e mais útil do que Araspas.

Abradatas extasiou-se com estas expressões, e pondo a mão sobre a cabeça de sua esposa, olhou para o céu, e exclamou:

— Grande Júpiter, permiti que eu seja um marido digno de Panteia, e um amigo digno de Ciro, que nos tem tratado com tanta deferência.

Ditas estas palavras, subiu ao carro, que o auriga logo fechou. Panteia, que já não podia abraçar seu marido, beijava o carro. Este se ia afastando, e ela o ia seguindo, sem que o soubesse Abradatas, que, voltando-se para trás e vendo sua mulher, disse:

— Animai-vos, Panteia, e alegrai-vos: separemo-nos.

Então os eunucos e as criadas a conduziram ao seu carro, deitaram-na e a cobriram com um pavilhão. Depois disto todas as atenções se dirigiram para Abradatas, que, apesar de sua elegância e da de seu carro, ninguém até agora havia contemplado, enquanto Panteia esteve presente.

Acabado o sacrifício com feliz auspício, e formado o exército como tinha sido ordenado por Ciro, este mandou postar sentinelas a distâncias diversas, convocou depois os oficiais, e assim lhes falou:

— Aliados, fiéis e valorosos, os deuses nos animam com os mesmos presságios com que nos animaram na vitória. Eu quero que tenhais presentes aqueles que devem excitar vosso valor marcial. Estais muito mais exercitados na arte da guerra do que os inimigos. Todos vós tendes sido juntamente disciplinados, e viveis reunidos há mais tempo do que os adversários; todos partilhastes a vitória, enquanto que o maior número dos inimigos partilhou o destroço. Pelo que toca aos soldados das duas hostes, que ainda não combateram, os da hoste contrária sabem que têm por camaradas gente covarde, e vós tendes a certeza de pelejardes entre gente desejosa de auxiliar-vos. É natural que com a mútua confiança os soldados sustentem todos a luta com o mesmo acordo: sem ela cada um trata somente de evitar o perigo. Bravos, marchemos contra os inimigos. Temos carros armados para opor a carros desarmados, e com cavaleiros e cavalos bem armados havemos de combater de perto uma cavalaria sem armas. A infantaria é a mesma que já vencemos; e a respeito dos egípcios, suas armas são como sua forma de peleja: seus grandes escudos lhes impossibilitam os movimentos e lhes não permitem observar o que se passa a pequena distância; formados a cem de fundo, só um pequeno número poderá entrar em ação. Se tentarem romper os nossos esquadrões, será preciso que primeiro vençam a resistência dos nossos cavalos e dos que os cobrem; e dado o caso que cheguem a rompê-los, como poderão simultaneamente defender-se da cavalaria, infantaria e torres? Os soldados que guarnecem as torres prestar-nos-ão grande serviço, ferindo os inimigos e lançando o descoroçoamento entre eles. Se qualquer dentre vós necessita de alguma coisa, queira dizê-lo. Nada nos faltará com a proteção das divindades. Se alguém tem alguma coisa que dizer, pode falar: se não, ide cumprir com os deveres religiosos e depois de invocardes os deuses a quem sacrificamos, ide ocupar os vossos postos. Cada um de vós faça a seus soldados as mesmas recomendações que eu vos fiz, e para com eles se mostre digno do comando que exerce, dando provas de coragem no semblante e nas palavras.

LIVRO VII

Disposições para a batalha pelejada entre Ciro e Creso — Batalha entre estes dois príncipes — Vitória de Ciro — Tomada de Sardes — Diálogo entre Ciro e Creso — Morte trágica da princesa Panteia — Expedição à Cária — Expedição à Frígia — Tomada de Babilônia — Ciro pretende tornar-se menos acessível aos seus — Ciro fortifica Babilônia.

Disposições para a batalha pelejada entre Ciro e Creso

Dirigidas as preces aos deuses, os oficiais foram ocupar seus respectivos postos. Ainda Ciro e seus satélites se entretinham nas cerimônias religiosas, quando lhes trouxeram iguarias e licores. Ciro, sem se tirar da posição em que se achava, comeu depois de fazer oblações aos deuses, e repartiu pelos que mais precisavam; e feitas as competentes libações e invocações, bebeu, no que todos o imitaram. Depois pediu a Júpiter pátrio que fosse seu condutor e seu companheiro, montou a cavalo e passou ordens aos que ali estavam. Todos os satélites de Ciro tinham as mesmas armas que ele, a saber, capas de púrpura, lorigas e capacetes de bronze, penachos brancos, espadas e arremessões de pau de cerejeira. A armadura da testa, do peito e das ilhargas dos cavalos, era de bronze, assim como as das escarcelas dos cavaleiros. As armas de Ciro não diferiam das dos outros, que eram douradas, senão por brilharem como se fossem espelhos. Estava já montado e olhava por onde marcharia, quando à sua direita estalou um trovão. Ciro exclamou:

— Grande Júpiter, seguir-vos-emos.

E principiou a marchar, levando à direita o hiparca Crisantas com a cavalaria e à esquerda Arsamas com a infantaria; e recomendou que olhassem para a bandeira, e a seguissem a passo igual. A bandeira era uma águia dourada, suspensa na ponta de uma grande lança; e tal é ainda hoje a bandeira do rei da Pérsia.

Três vezes mandou Ciro fazer alto, antes de divisar os inimigos, que foram vistos depois de uma marcha de vinte estádios. À vista um do outro os dois exércitos, Creso notou que a frente de sua hoste excedia muito de uma e de outra parte a da contrária, e mandou fazer alto para lhe dar a forma de um grande arco de círculo, a fim de poder combater os persas por todos os lados. Ciro nada agiu em conseqüência dos movimentos dos inimigos, e continuou a marchar na mesma ordem; mas, observando que estendia muito a curvatura por um e outro flanco de seu exército, disse para Crisantas:

— Notais a que ponto chegam as alas do inimigo?

— Muito bem noto — respondeu Crisantas — e muito me admiro, porque parece que eles ficam muito afastados do grosso do exército.

— É verdade, e também do nosso.

— Mas para que será bom isso?

— É porque temem nossa agressão, achando-se as alas perto de nós, e distantes do grosso do exército.

— Mas como poderão eles socorrer-se reciprocamente estando tão desviados uns dos outros?

— É claro que quando os inimigos tiverem com suas alas coberto os nossos flancos, nos hão de atacar por todos os lados.

— E julgais útil o estratagema?

— Sim, a atenderem somente à aparência do nosso exército; aliás, é ele mais desvantajoso do que se atacassem de frente. Finalmente, Arsamas, conduzi a infantaria a passo pouco acelerado, no que seguireis meu exemplo; e vós, Crisantas, marchai no mesmo passo à frente da cavalaria. Eu vou ocupar o lugar onde creio ser mais conveniente travar a batalha, e irei observando o estado de nossas tropas; e quando for tempo de entrar na luta, entoarei um hino, e imitai-me. Quando viermos a braços, sereis depressa informados disso, porque haverá grande tumulto, e então romperá logo Abradatas com os carros através dos inimigos. Ele vai ser para isso intimado. Vós, segui imediatamente Abradatas, para tirardes partido da desordem por ele causada nas fileiras contrárias. O mais que puder, aparecerei perseguindo os fugitivos, se os deuses assim o têm determinado.

Ditas estas palavras, Ciro entregou a senha, que era *Júpiter salvador e guia*, e partiu. Caminhando por entre os carros e os couraceiros, olhava para os soldados, e a uns dizia:

— Valentes, quão agradável me é a contemplação de vossos semblantes!

A outros:

— Valentes, hoje a batalha não só nos há de trazer os frutos de uma vitória, mas também a continuação do gozo da que já obtivemos, e uma felicidade completa!

A outros:

— Valentes, não temos motivos para queixar-nos dos deuses, que nos proporcionam os meios de possuir grandes bens; mas dai provas de coragem!

A outros:

— Valentes, para que melhor ceia do que esta podíamos nós fazer mútuos convites? Agora os bravos têm a possibilidade de oferecer uns aos outros muitas coisas, e boas!

A outros:

— Valentes, bem sabeis que perseguir, ferir, matar, gozar, ouvir elogios, ficar livre, dominar, tais são os prêmios do vencedor; são contrários os do vencido! Todo aquele que ama sua honra, combata ao pé de mim, porque eu não admitirei que se pratique um só ato de covardia ou de infâmia!

Enfim, aos soldados que já tinham estado na primeira ação, dizia:

— A vós, que tenho eu que dizer, valentes? Já sabeis o que acontece aos bravos e aos covardes em um dia de batalha.

Continuando sua digressão, Ciro chegou ao lugar onde Abradatas estava e parou. Abradatas entregou as rédeas ao auriga e encaminhou-se a Ciro; e os capitães de carros, que se achavam próximo, o imitaram. Então disse Ciro:

— Abradatas, Deus ouviu vossos votos, concedendo que vós e vossos soldados ocupásseis a vanguarda de nosso exército. Lembrai-vos que quando for ocasião de pelejar, os persas, com os olhos postos em vós, não vos hão de deixar sós na batalha.

Abradatas respondeu:

— Ciro, da nossa parte tudo irá bem. O que me causa alguma impressão são os flancos, porque vejo estenderem-se as alas do exército inimigo, bem guarnecido de carros e de toda a casta de soldados; e nós só alguns carros temos para opor-lhes: de maneira que se não fosse a sorte que me destina este lugar, envergonhar-me-ia de ocupá-lo. Tal é a seguridade em que me acho.

Ciro replicou:

— Se da vossa parte tudo vai bem, sossegai a respeito dos flancos; porque eu saberei desembaraçar-me das alas dos adversários. Peço-vos que não traveis a luta antes de verdes em fuga aqueles mesmos que vós agora temeis.

Estando próxima a ocasião de batalhar, tão jactanciosamente falava Ciro, que aliás nunca manifestava a menor sombra de jactância!

— Quando os virdes em fuga — continuou ele — ficai certo que me acho ao pé de vós, e então avançai contra os inimigos, os quais encontrareis cheios de medo, e vossos soldados de valor. Mas enquanto tendes vagar, passai uma completa revista a

vossos carros, e animai os soldados ao combate, com esperanças e com a vivacidade de vosso semblante. Para quererem parecer valorosos, basta difundir entre eles a emulação; depois todos confessarão nada haver mais útil do que o valor.

Abradatas subiu ao carro, e punha por obra o que Ciro lhe acabava de dizer.

Ciro partiu daqui e quando chegou ao flanco esquerdo, onde se achava Histaspes com metade da cavalaria persa, o chamou pelo nome, e disse:

— Agora vede a precisão de vossa celeridade, porque se matarmos primeiramente todos os inimigos, ninguém morrerá da nossa parte.

Histaspes respondeu, sorrindo-se:

— Nos encarregamo-nos dos que nos ficam defronte; tratai de pôr em movimento os flancos do nosso exército.

Ciro redargüiu:

— Eu vou já a isso, e lembrai-vos que quem recebe de Deus os primeiros sinais da vitória, não depõe as armas enquanto existem inimigos que debelar.

Ditas estas palavras, dirigiu-se para outro lado, e avistando o comandante dos carros aqui estanciados, lhe disse:

— Eu venho trazer-vos auxílio. Quando perceberdes que andamos a braços no extremo das alas, tentai romper através dos adversários, porque de fora ficais mais seguros do que dentro, onde podeis ser encarcerados.

Chegando atrás das bagagens, ordenou a Artagersas e a Farnucho que se conservassem naquela posição com mil infantes e outros tantos cavalos.

— Quando virdes — acrescentou Ciro — que eu ataquei a ala direita, atacai a esquerda, que é a parte mais fraca do exército, e conservai-vos sempre em falange, para nada perderdes de vossas forças. Os cavalos dos inimigos estão colocados no extremo da ala; contra eles fazei avançar os camelos; e deveis estar certos que antes da luta haveis de rir à custa dos contrários.

Feitas estas disposições, Ciro dirigiu-se ao flanco direito.

Creso, observando o corpo do exército, onde ele estava, mais perto do inimigo do que as alas, que ainda continuavam a alongar-se, fez sinal a estas para não se estenderem mais e voltarem neste lugar. Já todos com os rostos voltados para os contrários, deu sinal para avançar.

Batalha entre estes dois príncipes — Vitória de Ciro

Assim três exércitos iam atacar o de Ciro, um pela frente, dois pelos lados, o que incutia grande medo. À maneira de um pequeno tijolo encaixado em outro maior, o exército de Ciro estava, menos pela retaguarda, cercado por todas as partes pela cavalaria inimiga, pelos hoplitas, peltoferos, arqueiros e carros. Contudo, às ordens de Ciro todos voltaram o rosto para os adversários. Profundo silêncio guardavam as duas hostes, incertas sobre o êxito da batalha, e quando lhe pareceu oportuno Ciro principiou o hino, que todo o exército entoou; e logo depois invocou em altas vozes a proteção de Marte Eniálio. Ciro rompe à frente da cavalaria, apanha os inimigos de lado, e trava-se com eles em um momento. A infantaria o segue logo em boa ordem, e, lançando-se por uma e por outra parte, peleja com grande superioridade, como tropa ordenada em falange combatendo contra uma ala. Os inimigos abalaram em desatada fuga.

Vendo já Ciro em movimento, Artagersas avança contra a ala esquerda, fazendo ir adiante os camelos, como Ciro lhe havia prescrito. Os cavalos não suportaram sua presença mesmo de longe, e fugiram enfurecidos, saltando, e atropelando-se uns aos outros. Tal é o efeito que produz nos cavalos a vista dos camelos. Artagersas marcha à frente de sua tropa em boa ordem contra os assírios em confusão, mandando avançar seus carros pela direita e pela esquerda. Os que querem evitar o perigo dos carros, morrem às mãos dos soldados, à testa dos quais ia Artagersas; os que querem evitar o encontro destes, são aprisionados pelos carros.

Abradatas, sem esperar mais tempo, disse com voz sonora:

— Amigos, acompanhai-me.

E picou os cavalos, deixando-os todos ensangüentados. Os outros condutores de carros arremessam-se com igual entusiasmo. Os dos assírios fogem, e alguns já sem os respectivos combatentes. Abradatas rompe através destes mesmos até à falange dos egípcios, acompanhado dos que estavam mais perto. Sempre se teve por coisa bem averiguada que nada iguala o denodo de uma falange composta de amigos: foi o que se verificou nesta ocasião. Os companheiros de Abradatas eram seus familiares e seus comensais. Os outros aurigas, assim que viram os egípcios em esquadrão cerrado, voltaram os carros que iam fugindo, e os foram perseguindo.

Os egípcios, que por causa de suas densas fileiras não podiam afastar-se para abrir caminho à passagem dos carros de Abradatas, eram uns lançados por terra, outros esmagados; e o mesmo acontecia às armas, aos cavalos e às rodas: as foices cortavam tudo que apanhavam, armas e corpos. Nesta indizível confusão, os carros em que iam Abradatas e seus companheiros foram de encontro aos montões de cadáveres e de outros objetos, e tremendo com força lançaram à terra os combatentes, os quais, apesar das vivas demonstrações de valor, foram mortos. Os persas, que os

acompanhavam, tiraram ainda grande partido da desordem que reinava entre os egípcios, e fizeram grande carnificina; mas os que estavam intactos, que eram ainda em grande número, avançaram contra os persas; e então se brandiram fortemente as lanças, os arremessões e as espadas dos dois partidos; mas o grande número dos egípcios e as armas de que usavam deram a estes a superioridade. As lanças, semelhantes às de que ainda hoje usam, eram fortes e compridas; seus escudos cobrem-lhes o corpo muito melhor do que as couraças e os escudos de vime, e suspensos dos ombros servem-lhes para rechaçar o inimigo. Os persas com escudos de vime não puderam sustentar a impetuosidade de tais adversários, e, largando terreno palmo a palmo, davam e recebiam feridas, até que ficaram abrigados pelas máquinas. Então das torres foi despedido um chuveiro de setas sobre os egípcios, e os persas da retaguarda não consentiram que os arqueiros e acontistas continuassem a recuar; mas alçando as espadas, os obrigaram a fazer seu dever. Então foi horrorosa a matança, medonho o estrépito das armas de todas as espécies, grandíssimo o alarido dos pelejadores, uns chamando por seus camaradas, outros fazendo recíprocas exortações, outros invocando os deuses.

Neste comenos aparece Ciro perseguindo os que se apresentavam diante dele, e vendo que os persas largavam terreno, sentiu certo abalo; e advertindo que a maneira mais fácil de obstar ao progresso dos adversários era cortar-lhes a retaguarda, assim o resolveu. Manda que o sigam, cai sobre os contrários desprevenidos, e faz grande carniceria. Foi então que os egípcios gritaram que tinham inimigos pela retaguarda, e já bastante feridos assim mesmo lhes fizeram face. Infantaria e cavalaria combatiam promiscuamente. Um egípcio, que ficara atropelado debaixo do cavalo de Ciro, feriu-lhe o ventre com a espada; e o bruto, sentindo-se ferido, agitou-se e sacudiu o cavaleiro. Então se viu quanto vale ser um capitão amado por seus soldados. Um clamor geral se levantou, e todos arremetem com igual impetuosidade, repelem e são repelidos, ferem e são feridos. Um dos satélites de Ciro desce de seu cavalo e faz subir seu príncipe. Já montado, viu que a derrota lavrava por toda parte entre os egípcios. A este tempo era chegado Histaspes com a cavalaria dos persas, e também Crisantas. Ciro não consentiu que eles atacassem a falange dos egípcios; mas ordenou-lhes que a incomodassem de longe com setas e arremessões.

Voltando ao lugar onde estavam as máquinas, Ciro subiu a uma das torres, de onde quis observar se ainda alguma companhia de inimigos se empenhava na luta, e viu o campo coalhado de cavalos, homens e carros, soldadesca inimiga vencida e fugindo, soldadesca sua vitoriosa e perseguindo. Só os egípcios não largavam terreno; os quais, falidos de recursos, formaram um círculo, e cobertos com seus escudos, só as armas se lhes viam. Assim se conservavam expostos a todas as hostilidades, sem fazer o menor movimento. Ciro, admirando tanta coragem, e sentindo sua morte, mandou cessar a luta.

Ciro expediu um arauto, que perguntou aos egípcios se queriam antes morrer por causa da traição dos seus aliados do que salvarem a vida, conservando a fama de

valorosos. Os egípcios responderam:

— Como é possível que salvemos a vida e conservemos a fama de valorosos?

— Porque fostes os únicos — tornou Ciro — que vimos resistir até ao último extremo.

— Sob que condições nos é a vida garantida?

— Não atraiçoardes os aliados, entregar-nos as armas, e mostrar-vos amigos dos que vos quiseram poupar a vida, estando na sua mão fazer-vos morrer.

— Se assim fizermos, que destino nos quereis dar?

— Quero que entre nós se estabeleça um mútuo comércio de bons serviços.

— Que bons serviços hão de ser?

— Dar-vos-ei maior soldo do que venceis agora, enquanto durar a guerra. Vindo a paz, aos que quiserem ficar em meu país darei terras, cidades, mulheres e escravos.

Ao ouvirem estas propostas, os egípcios pediram que os eximissem de dirigir suas armas contra Creso, por ser o único dos aliados de quem não tinham razão de queixa. O pacto foi celebrado. Os descendentes dos egípcios que então ficaram vivendo nestas regiões, ainda hoje se conservavam fiéis ao rei. Ciro deu-lhes para sua morada cidades na alta Ásia, que ainda hoje se chamam cidades dos egípcios, e perto do mar as cidades Cilene e Cime, ainda hoje habitadas por egípcios. Celebrado o pacto, o exército de Ciro partiu mesmo de noite, e foi acampar em Timbrara.

Dos inimigos, foram os egípcios que mais célebres se tornaram nesta batalha. Do exército de Ciro foi a cavalaria persa que mais glória alcançou; de maneira que ainda hoje está em moda a armadura então por Ciro inventada. Distinguiram-se os carros falcatos, de sorte que também ainda hoje usam deles os reis da Pérsia. Enquanto aos camelos, só serviram para aterrar os cavalos, não fizeram nem receberam nenhum estrago, porque os cavalos não se aproximavam. Assim, não obstante parecer que foram úteis, hoje nenhum guerreiro gasta tempo em os criar para os acostumar aos exercícios bélicos. Outra vez voltaram a fazer seu antigo serviço andando nas bagagens.

Tomada de Sardes — Diálogo entre Ciro e Creso

As tropas de Ciro cearam, e postadas as precisas sentinelas, entregaram-se ao repouso. Creso fugiu incontinenti para Sardes com seu exército, e os exércitos das outras nações puseram-se durante a noite em caminho para suas pátrias com a maior velocidade. Ao clarear o dia, Ciro dirigiu-se logo sobre Sardes, e chegado que foi aos

muros desta cidade, dispôs as máquinas e as escadas como para um assalto; e na noite imediata fez subir pela parte mais escarpada da muralha alguns caldeus e persas, guiados por um persa que fora escravo de um dos guardas da cidadela e tinha aprendido o caminho daí para o rio.

Espalhada a notícia da tomada da cidadela, todos os lídios que guarneciam as muralhas fugiram para onde puderam. Ao alvorecer da manhã Ciro entrou na cidade, e ordenou que nenhum soldado abandonasse seu posto. Creso, encerrado no palácio, chamava Ciro em altas vozes. Ciro deixou uma guarda no palácio de Creso, dirigindo-se à cidadela, notou que a parte da guarnição que se compunham de persas estava exercendo as suas funções, e dos caldeus viu somente as armas. Eles tinham ido saquear as habitações. Ciro chamou os capitães dos caldeus, e falou nestes termos:

— Separai-vos desde já de meu exército. Eu não consentirei que tenham maior quinhão os soldados que faltam aos seus deveres. Sabei que eu tinha determinado fazer-vos os mais ricos de todos os caldeus, a vós que me tendes acompanhado nesta expedição. Agora, não vos cause admiração se fordes encontrados em vossa retirada por inimigos superiores em forças.

Ao ouvirem estas palavras, os caldeus ficaram possuídos de susto, e pediram a Ciro que reprimisse sua cólera, que eles lhe entregavam tudo que haviam saqueado.

— Eu não preciso de nada disso — respondeu Ciro. Se quereis acalmar minha cólera, entregai tudo que saqueastes aos soldados que não saíram da cidadela; porque tudo irá bem se todo o exército souber que os soldados que guardam seus postos são os que têm maior recompensa.

Assim foi executado. Ciro assentou o campo na parte da cidade que julgou mais oportuna para isso, e mandou que jantassem sem largar as armas.

Depois disto, Ciro mandou vir Creso à sua presença. Creso, assim que o viu, exclamou:

— Eu vos saúdo, senhor. Tal é o nome que a fortuna quis que daqui em diante vós tivésseis e eu vos aplicasse.

— Eu também vos saúdo, Creso — disse Ciro — visto que ambos somos homens. Querer-me-eis dar um conselho?

— Oxalá — tornou Creso — que eu possa ser-vos útil; isso seria trabalhar também para a minha utilidade.

— Ouvi, pois — redargüiu Ciro. — Meus soldados têm andado expostos às fadigas e aos perigos, e agora que se vêem de posse da cidade mais rica da Ásia, excetuando Babilônia, é de justiça que sejam contemplados. Sei que não poderei contar

por muito tempo com sua obediência se eles não virem o fruto de seus trabalhos. Não quero entregar a cidade à pilhagem, porque ficaria destruída, e neste caso são os maus os que mais aproveitam.

Ouvindo isto, Creso disse:

— Consenti que eu participe a alguns dos aliados de minha seleção que eu alcancei de vós não haver saque, e não lhes serem tirados os filhos e as esposas; e eu prometo que com a melhor vontade os lídios, homens e mulheres, virão oferecer-vos tudo que há de precioso em Sardes; e para o ano vereis esta cidade outra vez abundando em riquezas; mas se a entregásseis ao saque, também pereceriam as artes, fonte de riquezas. A vós, depois de verdes as preciosidades que vos oferecem, fica-vos o arbítrio de pensardes acerca da pilhagem. Primeiro que tudo mandai buscar os meus tesouros àqueles em cujas mãos os depositei.

Aprovados os conselhos de Creso, Ciro disse-lhe:

— Declarai-me para que serviram as respostas do oráculo de Delfos; porque me consta que sempre venerastes muito a Apolo e seguistes sempre os seus preceitos.

— Oxalá que assim fora — respondeu Creso; mas eu desde o princípio ofendi o Deus.

— Como foi isso? — redargüiu Ciro; estou admirado.

Creso respondeu neste teor:

— Andando eu para consultar Apolo sobre o que devia fazer, primeiramente quis saber se podia confiar-me em seus oráculos. Então aconteceu-me com o Deus o que costuma acontecer com os homens honrados, os quais não consagram sua amizade a quem não têm neles confiança. Conhecendo meu errado comportamento, e achando-me muito longe de Delfos, mandei perguntar-lhe se eu teria filhos. Ao princípio não me deu resposta. Então enviei-lhe muitas dádivas de ouro e prata, sacrifiquei-lhe muitas vítimas, e assim aplacado respondeu-me que eu havia de ter filhos, mas nenhum me deu alegria: um é mudo, outro, dotado de egrégias qualidades, morreu na flor dos anos. Acabrunhado pela sorte desastrosa de meus filhos, outra vez mandei a Delfos perguntar o que devia fazer para viver feliz os dias que me restavam de vida. A resposta foi: — Conhecei-vos, Creso, e vivereis feliz. — Alegrei-me com este vaticínio, por imaginar que desejava minha ventura quem a fazia depender de coisa tão fácil. Na verdade eu ponderava que conhecer os outros seria ou não possível; mas que conhecer-se a si seria sempre facílimo. Desde este tempo, enquanto vivi em paz, a morte de meu filho era o único motivo que tinha para me queixar da fortuna; mas depois que o rei da Assíria me persuadiu a militar contra vós, a todos os perigos me expus; mas de todos me livrei, porque tanto que me reconheci incapaz de vos fazer guerra, quis Deus que eu e minhas tropas nos retirássemos incólumes. Agora, porém,

enfatuado com minhas riquezas, com os empenhes dos que me queriam eleger para seu chefe, com os presentes que continuamente me enviavam, com as lisonjas dos que me diziam que se eu quisesse ser general todos me obedeceriam, e eu viria a ser o maior dos mortais; com tudo isto enfatuado, quando todas as nações vizinhas me nomearam general-chefe da expedição, aceitei o generalato, crendo que desta maneira tocava o apogeu da glória. Então me conheci; porque julgava ser capaz de vos fazer guerra, sendo vós descendente dos deuses, estirpe de sangue real, e cultivador das virtudes desde os primeiros anos, e tendo eu por primeiro ascendente real um homem que, segundo ouço dizer, era escravo quando subiu ao trono. Por desconhecer estas coisas sou com razão castigado. Mas agora, Ciro, que me conheço, crês que Apolo falou verdade quando disse que eu havia de ser feliz quando me conhecesse? Faço-vos esta pergunta porque me parece que podeis responder-me oportunamente.

Ciro respondeu:

— Sou eu, Creso, quem vos pede um conselho a este respeito. Pensando em vossa felicidade pretérita, tenho compaixão de vós, e vos dou já a posse e o gozo de vossa esposa, de vossas filhas (porque sei que as tendes) de vossos amigos, de vossos domésticos, e de vossa costumada mesa. Só vos proíbo os combates e as guerras.

— Por Júpiter — exclamou Creso — não busqueis outra resposta acerca de minha felicidade. O gozo do que vós acabais de mencionar me fará passar a vida que em geral se diz ser a mais venturosa, e que segundo penso o é efetivamente.

Ciro perguntou:

— Mas quem há que desfrute essa vida venturosa?

Creso respondeu:

— Minha mulher, que desfruta como eu todos os bens e todas as delícias, mas sem participar dos cuidados da guerra e das pelejas. E visto que procurais para mim a ventura que eu procurava para aquela que eu mais estimava no mundo, parece-me que Apolo é credor de maiores dádivas.

Ciro admirava a serenidade de espírito que Creso exprimia em suas palavras. E daqui em diante sempre o trouxe consigo em todas as suas expedições, ou porque julgasse útil sua companhia, ou para se livrar das inquietações que ele podia suscitar-lhe.

Morte trágica da princesa Panteia

Depois disto entregaram-se ao sono. No seguinte dia, Ciro convocou seus

amigos e os capitães de exército; a uns ordenou que recebessem os tesouros de Creso, e a outros que desses tesouros primeiramente tirassem para os deuses a parte prescrita pelos magos; e encaixotado o resto, o pusessem sobre carros, e distribuindo estes à sorte, os conduzissem por onde a marcha era dirigida, para ter nas ocasiões com que premiar os beneméritos. Estas ordens foram executadas.

Ciro chamou alguns de seus satélites, que presentes se achavam, e fez esta pergunta:

— Algum de vós viu Abradatas? Causa-me admiração que ele, que amiúde nos freqüentava, agora não apareça.

— Senhor — respondeu um — Abradatas já não existe, morreu no campo de batalha quando arremessava seu carro contra os egípcios. Os outros, excetuando os companheiros de Abradatas, voltaram costas, segundo se conta, assim que ouviram os esquadrões egípcios. Corre a notícia que sua mulher pusera o cadáver sobre o carro em que costumava andar, e se transportara às margens do Pactolo, e enquanto seus eunucos e criados estão abrindo em um alto uma cova para enterrá-lo, ela, sentada no chão, sustenta sobre os joelhos a cabeça do cadáver, e o enfeita com seus próprios ornatos.

Ao ouvir estas notícias Ciro bateu com a mão sobre a coxa, e montando a cavalo; acompanhado de mil cavaleiros, encaminhou-se ao lugar onde se passava tão triste cena. Recomendou a Gadatas e Gobrias que o seguissem com as decorações fúnebres que pudessem alcançar, para amortalhar um amigo leal e valoroso, e aos que tinham ali manadas de bois, cavalos, ou rebanhos de qualquer casta de gado, as levassem ao lugar onde soubessem que ele estava, para sacrificar aos manes de Abradatas.

Assim que viu a princesa sentada no chão e o defunto estendido, Ciro derramou lágrimas, e exclamou:

— Ó alma boa e fiel, assim te separaste de nós.

E pegando na mão do cadáver, esta se desuniu ao corpo. Um egípcio a tinha mutilado com sua espada.

Isto exacerbou a aflição de Ciro. Panteia levantava gritos de dor, e pegando na amputada mão, a tornou a unir ao corpo, e disse:

— Todas as partes do cadáver se acham neste mesmo estado. Mas para que o contemplais! Certamente eu tenho a culpa de lhe ter acontecido isto; mas talvez vós não sejais menos culpado. Eu, louca, incessantemente lhe aconselhava que trabalhasse por se tornar credor de vossa amizade, e ele não curava de outra coisa mais do que prestar-vos eminentes serviços. Morreu, é verdade, sem nota de infâmia, e eu, que lhe

dei a morte com minhas exortações, ainda estou sentada com vida.

Ciro, que vertia lágrimas em silêncio, levantou então a voz, e exclamou:

— Panteia, vosso marido teve um fim glorioso, morreu nos braços da vitória. Vesti-o com estas lúgubres decorações. (Gobrias e Gadatas já estavam presentes). Todas as honras lhe serão tributadas; ser-lhe-á erguido um mausoléu digno de vós e ser-lhe-ão imoladas as vítimas que convém a um homem virtuoso. Vós não ficareis solitária, vossa sabedoria e virtude me obrigam a honrar-vos em tudo, e vos farei conduzir para onde quiserdes. Não tendes mais que declarar para onde quereis ser transportada.

— Não desconfieis — respondeu Panteia — que eu vos não indique o lugar para onde quero ser guiada.

Ciro retirou-se, lamentando a sorte de Panteia, viúva de tal varão, e a sorte deste varão, condenado a não ver mais tal esposa. Panteia ordenou aos eunucos que estivessem ausentes, enquanto chorava com desafogo; e à sua ama disse que se deixasse estar e lhe ordenou que depois de sua morte a envolvesse a ela e a seu esposo na mesma mortalha. A ama fez diligência por dissuadi-la de seu intento; mas como não pudesse consegui-lo, e a visse indignada, sentou-se chorando. Panteia puxa por um punhal, com que há muito tempo andava prevenida, e se atravessa com ele, firmando a cabeça sobre o peito do cadáver de seu marido. Assim acabou os dias a bela Panteia. A ama arrancou gritos de aflição, e amortalhou ambos, como lhe fora ordenado.

Informado do que tinha sucedido, Ciro consternado corre a ver se ainda podia acudir. Os eunucos, que eram três, suicidaram-se no mesmo lugar para onde Panteia os tinha mandado, apenas foram informados de sua morte. Conta-se que ainda hoje existem os túmulos levantados aos dois cônjuges e aos eunucos. No alto de uma coluna estão escritos em caracteres sírios os nomes dos dois esposos e mais abaixo estão três colunas com esta inscrição: “Dos eunucos”. Ao aproximar-se, Ciro admirou o comportamento de Panteia, e retrocedeu possuído de tristeza. Depois, solenizou seus funerais, e mandou, segundo dizem, inaugurar um magnífico mausoléu.

Expedição à Cária — Expedição à Frígia

Na Cária, país coberto de praças fortes, houve por este tempo uma revolução e ambos os partidos pediram socorro a Ciro. Ciro, que persistia em Sardes, entendendo na construção de máquinas e arietes para derribar os muros dos que não quisessem obedecer, enviou à Cária com um exército Adúsio, homem não minguado de prudência nem de coragem, e muito jovial. Os cilícios e os cíprios mui prontamente se uniram a esta expedição. Por este motivo não foram governados por sátrapas persas, mas regidos por príncipes de sua nação. Somente pagavam um tributo, e forneciam tropas,

quando eram precisas.

Adúsio chegou à Cária à testa do exército, e logo se lhe apresentaram enviados de ambas as parcialidades, prontificando-se a recebê-lo em suas cidades com a condição de hostilizar os contrários. Adúsio procedia do mesmo modo com as duas facções: a cada uma dizia que tinha mais justiça que a contrária e que era mister ocultar-lhe estas relações de amizade, que com ela mantinha, para poder apanhá-la desprevenida. Pedia que se celebrasse um juramento recíproco e sincero, pelo qual os cários afirmassem recebê-lo em seus muros para bem de Ciro e dos persas, e ele entrasse aí para bem dos que o recebessem. Assinados estes artigos por Adúsio e pelos dois partidos, mas nenhum destes sabendo o que seus contrários praticavam, o general persa entrou nas praças e nelas se estabeleceu.

Assim que amanheceu, sentado no meio do exército, convocou os chefes de ambas as facções; os quais, olhando uns para os outros, se agastavam pensando ter sido iludidos. Adúsio falou-lhes nestes termos:

— Eu jurei que havia de entrar em vossas cidades somente para benefício dos que me recebessem. Neste pressuposto, se eu hostilizasse a qualquer dos partidos, creio que minha entrada seria em prejuízo dos cários. Mas se eu vos der a paz, e a ambos conceder que cultivem a terra em segurança, julgo ter vindo aqui para vosso bem. De hoje em diante é preciso que haja entre vós um comércio recíproco de amizade: lavrai o campo sem terror e ligai-vos por vínculos de parentesco. O que não concorrer para a realização destes princípios terá por inimigo a Ciro e a nós.

Então abriram-se as portas das cidades; as estradas viam-se coalhadas de viandantes, que iam dar os recíprocos parabéns, os campos viam-se cobertos de colonos, faziam festas em comum, tudo respirava paz e alegria. Entretanto chegaram enviados de Ciro, que perguntavam se havia necessidade de tropas e de máquinas. Adúsio respondeu que o exército de seu comando já podia ser empregado em outra expedição; e pôs-se em marcha, guarnecidas as praças fortes. Os cários pediram-lhe que ficasse, e como ele não anuísse, mandaram pedir a Ciro que o nomeasse sátrapa daquela província.

Durante estes acontecimentos, Ciro tinha enviado Histaspes com um exército à Frígia do Helesponto; e à chegada de Adúsio, ordenou a este general que se fosse unir com Histaspes, para que mais depressa os inimigos se rendessem com a notícia da chegada de outro exército. Os gregos do litoral obtiveram à força de dádivas não receber tropas bárbaras em suas cidades, e somente pagaram um tributo, e forneciam tropas, quando Ciro mandava. O rei da Frígia, porém, preparava-se para defender suas fortalezas, e assim o declarou; mas desamparado por seus principais generais, lançou-se nos braços de Histaspes, e entregou-se à mercê de Ciro. Histaspes deixou bem guarnecidas as praças fortes, e partiu com o resto de suas forças e com grande número de cavaleiros frígios e peltastas. Ciro tinha ordenado a Adúsio que feita sua junção com Histaspes, trouxesse armados os frígios que quisessem abraçar sua

parcialidade, tirasse os cavalos e as armas aos que oferecessem alguma resistência e obrigasse estes a seguir o exército com fundas. Tudo foi executado.

Ciro deixou em Sardes boa guarnição de infantaria, e partiu na companhia de Creso, com grande número de carros, de muitos e variados objetos. Creso apresentou a Ciro por escrito uma exata relação do que os carros levavam, e disse:

— Com esta relação sabereis quem entrega pontualmente tudo que foi confiado à sua guarda, e quem não.

— É elogiável vossa cautela — respondeu Ciro — mas como esses, a quem foram confiadas estas riquezas, são dignos de possuí-las, se extraviarem alguma roubaram-se a si mesmos.

Ditas estas palavras, entregou a relação a seus amigos e aos oficiais do exército, para saberem quais dos depositários das riquezas entregavam tudo por inteiro, e quais não. Também o acompanhavam alguns lídios, que ele via que folgavam com a elegância das armas, dos cavalos e dos carros, e que se desvelavam por lhe prestar serviços. A estes consentiu que viessem armados. Aos que marchavam contra vontade, tirou-lhes os cavalos, os quais foram distribuídos pelos persas que militavam com ele pela primeira vez; e queimadas as armas, obrigou-os a trazer fundas. Igualmente constrangeu a exercitarem-se em manejar a funda todos os soldados vencidos que vinham desarmados; porque pensava que esta era a arma mais própria para escravos. Os fundeiros, unidos às demais tropas, muitas vezes prestam valiosos serviços; mas sós, ainda que todos juntos, não resistem a um pequeno número de soldados armados para combater de perto.

Tomada de Babilônia

Em sua marcha para Babilônia, Ciro venceu os povos da grande Frígia, os capadócios e os árabes. Com as armas destes povos armou quarenta mil persas, forneceu aos aliados muitos cavalos dos vencidos, e apareceu à vista de Babilônia com uma cavalaria numerosa, muitos arqueiros e acontistas e fundeiros sem número.

Chegado à vista de Babilônia, cercou a cidade e foi reconhecê-la com seus amigos e os principais dos aliados. Observadas as muralhas, dispunha-se a retirar-se com o exército, quando saiu da cidade um desertor, que lhe disse que os babilônios tencionavam atacá-lo em sua retirada, porque, observado do alto das muralhas, o exército parecia fraco. Isto não causava admiração, porque sendo muito extensas as muralhas, não era possível postarem-se a muitos de fundo.

Com esta notícia, Ciro, postado no centro do exército com seus satélites, mandou que a infantaria pesada se estendesse por uma e por outra parte, e fosse colocar-se por detrás da parte do exército que não fazia movimentos, de sorte que as

duas pontas viessem reunir-se no centro, onde ele se achava. Desta forma Ciro infundiu confiança não só aos que não se tinham movido, vendo estes dobradas suas fileiras, mas também aos que se moveram, porque ficaram menos perto dos inimigos.

Reunidas as duas pontas, o exército fez alto. Os soldados estavam com mais coragem, uns animados por ficarem cobertos pela retaguarda, outros com a presença dos que adiante lhes ficavam. Com esta evolução os soldados mais valorosos ficavam nas primeiras e últimas fileiras, no centro os menos intrépidos. Esta disposição facilitava a peleja e impedia a fuga: e quanto mais se condensava o exército, mais se acercava do general a cavalaria e a infantaria leve, que estavam postadas nas alas. Assim formadas, as tropas se puseram em marcha, retrogradando enquanto estiveram ao alcance das setas. Depois voltaram, e, avançados alguns passos, viraram outra vez, olhando para a cidade. À medida que se iam afastando, faziam estas manobras menos a miúdo, e logo que se julgaram a coberto do perigo, marcharam sem interrupção, até que chegaram às suas tendas.

Acampadas as tropas, Ciro convocou os principais oficiais, e disse:

— Aliados, observada a cidade por todas as partes, reconheci que ninguém ousará empreender tomá-la de assalto, atentas a fortaleza e altura das muralhas. Mas como os babilônios não se atrevem a vir medir conosco suas armas, quanto mais avultado for seu número mais facilmente os venceremos pela fome. Se não propondes outra opinião, a minha é bloquear a cidade.

Crisantas perguntou:

— O rio que corre por meio da cidade não é mais largo que dois estádios?

— É verdade — respondeu Gobrias — e mais fundo que a altura de dois homens; de maneira que o rio é para a cidade um ponto de defesa maior do que os mesmos muros.

— Crisantas — tornou Ciro — deixemos o que é superior às nossas forças, e vamos desde já ocupar-nos da fabricação de um fosso muito largo e profundo, para poder ser guardado por uma guarnição mui pequena.

Traçadas em roda das muralhas as linhas de circunvalação, e deixado da parte do meio terreno suficiente para a construção de grandes torres, Ciro entendeu na escavação de uma extensíssima sapa, mandando lançar a terra para o lado dos trabalhadores. Primeiro construiu nas margens do rio torres sobre vigas de palmeira, que não tinham menos do que cem pés de comprimento (ainda as há maiores), porque esta madeira verga debaixo do peso, à maneira dos burros. Ciro queria fazer ver aos babilônios que se dispunha para um longo sítio, e que, quando o rio comunicasse com a sapa, as torres não desabariam. Também levantou outras muitas torres sobre a terra tirada do fosso, para poder haver grande número de corpos de guarda. Tudo isto era

posto em execução. Os sitiados escarneciam do cerco, porque tinham víveres para mais de vinte anos. Informado disto, Ciro distribuiu o exército em doze divisões, para cada uma destas fazer a guarnição de um mês. Os babilônios zombaram ainda mais desta medida, imaginando que os frígios, os lídios, os árabes e os capadócios, sendo mais aderentes ao seu partido do que ao dos persas, desertariam.

O fosso estava aberto. Sabendo que em Babilônia havia uma festa em que todos os babilônios passavam toda a noite em lauto banquete, Ciro, assim que a noite espalhou seu escuro manto, fez, à força de braços, comunicar o rio com o fosso. A água correu para este durante a noite, e o rio ficou vadeável. Nestas conjunturas, Ciro ordenou aos quiliarcas persas, tanto de infantaria como de cavalaria, que comparecessem com suas forças divididas em dois batalhões, e mandou que os aliados seguissem os persas na forma costumada. Entraram no rio alguns infantes e cavaleiros, para examinar se o leito do rio podia ser pisado sem perigo, e, com a resposta afirmativa, Ciro convocou os oficiais de infantaria e cavalaria e falou-lhes nestes termos:

— Amigos, o rio nos franqueia a entrada na cidade: entremos nela confiadamente, lembrando-nos que esses mesmos contra quem agora vamos, já nós vencemos, quando militavam juntamente com seus aliados, sempre alerta, não perturbados pelos excessos da gula, armados e em ordem de batalha. Agora estão muitos entregues ao sono, muitos entregues ao vinho e nenhum em ordem de peleja. Quando nos virem dentro da cidade, o terror ainda lhes atará muito mais os braços. Se algum de vós pensa nos perigos que correm os que entram em uma cidade inimiga, por causa dos tiros que podem fazer de todos os edifícios, esteja certo que isto é agora a nosso favor, porque se os babilônios subirem às casas para daí nos maltratarem, teremos por nosso lado o deus Vulcano. As madeiras muito combustíveis dos pórticos, as portas de palmeira untadas de betume, em que o fogo facilimamente pegará com o grande número de tições, pez e estopa que levamos, produzirão em um instante uma formidável conflagração. Desta maneira, ou hão de fugir imediatamente das casas, ou hão de morrer queimados. Eia, pois, armemo-nos, e eu irei adiante, querendo Deus. Gadatas e Gobrias, sede nossos guias, porque conheceis os caminhos. Assim que vos virdes dentro da cidade, encaminhai-vos em direitura ao palácio dos reis.

— Não será de admirar — diziam os que acompanhavam Gobrias — se acharmos abertas as portas do palácio, porque parece que toda a cidade tem estado esta noite mergulhada nas delícias de um suntuoso festim; mas talvez encontremos adiante das portas uma guarda, que sempre aqui costuma ser postada.

— Não desprezemos nenhuma advertência — tornou Ciro — e vamos quanto antes apanhá-los desprevenidos.

Ditas estas palavras, as tropas se puseram em movimento. Dos que foram encontrados pelas ruas, uns foram mortos, outros fugiram, outros levantaram gritos. Os soldados de Gobrias também gritavam como se fossem seus comensais; e tomando o

caminho mais curto que puderam, chegaram ao palácio do rei, onde se reuniram às tropas de Gadatas. As portas estavam fechadas e a guarda bebia à roda de uma grande fogueira. Lançam-se sobre os babilônios, que compunham a guarda, e os tratam como inimigos. Sentido dentro do palácio o alarido e o tumulto, o rei mandou saber o que era; e já seus satélites tinham aberto as portas, quando os soldados de Gadatas se precipitaram dentro e foram seguindo os que lhes fugiam adiante, e descarregando golpes sobre eles, até que chegaram junto do rei, que estava em pé com a espada desembainhada. Morre o monarca, e todos que com ele se achavam, ainda que pretenderam uns defender-se, outros fugir. Ciro mandou a diferentes companhias de cavalaria, que correndo as ruas da cidade, matassem todos que encontrassem pelas ruas, e anunciassem em linguagem siríaca aos que não tinham saído de suas casas, que se conservassem nelas sob pena de serem mortos. Estas ordens eram executadas.

Gadatas e Gobrias fizeram sua junção com o grosso do exército, logo agradeceram aos deuses por terem castigado um rei ímpio, e beijavam as mãos e os pés de Ciro, ao mesmo tempo que de alegria derramavam copiosas lágrimas. Assim que amanheceu, e as guarnições das torres foram informadas da tomada da cidade e da morte do rei, entregaram-se. Ciro logo tomou posse delas, e lhes pôs novos presídios. Consentiu que os mortos fossem enterrados por seus parentes; e por arautos mandou publicar que todos os babilônios entregassem as armas, e que se em qualquer casa alguma se escondesse, todos morreriam. A obediência foi pontual, e Ciro as mandou depositar nas torres, para estarem prontas se fossem necessárias. Depois disto chamou os magos, e como a cidade foi tomada por força de armas, ordenou-lhes que dedicassem aos deuses as primícias dos despojes e os templos. Distribuiu as casas dos particulares e os palácios dos magnatas pelos que ele cria terem prestado mais eminentes serviços, e ouvia as reclamações dos que se julgavam lesados a este respeito. De resto, decretou que os babilônios cultivassem a terra, solvessem os tributos, e sofressem o domínio de seus novos senhores; e que os persas, os que desfrutavam as mesmas regalias que os persas, e os aliados que quisessem ficar com ele, como senhores se servissem dos babilônios.

Ciro pretende tornar-se menos acessível aos seus

Ciro, que já desejava ser em tudo tratado com as contemplações que julgava convir em a um rei, quis alcançar isto com o parecer dos amigos, para que não suscitasse a menor inveja o aparecer raras vezes em público, e com majestoso aparato. Eis o artifício que ideou. Um dia pela manhã foi ocupar um lugar, que imaginou mais oportuno, e aqui dava audiência a todos; respondia-lhes e os despedia. Espalhada esta notícia, houve grande concurso, e disputava-se sobre quem havia de ser primeiro admitido. Os guardas distinguiam uns dos outros como podiam, para lhes dar primeiramente acesso. Quando Ciro via algum de seus amigos apertado no meio da

chusma, dava-lhe a mão, puxava-o para si e dizia-lhe:

— Amigos, esperai aqui enquanto a multidão se não dissipa: depois conversaremos à vontade.

Os amigos esperavam; mas a multidão ia engrossando cada vez mais, até que chegou a noite sem ele ter tido ocasião de lhes falar. Então disse Ciro:

— Amigos, é tempo de nos retirarmos. Vinde amanhã cedo, porque tenho que vos falar.

Os amigos partiram de boa vontade e a toda pressa, pois tinham passado todo o dia sem satisfazer suas necessidades. Depois descansaram. No dia seguinte Ciro apresentou-se no mesmo lugar, e a afluência foi muito maior, mesmo antes que os amigos comparecessem. Ciro, porém, formou em roda de si um círculo de lanceiros persas, e deu ordem para não deixar entrar senão seus amigos, os capitães persas e aliados; e congregados estes, recitou a seguinte oração:

— Amigos e aliados, até agora obtivemos tudo que temos pedido aos deuses; por isso não há motivo para nos queixarmos deles. Mas se o fruto dos grandes feitos é não poder viver tranqüilo, nem gozar da convivência dos amigos, eu renuncio a tal ventura. Ontem observastes que a audiência, começando pela manhã, ainda não estava à noite concluída; e hoje vedes aqui maior concorrência que ontem, que nos vem incomodar. Se eu me sujeitasse a isto, pouco fruiríamos nossa mútua companhia, e eu pouca tranqüilidade poderia desfrutar. Outra coisa que faz rir, é que sendo eu, como é natural, afeiçoado a vós, e conhecendo apenas um ou mesmo nenhum desses concorrentes, todos eles entendem que se no apertão puderem passar adiante, hão de ser admitidos primeiro que vós à audiência. Eu desejava que os que quisessem alguma coisa de mim, fossem primeiramente ter convosco, para de vós receberem a faculdade de me falarem. Talvez alguém me pergunte por que não tomei essa determinação logo desde o princípio, e me fazia acessível a todos. Eu tinha a idéia que na guerra o general deve ser informado de tudo, e deve pôr em prática os meios convenientes, sem interpor a menor delonga; e que o general que se fazia pouco visto deixava de fazer muitas coisas necessárias. Agora, porém, que está acabada uma guerra tão trabalhosa, parece-me que meu espírito deve gozar de algum refrigério. Portanto, estando eu vacilante sobre a resolução que deva tomar para segurar nossos interesses e os dos que nos releva proteger, exponha cada um de vós o que julga mais a propósito.

Tal foi a oração de Ciro. Artabazo, aquele que em outro tempo tinha dito ser parente de Ciro, pôs-se em pé, e disse:

— Agistes adequadamente, sujeitando o objeto à discussão. Em vossa puerícia desejei entrar no rol de vossos amigos; mas notando que não carecíeis de meus serviços, envergonhava-me de andar visitando-vos. Aconteceu, depois, que vos

empenhastes em que eu levasse aos medos as mensagens de Ciaxares, e eu esperava que se desempenhasse idoneamente esta missão, havia de ser admitido à vossa familiaridade, e gozaria de vossa companhia o tempo que eu quisesse. Meu comportamento nesta comissão foi elogiado por vós. Depois vieram os hircânios solicitar a nossa amizade, em ocasião que muito precisávamos de aliados, e então os recebemos com os braços abertos. Quando o acampamento dos adversários caiu em nosso poder, creio que não tivestes vagar para de algum modo me contemplardes, e fechei a isto os olhos, Gadatas e Gobrias abraçaram nosso partido, o que me encheu de prazer, apesar de se tornar ainda mais difícil o gozo de vossa convivência. Em seguida fizeram-se nossos amigos os sacas e os cadúsios; e então foi mister que vós tivésseis com eles certa deferência, como eles tinham convosco. Quando chegámos ao lugar de onde havíamos partido, vendo-vos lidando com cavalos, carros e máquinas, cri que logo que estivésseis desocupado, passaríeis comigo alguns instantes. Chegou a terrível nova de que todas as nações se confederavam contra nós: eu conheci a importância da nova, e logo previ que se a fortuna nos favorecesse, eu desfrutaria diuturnamente vossa convivência. Agora vencedores em uma grande batalha, temos em nosso poder Sardes, Creso e Babilônia: tudo suporta nosso jugo. Assim Mitra me ajude, como é verdade que ontem eu não chegaria ao pé de vós se não fossem as disputas, que com muitos tive; e quando me destes a mão e me mandastes esperar, todos notavam que eu passaria todo o dia sem comer nem beber. Portanto, se é possível que os que prestaram mais valiosos serviços, tenham mais quinhão de vossa convivência, bem está: aliás, vou anunciar de vossa parte que se retirem todos, exceto nós, que desde o princípio temos sido vossos amigos.

Esta conclusão fez rir Ciro e outros muitos.

O persa Crisantas levantou-se, e falou desta maneira:

— Ciro, com razão em outro tempo éreis acessível a todos, não só pelos motivos que expusestes, mas também porque não éramos credores de nenhuma particular contemplação vossa. Nós servíamos também a nossa causa; e relevava que conciliásseis a afeição dos soldados, para que eles gostosamente se expusessem aos trabalhos e aos perigos. Agora, porém, que já se não dá o mesmo caso, e é preciso que contraiais outras amizades que julgardes oportunas, é próprio que tenhais uma habitação fixa. Pois como haveis de desfrutar vosso generalato, se vós somente fordes privado de uma habitação, que é a coisa mais sagrada, mais jucunda, mais legítima, que o homem pode possuir? E credes que nos não pejamos de vos ver suportar as intempéries da estação, habitando nós em nossas moradas, e tendo mais comodidades que vós?

O discurso de Crisantas foi aplaudido.

Ciro fortifica Babilônia

Ciro entrou no palácio e aqui lhe foram entregues os tesouros vindos de Sardes. Assim que entrou, fez sacrifícios primeiramente a Vesta, depois a Júpiter rei, e às outras divindades que os magos lhe apontavam. Depois destas cerimônias religiosas, consagrou sua atenção a outros objetos. Notando a seu respeito, que tentava governar muitos homens, e viver na mais famosa das cidades, mas cidade que lhe era extremamente infesta, julgou necessário instituir uma guarda para sua segurança; e como pensasse que em nenhuma parte se está mais exposto ao perigo do que à mesa, no banho e na cama, escolheu pessoas de confiança que o servissem nestes misteres.

Imaginava Ciro que não podia ser fiel nenhum homem que a outrem tributasse mais amizade do que àquele a quem servia, e que os que têm filhos, mulheres de seu mesmo gênio, ou outros objetos de sua afeição amorosa, dedicam-lhes principalmente sua estima; e que os eunucos, sendo privados destas inclinações, se afeiçoam muito àqueles que os podem enriquecer, livrar de insultos, e encher de honras. E julgava Ciro que ninguém era capaz de fazer mais benefícios do que ele. Além disso os eunucos, sendo tratados com desprezo pelos outros homens, precisavam de quem os protegesse; e ninguém haveria que não quisesse ter pleno ascendente sobre eles, se não fosse proibido. Que dúvida pode haver em conceder um cargo honroso a um eunuco fiel? Ciro não acreditava no que se dizia de serem menos valorosos os eunucos. Raciocinava por analogia do que via nos outros animais. Os cavalos fogosos, quando castrados, perdem a vontade de morder e a natural fogosidade, e não são menos próprios para a guerra; os touros perdem sua ferocidade e obstinação e ficam com as mesmas forças para os trabalhos; do mesmo modo os cães não tornam a desamparar seus donos e não são piores para guardar e caçar. Também os homens são mais sossegados, não obedecem menos pontualmente, não são piores cavaleiros, nem piores acontistas, nem são menos ávidos de glória; e conhece-se tanto na guerra como na caça, que a emulação assiste em sua alma. A respeito de sua lealdade, é na morte de seus senhores que eles dão os principais documentos. Ninguém mais do que eles, na adversidade de seus senhores, fornece mais notas de fidelidade. E se perdem alguma coisa das forças corporais, na guerra o ferro iguala o fraco ao forte.

Com estas idéias, Ciro começou pelos porteiros, e compôs de eunucos toda a sua guarda e notando que não era suficiente esta guarda, atendendo ao grande número de malfazejos, ponderava quais, entre os outros homens, seriam os mais fiéis, para com eles guarnecer o exterior do palácio. E observando que os persas que ficaram na pátria, passando uma vida miserável e trabalhosa, por sua pobreza, pela esterilidade do terreno, e por terem de ganhar o pão com o suor de seu rosto, quereriam de boa vontade vir exercer esta função, escolheu entre estes dez mil lanceiros, para de dia e de noite lhe guardarem o palácio, quando nele estivesse presente, quer ausente; pôs aqui uma boa guarnição, paga à custa dos babilônios, porque queria reduzi-los à pobreza e aos limites de seus deveres, e assim defraudá-los de todos os recursos.

A guarda instituída para segurança pessoal de Ciro e a guarnição de Babilônia têm existido até hoje. Considerando como conservasse seus domínios e os

acrescentasse de novas achegas, Ciro refletiu que o pequeno número dessas tropas assalariadas não era suprido por seu valor, que não excedia aos dos povos vencidos. Assim determinou conservar junto de si os valentes que o conduziram à vitória, e fazê-los persistir na cultura das virtudes. E para deixar transluzir que não era uma ordem que lhes intimava, mas querendo que eles conhecessem a importância da sua estada aqui, e os interesses de quem cultiva as virtudes, convocou os homotimos, todos aqueles cuja assistência era necessária, e todos que eram por ele reputados dignos companheiros de seus trabalhos e de sua glória, e recitou este discurso:

— Amigos e aliados, grandes graças devemos dar aos deuses por nos concederem tudo aquilo de que nos julgávamos dignos. Agora possuímos um país espaçoso e fértil, e havemos de ser sustentados por aqueles mesmos que cultivam os campos, e temos casas mobiliadas. Nenhum de vós pense que isto é possuir o alheio. É uma lei de todos os tempos, que, conquistada uma cidade, passam ao poder dos conquistadores as pessoas e os haveres dos vencidos. Portanto, não é injustamente que somos senhores; pelo contrário, todas as concessões que fizermos aos inimigos devem eles atribuir à filantropia nossa. Eu vou expor a maneira por que entendo que nos devemos comportar daqui em diante. Se nos entregássemos à negligência e voluptuosidade dos covardes (estes crêem que o trabalho é a maior das misérias e a ociosidade o maior dos prazeres) em breve viríamos a ser inúteis para nós mesmos, e perderíamos todas as nossas conquistas. Para gozar do nome de virtuoso não é bastante tê-lo sido, é mister cultivar incessantemente as virtudes. Assim como as artes perdem seu brilho quando desprezadas, e os corpos seu vigor pela relaxação, também a prudência, a temperança e a fortaleza degeneram por falta de cultura. Não nos deixemos pois engodar pelos atrativos do deleite. Mui gloriosa é a aquisição de um império, mas muito mais gloriosa é sua conservação. A aquisição é muitas vezes devida meramente a um rasgo de audácia; enquanto que sua conservação depende sempre da sabedoria, da temperança e da grande vigilância. Neste pressuposto, agora ainda é mais necessário cultivar as virtudes do que antes de nossas conquistas, convencidos de que, quanto mais rico é qualquer, mais invejas, insídias, inimizades, tem que combater, com especialidade se foi violentamente que adquiriu os tesouros e a autoridade. Convém advertir que os deuses hão de ser nossos protetores, porque os nossos sucessos não foram o resultado de uma traição; uma traição castigámos nós. Aproveitemos um meio que muito nos serve: mostremo-nos mais virtuosos do que os povos de que somos senhores, e por isso tornemo-nos dignos de governá-los. E se é forçoso consentir que os escravos experimentem a sensação do calor, do frio, da fome e da sede, empenhemo-nos em patentear nisto mesmo um comportamento mais sábio. Não instruamos na arte militar, nem entretenhamos nos exercícios bélicos aqueles que nós queremos que nos cultivem os campos e nos paguem tributos. Sejamos superiores a eles nestas matérias, na convicção de que os deuses facultaram aos homens estes meios, como órgãos da liberdade e da felicidade. Com o mesmo empenho com que lhes tirámos as armas, não larguemos das mãos as nossas, bem persuadidos de que quanto mais próximo se está delas, menor é a oposição à sua vontade. Alguém perguntará que vantagens tiramos de termos sido bem sucedidos em nossas

empresas, se ainda for preciso tolerar a fome, a sede, os cuidados e os trabalhos. Notemos que a fruição de uma coisa é tanto mais deleitável, quanto mais custou a obtê-la. Os trabalhos são o condimento dos homens fortes. Se obtemos uma coisa sem dela precisar, dificultosamente lhe acharemos prazer. Se a divindade nos concedeu aquelas coisas, que principalmente os homens desejam, e temos a liberdade de tornar seu gozo mais intenso, temos sobre os indigentes as vantagens de saciar a fome com as mais opíparas iguarias, de acalmar a sede com os mais gostosos licores, e de descansar da fadiga com as maiores comodidades. Por isso digo que não devemos sair do regaço da virtude, para desfrutarmos a ventura, e não experimentarmos o maior dos desgostos; porque se é desagradável não conseguir um bem, perdê-lo depois de consegui-lo é penosíssimo. E que pretexto pode haver para sermos agora menos animosos do que fomos? Porque somos senhores? Mas é próprio que o que governa seja mais covarde do que o governado? Porque parecemos agora mais felizes do que fomos? Mas dirá alguém que a covardia é um acessório da felicidade? É nossa obrigação castigar os escravos viciosos: mas como há de punir o vício um homem vicioso? Ainda mais: assalariámos muitos soldados para segurança de nossas casas, de nossa pessoa; e quão ignominioso seria refletir que o nosso bem-estar depende deles e não de nós? Devemos saber que a virtude é a guarda constante do homem virtuoso, e que o homem enlodado no vício não deve esperar bom sucesso em nenhuma de suas empresas. Mas que é necessário fazer para cultivar e exercitar a virtude? Nada de novo vos direi. Assim como na Pérsia os homotimos passam a vida ao lado dos tribunais, também nós, que estamos aqui, sendo todos iguais, adotemos o mesmo teor de vida, e fixai em mim os olhos para observardes se cumpro meus deveres. Eu também observarei vosso procedimento, e conferirei prêmios às boas ações. Nossos filhos sejam educados nestes mesmos princípios. Com os esforços que fizermos por lhes dar ótimos exemplos, nós mesmos nos tornaremos melhores; e eles não sairão, ainda que queiram, viciosos, não vendo nem ouvindo nada que se assemelhe ao vício, e passando todo o dia no exercício das virtudes.

LIVRO VIII

Discurso de Crisantas — Exercícios a que Ciro acostumava os que eram chamados ao comando — Meios empregados por Ciro para se fazer amar — Magnificência de Ciro — Ciro premia suas tropas — Ordem com que o exército de Ciro acampava e decampava — Ciro torna à pátria — Discurso de Cambises — Casamento de Ciro — Ciro manda sátrapas para as províncias — Limites do Império de Ciro — Discurso de Ciro antes de sua morte — Quadro comparativo dos costumes dos persas do tempo de Ciro e do tempo do autor.

Discurso de Crisantas

Tendo Ciro acabado de falar, Crisantas levantou-se e disse:

— Amigos meus, não é hoje, nem nesta ocasião somente, que tenho reconhecido que um bom príncipe não difere de um bom pai. O pai trabalha para estabelecer solidamente a fortuna de seus filhos; do mesmo modo Ciro, pelos conselhos que acaba de dar-nos, mostra curar de nos garantir uma felicidade duradoura. Mas como me parece que ele tocou mui rapidamente certos pontos, suprirei o que faltou, a favor dos que não estão suficientemente instruídos. Peço-vos que considereis se tropas indisciplinadas tomaram jamais, ou defenderam as praças de seus aliados, ou obtiveram alguma vitória. Refleti se um exército é mais facilmente derrotado, do que quando cada um cuida da segurança particular; se tropas desobedientes foram jamais bem sucedidas. Sem obediência, que cidades seriam bem governadas, que casas bem administradas, que navio chegaria ao porto de seu destino? E não é à submissão às ordens do nosso general que nós devemos os bens de que gozamos? A submissão fazia que fôssemos com ardor de dia e de noite aonde éramos chamados; que tudo cedesse à carga de nossos batalhões, e que as ordens de nosso chefe fossem pontualmente executadas. Ora, se a obediência é necessária para adquirir, sabei que não o é menos para conservar.

Antigamente muitos dentre nós tinham senhores, e não tinham ninguém a quem mandassem: hoje nossos negócios acham-se em tal estado, que também nós temos escravos, uns mais, outros menos. Queremos que eles nos sejam sujeitos; não é justo que o sejamos também a nossos superiores? Com esta diferença, porém, que os escravos servem por força seus senhores, e nós, se queremos agir como homens livres, devemos fazer espontaneamente o que reputamos mais digno de louvor. Olhai para os países governados por muitos magistrados, e vereis que aquele em que os cidadãos são mais obedientes é o que está menos exposto a sofrer a lei do vencedor. Sede, pois, assíduos à porta do palácio de Ciro; façamos tudo que pode garantir a posse dos bens que nos importa conservar; estejamos sempre prontos a executar as ordens de Ciro; saibamos que ele nada pode fazer para si, que não redunde em proveito nosso, porque nossos interesses são comuns, e temos os mesmos inimigos

que combater.

Exercícios a que Ciro acostumava os que eram chamados ao comando

Depois deste discurso de Crisantas, muitos dos circunstantes, persas e aliados, levantaram-se, aprovando em alta voz o que acabavam de ouvir. Assentou-se que os grandes fossem todos os dias à porta de Ciro, para receber suas ordens, e que aí estivessem até que ele os despedisse. O que então se assentou, ainda é praticado na Ásia, na corte do rei, pelos principais senhores; os habitantes das províncias igualmente se dirigem à porta dos governadores. Até aqui temos visto que o fim de todas as instituições de Ciro era consolidar seu poder e o dos persas; por isso foram constantemente sustentadas por seus sucessores, não falando daquelas variações que sofrem todos os estabelecimentos humanos. No tempo dos príncipes virtuosos, observam-se as leis com exação; elas são violadas no tempo dos maus príncipes. Os senhores iam, pois, todos os dias à porta de Ciro com seus cavalos e suas armas, segundo a praxe adotada pelos bravos que tinham contribuído para a destruição do Império da Assíria.

Ciro criou diferentes oficiais, a quem confiou diversos misteres, a cobrança dos tributos, o pagamento das despesas, a inspeção das obras públicas, a guarda do tesouro, o aprovisionamento da sua casa. Outros foram nomeados para vigiar somente o tratamento dos cavalos e dos cães. A respeito dos que ele escolhia para sustentáculos de seu poder, Ciro não cometeu a ninguém o cuidado de velar sobre eles, persuadido de que esta função lhe pertencia especialmente. Sabia que nas batalhas era com estes homens a seu lado que ele havia de pelejar e de arrostar os maiores perigos; que era de sua classe que ele havia de tirar taxiarcas de pé e de cavalo, generais capazes de comandar em sua ausência, governadores de cidades e províncias, e até embaixadores; porquanto considerava como objeto essencial, levar a cabo suas empresas sem empregar a força. Ora, presumia que seus negócios iriam mal, se os primeiros empregados não estivessem em estado de desempenhar suas funções; e que iriam bem, se esses empregados fossem tais quais deviam ser. Resolveu-se, pois, a entregar-se também a esta superintendência: pensava que isto seria para ele novo motivo para se entreter na prática da virtude, persuadido de que era impossível excitar os outros a ela, não dando ele o exemplo.

Penetrado destas verdades, Ciro entendia que para velar sobre os grandes, a primeira coisa necessária era o descanso; mas via, de um lado, que as despesas necessárias em um Império tão vasto como o seu, lhe não deixava desprezar as finanças; de outro lado, que se quisesse velar por si mesmo sobre elas, não lhe sobejaria, por causa da extensão de seus domínios, um só momento para se ocupar de um objeto de que dependia a salvação do Império. Buscando o meio de poder ao mesmo tempo administrar bem as finanças e ter descanso, lembrou-se de seguir a

ordem que se observa nos corpos militares. Os decadarcas vigiam suas decúrias, e são vigiados pelos logagos, estes pelos quiliarcas, que também o são pelos miriarcas; de maneira que no mais numeroso exército ninguém há que não reconheça um superior; e quando o general quer pô-lo em movimento, basta intimar suas ordens aos miriarcas. Sobre este modelo Ciro formou seu plano de administração; assim tudo se regulava, conferindo ele com poucas pessoas, e ficava-lhe mais tempo livre do que a um chefe de família, ou ao comandante de um navio. Estabelecida esta nova ordem, intimou seus amigos para que se conformassem com ela, e assim os fez participantes do mesmo descanso que tinha obtido para si.

Desde logo tratou de tornar os homens, a quem se tinha associado, tais quais ele os desejava. Se algum dentre eles era bastante rico para não precisar de trabalhar, e não comparecia à sua porta, perguntava-lhe a razão disso. Presumia ele que os que aqui vinham com assiduidade, estando continuamente debaixo de seus olhos, e tendo pessoas virtuosas por testemunhas de seu procedimento, não ousariam praticar nenhuma ação vergonhosa ou criminosa; e que a ausência dos outros tinha por motivo a devassidão, alguns maus intentes, ou a negligência.

Digamos, pois, primeiramente, o que ele fazia para obrigar estes mesmos a se apresentarem. Ordenava a um de seus mais íntimos amigos que fosse apoderar-se de seus bens, não dizendo senão que se apoderava do que lhe pertencia. Os que eram assim despojados vinham queixar-se: Ciro, durante muito tempo, fingia não ter vagar para ouvi-los, e depois de os ouvir adiava muito o exame da questão. Esperava assim acostumá-los a vir cortejá-lo assiduamente, tornando-se menos odioso do que obrigando-os por meio do castigo. Tal foi o único meio por ele empregado para fazê-los entrar em seus deveres. Ainda punha em prática outros meios, como encarregar das comissões mais fáceis e mais lucrativas os que freqüentavam o palácio, e não conceder nenhuma graça aos que não compareciam. O meio mais poderoso, mas que Ciro não empregava senão contra os refratários aos precedentes, era despojá-los efetivamente de todos os seus bens, e dá-los a outros com cujos serviços podia mais contar: e deste modo punha um amigo útil no lugar de um mau amigo.

Tal era o procedimento de Ciro para com os que não compareciam. Enquanto aos que se apresentavam regularmente, ele pensava que, sendo seu chefe, os exercitava infalivelmente na prática das ações virtuosas, se também seu comportamento lhes oferecesse exemplos de virtude. Concordava em que as leis escritas podem concorrer para melhorar os homens; mas dizia que um bom príncipe era uma lei *vidente*, que ao mesmo tempo observa e ordena, e pune a desobediência.

Segundo estes princípios, Ciro começou pelo culto divino, de que se ocupou com muito zelo; porque tinha chegado ao mais alto grau de prosperidade. Instituiu magos, e ele mesmo, desde o romper da aurora adorava os deuses, e oferecia sacrifícios aos que eram designados pelos magos, instituição seguida sem interrupção por seus sucessores. Os persas imitaram o zelo religioso de Ciro, na esperança de se tornarem mais felizes, tomando para modelo um homem que ao mesmo tempo era seu chefe e o

mais feliz dos homens. Demais, pensavam que procedendo assim lhe agradariam. De sua parte, Ciro considerava a piedade deles como um penhor da sua seguridade, do mesmo modo que os navegadores se julgam mais seguros na companhia de pessoas de bem do que na de ímpios. Estava persuadido que quanto mais temessem os deuses os que o rodeavam, menos culpados se fariam para com os outros, e para com ele, que os havia enchido de benefícios. Esperava que mostrando-se rígido observador da justiça, e cuidadoso em obviar ao mau tratamento de algum de seus amigos ou aliados, acostumá-los-ia a abster-se de qualquer lucro ilícito. Persuadia-se de que lhes inspiraria melhor o pudor, se respeitasse todos, para que ninguém praticasse ações que o ferissem; sabia que os homens são naturalmente mais dispostos a respeitar não só seus superiores, mas também seus iguais, quando estes se respeitam e não faltam aos seus dever es; e que quanto mais modesta é uma mulher, mais veneração inspira.

Para manter a subordinação, Ciro galardoava com mais liberalidade a obediência pronta do que as ações brilhantes e perigosas: nunca se arredou desta prática. Fazia nascer nos outros a virtude da temperança, apresentando-lhes a sua para modelo. Com efeito, quando aquele que pode impunemente ser violento ou injusto, sabe moderar-se, os menos poderosos não ousam cometer abertamente nem violências nem injustiças. Fazia diferença entre pudor e temperança: o homem que tem pudor receia praticar à vista de todos uma ação vergonhosa; o homem temperante nem mesmo secretamente a pratica. Julgava que daria uma grande lição de moderação, fazendo ver que os prazeres não o desviavam de seus deveres. Com este procedimento conseguiu que em sua corte as classes inferiores tratassem seus chefes com deferência e respeito, e que uns e outros se tratassem mutuamente com toda honestidade. Aí não se ouviam nem os ímpetos da cólera, nem os risos da alegria imoderada: tudo se passava com decência. Era assim que os persas viviam no palácio de Ciro: tais eram os exemplos que eles tinham à vista!

Para acostumar aos exercícios militares os que precisavam destes exercícios, levava-os à caça, porque considerava este passatempo como uma preparação para a guerra, principalmente para a cavalaria. A necessidade de perseguir um animal que foge obriga o cavaleiro a firmar-se sobre o cavalo em todas as espécies de terrenos, ao mesmo tempo que o desejo de fazer valer sua destreza o torna ágil.

Ciro pensava que um príncipe não é digno de governar se não é mais perfeito do que seus súditos. Ao mesmo tempo que exercitava os seus, também se exercitava mais assiduamente que nenhum deles na temperança, nas manobras militares e em todas as partes da arte da guerra. Com efeito, não os levava à caça senão quando os negócios o deixavam sair da cidade. Esta contínua aplicação lhe havia granjeado grande superioridade em todos os exercícios: e soube fazer com que os seus alcançassem a mesma superioridade, tanto por seus exemplos como pelo cuidado de premiar os que mostravam mais nobre ardor, já distribuindo-lhes postos distintos ou concedendo-lhes honrosos privilégios. Disto nascia grande emulação;, todos aspiravam a merecer sua estima.

Uma das máximas de Ciro era que um príncipe, para captar a afeição de seus súditos, não deve contentar-se de excedê-los em virtudes, mas deve também usar de artifício. Vestiu-se à maneira dos medos, e fez com que os grandes o imitassem; porque o trajo de que usam os medos tem a dupla vantagem de ocultar os defeitos do corpo e dar aos homens uma aparência mais elegante. Aprovava que os persas pintassem os olhos e o rosto, para torná-los mais animados. Recomendava-lhes que não escarrassem nem se assoassem na presença de alguém; e que nunca voltassem a cabeça para olhar para outro objeto. Tudo isto lhe parecia próprio para tornar respeitáveis os chefes.

Meios empregados por Ciro para se fazer amar

Tais eram os exercícios e o aparato faustoso, a que Ciro acostumava os que ele chamava ao comando; enquanto aos que ele destinava à servidão, longe de os excitar a abraçar a vida laboriosa dos homens livres, nem mesmo lhes concedia o uso das armas; mas curava de que lhes não faltasse o necessário durante os exercícios de seus senhores. Nas viagens mandava conduzi-los, como rebanhos, para lugares em que pudessem matar a sede: à hora da comida parava, para lhes dar de comer. Esta bondade, que evidentemente não tendia senão a perpetuar sua escravidão, fez com que eles, do mesmo modo que os grandes, lhe dessem o nome de pai. Eis como Ciro consolidou o vasto Império dos persas. Vendo que entre os povos que ele acabava de submeter havia homens distintos, ligados entre si por estreitos laços de amizade; que muitos tinham às suas ordens corpos de cavalaria e infantaria; que alguns juntavam à nobreza de sentimentos os talentos necessários para comandar; e que eles vinham muitas vezes visitá-lo, o que era inevitável, porquanto também os empregava em seu serviço; pensou que teriam muitas ocasiões de lhe serem nocivos. Refletindo sobre os meios de se pôr a coberto de suas tentativas, entendeu que não era conveniente desarmá-los, o que seria fazer-lhes uma injúria, de onde podia proceder a ruína do Império; e que não admiti-los no palácio era testemunhar-lhes abertamente sua desconfiança; e concluiu que o partido mais seguro era fazer com que eles lhe fossem mais afeiçoados do que eram entre si. Vou mostrar como o conseguiu.

Ciro atendeu principalmente a não deixar escapar nenhuma ocasião em que pudesse mostrar a liberalidade de seu coração. Como sabia que é difícil amar os que parecem odiar-nos e querer bem a quem nos quer mal, também julgava que era impossível que os que se consideram estimados aborreçam aqueles de quem têm recebido provas de afeição. Enquanto sua situação o não deixou ser liberal, acudia às necessidades deles, congratulava-os de suas felicidades e pranteava seus infortúnios; e logo que pôde ser generoso, ordenou que a mesa fosse sempre coberta de iguarias, semelhantes às que costumava ter, e que chegassem para grande número de convidados. Mandava iguarias de sua mesa aos seus guardas que se haviam distinguido por sua vigilância, zelo, ou outras ações louváveis.

O mesmo praticava com seus criados que melhor o serviam. Demais, mandava trazer à sua presença toda a carne que lhes estava destinada, e se queria honrar algum de seus amigos, mandava-lhe um prato de sua mesa. Ainda hoje os persas têm muito respeito aos que recebem alguma coisa da mesa do rei, porque esta distinção lhes faz presumir que eles gozam de sua privança. Mas não é somente pelas razões apontadas que as iguarias mandadas da mesa do rei dão tanto prazer aos que as recebem; é também porque são mais bem cozinhadas.

Não devo passar em silêncio os outros meios que Ciro destramente empregava para se fazer amar. Se ele teve a vantagem de ser o mais rico dos homens, também excedeu todos em liberalidade; e esta virtude passou para seus sucessores. Com efeito, que príncipe enriquece mais seus amigos do que o rei da Pérsia? Que outro príncipe veste com mais magnificência a gente de sua comitiva e distribui, como ele, braceletes, colares, cavalos e freios de ouro, ornatos de que na Pérsia se não pode usar sem serem dados pelo rei? Que outro soberano mereceu, pelos benefícios que fez, que seus súditos o preferissem a seus irmãos, pais e filhos? E voltando a Ciro, que outro conquistador foi, desde sua morte, honrado com o título de pai pelos mesmos povos conquistados? Título que, decerto, denuncia que ele foi antes um benfeitor do que um espoliador.

Também sabemos que foi por meio de liberalidades e honrosas distinções que ele ganhou a afeição desses homens que se chama *os ouvidos e os olhos* do rei. Sua generosidade para com os que lhe traziam notícias importantes, excitava os outros a observar tudo que julgavam poder mais interessar-lhe, o que deu lugar a dizer-se que o rei da Pérsia tem muitos olhos e muitos ouvidos.

Não admira que, possuindo tantas riquezas, fosse tão liberal; mas o que se não pode assaz admirar, é que, sendo rei, quisesse exceder a todos os seus amigos no cumprimento dos deveres de amizade. Conta-se que ele costumava dizer que o comportamento do bom rei não difere do comportamento do bom pastor; que assim como o pastor não tira lucro de seus rebanhos senão quando lhes procura o bem-estar de que são susceptíveis, também o rei não é bem servido por seus vassalos senão quando concorre para a sua felicidade. Surpreender-nos-á que com tais sentimentos ele ambicionasse distinguir-se entre todos pela beneficência?

A este respeito referirei a bela lição que Ciro um dia deu a Creso. Diz-se que este príncipe lhe representava que, dando com tanta profusão, empobreceria, enquanto que podia acumular em seu palácio tantas riquezas, como ninguém jamais possuíra.

— Quanto ouro — lhe perguntou Ciro — pensais vós que eu hoje teria, se o tivesse acumulado desde que sou rei?

Creso fixou uma soma enorme.

— Pois bem — replicou Ciro — mandai com Histaspes, que aqui está, um

homem de vossa confiança; vós, Histaspes, ide ter com meus amigos; fazei-lhes saber que preciso de dinheiro, e dizei a cada um deles que me forneça quanto puder.

Escreveu cartas e encarregou Histaspes de as ir entregar. Nestas cartas, ele pedia que o portador fosse recebido como um de seus amigos. Histaspes, voltando com o enviado de Creso, que trazia as respostas, disse a Ciro:

— Senhor, podeis daqui em diante contar-me entre vossos mais ricos vassalos; vossas cartas me granjearam inumeráveis dádivas.

— Eis aqui, — disse Ciro a Creso — uma soma com que posso contar: considerai o que meus amigos me ofereceram, e calculai a quanto subirão as somas de que eu poderia dispor no caso de precisar delas.

Creso fez o cálculo e viu que excedia muito as que ele teria podido juntar se fosse menos liberal.

— Vede — tornou Ciro — que não sou tão pobre como vós pensáveis; queríeis que para engrossar meu tesouro, me expusesse ao ódio público, e pagasse a quem o guardasse? Meus amigos são os meus tesouros; são uma guarda mais segura do que uma guarda de mercenários. Sabei que eu não tenho pela maior das felicidades o possuir grandes bens unicamente para os guardar; se a felicidade fosse isso, nada igualaria a dos soldados que guarnecem uma cidade, os quais guardam tudo que nela se encerra. As riquezas não tornam feliz senão aqueles que depois de tê-las adquirido por meios justos, usam delas generosamente.

Assim discorria Ciro, e seu comportamento correspondia ao seu modo de discorrer.

Sua vigilância estendia-se a tudo. Tinha notado que os homens, enquanto passam bem, tratam de obter tudo que serve no estado de saúde, deixando de prover-se do que é útil no caso de moléstia. Querendo obviar a este inconveniente, chamou para junto de si médicos hábeis. Quando ouvia falar de instrumentos úteis, de alimentos, de remédios, fazia logo provisões deles. Se algum daqueles por quem se interessava particularmente, adoecia, mandava ministrar-lhe todos os socorros necessários. Se o doente recobrava a saúde, Ciro agradecia aos médicos. Tais eram, além de outros muitos, os meios que ele empregava para conseguir o primeiro lugar entre aqueles de cuja amizade desejava gozar.

Magnificência de Ciro

Contemos agora com que aparato Ciro saiu de seu palácio a primeira vez. Na véspera da cerimônia mandou chamar os chefes, assim dos persas como dos aliados, e lhes deu vestimentas à moda dos medos. Fazendo esta distribuição, disse-lhes que

queria ir com eles visitar os campos consagrados aos imortais, e aqui oferecer sacrifícios.

— Amanhã — acrescentou ele — antes de nascer o sol, encaminhai-vos às portas de meu palácio e postai-vos na ordem que Feraulas vos indicar. Quando eu sair, seguir-me-eis ao lugar que tiver sido designado.

Depois de ter distribuído aos principais chefes os mais belos vestuários, mandou trazer muitos outros das mais brilhantes cores, e os distribuiu por todos os capitães, dizendo-lhes:

— Paramentai vossos amigos, como eu vos acabo de paramentar.

— E vós, senhor — lhe disse um deles — quando haveis de tratar vossos paramentos?

— O cuidado, que tenho de vós — respondeu ele — não é para mim um belo paramento?

Os chefes retiraram-se, mandaram chamar seus amigos e lhes distribuíram vestimentas.

No dia seguinte, antes de amanhecer, tudo estava preparado. Estava de cada lado da rua uma ala de soldados. Um corpo de doríforos estava postado diante do palácio, dois mil de cada lado. Os soldados de cavalaria tinham-se dirigido ao mesmo lugar, e se haviam apeado, escondendo as mãos debaixo de suas capas, o que ainda se pratica quando se está em presença do rei. Os persas estavam à direita do caminho, os aliados à esquerda; os carros estavam também postos dos dois lados em número igual. Abertas as portas do palácio, saíram primeiramente quatro touros soberbos, que haviam de ser imolados a Júpiter e às outras divindades designadas pelos magos. Depois dos touros vinham os cavalos destinados a serem sacrificados ao Sol; depois um carro branco de temão dourado, enfeitado com flores, consagrado a Júpiter. Seguia-se outro carro branco também ornado de flores, consagrado ao Sol; enfim, um terceiro, cujos cavalos iam cobertos de xairéis, e atrás dele iam homens, que levavam fogo em um grande vaso.

Enfim Ciro apareceu sobre um coche, vestido de púrpura, e com uma tiara na cabeça; e logo todos se prostraram e o adoraram. Logo que o coche saiu do palácio, os quatro mil doríforos se puseram em marcha, dois mil de cada lado. Três mil eunucos ricamente vestidos, e armados de dardos, o seguiam a cavalo; depois iam duzentos cavalos levados à mão, enfeitados com freios de ouro, e cobertos de xairéis riscados. Seguiam-se dois mil piqueiros, atrás dos quais ia, debaixo do comando de Crisantas, o corpo mais antigo da cavalaria persa, composto de dez mil homens; depois deste primeiro corpo, ia outro de dez mil cavaleiros persas, comandados por Histaspes, depois um terceiro capitaneado por Gadatas. Em seguida iam os cavaleiros medos, os

armênios, os cadúsios, os sacas. Atrás da cavalaria iam os carros, dirigidos pelo persa Artabatas.

Assim que chegaram aos campos consagrados aos deuses, fizeram-se sacrifícios a Júpiter, ao Sol, à Terra e aos heróis protetores da Síria. Depois dos sacrifícios, Ciro marcou um espaço de cinco estádios, e mandou que os corpos de cavalaria, divididos por nações, corressem a galope. Ele mesmo correu com os persas, e ganhou a vitória. Dentre os medos foi vencedor Artabazo, a quem Ciro tinha dado um cavalo; dos sírios foi seu chefe Gadatas, dos armênios foi Tigranes, dos hircânios foi o filho de seu comandante, dos sacas foi um simples cavaleiro, cujo cavalo se adiantou aos outros quase pela metade da arena; dentre os cadúsios foi Ratenes que teve o prêmio. Ciro mandou que todos os carros corressem na planície, depois do que distribuíram-se os prêmios, que foram bois e certo número de taças. Acabados os jogos tornaram para a cidade.

Querendo Ciro celebrar sua vitória, convidou seus amigos, em que ele via respeito, e mais zelo pelo aumento de sua autoridade. Também convidou o medo Artabazo, o armênio Tigranes, o chefe da cavalaria hircânia e Gobrias. Enquanto a Gadatas, como era o chefe dos eunucos, e administrador do palácio, quando havia muitos convidados, incumbia-se de pôr tudo em boa ordem, e não se punha à mesa. Em todas as outras ocasiões, Gadatas comia com o príncipe, de quem recebia demonstrações de amizade. Quando os convidados chegaram, não se sentaram ao acaso; Ciro fez sentar-se à sua esquerda, que é a parte que mais precisa de ser protegida, o que ele considerava o primeiro de seus amigos, o segundo à direita, o terceiro à esquerda, o quarto à direita e assim até ao último.

Ciro julgava útil manifestar publicamente sua estima. Com efeito, não pode haver emulação onde os homens distintos por seu mérito não alcançam preferências nem recompensas; quando, porém, os mais virtuosos são os respeitados, todos à porfia querem ser virtuosos.

Ciro premia suas tropas

Concluído o banquete, Ciro mandou que todos os aliados, que haviam voluntariamente abraçado seu partido, se retirassem para suas terras, exceto os que preferissem estabelecer-se na Assíria. Os que eram medos ou hircânios obtiveram terras e casas, que seus descendentes ainda possuem. Os que preferiram retirar-se, receberam muitas dádivas; e todos, soldados e oficiais, foram penhorados da generosidade do príncipe. Ciro mandou depois distribuir pelo seu próprio exército os tesouros tomados em Sardes, começando pelos miriarcas e pelos oficiais mais ligados à sua pessoa, que receberam à proporção de seus serviços. A distribuição do resto foi confiada aos miriarcas, para ser feita segundo a regra observada a seu respeito: cada um dos chefes dava a seus subordinados a porção que lhes tocava e assim até aos exadarcas, que fizeram a distribuição pelos seus soldados conforme o mérito de cada

um; de maneira que a repartição se fez com justiça. Esta grande liberalidade deu lugar a boatos diferentes. O príncipe, diziam uns, tem grandes riquezas, visto que dá com tanta largueza. Que riquezas pode ele ter? — diziam outros; é sabido que não tem gênio para entesourar, e que gosta mais de dar do que de possuir. Ciro, informado do que se pensava e do que se dizia dele, reuniu seus amigos e todos cuja presença julgava necessária, e lhes falou assim:

— Amigos, tenho visto pessoas que querem parecer mais ricas do que são. Pensam que assim gozam de maiores considerações, mas acontece-lhes precisamente o contrário; porque todo aquele que afeta possuir grandes riquezas, e não socorre seus amigos proporcionalmente, somente ganha reputação de sórdida avareza. Outros empenham-se em ocultar suas riquezas; estes, na minha opinião, não são menos inúteis na sociedade; porque seus próprios amigos, não conhecendo sua fortuna, e enganados pela aparência, não ousam muitas vezes descobrir-lhes suas necessidades. Penso que é de homem leal fazer ver suas riquezas e servir-se delas para assinalar sua generosidade. Quero, pois, patentear tudo que possuo: dar-vos-ei conta do que não posso mostrar-vos.

Logo lhes apresentou grande número de ricos objetos, e fez menção de outros que não estavam à vista.

— Acreditai, amigos — continuou ele — que estes objetos são tanto meus, como vossos; eu os tenho a juntado, não para estragá-los, mas para ter somente com que recompensar as boas ações, e para poder socorrer aqueles dentre vós que, achando-se necessitados, recorram a mim.

Ordem com que o exército de Ciro acampava e decampava

Ciro, vendo algum tempo depois que o estado de seus negócios em Babilônia lhe permitia afastar-se daí, fez preparativos para passar à Pérsia, e partiu logo que se achou provido de tudo que julgou necessário. É aqui o lugar próprio para falar da ordem com que um exército tão numeroso acampava e levantava campo, e da presteza com que cada um ocupava o lugar que lhe pertencia. É sabido que quando o rei da Pérsia acampa, também os cortesãos o acompanham e se alojam em barracas, assim de inverno como de verão.

Ciro mandou que a entrada de sua barraca olhasse sempre para o lado do oriente, e fixou o intervalo que devia separá-la das dos doríforos. Assinalou à sua direita o alojamento dos padeiros, à esquerda dos cozinheiros; também colocou à sua direita os cavalos, e à esquerda as outras bestas de carga. Tudo mais foi regulado de maneira que cada um sabia bem o lugar e o espaço que devia ocupar. Quando se levantava o campo, cada um recolhia a bagagem de que devia tomar conta, outros a

punham sobre as cavalgaduras. Os que as conduziam, caminhavam todos ao mesmo tempo para os lugares que lhes estavam designados, e também ao mesmo tempo carregavam; de modo que tanto tempo era preciso para levantar uma barraca, como para levantar todas. O mesmo acontecia a respeito dos víveres, porque cada criado tinha seu trabalho marcado. Não eram somente os padeiros e os cozinheiros, a quem ele destinava lugares cômodos para seu trabalho; os lugares destinados para as tropas foram também escolhidos conforme a qualidade das armas de que usavam; e cada corpo conhecia tão bem a posição que devia ocupar, que nunca se enganava.

Ciro pensava que, se era necessário pôr em ordem uma casa particular, para saber onde ir buscar as coisas de que há necessidade, muito mais importava na guerra ter esta estação; porque quanto mais dependem do momento as ocasiões de operar, mais perigoso é não se aproveitar delas quando se apresentam. Também sabia que os grandes sucessos procedem da celeridade em aproveitar-se do momento propício. Tais eram os motivos que o tornavam tão atento a estas disposições.

Quando acampava, armava-se logo seu pavilhão no meio do campo, por ser este o lugar menos exposto. À roda de seu pavilhão alojavam-se, segundo sua prática ordinária, seus amigos mais íntimos; imediatamente depois os cavaleiros formavam um círculo com os condutores dos carros, que, como ele entendia, deviam ocupar o lugar mais seguro porque, não podendo ter suas armas à mão, careciam de tempo para se porem em estado de defesa. Os peltastas ficavam à direita e à esquerda de seu pavilhão e da cavalaria, e os arqueiros, parte à frente, parte atrás da cavalaria.

Os hoplitas e os que usavam de grandes escudos rodeavam o acampamento à maneira de uma forte muralha, para repelir, no caso de ataque, os primeiros esforços do inimigo, e dar tempo a que a cavalaria se armasse. Os hoplitas, peltastas e arqueiros, dormiam nas fileiras, para que de um lado os hoplitas se achassem em estado de repelir o inimigo, se este tentasse surpreender o acampamento durante a noite, e de outro lado, os seteiros defendessem os hoplitas, despedindo setas contra os que se aproximassem.

As tendas dos chefes distinguiam-se por divisas particulares; e assim como alguns criados inteligentes conhecem em uma cidade as casas de muitos cidadãos, principalmente dos mais notáveis, igualmente os ajudantes de campo de Ciro conheciam também as tendas e as divisas dos principais oficiais, que se queriam falar a algum, eles não procuravam, corriam pelo caminho mais curto. Como cada nação ocupava um ponto do acampamento, via-se facilmente onde se guardava a disciplina, e onde as ordens não eram executadas. Ciro entendia que, com estas disposições, se o inimigo atacasse seu acampamento, quer de dia, quer de noite, cairia como em uma emboscada.

Ciro não reduzia a arte da guerra a saber ordenar um exército com uma frente maior ou menor, formá-lo em linha, quando se achava em coluna, mudar a ordem de batalha, conforme o inimigo se apresentasse da direita, da esquerda, ou da parte

detrás; entendia que não era menos essencial saber dividir as tropas quando as circunstâncias o exigiam, distribuí-las pelas posições mais vantajosas, e apressar a marcha para prevenir o inimigo. Opinava que era tudo isto que constituía um hábil general. Nas marchas variava suas ordens, segundo as conjunturas; mas nos acampamentos raras vezes alterava a disposição, de que acabámos de falar.

Ciro torna à pátria — Discurso de Cambises — Casamento de Ciro

Logo que o exército chegou à Média, Ciro disse a seu tio que lhe havia destinado um palácio em Babilônia, para aí ter, quando fosse à Assíria, uma casa sua; e ao mesmo tempo lhe ofereceu presentes de grande preço. Ciaxares os aceitou, e também lhe mandou oferecer, por sua filha, uma coroa de ouro, braceletes, um colar e uma bela capa meda. Enquanto a jovem princesa coroava Ciro, disse Ciaxares:

— É minha filha: eu vo-la dou por mulher. Vosso pai também desposou a filha de meu pai. Minha filha é aquela criança a quem continuamente fazíeis festa, aqui, em vossa mocidade; se alguém então lhe perguntava quem havia de ser seu marido, ela respondia: “Ciro”. Eu lhe dou em dote toda a Média, visto que não tenho filho varão.

— Conheço — respondeu Ciro — o valor da aliança, da pessoa e do dote. Mas antes de vos responder quero obter o consentimento de meu pai e de minha mãe.

Entretanto brindou a princesa com as dádivas que julgou serem mais de seu agrado, fez o mesmo a Ciaxares, e tornou depois à Pérsia.

Chegando à fronteira, deixou aí o grosso do exército, e encaminhou-se para a cidade com seus amigos, seguido de muito gado, tanto para os sacrifícios como para o festim que ele tencionava fazer, e trazendo muitos presentes para seu pai, sua mãe, amigos, magistrados, anciãos e homotimos. Todos os persas, homens e mulheres, participaram de sua generosidade. Os reis, seus sucessores, ainda imitam seu exemplo todas as vezes que visitam a Pérsia. Depois desta distribuição, Cambises convocou uma assembléia dos anciãos e dos principais magistrados, para a qual convidou Ciro, e recitou este discurso:

— Todos vós, meus vassalos e meus filhos, sabeis com que ternura vos amo. Esta afeição que vos dedico, a vós, persas, como vosso rei, e a vós, Ciro, como vosso pai, me induz a fazer reflexões que eu julgo relativas a vossos interesses comuns. Se laçarmos a vista para o passado, é certo que fostes vós, persas, que, formando um exército, cujo comando confiastes a Ciro, pusestes os fundamentos de sua grandeza; mas não é menos verdade que foi Ciro, que com vosso exército e com a proteção dos deuses, tornou célebre vosso nome e encheu a Ásia de vossa glória; foi ele que enriqueceu os bravos que militaram debaixo de suas ordens; foi ele que pagou a vossos

soldados e os sustentou; foi ele, finalmente, que criando um corpo de cavalaria nacional, pôs os persas em estado de serem sempre superiores em campo raso. Se não perdeis de vista que estais ligados por obrigações recíprocas, vossa felicidade crescerá de dia para dia; se vós, Ciro, ébrio de vossa fortuna, quiserdes governar tiranicamente os persas, como um povo conquistado; se vós, persas, ciosos do poder de Ciro, quiserdes cerceá-los; suspendereis o curso de vossas prosperidades. Um meio de prevenir esta desgraça, e até de vos assegurar para o futuro novas vantagens, é oferecer aos deuses um sacrifício em comum, e em sua presença prometerdes, vós, Ciro, que se alguém entrar na Pérsia com mão armada, ou tentar destruir suas leis, a defendereis com todas as vossas forças; vós, persas, que se alguém quiser privar Ciro do Império, ou separar de sua obediência as nações por ele submetidas, correreis em seu auxílio à primeira ordem que receberdes. Finalmente, minha intenção é conservar este reino enquanto viver; depois de minha morte o trono pertence a Ciro. É ele que há de oferecer por vós aos deuses, quando seus negócios o chamarem à Pérsia, os sacrifícios, que hoje lhes ofereço. Quando ele se achar ausente, o melhor é confiar este sagrado ministério àquele de nossa geração que mais digno disso julgardes.

Ciro e os magistrados dos persas convieram unanimemente em seguir os conselhos de Cambises, e tomaram os deuses por testemunhas do pacto que faziam. Este pacto nunca foi violado nem pelo rei nem pelos súditos.

Logo depois Ciro saiu da Pérsia, e assim que chegou à Média, desposou, com consentimento de seu pai e de sua mãe, a filha de Ciaxares. Ainda hoje se gaba a beleza desta princesa. Dizem alguns escritores que Ciro desposou a irmã de sua mãe; mas esta noiva seria já muito velha. Acabada a solenidade das bodas, Ciro partiu com sua esposa.

Ciro manda sátrapas para as províncias — Limites do Império de Ciro

Regressando a Babilônia, Ciro pensou que seria a propósito mandar sátrapas para as províncias conquistadas, com a condição de que os governadores das praças, e os quiliarcas destacados para diferentes posições, para velar pela segurança do país, não receberiam ordens senão dele. Tomava esta precaução para que se alguns sátrapas, orgulhosos de suas riquezas e do grande número de seus vassalos, tivessem a insolência de aspirar à independência, tivessem logo na mesma região tropas contra si.

Tomada esta resolução, reuniu os principais chefes, para informar os que houvessem de ser governadores, das condições com que o governo lhes era confiado. Ciro entendia que esta resolução, publicada de antemão, lhes não seria penosa: que se para publicá-la se esperasse que eles tomassem posse do governo das praças, se agastariam, persuadidos que provinha da pouca confiança que neles se depositava.

Estando reunidos, Ciro lhes falou assim:

— Amigos, deixámos guarnições e governadores nas cidades que conquistámos. Quando parti, ordenei-lhes que guardassem suas praças, e como eles seguiram exatamente minhas ordens, não tenho motivo para demiti-los; mas parece-me necessário enviar sátrapas para as províncias, para governarem os habitantes, receberem os tributos, pagarem as guarnições, e velarem pelos negócios do estado. Parece-me igualmente necessário que aqueles dentre vós que se acham estabelecidos em Babilônia, e que eu poderei mandar às províncias para alguma comissão particular, aí possuam terras e casas, para que, logo que cheguem, habitem em casas suas, e para que os tributos venham ter aí.

Ciro interrompeu o seu discurso para assinar a muitos de seus amigos casas e vassalos na maior parte das cidades conquistadas. Estes bens, situados em diferentes regiões do Império, pertencem ainda aos descendentes daqueles a quem foram dados, posto que vivam na corte ordinariamente.

— Quanto à escolha dos sátrapas para a administração das províncias — continuou Ciro — sou de opinião que se prefiram os que se reputarem mais cuidadosos em nos enviarem o que o solo produzir de melhor e mais belo, para que, sem sairmos da pátria, participemos das vantagens de todos os países, o que é muito justo, porque nós havemos de defendê-los se forem atacados.

Acabando de falar, Ciro conferiu os governos a seus amigos, com as condições anunciadas. A escolha recaiu sobre os mais capazes: Megabizo teve a Arábia; Artabatas a Capadócia; Artacamas, a grande Frígia; Crisantas, a Lídia e a Jônia; Adúsio, a Cária, que o havia pedido; Farnucho, a Eólida e a Frígia vizinha do Helesponto. A Cilícia, Chipre e Paflagônia, que haviam voluntariamente seguido o príncipe no sítio de Babilônia, não receberam governadores persas; mas ficaram tributárias. O plano, então adotado por Ciro, ainda hoje subsiste: as guarnições das praças fortes têm estado até hoje na dependência imediata do rei; é ele que nomeia seus comandantes.

Antes da partida dos sátrapas, Ciro lhes recomendou que o imitassem quanto pudessem; que formassem logo, assim dos persas como dos aliados, um corpo de cavalaria e de condutores de carros; que exigissem que os que possuíam casas e terras em seus governos, se dirigissem às portas de seus palácios, que guardassem a temperança, e se oferecessem a executar o que se lhes ordenasse; que fizessem educar as crianças debaixo de suas vistas, como ele praticava em seu palácio; que levassem muitas vezes à caça os homens feitos que freqüentassem sua corte; e que os entretivessem nos exercícios militares.

— O que tiver — continuou ele — maior número de carros, mais numerosa cavalaria, pode estar certo de que o hei-de considerar como amigo fiel, como um firme sustentáculo do Império dos persas e do meu poder. Os cargos honrosos sejam

sempre ocupados pelos mais dignos. Vossa mesa seja abundante, como a minha, para alimentar vossa família, para poderdes receber vossos amigos, e para dardes aos que se distinguirem mostras de consideração, admitindo-os a ela. Tendes parques fechados; sustentai neles caça brava. Fazei exercício antes da comida, e vossos cavalos não comam sem ter trabalhado. Com toda a força que a natureza humana comporta, eu, só, não poderia defender-vos a todos vós e vossos bens; para vos ajudar com meu valor e com o valor de meus bravos companheiros, é preciso que também vós me auxilieis com o vosso e com o de vossos bravos. Peço reflitais que não ordeno a nossos escravos nenhuma das práticas que vos prescrevi, e que nada exijo de vós que eu mesmo não pratique. Em uma palavra, exortai vossos subordinados a seguir vosso exemplo, como vos exorto a seguir o meu.

Estas disposições se têm conservado até hoje sem alteração. As guarnições e seus chefes dependem imediatamente do rei; a porta dos chefes é continuamente freqüentada; nas casas do povo, como nas dos grandes, o costume é que os lugares mais honrosos pertençam aos mais dignos. Quando o rei marcha, observa-se a mesma ordem de que falei; e apesar do grande número de negócios, um pequeno número de oficiais despacha tudo prontamente. Ciro, depois de ter instruído os novos sátrapas acerca de seu procedimento, depois de lhes ter dado tropas, os despediu, advertindo-os que se preparassem para entrar em campanha no ano seguinte, e para a revista geral, que tencionava passar aos homens, cavalos, armas e carros.

Diz-se que é a Ciro que se deve outro estabelecimento que existe na Pérsia. Todos os anos um enviado do príncipe percorre com um exército as diferentes províncias do Império: se os governadores têm necessidade de socorro, ele o presta; se são injustos ou violentos, torna-os moderados; se deixam de pagar os tributos, e de velar, quer pela segurança dos habitantes de seu governo, quer pela cultura das terras, em uma palavra, se faltam a seus deveres, o enviado remedeia o mal; se o não consegue, dá conta disso ao rei, que decide como hão de ser castigados. Este homem, chamado *filho do rei*, ou *irmão do rei*, ou o *olho do rei*, exerce muitas vezes as funções de inspetor.

É também a Ciro que se atribui essa invenção tão útil em um grande Império, pela qual ele era prontamente informado de tudo que se passava nas mais longínquas regiões. Depois de ter examinado o que um cavalo podia andar em um dia sem cansar, mandou que nas estradas se construíssem cavalariças com este mesmo intervalo, e que nelas se pusessem cavalos. Em cada uma devia haver um homem inteligente para receber as cartas que um correio trazia, entregá-las a outro correio e ter cuidado nos homens e cavalos que chegavam cansados. Às vezes nem mesmo a noite retarda o giro dos correios; o que caminhou de dia é substituído por outros, que têm de caminhar de noite; por isso se tem dito que os grous não andariam tanto no mesmo espaço de tempo. Se esta expressão é exagerada, pelo menos é certo que por terra não é possível viajar com maior velocidade.

Decorrido o ano, Ciro reuniu em Babilônia seu exército, que se compunha de

cento e vinte mil cavaleiros, dois mil carros armados de foices, e seiscentos mil infantes. Com estas grandes forças empreendeu a famosa expedição em que subjugou todas as nações desde as fronteiras da Síria até ao mar Eritreu; daí levou suas armas até ao Egito, e o submeteu também; de maneira que os limites de seu Império eram, ao oriente o mar Eritreu, ao norte o Ponto Euxino, ao ocidente a ilha de Chipre e o Egito, ao sul a Etiópia, regiões cujas extremidades são quase inabitáveis, por causa das inundações ou da secura. Ciro fixou sua residência no centro destes diferentes países; passava os sete meses de inverno em Babilônia, cujo clima é quente, os três meses da primavera em Susa, os dois meses de estio em Ecbatana, o que fez dizer que ele gozava de uma contínua primavera.

Eram tão afeiçoados a Ciro que não havia nação ou cidade que não julgasse faltar a si mesma se deixasse de oferecer-lhe suas melhores produções, frutas, animais, obras de arte. Os particulares consideravam-se ricos quando tinham ocasião de fazer-lhe presentes; com efeito o príncipe, depois de receber deles coisas de que tinham abundância, oferecia-lhes outras, de que eles careciam.

Discurso de Ciro antes de sua morte

Assim viveu Ciro. Chegando à velhice, partiu para a Pérsia; era a sétima viagem que aí fazia depois do estabelecimento de seu Império. Havia muito tempo que seu pai e sua mãe tinham morrido. À sua chegada, fez os sacrifícios ordinários, começou a dança em honra dos deuses, segundo o costume dos persas, e foi liberal para com o povo. Depois, retirou-se a seu palácio, e, adormecendo, viu em sonho um personagem, cujo ar majestoso não era de mortal, e que se aproximou dele, dizendo:

— Preparai-vos, Ciro, dentro de pouco tempo ireis ter com os deuses.

Ciro despertou e entendeu que se aproximava o fim de sua vida. Escolheu vítimas, e, segundo o rito persa, foi fazer sacrifícios nas montanhas a Júpiter protetor de sua pátria, ao Sol e às outras divindades, dirigindo-lhes esta súplica:

— Júpiter, deus dos meus pais, Sol, e vós outros, deuses imortais, recebei este sacrifício, que põe termo à minha gloriosa carreira! Dou-vos graças pelos conselhos que de vós recebi por meio das entranhas dos animais, dos sinais celestes, dos agouros, dos presságios, sobre o que eu devia fazer ou evitar; rendo-vos graças também por nunca terdes permitido que eu desconhecesse vossa assistência, nem que eu, no curso de minhas felicidades, me esquecesse de que era homem. Peço que concedais dias felizes a meus filhos, à minha esposa, a meus amigos, à minha pátria; e a mim um fim digno de minha vida.

Depois dos sacrifícios voltou a palácio e se deitou para repousar um pouco. Seus banheiros vieram, à hora do costume, falar-lhe do banho. Ciro respondeu que queria descansar. Chegada a hora de comer, nada quis; mas como tinha sede, bebeu

com prazer. Achando-se no mesmo estado nos dois dias seguintes, mandou chamar seus filhos, seus amigos e os principais magistrados, e perante eles recitou este discurso:

— Meus filhos, e também vós, meus amigos, por muitos sinais conheço que estou no fim da minha vida. Quando eu já não existir, olhai-me como um homem feliz; e em vossas ações e discursos transpire este sentimento. Em minha infância obtive todas as honras que se conferem a esta idade; constantemente gozei da mesma vantagem na adolescência e na idade madura. Sempre me pareceu que minhas forças aumentavam com os anos, de maneira que na velhice não me senti menos vigoroso do que na mocidade. Vi todas as minhas empresas coroadas de sucesso, todos os meus votos atendidos. Vi meus amigos felizes por meio de meus benefícios, meus inimigos sujeitos. Antes de mim, minha pátria era uma província obscura da Ásia; deixo-a senhora da Ásia inteira; nunca perdi uma só de minhas conquistas. Contudo, posto que minha vida foi um contínuo encadeamento de prosperidades, sempre temi que o futuro me reservasse algum revés; e esta idéia me preservou do orgulho e dos excessos de uma alegria imoderada. Neste momento, em que vou deixar de existir, tenho a consolação de ver que me sobrevivereis, vós, meus filhos, que o céu me deu. Deixo meu país florescente e meus amigos na abundância. A mais remota posteridade poderia sem injustiça não me reputar feliz? Convém, agora, que eu declare o que me há de suceder, para prevenir qualquer discórdia entre vós. Meus filhos, ambos sois por mim amados com igual ternura; quero, todavia, que a administração dos negócios e a autoridade pertençam ao mais velho, que é justamente considerado como dotado de mais experiência. Acostumado em nossa pátria comum a ver os mais novos, quer entre irmãos, quer entre concidadãos, ceder aos mais velhos a primazia, dar-lhes os lugares honrosos, deixá-los falar primeiro, ensinei-vos desde a infância a honrar as pessoas de mais idade do que vós, e também quis que fôsseis igualmente tratados pelos mais moços. A disposição que acabais de ouvir é, pois, conforme às nossas leis, antigos usos e costumes.

Assim vós, Cambises, tereis a coroa: conferem-vo-la os deuses e vosso pai, no que está em seu poder. Vós, Tanaoxares, tereis o governo da Média, da Armênia e do país dos cadúsios. Deixo a vosso irmão uma autoridade mais extensa com o título de rei, mas vossa posição será mais tranqüila. Que falta para ser completa vossa felicidade? Gozareis sossegadamente de todos os bens que podem tornar os homens felizes. A ambição de executar empresas difíceis, a penosa multiplicidade de negócios, um teor de vida inimigo do repouso, um desejo inquieto de imitar minhas ações, armar ciladas e evitá-las: eis a partilha do que reinar; vós ficareis isento de todos esses cuidados, que são outros tantos obstáculos à felicidade. Vós, Cambises, não vos esqueçais jamais que não é este cetro de ouro que conservará vosso domínio: os amigos fiéis são o verdadeiro cetro dos reis, e seu mais firme apoio. Mas não penseis que os homens já nascem assim: se a fidelidade lhes fosse inata, manifestar-se-ia em tudo igualmente, como em todos se vêem as inclinações que a natureza dá à espécie humana. É preciso trabalhar para ganhar amigos fiéis; não é o temor, é a beneficência

que os dá.

No caso de julgardes a propósito devolver a alguém uma parte dos cuidados que a sustentação de um Império exige, preferi vosso irmão. Se somos mais unidos a nossos concidadãos do que aos estrangeiros, aos que moram conosco debaixo do mesmo teto do que aos nossos concidadãos, como não haviam de ser ainda mais intimamente unidos os irmãos gerados do mesmo sangue, amamentados pela mesma mãe, educados na mesma casa, acarinhados pelos mesmos pais, e dando às mesmas pessoas os nomes de pai e de mãe? Não afrouxeis estes doces laços, a que os deuses ligaram os irmãos; apertai-os antes pelos atos repetidos de mútua amizade; é o meio de consolidar para sempre vossa união. É trabalhar para seus próprios interesses, ocupar-se dos de seu irmão. Quem mais do que o irmão se honrará da ilustração de seu irmão? Quem temeremos mais ofender do que aquele que tem um irmão poderoso?

Quem estará mais pronto de que vós, Cambises, para servir o vosso, e irá mais corajosamente em seu socorro, tocando-vos de tão perto sua boa ou má fortuna? Vede de quem poderíeis esperar maior reconhecimento por vossos benefícios do que da parte de um irmão? Quem, depois de vos ter chamado em seu socorro, vos auxiliaria de melhor vontade? Há outro homem que seja mais vergonhoso não amar, e mais louvável honrar? Em uma palavra, Cambises, vosso irmão é o único que pode ocupar, sem excitar inveja, o primeiro lugar junto de vós.

Peço-vos, pois, meus filhos, em nome dos deuses de nossa pátria, que vos respeiteis um ao outro, se desejais agradar-me; porque não penso que tenhais por certo que nada serei, quando tiver deixado de viver. Minha alma tem até agora estado oculta a vossos olhos; mas para as suas operações conhecíeis que ela existia. Não tendes notado de que terrores são agitados os homicidas pelas almas dos inocentes que eles mataram, e que vinganças elas tiram destes ímpios? Pensais que o culto que se tributa aos mortos se teria conservado se se julgassem suas almas destituídas de poder? Enquanto a mim, meus filhos, nunca pude persuadir-me de que a alma, que vive enquanto está unida ao corpo mortal, se aniquile, logo que dele sai, porque vejo que é ela que vivifica estes corpos destrutíveis, enquanto os habita. Nunca pude tão pouco persuadir-me de que ela perca sua faculdade de raciocinar no momento em que se separa de um corpo incapaz de raciocínio. É natural crer que a alma, então mais pura, e separada da matéria, goze plenamente de sua inteligência. Quando um homem morre, vêem-se as diferentes partes que o compunham tornarem a juntar-se aos elementos a que pertencem: só a alma escapa à vista, quer durante sua estada no corpo, quer depois que o abandona.

Sabeis que é durante o sono, imagem da morte, que a alma mais se aproxima da divindade, e que neste estado muitas vezes prevê o futuro, porque, sem dúvida, se acha então inteiramente livre. Ora, se as coisas são como eu penso, e se a alma sobrevive ao corpo, fazei para com a minha o que vos recomendo: se estou enganado, se a alma morre com o corpo, temei ao menos os deuses, que não morrem, que tudo

vêem, que tudo podem, que conservam no universo essa ordem imutável, inalterável, cuja magnificência e majestade são superiores a toda expressão. Este temor vos livre de qualquer ação, de qualquer pensamento que fira a piedade ou justiça. Depois dos deuses, temei os homens e a posteridade. Como os deuses não vos ocultaram na obscuridade, todas as vossas ações serão vistas: se elas forem puras e conformes à justiça, consolidarão vossa autoridade; mas se procurardes mutuamente prejudicar-vos, perdereis todos a confiança no conceito dos outros homens. Com efeito, poderia alguém, de boa vontade, fiar-se em vós, vendo-vos injustos para com aquele que mais razões tendes para amar?

Se aprovais as instruções que vos dou, sobre o modo de vos comportardes um com o outro, segui-as; se vos parecem insuficientes, consultai a história, que é uma excelente escola. Nela vereis pais, que ternamente amaram seus filhos, e irmãos, que viveram na mais íntima união: vereis outros, que deram exemplo do procedimento oposto. Dentre homens tão diferentes escolhei para modelos os que se deram melhor com seu comportamento e sereis sábios. Parece-me que vos tenho dito o bastante. Quando eu morrer, meus filhos, não envolvais meu corpo, nem em ouro, nem em prata, nem em qualquer outra coisa; entregai-o à terra imediatamente. Que há mais agradável do que ser reunido a essa mãe comum, que produz, que nutre tudo que há de bom? Amei muitos homens, para não folgar de que bem depressa farei parte da benfeitora dos homens. Mas sinto minha alma abandonar-me; sinto-o pelos sintomas que anunciam ordinariamente nossa dissolução.

Se algum de vós deseja pegar em minha mão e contemplar em meus olhos um resto de vida, aproxime-se. Quando eu cobrir meu rosto, peço-vos, meus filhos, que meu corpo não seja visto por ninguém, nem mesmo por vós. Convidai os persas e nossos aliados a que se reúnam à roda de minha sepultura para me darem os parabéns de ficar daí em diante ao abrigo de todos os acontecimentos desagradáveis, quer eu esteja no seio da divindade, quer tenha sido aniquilado. Todos, que aí forem, recebam de vossas mãos o que se costuma distribuir no funeral de um homem feliz. Finalmente, nunca vos esqueçais que é fazendo bem a vossos amigos que vos poreis em estado de reprimir vossos inimigos. Adeus, caros filhos. Adeus, amigos, presentes e ausentes.

Acabando de falar, estendeu sua mão para todos que o rodeavam; depois cobriu o rosto e expirou.

Quadro comparativo dos costumes dos persas do tempo de Ciro e do tempo do autor

É fora de dúvida que o reino de Ciro foi o mais florescente e o mais extenso de toda a Ásia. Seus limites eram, como já disse, ao oriente o mar Eritreu, ao norte o Ponto Euxino, ao ocidente Chipre e Egito, ao sul a Etiópia. Ciro era o único soberano

deste vastíssimo território: ele amava e tratava seus súditos como seus filhos; seus súditos, honravam-no como pai. Mas logo que ele cerrou as pálpebras, a discórdia separou seus dois filhos: cidades, nações inteiras, deixaram de lhes obedecer; e depressa se viu uma decadência geral. Vou justificar o que asseverei, começando pelo que diz respeito à religião.

Antigamente, quando o príncipe ou os grandes tinham dado sua palavra, quer fosse pelo juramento, quer pela simples apresentação da mão, ainda que fosse a algum criminoso, cumpriam-na inviolavelmente. Se eles tivessem sido menos fiéis no cumprimento de suas promessas, não se depositaria neles mais confiança do que hoje, que sua má fé é conhecida; e os chefes das tropas, que depois acompanharam Ciro o Moço em sua expedição, não se teriam fiado em sua palavra. É sabido que estes capitães, iludidos pela antiga opinião da boa fé dos persas, se entregaram em suas mãos, e, levados à presença do rei, foram degolados: grande número de bárbaros da mesma expedição, seduzidos igualmente por falsas promessas, morreram miseravelmente.

Os persas são ainda hoje mais perversos do que eram então. Antigamente as honras eram reservadas aos que expunham sua vida pelo serviço do rei, que submetiam uma cidade, que subjugavam uma nação, que se assinalavam por qualquer ação boa. Hoje, se alguém, imitando o exemplo de um Mitridates, que atraiçoou seu pai Ariobarzanes, ou de um Reomitres, que, postergando os mais sagrados juramentos, deixou reféns no Egito sua mulher, seus filhos e os filhos de seus amigos, cometer uma perfídia, contanto que esta reverta em proveito do príncipe, será magnificamente recompensado. Daqui nasce que todas as nações asiáticas são injustas e pérfidas por causa da influência que os costumes do povo dominante têm sempre sobre os dos povos submetidos. Eis já um ponto em que os persas de hoje são piores do que os de outro tempo.

Sua depravação não se manifesta menos em sua avareza. Já não são os criminosos somente, como era antigamente, os que são metidos nas prisões; também se prendem os inocentes, para forçá-los a comprar sua liberdade, de modo que os ricos não têm menos que temer do que os grandes delinqüentes. Não ousam opor-se aos inimigos poderosos; do que resulta que qualquer nação em guerra com os persas pode impunemente fazer correrias em seu país; justo castigo de sua impiedade para com os deuses, e das suas injustiças para com os homens; nova prova do quanto tem degenerado de suas antigas virtudes.

Passo a contar as mudanças sobrevindas em sua maneira de viver. Uma lei proibia cuspir e assoar-se: a lei tinha por fim, não, decerto, aproveitar um humor supérfluo, mas fortificá-los, acostumando-os a consumi-lo pelas fadigas e pelo suor. Eles têm com efeito conservado o uso de não cuspir nem assoar-se, mas perderam o de trabalhar.

Segundo outra lei, eles não podiam comer senão uma vez por dia, para terem

mais tempo de entregar-se a seus negócios e aos exercícios corporais. Conservaram a prática de uma refeição somente, mas comem-na à hora dos que jantam mais cedo, e continuam até à hora em que se deitam os que gostam de velar mais.

Era-lhes proibido levar para a mesa grandes vasos de vinho, porque se entendia que o excesso da bebida enerva o corpo e a alma ao mesmo tempo. A proibição subsiste ainda; mas eles bebem com tão pouca moderação, que em vez de levarem os vasos, são eles próprios que são levados, por não terem força para sair direitos.

Seus antepassados, segundo uma antiga prática, não comiam nem bebiam durante as marchas, nem satisfaziam publicamente nenhuma das necessidades, que são sua conseqüência. Esta prática subsiste ainda; mas fazem marchas tão curtas, que sua abstinência nada tem que admire.

Antigamente, iam tão freqüentemente à caça, que este exercício era suficiente para os homens e para os cavalos. Depois que o rei Artaxerxes e seus cortesãos se deram ao vinho, renunciaram à caça; e se alguém, para se acostumar à fadiga, continuou a caçar com seus cavaleiros, atraiu sobre si o ódio de seus iguais, ciosos de sua vantagem sobre eles.

O uso de educar as crianças à porta do palácio tem-se conservado até hoje, mas não se lhes ensina a montar a cavalo, porque não há ocasião em que possam fazer brilhar sua destreza. A corte era uma escola, onde aprendiam a justiça, porque aí viam a equidade presidir aos juízos; hoje, pelo contrário, vêem triunfar os que dão mais dinheiro. As crianças aprendiam a conhecer as propriedades das plantas, a fim de se servirem ou se abaterem delas, conforme fossem úteis ou nocivas: hoje parece que não aprendem a distingui-las senão para saberem fazer o maior mal possível; por isso não há país em que os envenenamentos sejam mais freqüentes.

A vida dos persas é hoje muito mais voluptuosa do que era no tempo de Ciro. Se bem que desde então adotassem o trajo dos medos, seus costumes ressentiam-se ainda da educação viril que recebiam na Pérsia; hoje carecem das virtudes de seus antepassados, e conservam a moleza dos medos. Mas particularizemos mais este artigo.

Não se contentam em dormir em camas macias; os pés dos leitos descansam sobre alcatifas, que, cedendo ao peso, obstam a que se sinta a resistência do pavimento. Usam de todas as iguarias de que em outro tempo usavam, e todos os dias inventam outras novas; têm mesmo pessoas assalariadas para isso. No inverno, não se limitam a cobrir a cabeça, o corpo e os pés; cobrem de peles as mãos, e metem os dedos em espécies de estojos. No verão, a sombra dos bosques e dos rochedos não os satisfaz; recorrem à arte, para torná-la mais espessa. Gostam muito de possuir grande número de vasos preciosos, e não se envergonham de adquiri-los por meios torpes. Tão grandes são os progressos que entre eles têm feito a injustiça e a sórdida sede de ouro! Uma antiga lei lhes proibia andar a pé, e o fim dessa lei era fazer bons

cavaleiros; mas eles têm mais alcatifas sobre seus cavalos do que sobre seus leitos, e curam menos de andar bem a cavalo do que de se sentarem voluptuosamente.

Pelo que diz respeito à guerra, seria possível serem hoje os mesmos que eram outrora? No tempo de seus antepassados, os grandes agregavam-se aos exércitos com certo número de cavaleiros alistados em seus domínios; e quando se tratava da defesa do país, as guarnições das praças entravam em campo mediante certo soldo. Hoje, os grandes, com o fim de lucrarem aquele soldo, transformam em cavaleiros seus porteiros, padeiros, cozinheiros, copeiros, banheiros, guarda-roupas, criados de mesa, e outros. Por conseqüência, seus exércitos, posto que numerosos, são fracos, como é fácil pensar, vendo seus inimigos percorrerem o território da Pérsia mais livremente do que eles próprios.

Ciro, para obrigar sua cavalaria a combater de perto, tinha-lhe tirado as armas de arremesso: tinha coberto os homens e os cavalos de armas defensivas e dado a cada cavaleiro uma azagaia forte. Hoje não combatem nem de longe nem de perto. A infantaria está armada, como no tempo de Ciro, de escudo, espada e machado, mas não tem coragem para se servir destas armas. Os carros falcatos já não são empregados com o fim para que Ciro os mandara construir. Por meio das recompensas e distinções, que ele dava aos condutores, excitou de tal modo sua coragem que se lançavam impetuosamente através das mais densas fileiras: os persas, hoje, fazem tão pouco caso deles, que apenas os conhecem; pensam que podem conduzir muito bem um carro sem se exercitarem nisso. Sabem, é verdade, dirigir os cavaleiros contra o inimigo; mas antes de chegarem a ele, uns deixam-se cair de propósito, outros apeiam-se para fugir, de sorte que os carros, não tendo quem os governe, muitas vezes lhes causam mais dano do que aos inimigos. Finalmente, os persas não dissimulam sua pouca habilidade na arte militar; conhecem sua inferioridade, e não ousam entrar em campo sem terem gregos em seus exércitos, quer seja a guerra entre eles quer contra os mesmos gregos. Sua máxima é nunca fazer guerra aos gregos sem serem auxiliados por tropas da mesma nação.

Parece-me ter desempenhado a missão que me propus. Provei que os persas e os povos sujeitos ao seu domínio, temem muito menos os deuses, respeitam menos seus parentes, têm menos equidade uns para com os outros, e menos valor na guerra, do que antigamente. Se alguém tiver outra opinião, examine as ações deles e verá confirmado o que eu disse.

FIM

Extensão total do Império Persa durante o reinado de Ciro, O Grande.